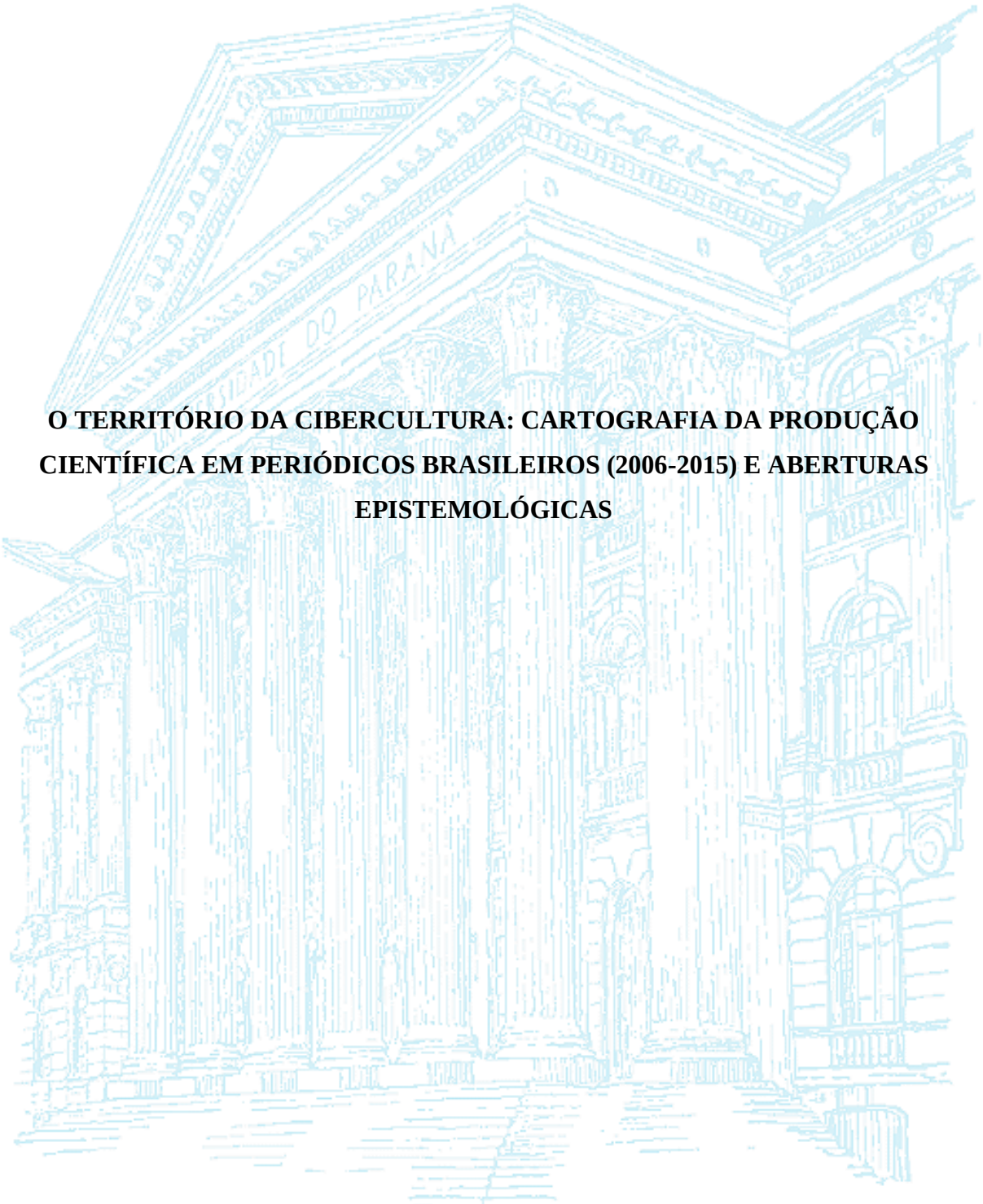
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MANOELLA FORTES FIEBIG



O TERRITÓRIO DA CIBERCULTURA: CARTOGRAFIA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS (2006-2015) E ABERTURAS EPISTEMOLÓGICAS

CURITIBA

2017

MANOELLA FORTES FIEBIG

O TERRITÓRIO DA CIBERCULTURA: CARTOGRAFIA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS (2006-2015) E ABERTURAS EPISTEMOLÓGICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação e Sociedade, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof. Dra. Myrian Del Vecchio de Lima

CURITIBA

2017

Catalogação na Publicação
Sistema de Bibliotecas UFPR
Karolayne Costa Rodrigues de Lima - CRB 9/1638

Fiebig, Manoella Fortes
O território da cibercultura: cartografia da produção científica em periódicos brasileiros (2006-2015) e aberturas epistemológicas / Manoella Fortes Fiebig . – Curitiba, 2017.
178 f.

Orientadora: Profª. Drª. Myrian Regina Del Vecchio de Lima
Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal do Paraná.

1. Cibercultura 2. Epistemologia - Comunicação 3. Produção científica I.Título.

CDD 302

FOLHA DE APROVAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
Rua Bom Jesus, 650 – Juvevê - Fone: 3313-2025
Manoella Fortes Fiebig

PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, após arguir a candidata **Manoella Fortes Fiebig**, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado **"O território da Cibercultura: cartografia da produção científica brasileira e proposta epistemológica."** é de parecer favorável à aprovação da acadêmica, habilitando-a ao título de Mestre em Comunicação, linha de pesquisa "Comunicação, Educação e Formações Socioculturais" da área de concentração em Comunicação e Sociedade. Curitiba, 29 de março de 2017.

Profa. Dra Kati Eliana Caetano

Prof. Dr. Fábio Hansen

Profa. Dra. Myrian Regina Del Vecchio de Lima
Orientadora e presidente da banca examinadora

Ao tropeiro velho.

"Os anos passam também fico velho

Vou esperando chegar minha vez"

AGRADECIMENTOS

Ao tempo, que com sua inconstância característica, me fez superar os dois anos mais desafiadores da minha vida.

À solidão, que no escuro do meu quarto me fez companhia inúmeras vezes nesta aventura de ter saído da minha terra para desbravar novos horizontes longe do conforto da família e dos meus amigos.

Aos meus pais João e Ieda, grandes amores da minha vida, que nunca deixaram de sonhar junto comigo e a quem eu sou imensamente grata por todos os esforços para conceder a mim e aos meus irmãos condições para o estudo e o crescimento profissional.

Ao meu irmão João, a quem eu sempre quis orgulhar e ao Léo, a quem eu sempre quis servir de exemplo. À Jana, que fez meus dias mais felizes durante as visitas à Curitiba.

Ao Tio Jair, que na verdade é Pedro, que me presenteou com meu primeiro grande livro, aos nove anos. Na dedicatória ele me escreveu que este seria o caminho que me conduziria à imaginação. Mal sabia ele que as letras seriam minha paixão, profissão e *hobby*.

Ao Leandro, cujas palavras de agradecimento são insuficientes para demonstrar minha gratidão pela infinita paciência, pelos cuidados e pelo companheirismo integral.

À Magali, minha cachorrinha, que foi uma válvula de escape e peça fundamental da minha lucidez, sendo minha principal distração durante o processo de pesquisa.

À Fabi, que me ajudou antes mesmo de eu entrar no PPGCOM. E, depois disso, suas revisões na dissertação foram fundamentais para o fechamento da pesquisa.

À Myrian, pela orientação e pelas oportunidades de crescimento acadêmico que me proporcionou.

Aos professores do PPGCOM e à turma de 2015, agradeço pelas trocas acadêmicas e pela amizade. Estarão sempre em meu coração.

À Capes, cujo auxílio foi fundamental para a realização deste mestrado.

> É certo que um mapeamento da cibercultura exige mais que a delimitação dos campos [...]. Ela exige estabelecer um inventário das metodologias de pesquisa, de seus temas e "subtemas", de seu cânone de referências. Uma investigação de tal natureza, mais que uma sistematização do conhecimento, implica o desenvolvimento de uma *crítica da crítica.* Somente uma observação de segundo grau, um olhar de conjunto sobre os diferentes olhares pode fornecer bússola para a selva selvagem de interpretações, definições e temas que cercam o universo digital. Em uma formação cultural como a cibercultura, na qual práticas, estéticas e narrativas encontram-se tão profundamente interconectadas, esse exercício de mapeamento dos discursos assume importância fundamental. *Em certo sentido, ele nos ensina que desenhar o mapa também é desenhar o território.* (FELINTO, 2007, p. 10).

RESUMO

A cibercultura é um campo pujante de indagações e questionamentos na sociedade contemporânea. Internacionalmente, autores como Negroponte (1995), Castells (1999), Lévy (1999) e Keen (2012) são exemplos na problematização e tentativa de entendimento do fenômeno cibercultural sob diversas lentes e abordagens teóricas. Em âmbito brasileiro, seguindo esta tendência, inúmeros autores dedicam suas pesquisas acadêmicas a investigar aspectos concernentes aos fenômenos da cibercultura e, por consequência, há um número significativo de livros, teses, dissertações e artigos publicados em periódicos que buscam uma compreensão acerca do assunto. A partir do entendimento híbrido da formatação da cibercultura, entendida nesta pesquisa como campo autônomo, porém relacionado à Comunicação, objetiva-se realizar uma cartografia da produção científica brasileira, sob o recorte dos artigos científicos publicados durante dez anos (2006-2015) nos periódicos acadêmicos Qualis Capes A2 da área da Comunicação. Com base na adaptação das proposições da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), o objetivo desta cartografia é o de realizar um inventário (FELINTO, 2007) dos principais objetos pesquisados pelos autores da área, bem como investigar as temáticas mais recorrentes nos textos, os campos disciplinares relacionados à produção acadêmica sobre a cibercultura e um levantamento preliminar dos objetos de interesse e técnicas metodológicas utilizadas nos artigos, a fim de sistematizar estes elementos para verificar como se estrutura academicamente a área no Brasil. Após o levantamento e a sistematização quantitativa dos dados, com o princípio de "pensar o pensamento" sobre a cibercultura, realizou-se uma análise qualitativa, com o auxílio de técnicas como o exercício de inferências e interpretações sobre o *corpus*, visando contribuir para novos paradigmas na tentativa de evoluir no âmbito do pensamento epistemológico da área. Com base no mapeamento realizado, na postulação das categorias provenientes do *corpus* e da consequente realização de inferências e interpretações, podemos concluir que a cibercultura constitui um campo passível de incursões e reflexões epistemológicas, ainda que seja considerada um território obscuro. Confirma-se o pressuposto de que ainda são escassas as tentativas de pesquisas de cunho epistemológico na cibercultura e, assim, a presente dissertação surge como uma contribuição relevante academicamente para a área.

Palavras-chave: Comunicação. Cibercultura. Epistemologia. Produção Científica. Revistas Qualis-Capes.

ABSTRACT

The cyberculture is a strong field of inquiries and questions in contemporary society. Internationally, authors like Negroponte (1995), Marcuse (1998), Castells (1999), Lévy (1999) and Keen (2012) are precursors in problematization and attempt to understand the cybercultural phenomenon through different lenses and approaches. Following this trend in Brazil, many authors dedicate their academic researches to investigate aspects concerned to the phenomenal of cyberculture and, consequently, there are a significant numbers of books, thesis, dissertations and articles published in scientific magazines that seeks an understanding about the subject. From the hybrid understanding of formatting of cyberculture, studied in this paper as autonomous field, but related to the communication, the goal is to realize a cartography of Brazilian scientific production, through some cuts of scientific articles published during ten years (2006-2015) in "Qualis Capes A2" scientific magazines of communication fields. Based on propositions of Content Analysis (BARDIN, 2011), the objective of this cartography is to realize an inventory (FELINTO, 2007) of the main objects researched by authors of this field, as well as to investigate the most recurrent themes in texts, the disciplinary fields related to the academic production about cyberculture and a preliminary survey of the objects of interest and methodological techniques used in articles, in order to systematize these elements to verify how this field is academically structured in Brasil. After the survey and the quantitative systematization of the data, with the principle of "thinking the thought" about cyberculture, it was realized a qualitative analysis with the help of techniques such as the exercise of interferences and interpretations about the corpus, aiming to contribute to new paradigms trying to evolve within the epistemological thoughts of the area. Based on the mapping carried out, in the postulation of categories coming from the corpus and the realization of interferences and interpretations, we can conclude that the cyberculture constitutes in a field subject to incursions and epistemological reflections, even though it is considered an obscure territory. The assumption is confirmed that there are still very few epistemological research attempts in cyberculture and, thus, this present dissertation appears as a relevant contribution academically for the area.

Keywords: Communication. Cyberculture. Epistemology. Scientific Production. Qualis-Capes Magazine.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MODELO DE DISPOSITIVO PANÓPTICO APLICADO À CONSTRUÇÃO DE PENITENCIÁRIAS 153

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - RELAÇÃO PERCENTUAL DO NÚMERO DE ARTIGOS PUBLICADOS NAS 118 EDIÇÕES ANALISADAS COM OS ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA 90
GRÁFICO 2 - PORCENTAGEM DE ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA ENTRE 2006-2015 DA REVISTA E-COMPÓS 91
GRÁFICO 3 - PORCENTAGEM DE ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA ENTRE 2006-2015 DA REVISTA FAMECOS 93
GRÁFICO 4 - PORCENTAGEM DE ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA ENTRE 2006-2015 DA REVISTA GALÁXIA 94
GRÁFICO 5 - PORCENTAGEM DE ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA ENTRE 2006-2015 DA REVISTA INTERCOM 96
GRÁFICO 6 - PORCENTAGEM DE ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA ENTRE 2006-2015 DA REVISTA MATRIZES 97

LISTA DE ORGANOGRAMAS

ORGANOGRAMA 1 - CAMPOS DISCIPLINARES DA CIBERCULTURA 131

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - CONCENTRAÇÃO DE AUTORES SOBRE O TEMA EM CADA REGIÃO BRASILEIRA.....137

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - CATEGORIAS DE EIXOS TEMÁTICOS RECORRENTES NOS ESTUDOS EM CIBERCULTURA NO BRASIL 78
QUADRO 2 - QUADRO DE ÁREA DE CONHECIMENTO (CAPES) 86
QUADRO 3 - QUADRO TEMÁTICO ELABORADO A PARTIR DA ANÁLISE DE DEZ ANOS DE PUBLICAÇÕES EM CIBERCULTURA EM PERIÓDICOS CIENTÍFICOS BRASILEIROS 100
QUADRO 4 - RELAÇÃO DE ESTUDOS TEÓRICOS E EMPÍRICOS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM CIBERCULTURA 125
QUADRO 5 - RELAÇÃO DOS OBJETOS DETECTADOS NO CORPUS 126
QUADRO 6 - RELAÇÃO DOS AUTORES INTERNACIONAIS E NACIONAIS MAIS CITADOS 133
QUADRO 7 - RELAÇÃO DA QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES DOS AUTORES BRASILEIROS 135
QUADRO 8 - QUADRO DEMONSTRATIVO DAS TENDÊNCIAS DE PESQUISA EM “INTERNET” NO ANO DE 2009 147

LISTA DE SIGLAS

ABCiber	–	Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura
AOIR	–	Association of Internet Researchers
ARPANET	–	Advanced Research Projects Agency Network
BDTD	–	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BOCC	–	Biblioteca Online de Ciências da Comunicação
CAPES	–	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
GTs	–	Grupos de Trabalhos
IE	–	Internet Explorer
MEC	–	Ministério da Educação
MIT	–	Massachusetts Institute of Technology
PCs	–	Personal Computers
PNE	–	Pessoas com Necessidades Especiais
PUCRJ	–	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUCRS	–	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUCSP	–	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SRS	–	Sites de Rede Social
UENF	–	Universidade Estadual do Norte Fluminense
UERJ	–	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA	–	Universidade Federal da Bahia
UFC	–	Universidade Federal do Ceará
UFF	–	Universidade Federal Fluminense
UFJF	–	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMA	–	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	–	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP	–	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPE	–	Universidade Federal do Pernambuco
UFRGS	–	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	–	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UnB	–	Universidade de Brasília
USP	–	Universidade de São Paulo
UTP	–	Universidade Tuiuti do Paraná
WWW	–	World Wide Web

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15
2 COMUNICAÇÃO, CULTURA E TECNOLOGIA 29
3 A CIBERCULTURA 38
3.1 A INTERTEMPORALIDADE TÉCNICA E OS PIONEIRISMOS NA CIBERCULTURA 38
3.2 ERAS DA TÉCNICA: DO RUPESTRE AOS MAQUINISMOS 40
3.3 A ERA DO CIBERESPAÇO: DIMENSÃO ATUAL DA CIBERCULTURA 44
3.3.1 Cibercultura: as práticas do homem moderno 47
3.3.2 Os pioneirismos teóricos na cibercultura 49
3.3.3 Abordagens Teóricas da Cibercultura 52
4 EPISTEMOLOGIA: SABER PENSAR O PENSAMENTO 61
4.1 A ESPISTEMOLOGIA NA COMUNICAÇÃO 64
5 METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO 71
5.1 SOBRE O ESTADO DA ARTE 72
5.2 OS CARTÓGRAFOS 81
5.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO 84
5.3.1 Análise Documental 85
5.3.2 Qualis Capes: o sistema de avaliação dos periódicos científicos 85
5.3.3 Do Campo ao Objeto de Pesquisa 88
5.3.3.1 Revista E-Compós 91
5.3.3.2 Revista Famecos 92
5.3.3.3 Revista Galáxia 94
5.3.3.4 Revista Intercom 95
5.3.3.5 Revista MATRIZes 97
5.4 CATEGORIZAÇÃO DO *CORPUS* 98
5.4.1 Categoria 1: Temáticas 99
5.4.2 Categorias 2 e 3: Métodos e Objetos da Cibercultura 119
5.4.3 Categoria 4: Campos disciplinares 130
5.4.4 Categoria 5: Autores Referenciados 133
5.4.4.1 Autores Brasileiros que mais publicaram artigos nas revistas analisadas 134
5.5 DA CARTOGRAFIA 136
6 ANÁLISES E DISCUSSÕES 139

6.1 DESCRIÇÃO ANALÍTICA DO OBJETO 139
6.2 INFERÊNCIAS 144
6.2.1 A diversidade de lentes 145
6.2.2 Acordo não acordado ou Tendências da Moda? 146
6.2.3 A Cibercultura é mais teoria? 148
6.2.4 O lugar de fala da Cibercultura 149
6.2.5 Ciência boa é ciência internacional? 150
6.2.6 Focos ciberculturais 151
6.3 INTERPRETAÇÕES E PERSPECTIVAS 154
7 CONCLUSÃO 158
REFERÊNCIAS 164
APÊNDICES 171

1 INTRODUÇÃO

Em agosto de 2014, véspera das Eleições Presidenciais no Brasil, um dos candidatos à Presidência, Eduardo Campos, morre em um trágico acidente aéreo. À época, o nome do político não estampou apenas as capas dos jornais de todo o país, mas também, e principalmente, figurou como um "*trending topic*" mundial no *Twitter*. Enquanto acompanhava as discussões naquela rede social, vi diversos *tweets* de pessoas (a grande maioria correspondente a uma faixa etária entre os 14 e 20 anos, aproximadamente), que sequer sabiam quem era o sujeito Eduardo Campos (um usuário, atônito, inclusive lamentava a morte de um ídolo da música sertaneja chamado "Eduardo Costa", demonstrando uma clara confusão entre os "Eduardos" e falta de informação). Naquela ocasião, o fato me rendeu a ideia de criar, junto com algumas colegas de curso, alguma mídia direcionada a este público jovem, com notícias em uma linguagem acessível e temas relacionados à política. Em seguida, ao procurar uma mídia que atendesse a estas expectativas, pensamos em produzir um aplicativo para *smartphones*, por considerar que a juventude se adaptaria melhor à uma tecnologia digital, visto que esta geração já nasceu imersa no que chamamos de cibercultura.

Para produzi-lo, no entanto, tivemos antes que estudar sobre Comunicação Digital, sobre a produção de Jornalismo para/na internet e, inclusive, sobre linguagem de programação. Eu, ainda cursando a graduação de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria, começava a adentrar um campo do conhecimento que me fascinava e causava questionamentos incessantes. A partir daquele momento, a ideia foi tomando forma e resultou em um trabalho de conclusão de curso. O aplicativo "Nós", que faz uma clara referência aos nós e arestas que formam uma rede (RECUERO, 2009), foi um projeto piloto que rendeu não apenas a aprovação em uma das disciplinas mais temidas da faculdade, mas também fez surgir em mim uma pré-disposição para estudar e compreender melhor o complexo universo digital. Desde então, dediquei-me às leituras e à experimentação de diversos aparatos tecnológicos, novas plataformas digitais e criei perfis em incontáveis sites de rede social. Minha atração pelo tema foi tomando proporções maiores e, em março de 2015, quando ingressava no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Paraná, já tinha em mente qual seria o propósito da minha pesquisa de mestrado: pensar a cibercultura.

"Pensar a cibercultura". É desta forma que Pierre Lévy inicia seu livro, que não por acaso leva o autorreferido nome de "Cibercultura", publicado em 1997. Considerado por muitos como autor de uma abordagem atualmente superada da cultura ciber, é preciso

reconhecer, pela via histórica, que à época o texto se fazia oportuno por diversos pontos: a) para pensar quais instâncias sociais e culturais eram intrínsecas a este "fenômeno técnico", fortemente marcado pelo advento da internet e das tecnologias digitais, como computadores portáteis e celulares, por exemplo; b) para refletir sobre quais as interferências do que seria esta nova cultura, a ciber, no contexto social e de aprendizagem; c) para compreender o domínio da técnica sobre a sociedade e sobre o espaço urbano e, principalmente, d) sobre as implicações culturais resultantes das até então chamadas "novas tecnologias[1]". Hoje, o autor serve como arauto (ou um prenunciador) para os estudos mais atuais na área da cibercultura.

Sendo assim, ao levar em consideração as profundas ligações inerentes entre os conceitos e pragmáticas da cultura, comunicação e tecnologia na sociedade, em especial as alterações provocadas pelas tecnologias digitais online no campo comunicacional/cultural, propomos, assim como Lévy fez ao iniciar o seu livro já citado, a *pensar a cibercultura* no âmbito desta pesquisa, a partir de suas origens e evoluções teórico-metodológicas, problematizando a temática por meio da reflexão epistemológica sobre a produção científica já publicada na área.

Até o final dos anos 1990, o termo "novas tecnologias" era largamente utilizado no meio acadêmico e empresarial para se referir à efervescência com que se apresentavam novos aparatos tecnológicos, bem como ferramentas online, *softwares* e redes de relacionamentos na internet. No início de 2017, no entanto, este termo parece estar em desuso, assim como o próprio termo "cibercultura" – proposto por Lévy como conceito ligado ao ciberespaço nos anos 1990, mas já utilizado décadas atrás –, que também passou a ser problematizado, acabando por ser considerado defasado por alguns autores, como veremos no Capítulo 3 desta dissertação. Em síntese, tomamos Lévy como ponto de partida, por ser um dos autores pioneiros, em especial na Europa, na problematização sobre o tema e, por esta razão, nele encontramos as definições clássicas para iniciar esta pesquisa[2], baseada em uma trajetória temporal.

Com o passar dos anos e o início de um novo milênio, surgiram outros pesquisadores que estudaram o fenômeno da cibercultura por diversas lentes no campo da Comunicação, recorte teórico-metodológico que aqui nos interessa. Para comprovar isto, basta dirigir o olhar para os anais de qualquer congresso internacional ou nacional, ou para periódicos científicos

[1] Tomamos toda tecnologia como algo novo, portanto, o termo acaba em redundância quando se refere a "novas tecnologias".

[2] A primeira aproximação da autora com o conceito de cibercultura (e em consequência, com a teoria de Pierre Lévy) resultou em uma revisão bibliográfica sobre os conceitos do autor, apresentada no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 7 de setembro de 2015, no Rio de Janeiro.

brasileiros ou estrangeiros da área: existe uma vasta lista de artigos, ensaios, resenhas, dissertações e teses que utilizam a cibercultura como pano de fundo no campo comunicacional e em suas ramificações profissionais. Já há também um número significativo de livros publicados sobre o assunto, alguns tentando entender o fenômeno pelo viés da chamada Filosofia da técnica, que associa a nova cultura da sociedade com a chamada "tecnocracia", ou, ainda, "tecnocultura"; outros relacionando o avanço do uso intenso das tecnologias no cotidiano social com uma "vertigem", classificando a internet (e em especial os sites de redes sociais) como o novo "dispositivo panóptico" de Foucault (1987), aliando a suposta constante vigilância da rede à "superexposição do eu" numa posição notadamente criticista e, por vezes, até tecnófoba; e, outros ainda, que relatam as transformações das mídias tradicionais (passivas do ponto de vista da recepção) para as mídias atuais que permitem a atuação dos receptores e sua metamorfose em emissores, relacionando-as à "revolução do conhecimento", sob a perspectiva da convergência das mídias na internet (RÜDIGER, 2003, 2008; KEEN, 2012; POLIVANOV, 2014; JENKINS, 2008). Vê-se, portanto, o pensamento e a pesquisa científica em torno da cibercultura se expandir, acompanhando o avanço frenético das tecnologias digitais na vida em sociedade.

Como resultado destes avanços, nos vemos diante de uma gama muito grande de trabalhos acadêmicos que têm como palavra-chave, eixo norteador, ou como marco teórico-metodológico, a cibercultura, e toda esta vasta bibliografia científica sobre o assunto suscita uma proporcional infinidade de questionamentos. O que é este tipo de cultura? Como defini-la? Existe uma tendência de pensamento em volta dela? Há consenso teórico entre seus desbravadores? Qual é, de fato, o objeto da cibercultura? Há um objeto, afinal? E, tendo uma vasta bibliografia a respeito, existem também pesquisas que pensem sobre o que já foi publicado? Para iniciar a investigação sobre estas questões, precisaremos entender, mesmo que de forma breve, os conceitos de cultura e suas interpretações relacionadas à Comunicação, uma vez que estamos considerando a forma "ciber" no interior do que chamamos genericamente de cultura. Definir cultura, entretanto, é um exercício laborioso, visto que a palavra, por ela própria, sugere diversas definições ao longo do tempo. Wolton (2004) sintetiza alguns conceitos sobre o termo cultura, relacionando-o com a área da Comunicação. Para ele, existem três sentidos teóricos para a mesma palavra,

> O sentido clássico francês remete à ideia de criação, de obra. Pressupõe uma capacidade de definição daquilo que, num momento dado, é considerado como patrimônio, saber, criação e conhecimento, entendendo-se que as definições evoluem com o tempo. O sentido alemão está próximo da ideia de civilização e integra os valores, as representações, os símbolos e o patrimônio tal como são

> partilhados por uma comunidade num momento dado da história. O sentido anglo-saxão é o mais antropológico e leva em conta as maneiras de viver, os estilos, os saberes quotidianos, as imagens e os mitos. (WOLTON, 2004, p. 506-507).

Ainda assim, não podemos definir a cultura por esta breve síntese, que procura englobar várias vertentes de compreensão do conceito. Mais do que isso, é necessário levar em consideração as suas formas adquiridas perante a história da sociedade. Há, ainda, definições de cultura por vieses mais relacionados à indústria cultural, como a divisão entre cultura popular e cultura erudita; outras definições se referem às raízes antropológicas das sociedades, relacionando a cultura dos povos de acordo com regiões geográficas específicas. O que nos interessa aqui, entretanto, não são as diversas definições do conceito, mas a intrínseca relação entre a cultura e a comunicação, visto que, historicamente, o que move o homem, o faz formar grupos e viver em sociedade é essencialmente a necessidade de estar em contato com o outro. Em suma, as perspectivas sobre cultura e comunicação serão aprofundadas, principalmente por meio dos olhares de Elhajji e Zanforlin (2009), Wolton (2004) e Bauman (2013), de forma a construir um sentido para a inserção das tecnologias, em geral, e das tecnologias digitais, em particular, no âmbito da cultura e da comunicação, distanciando-se de qualquer visão sobre determinismo tecnológico.

Adotamos como procedimento de construção do texto a apresentação dos autores, desenvolvendo, logo a seguir, a demonstração de suas principais obras e contribuições para o campo da cibercultura. O objetivo desta construção, de caráter teórico/bibliográfico, é expor na revisão teórica os principais nomes da área, seguidos de suas reflexões sobre as questões da técnica na sociedade e da cultura do homem contemporâneo (cultura digital), como forma de realizar um percurso histórico para evidenciar as principais teorias desenvolvidas na área. Iniciamos nossa incursão teórica no mundo da cibercultura por autores internacionais, como Pierre Lévy, Manuel Castells, Henry Jenkins, Dominique Wolton, etc., para depois evidenciarmos os autores nacionais que realizam pesquisas na área, como Francisco Rüdiger, Erick Felinto e André Lemos, que serão extensivamente citados no decorrer deste estudo.

Enfatizamos que esta pesquisa de dissertação objetiva realizar o mapeamento e sistematização quantitativa e a análise qualitativa dos artigos relacionados com a cibercultura publicados em periódicos científicos no território brasileiro. Este mapeamento, sugerimos, é o primeiro passo para se pensar epistemologicamente o campo da cibercultura no Brasil, pois como mostraremos a seguir, são poucas as pesquisas que se dedicam a estudar a área tendo como objetivo realizar a reflexão epistemológica sobre o que já foi publicado em ambiente nacional. Sugerimos, como ponto de partida, a organização e sistematização de uma parcela

específica da produção brasileira em cibercultura (nos periódicos), pois, como destaca Alessandro Souza (2014), o primeiro passo para a epistemologia – de qualquer área – é a organização da produção científica sobre o assunto, precedida pela reflexão em cima desta produção sistematizada, para então produzir um raciocínio/pensamento epistemológico sobre a temática. A premissa, neste caso, é a de que, no Brasil, há poucos esforços neste sentido (de se pensar a cibercultura pelas lentes da epistemologia) e o exercício de mapeamento e sistematização da produção científica sobre o tema é o primeiro passo para se considerar a viabilidade de uma epistemologia da cibercultura, como apontam Felinto (2007) e Amaral e Montardo (2010, 2011).

Barros e Künsch (2007), no título de artigo que relata as discussões provenientes de um seminário promovido pela Faculdade Cásper Líbero (SP)[3], trazem a reflexão sobre "a razão de ser da epistemologia". Para eles, a motivação da epistemologia é justamente "saber pensar o pensamento" (e aqui voltamos, mais uma vez, a relembrar a máxima com a qual Lévy inicia seu livro, quando propõe "pensar a cibercultura"). É neste contexto que pretendemos desenvolver essa dissertação: essencialmente pensando o que se pensa sobre a cibercultura, fazendo uma relação entre a frase de Lévy (1999) e a reflexão de Barros e Künsch (2007).

Além dos questionamentos sobre a natureza dos trabalhos em cibercultura, como citamos acima, outros fatores nos ajudaram a desenvolver o ímpeto pela pesquisa nesta área. Um deles foi o estado da arte realizado como pesquisa preliminar sobre o campo, durante o segundo semestre de 2015 e primeiro semestre de 2016. O estado da arte foi um trabalho de investigação realizado durante o curso de mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná para a disciplina de "Metodologia de Pesquisa". Neste estudo, foram pesquisadas teses, dissertações, artigos e livros publicados entre 1997 e 2015 em diferentes repositórios de produção acadêmica online: no Banco de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão ligado ao Ministério da Educação do Governo Federal brasileiro), no site da BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), no site da BOCC (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação), e nas publicações e anais da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura). O estado da arte, de caráter quantitativo, contou com um *corpus* composto por 342 dissertações de mestrado, 85

[3] O evento contou com a presença de três pesquisadores que se dedicam a estudar a epistemologia da comunicação no Brasil, Luiz Martino (UnB), Lucrecia D'Alessio Ferrara (PUCSP) e Cremilda de Araújo Medina (ECA-USP).

teses de doutorado, 97 artigos científicos, dois livros temáticos (um livro com 20 artigos e outro com 12 artigos), e dois dossiês temáticos (um dossiê com 8 artigos e outro com 12 artigos) sobre o tema "cibercultura". A consulta a todos estes trabalhos acadêmicos proporcionou, claramente de maneira genérica, porém relevante para o desenvolvimento desta pesquisa, um panorama quantitativo dos trabalhos da área da Comunicação voltados para o campo da cibercultura no Brasil. Optamos por começar a análise do material coletado pelo ano de 1997 por termos detectado, no decorrer deste estudo exploratório, que a palavra-chave "cibercultura" apareceu pela primeira vez nesta data nos bancos de dados consultados.

Em contato com a produção brasileira em cibercultura nestes repositórios, encontramos poucas publicações de cunho epistemológico, ou seja, pesquisas que propunham uma reflexão sobre a própria cibercultura, sobre o conhecimento científico já publicado sobre o tema. Esta constatação foi o que fomentou a ideia de prosseguir com a pesquisa de mestrado em busca de uma contribuição efetiva para este campo quase virginal. Segundo Santaella (2001), estes estudos preliminares sobre um determinado tema são essenciais para a elaboração de um projeto de pesquisa e por esta razão é que realizar este estado da arte que apresentamos acima se fez oportuno, já que este nos abriu portas para conhecer, compreender e, em certa medida, dimensionar o campo da cibercultura no Brasil. Quanto aos estudos exploratórios e às indagações que surgem antes mesmo de iniciarmos um projeto de pesquisa, Braga (2005, p. 288) relata que "só pesquisamos porque temos dúvidas a respeito de alguma questão do mundo", e, até então, como já afirmamos acima, tínhamos muitas dúvidas que nos motivavam a pesquisar sobre a cibercultura em âmbito nacional. Muitas delas, fomentadas após a realização da pesquisa exploratória (estado da arte) citada anteriormente. Ainda assim, todas as respostas para estas questões acabavam sendo um "sim" ou um "não" e, outras ainda, foram sendo respondidas ao longo do percurso inicial da pesquisa, principalmente no momento em que nos dedicamos ao estudo exploratório. Braga (2005), no entanto, se refere a estas perguntas que já têm ou pressupõem respostas pré-determinadas como questões que podem balizar as pesquisas. Ele sugere que estes questionamentos sejam "guardados" ou tomados como inferências (afirmações ou negações):

> Separe ainda as questões amplas demais, muito genéricas e vagas, que você não consiga relacionar a uma busca especificada de conhecimento. Lembre-se de que você vai investigar [...]. Não jogue fora essas perguntas. Elas talvez tenham forte utilidade para definir o horizonte em função do qual o problema pode ser construído. [...] Você poderá então tentar derivar perguntas mais específicas a partir delas – nesse caso, mantenha as questões gerais como seu horizonte e construa o problema em torno das específicas. (BRAGA, 2005, p. 293).

O autor ainda explica, de forma didática, que as perguntas do tipo "sim/não" oferecem caminhos, pistas de interesse para prosseguir a pesquisa, e por isso não devem ser ignoradas. Segundo ele, esse binarismo constitui-se como eixo de pesquisa:

> Primeiro porque, quando são tão dramaticamente contrapostas, já temos uma preferência por uma das alternativas (o que nos remete às perguntas com respostas prontas). Depois, porque a realidade sociocultural e o sentido das coisas dificilmente são tão simplificados para permitir dualidades mutuamente excludentes. Alternativamente: ou a contraposição é justamente simples, e não exige pesquisa, ou é caso antes de tomada de posição do que de busca de conhecimento, e não exige pesquisa. (BRAGA, 2005, p. 293).

Por esta razão, as perguntas que tínhamos e que foram sendo respondidas ao longo da construção do projeto exploratório e documental, continuam sendo norteadoras do processo de pesquisa, mesmo não se constituindo como questão principal. Elas foram tomadas como *premissas* (entre elas está a premissa de que, por mais que existam algumas pesquisas que apontem para este sentido, ainda são limitados os esforços para se pensar a cibercultura epistemologicamente) para que, delas mesmas, pudéssemos construir nosso questionamento nuclear e os objetivos de pesquisa, que serão apresentados a seguir. Embora existissem inúmeras questões acerca deste terreno ainda virginal que é o campo da cibercultura, nos deparamos com a necessidade de formular uma *questão norteadora* para a qual se busca a resposta nesta pesquisa de dissertação.

Tendo em vista a proposição de Souza (2014) que relata que "o objeto da pesquisa epistemológica é o progresso do conhecimento científico", e também levando em consideração as sugestões de Amaral e Montardo (2010, 2011) em seus dois artigos científicos, apresentamos nossa *questão norteadora* da seguinte forma: Como se apresenta a produção científica sobre cibercultura nos periódicos científicos da Comunicação no Brasil? A partir das especificidades desta produção, é possível realizar uma reflexão epistemológica embasada na progressão do conhecimento científico publicado nestes locais?

Para a análise, como já foi brevemente explicitado no início deste texto, elegemos como objeto empírico os periódicos científicos da área de Comunicação avaliados como A2 pelo sistema Qualis Capes. Optamos por analisar apenas os periódicos acadêmicos em detrimento de outros meios de divulgação científica, porque são nestes locais que os pesquisadores costumam publicar artigos que são, geralmente, resultados de pesquisas sobre os mais diversos temas. Ressaltamos aqui, entretanto, que no projeto inicial desta dissertação, o objetivo era investigar a cibercultura nos artigos publicados em anais de congressos. À época, cogitamos analisar os anais dos congressos anuais da Compós (Associação Nacional

dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) e da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) e o simpósio da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura), que aconteceu anualmente de 2008 a 2014. Após uma pesquisa inicial, detectamos que o *corpus* seria deveras difuso e heterogêneo, o que demandaria um esforço e um cuidado maior na delimitação do objeto. Além disso, outro impasse era o recorte temporal, já que a natureza dos três eventos era diferente, e os grupos de apresentação de trabalhos sobre cibercultura haviam sido criados em anos distintos. Outra questão era o da denominação dos grupos de trabalhos (GTs). Na Compós, por exemplo, o GT sobre cibercultura mudou de nome diversas vezes, e, com isso, também mudavam os focos das pesquisas relacionadas ao tema, que ora se alinhavam com uma denominação, ora com outra (este, no entanto, é um dado interessante para compreendermos os significados atrelados ao termo cibercultura nos últimos dez anos). Como enfatizam Amaral e Montardo, o GT de estudos em Cibercultura da Compós "teve seu nome alterado três vezes desde o seu surgimento", além disso, outro fator dificultava a homogeneização do *corpus,* já que pelo fato de serem aceitos, no máximo, apenas dez artigos por Grupo de Trabalho, esse grupo se "caracteriza por reunir as principais pesquisas em cibercultura, há mais tempo de forma regular. Quanto ao estágio de vida dos pesquisadores, a maioria dos trabalhos é apresentada por doutores" (AMARAL; MONTARDO, 2010, p. 62).

Isto nos leva ao segundo grande impasse em pesquisar os anais dos congressos no Brasil: a diferença significativa na quantidade/qualidade dos artigos publicados nos anais dos eventos, pois enquanto nas edições anuais do congresso da Intercom havia uma significativa porção de artigos (escritos, em sua maioria, por graduandos, graduados, mestrandos e mestres), no congresso da Compós havia apenas dez exemplares (e, como ressaltado anteriormente, em sua maioria apresentada por pesquisadores com titulação de doutores) para a análise, causando assim uma defasagem muito grande no que diz respeito ao *corpus* quantitativo e também qualitativo da pesquisa. Foram muitas adaptações até chegarmos no objeto que consideramos adequado para nossos objetivos de pesquisa e, por esta razão, algum tempo depois decidimos tomar como objeto de pesquisa os periódicos acadêmicos da área da Comunicação, com o foco no mapeamento da produção científica neste ambiente e na investigação detalhada de suas características científicas (temas, objetos, métodos e autores ligados à temática), para então termos subsídios que concedam bases para a reflexão epistemológica.

Esta decisão foi fomentada por diversos fatores, mas o principal deles é a possibilidade de homogeneizar/equiparar o *corpus,* já que os periódicos costumam ter de uma

a quatro edições por ano e entre 10 e 20 artigos por edição. Outro fator imprescindível é a qualidade dos trabalhos publicados, já que optamos por analisar apenas as revistas científicas com a melhor pontuação no *ranking* da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Estas revistas costumam ter uma política de avaliação consideravelmente rígida, geralmente obedecendo ao sistema de avaliação por pares (quando os artigos, sem identificação autoral, são avaliados por dois pesquisadores aleatórios que devem observar uma série de fatores de modo a verificar se o artigo está apto para ser publicado ou não), o que demonstra a qualidade do material que é oferecido à comunidade científica.

Após uma pesquisa para encontrar as revistas melhor avaliadas pela Capes, chegamos a cinco títulos que são classificados como A2[4] (numa escala que vai de A1, A2, B1 a B5 e C). Importante ressaltar que estes periódicos estão inseridos na área de Comunicação e Informação[5], da qual fazem parte os cursos de Comunicação, Museologia e Ciências da Informação. Nesta área existem diversas revistas científicas A1 dos outros dois campos de conhecimento, entretanto, no campo da Comunicação não constatamos nenhum periódico com a classificação máxima (A1) e, por esta razão, partimos para a segunda classificação (A2), que pode ser considerada, portanto, como a mais qualificada da área. Os títulos que encontramos são os seguintes: Revista Famecos, E-Compós, MATRIZes, Galáxia e Revista Intercom. Apresentamos a seguir, mesmo que brevemente, o perfil destes periódicos: 1) A "Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia" é editada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e segundo informações de seu site, "tem como missão avançar a fronteira do conhecimento científico na área de comunicação"[6]; 2) A Revista E-Compós é a publicação científica da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), que além da revista, também promove encontros anualmente dedicados ao intercâmbio de pesquisas e pesquisadores da área da Comunicação. A E-Compós "tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de comunicação inserida em instituições do Brasil e do exterior"[7]; 3) A Revista MATRIZes é um "periódico destinado à publicação de

[4] Saliente-se que, no final de 2016, a Capes divulgou a lista com a nova avaliação dos periódicos científicos e algumas revistas da área da Comunicação subiram suas posições para A2. Por se tratar de uma mudança realizada no estágio final desta pesquisa, optamos por prosseguir com os cinco periódicos avaliados como A2 pela classificação anterior da Qualis Capes.

[5] Até o final de 2016 a nomenclatura da área era "Ciências Sociais Aplicadas I", entretanto, no documento de área disponibilizado pela Capes no ano de 2017, o órgão sugere a mudança da nomenclatura para "Comunicação e Informação", visto que, nos últimos anos, a Capes detectou uma maior incidência de programas de pós-graduação nas áreas de Comunicação e Ciência da Informação.

[6] Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos>.

[7] Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos>.

estudos que tenham por objeto a comunicação"[8], e é publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA/USP); 4) A Revista Galáxia está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e destaca as publicações com "epicentro na área de Comunicação, em interface com as demais áreas das Ciências Humanas e Sociais"[9]; e, finalmente, 5) A Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação é um periódico científico vinculado à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), e "seu foco de interesse é a Comunicação Social, respeitando a interdisciplinaridade e a abrangência temática características da área do conhecimento"[10].

Consideramos que estes títulos representam o espaço de disseminação acadêmica onde a comunidade científica brasileira mais especializada da área de Comunicação publica seus artigos, já que somente aceitam submissões feitas por pesquisadores que possuem a titulação mínima de Mestres ou Doutores. Além disso, o processo de seleção e avaliação destes periódicos, como afirmamos acima, obedece a um rigor bastante minucioso com relação à classificação que lhes é atribuída. O sistema de avaliação da produção acadêmica no Brasil, via Qualis Capes, será melhor contextualizado no capítulo metodológico.

Justifica-se a escolha do início do espaço temporal de análise (dez anos de publicações) pelo fato de que no Brasil, em 2006, popularizavam-se os sites de rede social, os blogs pessoais e, um pouco mais tarde, os fotoblogs e microblogs. Naquele ano ainda não se falava da revolução que veríamos alguns anos depois, entre 2008 e 2009, inaugurada pelos sites de rede social, como o *Facebook*, por exemplo. Vale lembrar que o *Facebook* foi lançado nos EUA em 2004, mas somente encontrou popularidade no Brasil em 2009 e, antes dele, o *Orkut* era o site de rede social mais utilizado pelos brasileiros (POLIVANOV, 2014, p. 15-29), fato comprovado pela análise do *corpus* de nossa pesquisa, que demonstrou que em 2008 já haviam algumas – tímidas – tentativas de estudar o *Orkut* pelo viés das novas formas de sociabilidade online. Isto chamou a atenção da comunidade científica e os trabalhos publicados na época utilizavam como objetos de pesquisa estes novos fenômenos que revolucionavam a noção de territorialidade e de comunicação entre as pessoas. Dez anos depois, em 2015, as pesquisas superaram estes objetos e discussões, ampliaram seus focos, métodos e teorias, cabendo à realidade virtual e ao pós-humanismo e o papel de protagonistas nos trabalhos publicados. Além disto, foi possível observar como os ensaios e revisões de

[8] Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes>.
[9] Disponível em:<http://revistas.pucsp.br/galaxia>.
[10] Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom>.

literatura eram amplamente publicados em 2006 e as análises empíricas reinavam, quase absolutas, nos anos de 2007 a 2009. Hoje, estes dois modos de pensar a cibercultura (teórico e empírico) coexistem, mas ainda há a predominância de trabalhos teóricos nos artigos publicados nos periódicos pesquisados.

Tendo o *corpus* definido, passamos para a apresentação dos objetivos deste trabalho, que busca organizar quantitativamente (mapeamento) a produção científica sobre cibercultura nos periódicos Qualis A2, para depois analisá-la qualitativamente. Para tanto, elencamos a seguir os objetivos geral e específicos desta dissertação. O *objetivo geral* visa, a partir do entendimento híbrido do conceito de cibercultura, compreender a produção científica sobre o tema tendo em vista a reflexão epistemológica sobre o conhecimento produzido na área. Dele, por conseguinte, decorrem os seguintes *objetivos específicos*:

a) Estabelecer a relação entre comunicação, cultura e tecnologia, do ponto de vista histórico e social, para compreender as imbricações desta tríade na cultura contemporânea;
b) Realizar um levantamento dos artigos publicados nos periódicos Qualis Capes A2 da área da Comunicação, no período de 2006-2015, tendo em vista a elaboração de um mapeamento quantitativo da pesquisa brasileira em cibercultura sob este recorte;
c) Estudar, analisar e refletir qualitativamente sobre as temáticas, objetos pesquisados, campos disciplinares, autores e metodologias mais recorrentes contidas nos artigos selecionados sobre cibercultura no período determinado;
d) Refletir sobre o conceito de epistemologia ligado ao campo da Comunicação, bem como viabilizar o tensionamento e associação deste conceito à cibercultura.

Para tanto, dividimos nosso trabalho em seis capítulos: introdução, três capítulos teóricos e dois metodológicos. Estes capítulos nos deram suporte para respondermos aos objetivos elencados acima e perguntas de pesquisa. No *capítulo 2* refletimos sobre as imbricações e tensionamentos entre os conceitos de “comunicação”, “tecnologia” e “cultura”, problematizando as associações entre estas três interfaces sociais. De forma mais específica, refletimos, mesmo que de maneira genérica, o papel da cultura contemporânea no âmbito da comunicação, entendendo a tecnologia como um produto híbrido desta cultura. Entretanto, tensionar esta tríade no campo da Comunicação é, antes de qualquer coisa, compreender que a tecnologia é fortemente marcada por traços sociais e, principalmente, é resultado da cultura em que vivemos, uma sociedade cujas aspirações antropológicas são permeadas pela necessidade de se comunicar, como aponta Wolton (2004). O autor sugere que esta é uma das razões para o sucesso de tecnologias como, por exemplo, a televisão e, principalmente, a

internet, já que ela possibilita e facilita o acesso e a troca de mensagens e símbolos entre indivíduos conectados, estejam eles em quaisquer lugares do planeta. Além disso, dentro deste contexto, a tecnologia inaugurada pela internet também responde a uma angústia antropológica específica: "comunicar, mas sem as complicações impostas pelo outro" (WOLTON, 2004, p. 343).

Após a problematização entre as relações inerentes aos três conceitos, e às especificidades das tecnologias da comunicação, passamos, então, ao *terceiro capítulo* da dissertação. Enquanto o segundo capítulo, mais genérico, introduz o leitor na cultura contemporânea, este terceiro, mais específico, se dedica a compreensão do fenômeno da cibercultura, enquanto "conjunto de técnicas, (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço" (LÉVY, 1997, p. 17). Neste capítulo, de caráter histórico e expositivo, discutimos os usos e desusos[11] da palavra "cibercultura", desde sua origem e posterior popularização, baseada "na expansão dos maquinismos informáticos de processamento de dados e desenvolvimento de redes de comunicação" (RÜDIGER, 2011, p. 8), por volta dos anos 1960. Rüdiger (2011, p. 8) refaz o percurso do termo desde sua gênese até os estudos mais recentes sobre o tema e relata que, "aparentemente", a criação do neologismo "cibercultura" se deve à uma "engenheira, informata e empresária norte-americana", chamada Alice Hilton, no ano de 1964. Na sequência, evidenciamos o surgimento da internet e de toda a cultura que esta enseja e, finalmente, passa-se para o exame do conjunto de práticas sociais resultantes do fenômeno técnico, conhecido hoje como a nova forma da cultura contemporânea.

Aliando todas as questões apresentadas nos dois primeiros capítulos teóricos, introduzimos, no *capítulo 4*, as discussões sobre epistemologia, concentrando o termo no interior do campo da Comunicação. Com base em autores como Braga (2011), Ferrara (2003), Ferreira (2007) e França (2010), buscamos explicitar o entendimento acadêmico sobre o que é a epistemologia e como este saber tem sido abordado no campo da Comunicação. Além disso, neste capítulo apresentamos a discussão que norteia esta pesquisa, na tentativa de pensar a cibercultura pelas lentes da epistemologia.

Somente depois de fundamentar teoricamente o trabalho, apresentamos os procedimentos metodológicos que nos ajudaram a responder nossos objetivos de pesquisa. Assim, o *capítulo 5* apresenta cada etapa do processo de investigação, que terá como base as

[11] Felinto (2011) prefere a utilização do termo "cultura digital", alegando o declínio da palavra "cibercultura" nos estudos da área.

proposições metodológicas e técnicas da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), em seu viés quantitativo, detalhando os procedimentos sobre o exame do objeto empírico aqui determinado como os artigos sobre cibercultura presentes nos dez anos de análise (2006 a 2015) das publicações científicas selecionadas. Além disso, explicitamos os resultados da pesquisa de forma relacionada com as técnicas metodológicas, numa construção diferente da estrutura usual das pesquisas em Comunicação (que tendem a apresentar a metodologia e os resultados em capítulos separados). Neste caso, juntamos estes dois pontos na tentativa de costurá-los num tensionamento entre método e análises, a fim de proporcionar uma reflexão coordenada de cada aspecto analisado.

Despendemos parte do início do capítulo metodológico à apresentação da pesquisa exploratória que foi realizada em 2015 pela autora. Este ponto deve ser destacado porque a pesquisa, denominada como "estado da arte", figura como a primeira aproximação da autora com o campo disciplinar da cibercultura. Por esta razão, optamos por evidenciar o estudo exploratório como parte da metodologia desta pesquisa, porque este auxiliou de forma direta na construção e delimitação desta dissertação. No restante deste capítulo, por conseguinte, procuramos responder especialmente ao objetivo específico "b" e dedicamo-nos à apresentação do *corpus* e respectiva análise dos elementos quantitativos da pesquisa empírica, referentes ao mapeamento e categorização da pesquisa em cibercultura no Brasil. São apresentados os gráficos, com as divisões por ano e periódico/revista científica, bem como o mapeamento que surge da análise realizada sobre o *corpus*, emergindo daí algumas das instituições de onde provêm os autores que mais publicam artigos na área. Esta fase da pesquisa responde aos procedimentos quantitativistas elencados por Bardin (2011) e denominados como análise documental e categorização dos elementos do *corpus*.

Já no *sexto capítulo*, "Análises e Discussões", trazemos a etapa denominada por Bardin (2011) como descrição analítica do objeto, que visa refletir qualitativamente sobre a pesquisa quantitativa a fim de realizar inferências e interpretações do material coletado. Assim, este último capítulo da pesquisa se dedica a realizar análises qualitativas acerca dos resultados obtidos a partir do mapeamento e categorização do objeto. Esta segunda etapa metodológica pretendeu aprofundar o exame no *corpus* da pesquisa, buscando responder especialmente ao objetivo específico "c", que se refere ao exame detalhado e à reflexão sobre os artigos publicados nos periódicos no espaço-temporal de dez anos, a fim de sistematizar o levantamento dos objetos, autores e metodologias mais utilizadas nestas publicações. Este exercício qualitativo e quantitativo realizado durante a pesquisa é o que Felinto (2007) denomina como o "inventário" da cibercultura, já que, ao final, foram separadas, analisadas e

detalhadas algumas características do *corpus* com o intuito de conceder bases para o objetivo específico seguinte, que corresponde à letra “d”, no qual nos propomos à reflexão epistemológica sobre a produção em cibercultura. Ao fim, pretendeu-se levantar subsídios suficientes para responder nossa *questão de pesquisa* e, principalmente, atingir nosso *objetivo geral*, que é o de pensar a cibercultura de maneira epistemológica, lançando o olhar para as particularidades do campo, especialmente no *corpus* pretendido, mas também utilizando de outros trabalhos anteriores (FELINTO, 2007; AMARAL; MONTARDO, 2011; SOUZA, 2014) para “pensar o pensamento” em torno do tema já conhecido, ampliando as discussões e possibilitando novos questionamentos para a produção futura de conhecimento em cibercultura.

2 COMUNICAÇÃO, CULTURA E TECNOLOGIA

O objetivo deste capítulo é refletir, brevemente, sobre os reordenamentos da cultura, seus sentidos e implicações a partir da argumentação de alguns autores que já realizaram associações entre cultura, comunicação e tecnologia. De antemão, percebemos que o significado da cultura logra de certa efemeridade, justamente porque, com o decorrer do tempo, o termo passa também a usufruir de novos significados. Para ilustrar esta máxima, apresentamos neste capítulo alguns conceitos que procuram dar conta de explicar este movimento de ressignificação da cultura, entendendo que a sociedade, em sua dinâmica permanente, faz (re)nascer também a cultura de diversas maneiras. Optamos por exemplificar esta constatação refletindo sobre os efeitos da invenção da escrita, que causaram uma profunda mudança na cultura da sociedade (HAVELOCK, 1996), sobre as imbricações entre a comunicação e a cultura (WOLTON, 2004) e, finalmente, argumentando sobre as características da cultura na modernidade, que Bauman (2013) diria se tratar de uma "modernidade líquida", cujo termo especifica o movimento que o estado líquido faz de "se esvair" quando entra em contato com as mãos. Antes, no entanto, reproduzimos um trecho de artigo escrito por Elhajji e Zanforlin (2009), que antecipa algumas dificuldades na tentativa de conceituar a cultura, visto que uma simples revisão teórica sobre o termo não dá conta de suas significações como um todo:

> Vale lembrar que a noção de cultura afigura-se um exercício retórico longínquo que não dá mais conta da diversidade dos usos e aplicações que ela abarca hoje. Ligado, primeiramente, ao cultivo da lavoura, o termo "cultura" vira uma marca de distinção, passa a designar os assuntos do espírito e enquadrar o sujeito refinado ou "culto"; consolidando as então emergentes hierarquias sociais. Já, a partir do século XVIII, "cultura" começa a ser usada como sinônimo de "civilização", sinalizando um processo geral de progresso intelectual, espiritual e material e estreitando cada vez mais a relação entre as esferas de decisão, pensamento e gestão. (ELHAJJI; ZANFORLIN, 2009, p. 5-6).

Esta parece ser a primeira noção de cultura historicamente observada: a da agricultura, muito mais ligada ao cultivo da terra, característica marcante das sociedades rurais, mesmo no período que compreende a fase neolítica (há evidências de que os seres humanos, desde sua existência, aprenderam a cultivar a terra para colher alimentos). Após a escrita, no entanto, é que a história da agricultura começa a ser contada, no período que se refere à Idade Antiga, com o aparecimento das primeiras civilizações. Essencialmente ligada à agricultura por muito tempo, a palavra cultura passa a ganhar novos significados muitos

séculos depois, com a migração das populações humanas do meio rural para ambientes urbanos, com o processo de formação de aglomerados sociais, com os avanços das políticas e a globalização da economia. Estes aspectos é que contribuíram para uma nova acepção do termo cultura, que começa a revestir-se de novos significados. Estas características de "modernização generalizada", por consequência, tornam as sociedades mais complexas e, num movimento paralelo, acabam por redefinir a conceituação do termo. Elhajji e Zanforlin expõem este movimento da seguinte maneira:

> Desde a primeira metáfora agrícola até a presente configuração global, o conceito de cultura sofreu várias transformações decorrentes do contínuo processo de negociação de seu status semiótico e epistêmico, seu valor social e seu alcance político e ideológico. A evolução do seu significado, todavia, corresponde a consideráveis mudanças na configuração de nosso real; o que torna a noção de cultura um espelho discursivo no qual se refletem os desejos, os medos e as disputas da sociedade. (ELHAJJI; ZANFORLIN, 2009, p. 5).

Após este movimento que denota um novo sentido para a cultura, o termo passa a carregar mais o elemento social do que agrícola em sua fórmula, isto quer dizer que, no que diz respeito à sua compreensão, a palavra cultura começa a ser pautada no que se refere à sociedade. Em outras palavras, a sociedade, agora complexa em sua formação, também complexifica o termo cultura, que mais se adapta às identidades e ao processo de segregação inerente à formação das cidades, estados e nações. Elhajji e Zanforlin (2009) consideram essa a fase em que a cultura começa a sofrer gradativamente um processo de empoderamento e substancialização, passando assim a fazer mais sentido falar-se em "culturalismo". Como exemplo, pode-se citar

> As lutas pela independência, as descolonizações, os movimentos cívicos e os Estudos Culturais e de Gênero começaram a contestar o padrão civilizacional supostamente universal imposto pelo homem-branco-ocidental e disputar a fala ordenadora até então por ele monopolizada. O resultado foi (e continua sendo) uma formidável deflagração de narrativas, manifestações identitárias e padrões estéticos; dando voz e vez à periferia, aos grupos historicamente marginalizados, aos subalternos e aos discriminados e ostracizados de todo tipo. (ELHAJJI; ZANFORLIN, 2009, p. 6).

Como é possível notar na narrativa anterior, os autores entendem a cultura muito mais ligada aos fatores sociais, com raízes na Antropologia e na Sociologia, analisando o termo à luz dos movimentos sociais que marcaram, principalmente, os últimos séculos. Também podemos notar que diferentes pesquisadores apresentam diferentes olhares sobre o

conceito de cultura, uma vez que esta, enquanto conjunto de atitudes, formas de pensamento e hábitos, gera uma sequência quase infindável de observações, argumentações e conceituações.

Encontramos em Laraia (2001) outras definições que demonstram esta tendência. O autor registra que, aparentemente,

> A primeira definição de cultura que foi formulada do ponto de vista antropológico, [...] pertence a Edward Tylor, no primeiro parágrafo de seu livro *Primitive Culture* (1871). Tylor procurou, além disto, demonstrar que cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução. (LARAIA, 2001, p. 30).

Segundo Laraia (2001), esta primeira definição antropológica encontra apoio nas Ciências Naturais, considerando a cultura como um "fenômeno natural" das sociedades e, assim, esta privilegiava o estudo das similaridades entre os sujeitos durante o processo de evolução humana. O autor enfatiza que, à época, o conceito ligado à natureza da humanidade tinha mais a ver com a análise do que havia de "igual" nas formações sociais do que com a "diversidade" cultural. Ou seja, interessava mais conhecer o que os aglomerados tinham em comum e o que os levava a formarem grupos e elaborar tradições. A diversidade cultural, por sua vez, começa a ser pensada mais tarde e Laraia (2001) cita as contribuições de Kroeber nestes esforços. Para simplificar esta passagem do entendimento de cultura sob o olhar das "semelhanças" para um olhar sobre a "diversidade cultural", optamos por reproduzir alguns dos pontos levantados por Laraia (2001), sobre o pensamento de Kroeber, que vão determinar esta passagem, a saber:

> 1. A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações; 2. O homem age de acordo com os seus padrões culturais. Os seus instintos foram parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo por que passou; 3. A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Em vez de modificar para isto o seu aparato biológico, o homem modifica o seu equipamento superorgânico; *4. Em decorrência da afirmação anterior, o homem foi capaz de romper as barreiras das diferenças ambientais e transformar toda a terra em seu hábitat;* 5. Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas; 6. *Como já era do conhecimento da humanidade, desde o Iluminismo, é este processo de aprendizagem (socialização ou endoculturação, não importa o termo) que determina o seu comportamento e a sua capacidade artística ou profissional; 7. A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.* (LARAIA, 2001, p. 48-49, grifo nosso).

Destacamos os tópicos 4, 6 e 7 porque entendemos que são nestes momentos em que podemos visualizar com mais clareza a tendência à análise da diversidade cultural da sociedade, ancorada principalmente na observação de aspectos relacionados ao processo individual de cada sujeito de adquirir cultura, ou seja, de experienciar e tomar como base toda uma tradição anterior a ele, tendo em vista a construção de sua própria identidade. Esta identidade, por sua vez, é a responsável pelo surgimento de aglomerados sociais que, segundo Laraia (2001), se formam por meio do reconhecimento entre os sujeitos. Ressaltamos que, desde o início deste capítulo, trouxemos conceituações que enfatizam a) a cultura como conceito ligado à terra, passando pela b) cultura como um conceito ligado à natureza do homem enquanto ser orgânico, do conceito de cultura ligado às semelhanças entre os sujeitos, chegando ao c) conceito de cultura ligado às diferenças na sociedade.

Enquanto Elhajji e Zanforlin (2009) refazem, de forma cronológica, este movimento conceitual, autores como Laraia (2001) observam a evolução da sociedade aliando a ela as transformações culturais que acompanham esta evolução, privilegiando uma análise do ponto de vista antropológico, e também do multiculturalismo na modernidade. Já Wolton, apresentado na sequência, concentra-se na elaboração de um conceito sistemático para a cultura como a conhecemos hoje e Bauman (sociólogo polonês com vasta lista de pesquisas publicadas em diversas línguas) reflete sobre a liquidez do conceito de cultura (e também do amor e do medo líquido, consumismo, identidades, globalização, etc.) na sociedade contemporânea.

As considerações de Bauman sobre a cultura também são essenciais para visualizar esta passagem do conceito antes ligado à agricultura, até chegar na conceituação que define como híbrida a cultura contemporânea (defendida, inclusive, por Bauman (2013) na obra “A Cultura no Mundo Líquido Moderno”). Antes marcada por uma “missão proselitista”, que nada mais é do que a imposição de uma cultura considerada “boa” ou “bela” sobre as massas, Bauman reforça o discurso de que hoje, mesmo com a liquidez característica da modernidade, a cultura “é modelada para se ajustar à liberdade individual de escolha e à responsabilidade, igualmente individual, por essa escolha” (BAUMAN, 2013, p. 17), rompendo assim com o paradigma proselitista (definido pela ação ou empenho em tentar converter ou manipular várias pessoas em prol de uma causa) muito presente no século XVIII e no discurso Iluminista.

Nos tempos líquidos modernos, no entanto, Bauman atenta para a cultura do consumo. Segundo o autor, temos uma oferta infindável de produtos a serem consumidos e a cultura, por conseguinte, “se manifesta como arsenal de artigos destinados ao consumo” e,

principalmente, “afasta todos os rígidos padrões e exigências” antes demandados na – obsoleta – cultura elitista[12] e “aceita todos os gostos com imparcialidade e sem uma preferência unívoca, com ‘flexibilidade’ de predileções” (BAUMAN, 2013, p. 18). Quando o autor argumenta que seria possível descrever o consumo cultural, hoje, com a metáfora biológica dos “onívoros”, Bauman (2013, p. 8, grifo nosso) acaba caracterizando-os como híbridos, já que “em seu repertório de consumo cultural – **dos onívoros culturais** –, há lugar tanto para a ópera quanto para o *heavy metal* ou o *punk*, para a ‘grande arte’ e para os programas populares de televisão [...]. Um pedaço disto, um bocado daquilo, hoje isto, amanhã algo mais. Uma mistura”. Ainda, o autor registra que, implicitamente, a palavra cultura carrega o significado da “ação” dos sujeitos, sendo esta uma atividade cognitiva inerente ao termo, já que designa o encontro acordado entre o que seria o produtor da cultura e o produto gerado (neste caso, o agricultor e a colheita). Para exemplificar esta máxima apresentada por Bauman, reproduzimos a seguir um trecho de seu livro que demonstra este implícito da ação na cultura:

> O termo “cultura” entrou no vocabulário moderno como uma declaração de intenções, o nome de uma missão a ser empreendida. O conceito de cultura era em si um lema e um apelo à ação. Tal como o conceito que forneceu a metáfora para descrever sua intenção (a noção de “agricultura”, associando os lavradores aos campos por eles cultivados), era um apelo ao camponês e ao semeador para que arassem e semeassem a terra infértil e enriquecessem a colheita pelo cultivo. (BAUMAN, 2013, p. 13).

É imperativo concordar com Bauman nestes aspectos, por sua contribuição teórica no conhecimento científico da Sociologia, na qual suas definições de cultura encontram amparo em anos de pesquisas sobre seus conceitos fundantes. Além disso, podemos observar em sua obra uma exaustiva revisão teórica sobre o termo “cultura”, já que o sociólogo revisita diversos autores que estudaram as origens e a história da palavra anteriormente. Assim como Elhajji e Zanforlin, Bauman nos concede um panorama conceitual e histórico sobre cultura e demonstra as inúmeras mudanças na denotação associada ao termo com o passar dos séculos. Por isto, apresentar, mesmo que de forma breve, este resgate realizado tanto pelo sociólogo polonês, quando por Elhajji e Zanforlin (2009), concede-nos uma base teórica para nuclear os sentidos da cultura de maneira resumida, com vistas a prosseguir no entendimento acerca do termo. Segundo os autores, por conseguinte,

[12] Para mais reflexões sobre o assunto, ver conceituações sobre cultura segundo a Escola de Frankfurt. “Dialética do Esclarecimento”, Adorno (1947); “Teoria Crítica”, Horkheimer (1937); “Cultura e Sociedade”, Marcuse (1997).

> O rearranjo conceitual, decorrente da conjuntura acima descrita, resultou num movimento político-organizacional em tripla hélice que veio ancorar o fenômeno da centralidade do cultural na cena contemporânea: de um lado, a politização da cultura e, por outro lado, a "culturalização" da economia e da política. A politização da cultura, fruto da invasão do centro da cena contemporânea por multidões de diferença ostentatória e de alteridade maciça, revogou solenemente a ideia de supremacia ocidental-branco-masculina e instituiu a diversidade (às vezes caótica) como norma social, política e estética. Além da formulação de políticas públicas de "reconhecimento" (Taylor, 1999) e a criação de centros e departamentos de estudos culturais e de gênero, a politização da cultura também se traduziu pelo uso das nomenclaturas identitárias e culturais como argumento histórico e referencial jurídico legal na disputa pelo poder simbólico. (ELHAJJI; ZANFORLIN, 2009, p. 6).

Na modernidade, podemos visualizar de maneira mais tangível esta transição dos conceitos ligados à cultura, pois, sob novas interpretações e significações, reflexo, obviamente, da evolução das identidades e da complexificação dos sujeitos, a "cultura" passa a ter um valor associado de maneira intrínseca ao "social". Assim, a cultura passa a ser um objeto científico de pujante utilidade para campos do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia e, finalmente, a Comunicação. Isto quer dizer que, na modernidade, com a possibilidade de conexões e formas de comunicação cada vez mais velozes e limites que outrora eram intransponíveis, a cultura da sociedade se redefine de acordo com estes avanços. Assim, Elhajji e Zanforlin (2009), ao entender as propriedades de uma nova cultura amparada na globalização e no avanço de tecnologias digitais, apontam para um novo conceito, que se adaptaria às características da sociedade moderna. O "interculturalismo", apontado pelos autores, seria essencialmente marcado pelas mídias digitais e a conexão entre pessoas de diferentes identidades, classes e experiências de mundo. Para os autores,

> Nesse cenário, [...] a interculturalidade surge como amparo fundamental para a negociação de pertencimentos de cidadãos cada vez mais globais, que possuem, ainda assim, todo um histórico pessoal identitário impossível de ser apagado em favor de alguma nova ou única identidade. O intercultural como possibilidade de comunicação entre diferentes assume a cultura como ponte para um diálogo nem sempre fluido, muitas vezes conflitante, porém, apoiado sob uma base de negociação constante e imprescindível. (ELHAJJI; ZANFORLIN, 2009, p. 11).

Assim, compreende-se que as conexões típicas da cibercultura concedem bases para o surgimento deste "interculturalismo" ao qual se referem os autores. Isto acontece porque, como Wolton (2004) defende, o ciberespaço corresponde a um local onde podemos exercer nosso desejo antropológico da comunicação (da relação de comunicabilidade) com os outros, mesmo não estando nos mesmos ambientes e podendo, inclusive, transpor as barreiras de espaço-temporal, isto é, no mundo moderno, o ciberespaço abre a possibilidade de

conversação em tempo real com alguém que está no outro hemisfério, num fuso-horário completamente avesso ao seu. Este compartilhamento e interatividade entre as identidades é o ideal do interculturalismo defendido por Elhajji e Zanforlin (2009).

Por outro lado, Wolton (2004) avança na reflexão sobre a cultura moderna e define uma terceira conceituação, sob um novo ponto de vista. Para o autor, o que se vivencia hoje é o advento de uma "sociedade da informação", marcada, primordialmente, por um *discurso cultural-modernista*, inaugurado pela popularização do *Macintosh*, nos anos 1980. Wolton acredita que a utilização das tecnologias informáticas rompe com a "velha' sociedade industrial" (2004, p. 353) e defende que as tecnologias, em especial a internet, encontram êxito em nossas aspirações antropológicas pela comunicação, visto que "o sucesso da internet não decorre apenas do fato de que se trata do símbolo de uma geração e da modernidade, mas também de que resolve certas angústias culturais, contemporâneas" (WOLTON, 2004, p. 342). O autor argumenta que uma destas angústias resolvidas pelas tecnologias é justamente uma resposta ao que ele denomina como "angústia antropológica moderna". Mesmo utilizando termos que parecem antônimos, Wolton relata que este antropológico moderno se refere à necessidade de comunicação: o homem, antropologicamente, demonstra-se como ser que necessita estar em contato com o outro e se fazer entender; já o "moderno", no entanto, refere-se a esta comunicação propiciada na era das redes.

A internet, segundo Wolton (2004), resolve alguns dos problemas mais comuns da comunicação, como o contato direto. Segundo o autor "com efeito, a vantagem dos dispositivos técnicos é limitar a relação frente a frente" (p. 343), isto é, as tecnologias, em nosso tempo, possibilitam uma maior comunicabilidade com quem quer que seja, não impondo a necessidade do "estar em contato" de fato. Wolton considera esta a característica mais significativa da cultura moderna: o ato de "comunicar, mas sem as complicações impostas pelo outro" (WOLTON, 2004, p. 343). Assim, a chamada "sociedade da informação" a qual o autor se refere, é marcada, principalmente, pela transposição das barreiras culturais, lançando em um mesmo espaço (o ciberespaço, a rede), a possibilidade do compartilhamento de informação e de interatividade entre os sujeitos. Estes fatores fazem surgir uma nova cultura, enfim, a cibercultura. Ressalte-se que, enquanto termo e significação, a cibercultura será apresentada e refletida de maneira ampla no próximo capítulo.

Ao avançar nas considerações acerca da cultura e suas ligações com a comunicação e a tecnologia, encontramos em Gonçalves (2009) uma reflexão sobre a tecnologia que mais impactou as formas culturais da sociedade: a invenção da escrita. Assim, por outro ponto de vista, entendendo a *comunicação como forma de cultura*, Gonçalves (2009) realiza uma

reflexão sobre como a escrita condicionou modificações nas bases da sociedade e seu *modus operandi*. A sociedade, que antes era marcada principalmente pela tradição oral, passava a ter a possibilidade de agir por meio do alfabeto e esta tecnologia, surgida, ao que os manuais de história indicam, no Egito Antigo, cerca de 2000 anos a.C., passou a condicionar o desenvolvimento, principalmente, da administração, do direito e da economia, à época. O autor, por seu turno, realiza a tentativa de afastar-se de determinismos tecnológicos, analisando principalmente "o modo como a escrita produz efeitos sociais nas culturas em que age" (2009, p. 29), deixando clara a sua intenção em refletir sobre os aspectos culturais desenvolvidos a partir da escrita. Assim, o autor estuda os efeitos da invenção do alfabeto – que, segundo ele, deve ser considerada como uma "tecnologia de comunicação" – principalmente no que diz respeito às consequências macrossociais, econômicas e políticas surgidas após a escrita.

Em seu texto, o autor reflete sobre "a relação entre tecnologia de comunicação e cultura, tomando o caso específico da escrita e de seus efeitos socioculturais amplos" para refletir sobre os usos sociais desta. Além disso, o autor, ao assumir como pressuposto o fato de "que a escrita deve ser considerada tecnologia de comunicação e de que enquanto tal afeta o meio em que opera" (GONÇALVES, 2009, p. 28), busca refutar as visões deterministas que defendem a metáfora do impacto das tecnologias na sociedade em detrimento de uma percepção que privilegia o entendimento de que as tecnologias dão condições para as mudanças no ambiente social, mas, de maneira alguma as determinam.

Ancorado em autores como McLuhan e Havelock, Gonçalves (2009) discorre sobre o já saturado argumento que coloca a tecnologia como centro das mudanças na sociedade, elaborando uma crítica sutil ao determinismo tecnológico escancarado nessa premissa. Para tanto, o autor apresenta as posições dos autores acima citados e afirma que "a questão que nós, por nosso turno, podemos colocar a todos eles **(os autores deterministas)** se refere ao modo de ação da tecnologia de comunicação no corpo social" (GONÇALVES, 2009, p. 33, grifo nosso). Segundo este entendimento, as tecnologias concedem bases para avanços no ambiente social, cujos impactos de fato respingam na cultura da sociedade. A escrita, como primeira tecnologia que mais *impactou* a cultura da sociedade, nestes termos, é o maior exemplo da força que uma tecnologia pode ganhar quando há a adesão pelas camadas sociais. A invenção da escrita, por consequência, revolucionou a maneira como as narrativas eram contadas, causando, essencialmente, alterações no modo como era realizada a comunicação entre os sujeitos.

Ao analisar todos estes autores, não há como ignorar as ligações que existem entre a cultura, a tecnologia e a comunicação. A tríade que escolhemos para iniciar nossa pesquisa se relaciona quase que de maneira orgânica desde as origens da humanidade, visto que as aspirações antropológicas de comunicação inatas ao ser humano resultam em modos de comunicabilidade diversos, como no caso da escrita. Estes avanços de comunicação, aportados pelas tecnologias, portanto, causam profundas mudanças na cultura das sociedades, visto que essa se baseia nas trocas simbólicas como modo de se exprimir e, principalmente, na transmissão de valores, costumes, hábitos, etc. Com o passar do tempo, todos estes três termos sofreram modificações conceituais, chegando ao que chamamos hoje de modernidade[13].

Hoje, mais do que uma cultura de consumo, como expõe Bauman (2013), ou um interculturalismo, como propõe Elhajji e Zanforlin (2009), vivemos uma cultura digital marcada pela herança antropológica da necessidade de comunicação, segundo Wolton. O ambiente virtual, inaugurado pela inserção da internet nas camadas sociais, faz surgir novas formas de comportamento, novos hábitos e, como consequência, uma nova cultura também nasce neste espaço (no ciberespaço, rede). É necessário, obviamente, refletir sobre as raízes da cultura, mas é imperativo admitir que hoje essa mesma cultura encontra-se em reordenamento, sendo modificada não apenas pela liquidez dos tempos, mas também pela hibridez das cidades e das identidades na contemporaneidade. Como afirmaram Elhajji e Zanforlin (2009), a cultura nada mais é do que um espelho discursivo do real, assim, a cibercultura em que vivemos hoje é essencialmente um reflexo dos sujeitos líquidos da modernidade, ávidos por informação, conexão e, por ainda mais, tecnologias que supram estas necessidades.

[13] Como indica Souza "é preciso lembrar que esse período **também** é tratado por outros autores como pós-modernidade, modernidade tardia, hipermodernidade" (2014, p. 01, grifo nosso).

3 A CIBERCULTURA

3.1 A INTERTEMPORALIDADE TÉCNICA E OS PIONEIRISMOS NA CIBERCULTURA

A humanidade é, desde seus primórdios, permeada por paisagens construídas pelos reflexos da técnica gerada por ela própria. Um exemplo disto é o homem das cavernas, entendido historicamente por sua habilidade técnica, mesmo que rudimentar, comprovada pelas suas tradições de caça, moradia e desenhos primitivos. A sociedade contemporânea que hoje sistematiza eletronicamente os serviços que outrora eram realizados apenas pelas mãos, é a mesma que lá atrás inventou o fogo, e, posteriormente, codificou/decodificou suas linguagens orais como língua escrita. Pode-se afirmar, amplamente, que a evolução da técnica é a mesma história da evolução do ser humano, já que ao longo do tempo foram as necessidades humanas que desenharam o horizonte do desenvolvimento tecnológico.

O homem que fazia marcações nas pedras é aquele mesmo que atualmente projeta aviões e engendra espaçonaves. Não é nenhum determinismo tecnológico afirmar que a cultura da sociedade contemporânea caminha a passos cada vez mais rápidos no sentido das evoluções técnicas, pois basta um olhar dinâmico para as ações cotidianas para perceber a presença da técnica na vida humana: do uso intensivo de celulares conectados à internet, convergindo com câmeras, calculadoras e tantas outras funções que antes eram separadas e analógicas, até a tecnologia dos aparelhos de transmissão de sinal digital conectados aos televisores com imagem e som cada vez mais definidos; a tecnologia que também está presente nos alimentos que consumimos, na medicina, na engenharia, no jornalismo; na maneira como agimos e nos comunicamos; e em uma infinidade de outros exemplos configura o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (1999, p. 17) que Lévy, pioneiramente, denominou como cibercultura.

As paisagens técnicas às quais aqui nos referimos são todas estas presenças (instrumentos) e virtualidades (redes) das tecnologias inseridas na vida humana desde sua mais remota existência. A técnica, por sua vez, é o impulso de profundas e invariáveis transformações na sociedade, entretanto, é preciso ressaltar que a técnica em si não realiza efetivamente nenhuma mudança no cotidiano. Ao contrário, ela é apenas um suporte para que mudanças possam acontecer. Este é o debate já bastante saturado, proposto por Lévy na década de 1990, sobre como a tecnologia condiciona mudanças na sociedade. Apresentamos

esta pequena reflexão justamente para fugir dos determinismos tecnológicos, tão presentes nos discursos tecnófobos ou conservadores midiáticos apresentados e criticados por Rüdiger (2011).

Assim, consideramos que a técnica, de fato, dá condições para que ocorram determinadas transformações na sociedade. Como exemplo, podemos citar a invenção do estribo, na era feudal. Lévy considera que a invenção do estribo pode ter contribuído para o avanço do feudalismo europeu, pois possibilitou maior estabilidade de cavaleiros em cima de seus cavalos. Segundo o autor,

> A invenção do estribo permitiu o desenvolvimento de uma nova forma de cavalaria pesada, a partir da qual foram construídos o imaginário da cavalaria e as estruturas políticas e sociais do feudalismo. No entanto, o estribo, enquanto dispositivo material, não é a causa do feudalismo europeu [...]. Podemos dizer, em contrapartida, que, sem o estribo, é difícil conceber como cavaleiros com armaduras ficariam sobre seus cavalos de batalha e atacariam com a lança em riste... O estribo condiciona efetivamente toda a cavalaria e, indiretamente, todo o feudalismo, mas não os determina. (LÉVY, 1999, p. 25).

Sob nosso crivo, foi Lévy quem primeiro relacionou, de forma sem precedentes, nos anos 1990, as questões das técnicas, nelas enxergando o fenômeno da cibercultura de maneira plural e pensando em suas implicações na sociedade, na educação, na comunicação e no espaço urbano. Por este pioneirismo é que iniciamos a discussão sobre o assunto com o autor francês, e mesmo que ele seja considerado simplista e até mesmo excessivamente entusiasta da tecnologia[14], não podemos ignorar sua contribuição de vanguarda para o campo em estudo.

Uma das maiores contribuições de Lévy, entretanto, não está no fato de ter pensado sobre a inteligência coletiva[15], ou sobre a problematização dos termos "cibercultura" e "ciberespaço", previamente existentes. Ao contrário, sua maior contribuição foi ter ido além dos conceitos, refletindo de forma inovadora sobre a inerente presença humana em todo aparato técnico. Isto pode ser verificado a partir desta passagem, quando relata que, para ele, "o mundo humano é, ao mesmo tempo, técnico" (1999, p. 22). Este pensamento, muito influenciado pela sua formação em Filosofia, pretende destacar o fator social (o ser humano) intrínseco ao ambiente tecnológico:

[14] Algumas posições de Lévy encontram-se defasadas em diversos pontos, principalmente porque suas pesquisas foram realizadas nos anos 1990 e, desde então, as tecnologias digitais avançaram vertiginosamente. Alguns de seus conceitos, por esta razão, já foram superados pelas próprias tecnologias digitais e também pelas importantes obras de autores mais atuais, como as de Manovich (2001), Papacharissi (2009) e O'Riordan (2012).
[15] *Les Technologies de l'intelligence*. Éditions La Découverte, Paris, 1990.

> É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como os signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial – das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. (LÉVY, 1999, p. 22).

Assim explicitadas as primeiras questões sobre a cibercultura, passamos a realizar um percurso cronológico que compreende as eras da técnica até chegar no principal fator de desenvolvimento desta área de cultura tão específica: a invenção e disseminação exponencial e global da internet e o aprimoramento das ferramentas digitais online e dispositivos tecnológicos. O que se destaca, no entanto, é que esta cronologia é permeada pela tecnologia em suas diversas formas. É interessante, pois, verificar como a evolução apresentada a seguir vai acompanhando as ambições humanas, que ao se modernizar, também coloca nas suas técnicas certos desejos de transcendência.

3.2 ERAS DA TÉCNICA: DO RUPESTRE AOS MAQUINISMOS

A técnica (e em consequência, a tecnologia) faz parte do cotidiano humano há séculos, como já explicitamos anteriormente. Pode-se citar os exemplos das técnicas topográficas, da edificação das imponentes pirâmides no Antigo Egito, do surgimento das primeiras cidades organizadas, impérios e desenvolvimento dos transportes e da escrita na Grécia Antiga (CASTELLS, 1999, p. 353). O que chamamos de "tecnocultura", portanto, precede o ambiente virtual – ciberespaço, que será tratado a seguir – também denominado como "rede", segundo Lévy (1999). Se pensarmos que tecnocultura é a cultura do homem técnico (e que o homem é técnico desde sua existência) e que cibercultura é a cultura do homem técnico conectado, informático e digital, podemos inferir que a cibercultura é uma extensão (uma evolução) da tecnocultura, e que esta segunda, traz em si a herança da tradição técnica cultivada há milhares de anos. Portanto, o homem mantém uma tradição técnica ao longo de sua existência e, historicamente, esta constatação foi ganhando diferentes definições, nomeações e significações.

Para André Lemos, pesquisador brasileiro com formação em Sociologia endossada pela avaliação presencial de Pierre Lévy[16], o fenômeno tecnológico tem origens na pré-história e é inaugurado pelos "primeiros sistemas técnicos", que se configuram a partir de dois

[16] O livro *"La Cyberculture. Les Nouvelles Technologies et la Société Contemporâine"* de André Lemos é o resultado de sua tese de Doutorado em Sociologia pela *Université Paris Descartes V*. A tese foi orientada por Michel Maffesoli e aprovada em banca composta pelo filósofo Pierre Lévy, André Akoun e Pierre Fougerollas.

motivos principais: “a potência dos deuses e a imitação da natureza”. Segundo Lemos (2002), a técnica pré-histórica nasce como “desvio e imitação da natureza, segundo moldes cedidos por deuses ancestrais” (2002, p. 39). Lemos explica a afirmação, apresentando que “a mitologia grega está cheia de exemplos dessa potência divina. O homem torna-se um inventor, um demiurgo, profanador do universo sagrado, sendo aquele que ‘não recebe mais: ele inventa’” (LEMOS, 2002, p. 39). Importante ressaltar que, desde sua gênese, o fenômeno técnico está envolto de uma determinada mística que passa por todas as fases de seu desenvolvimento.

Erick Felinto, pesquisador brasileiro que também se dedica a estudar o fenômeno da cibercultura, escreveu em artigo publicado na revista E-Compós, em 2011, sobre esta mesma mística, mas em torno da palavra “cibercultura”, enfatizando a ascensão de seu uso, assim como seu declínio, na virada do século XX para o século XXI. No título, ele se refere à cibercultura como uma “palavra quase mágica”, realizando uma clara referência aos exercícios futuristas que alguns pesquisadores da área (principalmente em âmbito internacional, como Negroponte, 1995) faziam ao prever que a tecnologia (cibernética e informática) seria o grande motor das mudanças do século XX e XXI. Em muitas leituras sobre o assunto podemos detectar que alguns teóricos da cibercultura se posicionavam de maneira bastante determinista em relação às tecnologias, alguns, em casos mais extremos[17], ainda viam as tecnologias como “entidades”, revelando certo “endeusamento” destas que seriam possuidoras de uma mente autônoma do ser humano. Com o passar do tempo esta visão determinista perdeu prestígio em detrimento de outras tantas que complexificam a relação homem-técnica e enfatizam, com muita frequência, o domínio humano sobre suas invenções. Hoje, no entanto, já se falam em seres pós-humanistas[18] que seriam os herdeiros do ambicioso plano cibercultural de virtualização da vida.

O horizonte das pesquisas teóricas sobre a cibercultura demonstra que as teorias acerca da cultura técnica são tão complexas quanto a sociedade em que vivemos, que é difusa, heterogênea e quase incompreensível em sua totalidade, e “sem dúvida, a multiplicidade de sentidos e fenômenos abarcados pelo termo “cibercultura” encontra uma significante convergência em sua função didática e em sua tranquilizadora reafirmação de um progresso constante” (FELINTO, 2011, p. 2), ou seja, os estudos na área são um reflexo da desconcertante natureza da sociedade: ambos, complexos em sua essência. O que queremos

[17] Os extremismos aparecem principalmente em narrativas ficcionais. Para exemplos de autores extremistas do ambiente acadêmico, ver as classificações de Felinto (2007) e Rüdiger (2011).

[18] Ver Santaella (2007); Rüdiger (2011).

destacar é que o fenômeno técnico (e a cultura que este enseja) está envolvido por diversas representações (imaginários) ao longo da história, como argumenta Josgrilberg (2005), quando expõe que

> Há propostas que tratam da tecnologia em termos de meios materiais e, em outros casos, como técnica social (processos, saber sistematizado) de organização do espaço e da sociedade. Em outras perspectivas, as técnicas também podem ser entendidas como inerentes ao ser humano e as tecnologias, como os meios. (JOSGRILBERG, 2005, p. 279).

Podemos vislumbrar os simbolismos que a técnica "assume em épocas distintas até chegarmos à contemporaneidade" (LEMOS, 2002, p. 39). Para Lemos (2002, p. 39), "ligado à complexidade das culturas, todo sistema técnico é marcado por incoerências, bloqueios, paradoxos e conflitos, da Antiguidade aos nossos dias" e isto pode ser observado quando o fenômeno técnico evolui de suas origens pré-históricas, passando pelas primeiras civilizações, como a dos gregos, quando "surgem sociedades estruturadas a partir de um poder hierarquizado", época marcada pelo "crescimento das primeiras cidades e impérios", e também pelo "surgimento da escrita, do desenvolvimento dos transportes, da metalurgia e da arte da guerra. Essa conjuntura vai formar o primeiro sistema técnico coerente da humanidade" (LEMOS, 2002, p. 41), passando também pela Idade Média (era da energia), pelo Renascimento (era do maquinismo), até chegar à crucial Revolução Industrial, em meados do século XVIII.

André Lemos elabora um esboço da evolução da técnica permeada pelos principais marcos históricos da humanidade. Para ele, o Renascimento deve ser reconhecido como a "era do maquinismo", pois nesta época é que começam a ser implantadas de forma sistematizada determinadas técnicas que concederam maior progresso em relação àquelas existentes até então. O autor considera que

> o surgimento do sistema 'biela-manivela' vai proporcionar uma verdadeira revolução maquínica cuja performance estava limitada à utilização de madeira. O maquinismo do Renascimento será, então, formador de um sistema técnico demandante de energia, fazendo do século XV o terreno de uma primeira revolução formada pela tríade bússola, pólvora e imprensa. (LEMOS, 2002, p. 45).

Ainda sobre o Renascimento, Lemos levanta outro ponto que deve ser destacado, já que, segundo o autor, este período não está marcado apenas pela revolução técnica, mas também pela ascensão da razão, marcada principalmente por uma ruptura epistemológica que "prepara o imaginário social para o surgimento da modernidade" (LEMOS, 2002, p. 45). Isto

sem falar em toda a revolução estética e artística própria do período. Posteriormente, a Revolução Industrial (a partir da metade do século XVIII) inaugurava uma profunda transformação inédita na história da humanidade, protagonizando acontecimentos importantes da época, como a invenção da máquina a vapor (e a consequente transição do trabalho manual/artesanal para a produção por máquinas), a utilização de carvão em detrimento da madeira e a expansão, bem como o melhoramento, da energia elétrica.

Após o século XIX, com sistemas baseados na eletricidade, na exploração de petróleo e nos motores, estabelece-se, de fato, a ascensão da era civilizacional, motivada pela tecnocultura. É nesta época que a humanidade presencia o surgimento da informática, da robótica e da virtualização da informação: o mundo adentrava a chamada modernidade. Não por acaso, nesta época é que eclodem as duas Grandes Guerras Mundiais (I Guerra Mundial – 1914, II Guerra Mundial – 1939), essenciais para o impulso tecnológico na época.

Nesta conjuntura histórica, já no século XX, configura-se a era das redes telemáticas e nascem os primeiros computadores, que nada mais eram do que "calculadoras programáveis capazes de armazenar os programas" (LÉVY, 1999, p. 31). Segundo Lévy (1999), os computadores "surgiram na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1945" e estavam reservados, por muito tempo, para uso militar, sendo disseminados para uso civil apenas após os anos 1960.

> Os computadores ainda eram grandes máquinas de calcular, frágeis, isoladas em salas refrigeradas, que cientistas em uniformes brancos alimentavam com cartões perfurados e que de tempos em tempos cuspiam listagens ilegíveis. A informática servia aos cálculos científicos, às estatísticas dos Estados e das grandes empresas ou a tarefas pesadas de gerenciamento (folhas de pagamento, etc.). (LÉVY, 1999, p. 31).

Os computadores, no entanto, foram evoluindo e abrindo novos horizontes no mercado mundial: primeiro a robótica, depois a digitalização da informação e, por fim, a internet e seus navegadores. Segundo Castells (1999), desde os anos 1980, novas tecnologias começaram a revolucionar o mundo da mídia e reconfigurar o que até então se chamava de "comunicação de massa". O autor relembra que, à época,

> Aparelhos do tipo *walkman* transformaram a seleção pessoal de música em um ambiente de áudio portátil, dando oportunidade às pessoas, em particular aos adolescentes, de construir suas paredes de sons contra o mundo exterior [...]. Os videocassetes explodiram em todo o mundo e tornaram-se, em muitos países em desenvolvimento, importante alternativa à enfadonha programação da televisão oficial. (CASTELLS, 1999, p. 362).

Além destes, Castells cita muitos outros exemplos para ilustrar a revolução tecnológica na segunda metade do século XX. Embora reconheça o poder da televisão (citando muitas vezes McLuhan como referência), Castells defende que a verdadeira revolução do século XX veio com o que o autor chama de "a cultura da virtualidade real", protagonizada pela digitalização da informação, com a criação de *softwares*, redes de conexão entre computadores, navegadores e a internet. Além disso, pode-se inferir, com base em Castells (1999), que esta pode ser considerada como a revolução mais significativa desde a invenção da escrita, justamente porque rompe com a cultura de massa tradicional, enseja novos desafios e conflitos na sociedade e reforma a dinâmica social/cultural/econômica na modernidade. Contudo, é quando o autor fala sobre "a constelação da internet", fazendo uma metáfora com a astronomia, que Castells concede as bases para o que ele afirma ser a nova cultura da "sociedade em rede" (1999, p. 369).

3.3 A ERA DO CIBERESPAÇO: DIMENSÃO ATUAL DA CIBERCULTURA

Manuel Castells desenha, em linha cronológica – de modo semelhante ao percurso realizado por Lemos, que apresentamos acima – todos os marcos que culminaram na criação da internet e sua posterior aderência às camadas sociais (é sabido que antes de sua popularização, esta tecnologia era utilizada apenas em contextos bastante exclusivos, como os setores acadêmicos e militares). Castells afirma que a "internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores" (1999, p. 369), entretanto, antes de a internet ser a rede que conhecemos hoje, foi precedida de inúmeras tentativas de conexão, idealizadas por estudantes de tecnologia, principalmente nos Estados Unidos, na costa oeste americana, o chamado Vale do Silício, onde ficam as universidades do estado da Califórnia.

Castells defende que a internet é uma "rara mistura de estratégia militar, grande cooperação científica e inovação contracultural" (1999, p. 375), já que resulta desta tríade a base que a sustenta. Antes dela, no entanto, outras tentativas de interconexão entre computadores foram efetuadas. O caso mais conhecido é o da Arpanet (*Advanced Research Projects Agency Network*), rede estruturada para atender demandas militares e idealizada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Castells descreve que a Arpanet fora utilizada em ambientes tanto militares quanto científicos e "até certo ponto, ficou difícil separar a pesquisa voltada para o setor militar da comunicação científica e as conversas pessoais", já que em determinado momento alguns "cientistas começaram a usá-la para todos os tipos de comunicações" (CASTELLS, 1999, p. 376), ou seja, como bate-papo e troca de mensagens.

Como consequência desta dificuldade em estabelecer um limite entre as pesquisas científicas e as possibilidades de conexão e comunicação com outras pessoas, em 1983, menciona Castells, "houve uma divisão entre a Arpanet, dedicada a objetivos científicos, e a Milnet diretamente voltada a aplicações militares" (CASTELLS, 1999, p. 376).

Paralelamente aos esforços do Departamento de Defesa dos EUA, outra organização se dedicou à criação de uma rede inteligente de conexão entre computadores. A Fundação Nacional da Ciência, também nos EUA, "se envolveu com outra rede científica nos anos 80, a CSNET, e – em cooperação com a IBM – criou ainda uma outra rede para estudiosos de matérias não-científicas, a BITNET" (CASTELLS, 1999, p. 376). Ainda assim, todas as redes que surgiram após a Arpanet utilizavam sua estrutura como sistema de comunicação e, por esta razão, ela ficou conhecida como "a rede das redes". Algum tempo mais tarde, surgiu, proveniente da Arpanet, a internet, que passou a ser distribuída para ambientes fora do eixo acadêmico-militar.

Por sua vez, a Arpanet não suportava tamanha expansão na quantidade de usuários e de informação circulando em sua "autoestrada" e, por esta razão, "para ser capaz de manter o fantástico crescimento de volume de comunicação, a tecnologia de transmissão teve de ser aperfeiçoada" (CASTELLS, 1999, p. 376), já que à época, a conexão era realizada por *links* de 56 mil *bits* por segundo.

> Em 1992, a NSFNET, a rede principal antes da Internet, operava a velocidades de transmissão de 45 milhões de *bits* por segundo: capacidade suficiente para enviar 5 mil páginas por segundo. Em 1995, a tecnologia de transmissão usando *gigabits* estava no estágio de protótipo, com capacidade equivalente à transmissão de toda a Biblioteca do Congresso Norte-Americano em um minuto. (CASTELLS, 1999, p. 376).

Esta expansão na capacidade de transmissão de dados, no entanto, ainda não era suficiente para formar uma rede mundial de conexões como conhecemos hoje. Além disso, na época os computadores operavam com *softwares* rudimentares, a comunicação era feita por meio de correio eletrônico (*e-mails*) e os navegadores (*Internet Explorer*, da *Microsoft*, *Safari*, da *Apple*, *Google Chrome*, da *Google Inc.*, e o *Mozila Firefox*, por exemplo) tampouco existiam. Aos poucos a tecnologia da internet foi se aperfeiçoando e com os *modems* foi possível levar a internet para dentro das casas de pessoas comuns, fora do âmbito científico. Os *modems* também foram responsáveis pelo melhoramento do sinal de internet e pela expansão da conexão entre a fonte e os receptores, o que deu bases mais sólidas para expandir a internet e formar a nova rede mundial de computadores.

Foi entre os anos de 1989 e 1992 que um físico, cientista da computação e professor do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) chamado Tim Berners-Lee criou a *World Wide Web* (rede mundial de computadores ou WWW). A ideia do cientista era conectar pessoas a um servidor, utilizando um tipo de interface que fosse mais acessível aos usuários. Entretanto, quando a internet começou a ser popularizada, suas páginas constituíam uma diminuta rede de pesquisa, com conteúdo bastante reduzido (nada comparado à ferramenta de busca da *Google* que dispomos hoje). O *Google* surgiu algum tempo depois dos primeiros navegadores iniciarem esta incursão na rede para desbancar empresas como a *Yahoo*, uma das primeiras organizações privadas a investirem em sites de pesquisa online.

O documentário "A Verdadeira História da Internet[19]" explica, em quatro capítulos, como a internet se consolidou do modo como a conhecemos hoje. Um dos episódios fala exclusivamente da "batalha dos navegadores" e da concorrência gerada entre as empresas que mais investiam em tecnologia no Vale do Silício. No documentário, o jornalista John Helemann revela que a era da internet "começou com uma luta de poder para decidir quem controlaria o futuro da rede emergente". Esta "luta" a qual o jornalista se refere é a guerra entre as empresas de desenvolvimento de navegadores, proclamada pela primeira interface de navegação gráfica, elaborada em 1993 por jovens universitários da Ciência da Informação da Universidade de Illinois, o *Mosaic.*

Algum tempo depois, a *Microsoft*, atenta ao sucesso que os navegadores estavam fazendo no mercado tecnológico (e percebendo nesta expansão exógena uma possibilidade de concorrência), também desenvolveu uma interface gráfica para facilitar o acesso à internet, criando em 1995 o *Internet Explorer* (IE). O navegador foi introduzido no sistema operacional de todo o computador fabricado pela empresa, fazendo com que o usuário, assim que adquirisse um computador da marca, já obtivesse o seu navegador sem precisar se submeter a um *download* (o *Mosaic, Netscape* e outros navegadores que o precederam precisavam ser baixados no computador para, somente depois disso, o usuário se conectar à internet utilizando a interface). Isto pode ser facilmente observado até os dias de hoje, já que mesmo com diversas atualizações nos navegadores, a *Microsoft* continua a disponibilizar o IE em seus *Personal Computers* (PCs).

Internacionalmente, Castells (1999) realiza uma vasta descrição do surgimento da internet em um capítulo de seu livro "A Sociedade em Rede", e o jornalista acima citado,

[19] Produzida por John Helemann, em 2008, a série documental "A Verdadeira História da Internet" traça um perfil econômico, social e cultural da identidade da rede mundial de computadores. Disponível para assistir online, no *YouTube*: <https://www.youtube.com/watch?v=MeqxcMEO4Ig>.

John Helemann, documenta, de forma didática e descontraída, toda a trajetória da rede em quatro episódios da série “A verdadeira história da Internet”, que está disponível para ser visualizada em vídeo traduzido para o português no *YouTube.* Em âmbito nacional, autores como Francisco Rüdiger e André Lemos também realizam o esforço de resgatar as origens da internet e da tecnologia da sociedade. Sendo assim, destacamos que estes autores em especial, e outros ainda, já registraram de forma extensiva e bastante completa a história da internet, cabendo ao nosso trabalho apenas este resumo neles baseado, para situar o contexto no qual nossa pesquisa se insere.

3.3.1 Cibercultura: as práticas do homem moderno

Até então, como vimos em Lemos (2002), a cibercultura já estava virtualmente inserida na história da humanidade, visto que as tecnologias avançavam rapidamente em nossa cultura e cotidiano. Mesmo ao se levar em consideração que a técnica evolui juntamente com a evolução da sociedade, e que, por esta razão, a cultura técnica é muito mais antiga, ainda assim, “do ponto de vista mais imediato, os fundamentos do fenômeno podem ser ligados, porém, à criação de um sistema de comunicação por meio de computadores” (RÜDIGER, 2011, p. 17), a internet. A cibercultura, enfim, tornava-se uma palavra apropriadamente utilizada para definir este novo modo de ser e agir que se expandia do offline para o interior do ciberespaço. Contudo, antes de pensarmos na cultura que nasce com o desenvolvimento tecnológico, temos de pensar neste ambiente no qual esta cultura emerge: o ciberespaço.

Aparentemente, a origem da palavra “ciberespaço” remete ao livro “*Neuromancer”* de William Gibson, publicado em 1984. Segundo Martino (2014), o conceito, no livro, “referia-se a um espaço imaterial ao qual seres humanos eram conectados através de aparelhos eletrônicos” (MARTINO, 2014, p. 29). Anos mais tarde, coube a Lévy amplificar sua definição, relacionando o ciberespaço com a emergência de um novo campo, ligado a “um movimento geral de virtualização da informação e da comunicação” (LÉVY, 1999, p. 32). Para o autor, o ciberespaço é um sinônimo de “rede”, e simboliza “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores” (LÉVY, 1999, p. 17). Lévy conceitua o “ciberespaço” afirmando que “o termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (idem).

A internet ou ciberespaço – ou ainda, a rede –, com seu êxito comercial e social, consagrou de uma vez por todas a era da cibercultura como a nova forma da cultura contemporânea, ou a cultura digital, como prefere chamar Felinto (2011). Para Lemos (2002), a partir desta última fase da modernidade é que o fenômeno técnico eclode com maior abrangência, inaugurando mundialmente a etapa considerada como "a fase da ubiquidade, a fase da simulação, a fase da cibercultura" (LEMOS, 2002, p. 54). Isto devido ao fato de que nunca antes na história da humanidade, as fronteiras espaço-temporais haviam sido transpostas de forma tão efetiva: a internet possibilitava, enfim, a conversação em tempo real com um usuário radicado no outro lado do mundo, com fuso-horário completamente diferente e há milhares de quilômetros de distância.

Expomos a conceituação em torno do ciberespaço justamente porque, para compreender a cultura contemporânea, precisamos voltar a atenção para o espaço onde esta cultura se desenvolve. A cibercultura, como já citamos anteriormente, é definida por Lévy como um conjunto de performances que se expandem juntamente com a ampliação do ciberespaço, sendo assim, seria um reducionismo conceituar apenas a cibercultura, sem nos voltarmos para suas origens históricas e sociais. Podemos constatar, ao examinarmos todas as chamadas "fases" da técnica na sociedade, que à medida que os indivíduos foram inventando, sonhando e empreendendo tecnologicamente, suas formas de pensamento também foram transformadas, resultando assim em oscilações também na cultura destes sujeitos, cada vez mais expostos ao fenômeno técnico adjacente às suas necessidades. Sendo assim, defendemos aqui que a cibercultura sempre existiu, (porém, como já apresentamos de forma extensiva anteriormente, com outras denominações e em outros contextos) desde a invenção dos artefatos de caça (como um exemplo da habilidade técnica pré-histórica), até os dias em que vivemos: a cibercultura está intrínseca à história do desenvolvimento do homem e das sociedades.

Ressaltamos ainda, que, historicamente, cibercultura é um termo muito mais ligado ao prefixo "ciber", alinhado à cibernética e aos automatismos que foram protagonistas antes do século XX. Atualmente, o termo apresenta alterações em seu significado, com pesquisas muito mais voltadas ao sufixo "cultura" e às complexas relações entre homem e internet. Rüdiger (2011) resume bem estes movimentos quando afirma que,

> o maquinismo se converteu nos últimos tempos em eletrodoméstico ou série de aparelhos portáteis que, mais e mais, coordenam, medeiam e agenciam não só as atividades da casa, mas movimentam as ligações do sujeito com nossa civilização planetária. Os negócios, comunicações, pesquisas, lazeres e atividades profissionais para não falar das relações de poder e os laços de afetividade, [...] formam uma rede

> de trocas e ações cujo sentido dominante, todavia, não é técnico, mas de ordem social, espiritual e histórica. (RÜDIGER, 2011, p. 14-15).

Lemos (2002, p. 25) afirma que “durante todo esse trajeto, a tecnologia ganhou significações e representações diversas, em um movimento de vaivém com a vida social”, ou seja, se nos anos 1960 se falava em cibercultura para referir-se ao desenvolvimento proveniente da revolução industrial, e posteriormente da cibernética e dos autômatos, a partir dos anos 1990 as reflexões em torno da cibercultura superam a discussão apenas acerca da tecnologia (da técnica) em si e avançam para a sua complexa e íntima associação com o homem e sua cultura. É chegada a era do humanismo.

A intertemporalidade técnica, como denominamos o item no início deste capítulo, vem justamente deste movimento evolutivo do homem, pois toda técnica é resultado imediato de uma aspiração social/humana e que transcende as barreiras temporais. Sob este aspecto, ainda, acrescentamos o fato de que, enquanto signo, a palavra cibercultura passou por uma antagônica transição: do maquinismo ao humanismo. Este é o pensamento que leva em consideração a passagem dos estudos em cibercultura que antes focavam no prefixo “ciber” para aqueles que começam a problematizar a cibercultura por seu sufixo “cultura”, relativizando o papel das máquinas em detrimento de uma reflexão embasada na ação sociológica, antropológica e filosófica que está por trás das técnicas. O humanismo (ou concepção antropológica da técnica) é a era em que começamos a perceber o tão conhecido fator humano por trás do fenômeno técnico (LÉVY, 1999; LEMOS, 2002; RÜDIGER, 2011).

3.3.2 Os pioneirismos teóricos na cibercultura

A cultura tecnológica despertou, em anos recentes, o interesse de diversos pesquisadores que viram na emergência do ciberespaço, como adiantamos acima, uma revolução não apenas tecnológica, mas social. Os estudos em cibercultura começam a ganhar notoriedade no século XX, em âmbito internacional, e Marshall McLuhan e Manuel Castells podem ser considerados autores clássicos da área. Vamos explorar, mesmo que brevemente, alguns dos conceitos mais difundidos destes autores, a fim de iniciar uma incursão teórica sobre os estudos em cibercultura. Percebe-se que todos estes autores demonstram fortes aproximações com os campos da Sociologia, da Antropologia ou da Filosofia. Os três teóricos formam um grupo de outros tantos autores que, instigados pelo devir tecnológico eletrônico, e depois digital, se dedicaram a estudá-lo teoricamente, levando em consideração,

principalmente, as particularidades próprias do indivíduo e da coletividade na cultura contemporânea.

Nos anos 1970, época anterior à revolução digital provocada pela internet, McLuhan colocava que a tecnologia poderia ser considerada uma extensão do próprio corpo humano, potencializando suas ações, na sua conhecida teoria sobre os "meios de comunicação como extensões do homem". O autor explora "os contornos dos nossos próprios seres, prolongados em nossas tecnologias, buscando um princípio de inteligibilidade em cada um deles" (MCLUHAN, 1974, p. 20). Para exemplificar sua tese, o autor realiza uma analogia com o divã do psicanalista: para ele, o divã prolonga o próprio ser e faz parte da extensão do corpo humano no momento de uma consulta. Para o autor, o mesmo acontece com as tecnologias (importante ressaltar que McLuhan falava das novas mídias do século XX, como o rádio, a televisão e os primeiros computadores). Posteriormente, refutado por muitos autores, McLuhan também traz à luz o termo-conceito "o meio é a mensagem", em uma época em que o papel do receptor ainda era pouco abordado em estudos das teorias da comunicação.

Além da teoria sobre a tecnologia como extensão do homem, e também da proposição do "meio é a mensagem", McLuhan também ficou conhecido por ser o teórico da "aldeia global". "Na época, as perspectivas expostas por McLuhan em seus livros, como redes de computadores, conexão digital entre as pessoas, ligações entre seres humanos e máquinas pareciam próximo de um episódio de *Star Treck*", enfatiza Martino (2014, p. 193). A aldeia global a qual McLuhan se refere diz respeito ao encurtamento das distâncias proporcionado pelas novas tecnologias e, ainda, com a utilização destas ferramentas tecnológicas, o mundo se estruturaria de forma semelhante a uma aldeia, com indivíduos interligados entre si, formando uma enorme rede. Por fim, outra contribuição de McLuhan, que respinga diretamente nas nossas proposições neste trabalho de dissertação, é a de que ele, assim como nós, acredita que a evolução do homem é também a evolução da técnica, desde a pré-história. Martino sintetiza o pensamento de McLuhan da seguinte maneira:

> McLuhan sugere que a história da humanidade pode ser pensada, de maneira alternativa, como a história da interação entre o indivíduo e a sociedade a partir da mediação da técnica. O foco de análise dele parece ser, em alguma medida, o modo como as sociedades se relacionam com as mídias disponíveis e, mais ainda, como as alterações nessas mídias mudam igualmente a relação entre as pessoas. (MARTINO, 2014, p. 193-194).

Na segunda década do século XXI, já ultrapassado em algumas de suas proposições e abordagens, McLuhan figura como um clássico nos estudos em cibercultura, sendo revisto por

autores contemporâneos que acreditam que alguns de seus conceitos fazem mais sentido na contemporaneidade, em um período marcado pelas conexões em rede globais. Destacamos que ele, assim como Castells e Lévy, são pioneiros nas percepções da fenomenologia da técnica, em especial aquela que envolve a comunicação na sociedade.

Nos anos 1990, Castells publicou uma trilogia de livros focados na sociedade na era da informação, "Sociedade em Rede", que já citamos de maneira genérica acima. A trilogia projeta seu pensamento para o ambiente acadêmico de percepção ao processo de transformação estrutural da sociedade por consequência da revolução tecnológica. Segundo ele, estas transformações são resultado de um processo multidimensional, mas que está pontualmente "associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60 e que se difundiram de forma desigual por todo o mundo" (CASTELLS, 1996, p. 17). Para ele, as tecnologias que foram inventadas principalmente para uso militar podem ser utilizadas de maneira lucrativa no ramo econômico e em todos os âmbitos da sociedade, como, por exemplo "a saúde, o poder e a geração de conhecimento", que "estão largamente dependentes da capacidade de organizar a sociedade para captar os benefícios do novo sistema tecnológico" (CASTELLS, 1996, p. 17). Além disso, o autor considera que

> a tecnologia é condição necessária mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspectos da actividade na base das redes de comunicação digital. Este processo pode ser relacionado com o papel da electricidade ou do motor eléctrico na difusão das formas organizacionais da sociedade industrial (por exemplo, a grande fábrica industrial e a sua relação com o movimento laboral) na base das novas tecnologias geradas e distribuídas electricamente. (CASTELLS, 1996, p. 17).

Avançando no entendimento sobre a obra de Castells, Martino (2014) compreende que a aproximação do sociólogo com "a comunicação mediada por computador, mídias digitais e ciberespaço se enquadra em uma tentativa ampla de entender como as relações de trabalho, o capitalismo, a cultura e os relacionamentos se configuram na atualidade" (MARTINO, 2014, p. 99). Castells e McLuhan, e ainda Pierre Lévy, exposto no início deste capítulo, podem ser considerados como pioneiros na argumentação acerca da cibercultura, principalmente atrelada aos campos das Ciências Sociais, com bases mais reflexivas, já que, antes deles, pesquisadores da área da tecnologia da informação eram os responsáveis por tais problematizações, de ordem cibernética e informática, em sua maioria.

A intertemporalidade técnica apresentada neste capítulo, bem como os pesquisadores pioneiros no ramo da cibercultura nos dão bases para refletir sobre o conceito de cibercultura,

comparando-o às estações do ano, que se repetem, às vezes não tão bem definidas, mas sempre presentes. Em determinados momentos, como no verão ou no inverno, elas são mais fáceis de identificar, mas também ocorrem variações. Assim acontece com a cibercultura, que está presente no cotidiano social há eras (as eras da técnica) e continua sendo recorrente nos dias de hoje, mesmo com novas significações. Ao observar as mudanças na sociedade provenientes dos avanços digitais, diversos pesquisadores, tanto em âmbito nacional, mas principalmente na esfera internacional, começaram a pesquisar sobre a cibercultura encontrando nela diferentes sentidos. Estes pesquisadores podem ser classificados de acordo com três vertentes de pensamento historicamente opostas, definidas por Rüdiger (2011) como a) os deterministas tecnológicos, que seriam os conservadores midiáticos; b) os otimistas tecnológicos, considerados como populistas; e c) os criticistas ou cibercriticistas. Vamos abordar brevemente estas tendências apenas para demonstrar como a cibercultura é tratada cientificamente por diversas lentes. Após esta exposição, passamos para o capítulo que vai discutir os conceitos em torno da epistemologia.

3.3.3 Abordagens Teóricas da Cibercultura

As diversas significações em volta da tecnologia constituem uma das poucas questões que podem ser consideradas como um consenso nos estudos em cibercultura. Como veremos no capítulo metodológico, a heterogeneidade de abordagens temáticas, bases disciplinares e objetos de pesquisa da cibercultura denotam a ela diversas significações, e esta é particularmente uma das características mais presentes nos estudos em cibercultura. Francisco Rüdiger, pesquisador brasileiro, elenca três abordagens teóricas sobre cibercultura que foram observadas após um exercício semelhante ao de mapeamento dos estudos sobre o tema. Em sua obra, o autor realiza uma vasta pesquisa bibliográfica sobre cibercultura, apresentando autores e posicionamentos que demarcaram o campo internacionalmente. Como resultado deste levantamento teórico, o autor, ao observar as diversas abordagens teóricas sobre o assunto, elenca três tipologias distintas com base em seus estudos: populistas tecnocráticos, conservadores midiáticos e cibercriticistas.

Quando coloca que a cibercultura constitui-se como “um campo de interrogação intelectual pujante” e que este, por sua vez, é “dividido em várias tendências de interpretação”, se refere às diferentes/antagônicas formas como autores trataram ou tratam o fenômeno técnico. O autor apresenta estas três principais formas de abordagem da cibercultura, enfatizando que “coube aos vários intérpretes da cibercultura estruturar

conceitualmente o terreno e explicar as condições mais genéricas dessas batalhas, seguindo, tipologicamente, pelo menos três tendências ou linhas de abordagem da matéria" (RÜDIGER, 2011, p. 26). Avança, revelando que esta classificação foi uma tentativa de esmiuçar as linhas recorrentes de reflexão sobre cibercultura, por meio "das ideias mais centrais de alguns de seus principais porta-vozes a respeito de seus fundamentos, estrutura e sentido no contexto do mundo contemporâneo". (RÜDIGER, 2011, p. 25-26).

Rüdiger classifica como populistas tecnocráticos aqueles que representam a tendência tecnófila, aquela que reúne os "advogados de defesa" das "virtudes morais, políticas e econômicas" da cibercultura. Este grupo é formado por um coletivo composto, sobretudo, "por profissionais e pesquisadores ligados aos negócios de informática e comunicação" (RÜDIGER, 2011, p. 26). Como exemplo de "otimista tecnológico", o autor cita Negroponte, destacando uma reflexão do autor americano, segundo a qual a sociedade contemporânea realiza uma transição de uma era baseada nos átomos para uma outra baseada nos *bits*. Neste ponto, Rüdiger aprofunda a reflexão sobre a teoria de Negroponte, enfatizando que esta passagem (átomos-*bits)* representa para a sociedade moderna "o surgimento de uma nova forma de vida" (RÜDIGER, 2011, p. 27). Muito mais do que uma mera revolução tecnológica, Negroponte considera que a era informática já não tem nada a ver com os computadores, mas sim com a vida das pessoas. Sua teoria é a de que a passagem da cultura dos átomos para a cultura dos *bits* gera consequências muito mais significativas do que apenas a transição das maneiras de ser, pensar e agir na cultura digital. O autor considera como "átomos" todos aqueles equipamentos táteis, como o livro, por exemplo, e os *bits* como "o menor elemento atômico do DNA da informação", ele "não tem cor, tamanho ou peso e é capaz de viajar à velocidade da luz" (NEGROPONTE, 1995, p. 19).

Sua veia tecnófila, no entanto, não vem do fato de considerar esta transição muito mais eficiente para a comunicação, mas fica visível nos exercícios futurísticos que o autor apresenta em sua obra. Em determinado momento, Negroponte fala sobre como o mundo seria vinte anos após a publicação do livro (neste caso, seria o ano de 2015):

> À medida que formos nos interconectando, muitos dos valores nacionais cederão lugar àqueles de comunidades eletrônicas maiores ou menores. Nós nos socializaremos em bairros digitais, nos quais o espaço físico será irrelevante e o tempo desempenhará um papel diferente. Daqui a vinte anos, o que veremos ao olhar por uma janela poderá estar a 8 mil quilômetros e seis fusos horários de distância. Ao assistirmos a uma hora de televisão, aquilo a que assistirmos poderá ter sido transmitido para nossos lares em menos de um segundo. O ato de ler um livro sobre a Patagônia poderá incluir a experiência sensorial de estar lá de fato. Um livro de William Buckley poderá ser uma conversa com o autor. (NEGROPONTE, 1995, p. 12).

Neste trecho retirado do livro “A Vida Digital” (1995) podemos perceber a tendência tecnófila do autor. Este otimismo quase exacerbado, note-se, é uma marca bastante presente em praticamente todo o seu livro, mas torna-se visível principalmente nos momentos em que Negroponte faz previsões sobre o devir tecnológico e a vida digitalizada. Em outro momento, o autor prevê como serão os telefones, os meios de comunicação de massa e as escolas.

> No início do próximo milênio, nossas abotoaduras ou brincos poderão comunicar-se entre si por intermédio de satélites de órbita baixa, e terão um poder de processamento superior ao dos atuais micros. Nossos telefones não tocarão indiscriminadamente; eles irão receber, classificar e talvez até mesmo responder às chamadas, como um experiente mordomo inglês. Os meios de comunicação de massa serão redefinidos por sistemas de transmissão e recepção de informação personalizada e entretenimento. As escolas vão mudar, parecendo-se mais com museus e *playgrounds* onde as crianças poderão desenvolver ideias e se comunicar com outras crianças do mundo todo. O planeta digital será mais parecido com uma cabeça de alfinete, e assim as pessoas vão percebê-lo. (NEGROPONTE, 1995, p. 11-12).

Efetivamente, algumas de suas proposições se realizaram de maneira mais ou menos parecida com o que o autor sugere. É o caso dos telefones, que evoluíram de maneira surpreendente para *smartphones* com as funções inteligentes citadas pelo autor, e com inúmeras outras funcionalidades, como acesso à internet, câmeras, jogos, *planners*, etc. Quanto ao futuro dos meios de comunicação, o autor novamente acertou quando previu que a informação poderia chegar de maneira personalizada. A televisão por assinatura é um exemplo disso e, avançando, hoje a transmissão é efetuada por sinal digital, desbancando a hegemonia da tecnologia analógica própria da época em que o livro foi escrito. A TV digital já é uma realidade na maioria das capitais brasileiras e expande-se cada vez mais rápido às cidades interioranas. Embora seus exercícios de futurologia, à época, pudessem parecer descabidos, em grande medida eles se realizaram vinte anos após as suas apostas. Entretanto, nota-se que Negroponte vislumbrava o futuro das escolas de maneira relativamente utópica e deveras otimista. Este é um dos casos em que o “vidente” comete um engano, diferente da forma como fez em relação aos telefones e os meios de comunicação de massa, visto que, ao menos na realidade brasileira, as escolas (em sua grande maioria) continuam bastante rudimentares e com técnicas de aprendizagem ultrapassadas, mesmo com todos os avanços tecnológicos do século XXI.

Outro autor que representaria esta vertente de pensamento bastante alinhada ao otimismo com relação aos avanços tecnológicos é Henry Jenkins. O professor norte-americano, que hoje dá aulas de Ciências Humanas no programa de Estudos de Mídia

Comparada do MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), é o autor do *best-seller* "Cultura da Convergência", publicado originalmente em 2006 e lançado no Brasil, em versão traduzida, em 2008. O autor sugere que estamos vivendo o fim da cultura tradicional (passiva) para o advento da cultura da convergência, onde "as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis" (JENKINS, 2008, p. 27).

O autor entende como convergência midiática o

> fluxo de conteúdos através dos múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (JENKINS, 2008, p. 27).

Conhecido por ser um livro com uma abordagem generalista (e mais voltada para questões de mercado) quanto ao fenômeno da convergência tecnológica, "Cultura da Convergência" acabou enfrentando muitos protestos após seu lançamento, principalmente no ambiente acadêmico. Isto se deve não apenas por esta primeira razão, mas por uma segunda, que se refere à reduzida densidade teórica/acadêmica do livro. De qualquer forma, durante toda a obra, Jenkins afirma que se posiciona contra a ideia de que a convergência é um fenômeno exclusivamente impulsionado pela tecnologia (e, por consequência, pelo sentido mercadológico), ao contrário, afirma o autor, "em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos" (2008, p. 27-28).

A convergência, prossegue o autor, "não ocorre por meio de aparelhos", mas sim, dentro dos "cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com outros" (JENKINS, 2008, p. 28). Destacamos aqui que Jenkins vê no fenômeno da convergência tecnológica o surgimento de uma nova cultura da sociedade, fato discutido já no primeiro capítulo teórico – e que também revela o entusiasmo tecnófilo do autor, como observou Rüdiger (2011) – quando defende que devemos "venerar no altar da convergência", afirmando que este é um novo paradigma para entender a transformação midiática. Outro ponto a ser observado em sua obra, é que em nenhum momento o autor se refere aos "sujeitos" como seres orgânicos, sociais e culturais, mas sim como "consumidores", o que reforça os protestos contra a obra, já que "consumidores" é uma palavra que pressupõe uma lógica de mercado

implícita[20]. De qualquer maneira, Jenkins, com seu livro que dividiu opiniões pelo mundo, é um dos expoentes deste pensamento positivista sobre os avanços tecnológicos.

Quanto aos conservadores midiáticos, em contraponto aos populistas tecnocráticos, segundo Rüdiger (2011), seriam os representantes do grupo formado pelos "promotores de acusação política e moral" do fenômeno da cibercultura. Neste grupo concentram-se pesquisadores, acadêmicos literários e/ou militantes cuja formação acadêmica/profissional é relativamente mais "tradicional". Os representantes deste conjunto são considerados como os antípodas ao deslumbramento tecnológico, e pessimistas, principalmente no que diz respeito à macro exibição dos sujeitos na rede, à falsa ideia de solidariedade global, ao fechamento dos indivíduos em bolhas, a "solidão interativa" e ao narcisismo exacerbado. Além disso, estes autores costumam defender as mídias tradicionais como a televisão e o rádio, acusando a internet de ser um local de proliferação dos fetiches mais grotescos e repugnantes dos seres humanos (referem-se à pedofilia, à invasão pornô na rede, aos ladrões de identidade [*hackers*], à compulsão por jogos eletrônicos e uma série de adjetivos que desqualificam o sujeito frente ao advento tecnológico).

Segundo Rüdiger, no contexto da cibercultura, Andrew Keen desponta como o "conservador cultural de última geração" (2011, p. 38). Em suma, Rüdiger considera Keen como o principal representante desta abordagem pessimista e explica que coube aos tecnófobos a reflexão sobre a face obscura/perversa do imaginário sobre o ovacionado "poder emancipatório das novas tecnologias" (tão aclamado pelos tecnófilos). Neste sentido, o autor revela que, sob a perspectiva teórica dos conservadores midiáticos, "a crença no poder emancipatório da mídia digital é fruto de uma maneira muito pobre de entender a prática política e de uma forma muito ingênua de promover a democracia", e que, para estes teóricos "o ciber-realismo é, portanto, preferível ao ciberutopismo" (RÜDIGER, 2011, p. 38).

Andrew Keen, autor do livro "#vertigemdigital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando", faz jus, nesta obra, ao seu título de pessimista. O texto serve como uma crítica ao fenômeno da *web 3.0*[21], principalmente quando se dispõe a problematizar a exposição do sujeito na era dos sites de redes sociais. O início de seu livro mais se parece com um diário onde o autor descreve algumas memórias que o incentivaram a refletir sobre a questão da mídia social digital como "zona permanente de autoexposição", local que serve como berço da "hipervisibilidade" (KEEN, 2012, p. 10). Sua obra, mais focada em questões provenientes da estreita relação entre homem e máquina no contexto da

[20] Ainda que Canclini (2006) tenha reconsiderado o termo, levando-o para o universo da cidadania.
[21] *Web 3.0*: constituída pelos sites de redes sociais, segundo Keen (2012).

pós-modernidade, mantém um tom sensato em muitas colocações, já que o autor reflete sobre questões como a individualidade e a privacidade dos indivíduos, incluindo-se também como sujeito atuante e atingido por estas tecnologias. Ainda assim, em outros momentos, Keen pode ser considerado como extremamente conservador quando defende que a *web 3.0* revela uma face bastante perturbadora aos sujeitos usuários, justamente porque estamos diante da "atual tirania de uma rede social cada vez mais transparente que ameaça a liberdade individual, a felicidade e talvez a própria personalidade do homem contemporâneo" (KEEN, 2012, p. 25).

Seus maiores temores são aqueles relacionados com o fim da existência individual, visto que atualmente tudo e todos estão expostos, em maior ou menor medida, nos sites de redes sociais. Keen defende o que chama de "segredo" posicionando-se "contra o compartilhamento e a abertura radicais, a transparência pessoal, o grande exibicionismo e as outras ortodoxias comunitárias devotas de nossa época conectada" (KEEN, 2012, p. 25-26). Este "segredo" a que o autor se refere está relacionado com o direito à privacidade individual, além da garantia à "autonomia e solidão num mundo que, em 2020, terá cerca de 50 bilhões de equipamentos inteligentes em rede" (2012, p. 35). Isto é, como "segredo", entende-se a possibilidade de determinado sigilo/reserva num mundo em que todas as informações parecem estar abertas e disponíveis a um *click* de distância.

Em suma, o autor defende que a "privacidade e solidão nos tornam felizes" (KEEN, 2012, p. 26). Keen, veementemente, vai contra a ideia de que transformar-nos em sujeitos expostos e extremamente transparentes seria bom para a sociedade e para o indivíduo. Em vez disso, parafraseando Foucault (1987), alerta que, de fato, "a visibilidade é uma armadilha". Além desta máxima, Keen também utiliza outro conceito de Foucault, de dispositivo panóptico, para enfatizar que a internet, e em especial as redes sociais, representam um "sonho utilitarista de permitir que sejamos perpetuamente observados" (KEEN, 2012, p. 30). Segundo Keen, a sociedade contemporânea é a protagonista da "era do grande exibicionismo" (p. 153) e, ao fazer uma relação com as teorias iluministas do filosofo inglês Jeremy Bentham, o autor afirma que o panóptico nada mais é do que a vontade de que nós mesmos temos de sermos vistos.

Entre estas duas abordagens antagônicas, no entanto, Rüdiger contextualiza o surgimento de uma terceira tendência de pensamento, voltada para a compreensão crítica dos processos relacionados à fenomenologia técnica e formada por pesquisadores com o "interesse em refletir sobre as conexões entre cibercultura e poder (político, social e econômico), levando em conta os problemas e desafios que isso acarreta para o sujeito social" (2011, p. 26). Rüdiger ressalta que estes pesquisadores refletem "em especial a figura do

indivíduo" (idem) e, neste caso, o interesse passa pela "discussão sobre como se dão os processos de construção identitária em sites e interação entre os atores sociais, que formam laços sociais entre si, focando primordialmente os modos através dos quais se dá essa construção e relação do eu com o outro" (POLIVANOV, 2014, p. 30). Estes cibercriticistas são aqueles considerados pensadores dos fundamentos da "teoria social crítica da tecnologia" e se estabelecem numa linha que examina as duas correntes de pensamento anteriores, já que por vezes posicionam-se com visões otimistas, mas não caem no fascínio das tecnologias. Isto quer dizer que os cibercriticistas flertam com as duas correntes de pensamento acima apresentadas, em virtude de uma percepção mais detalhada dos processos que envolvem as tecnologias na pós-modernidade no intuito de fugir de determinismos e/ou extremismos.

Um dos pesquisadores que se encaixa nesta linha de pensamento mais reflexiva e preocupada com as dinâmicas implícitas da tecnologia é Herbert Marcuse. O autor relata que, do seu ponto de vista (e do ponto de vista da teoria social crítica), a "tecnologia é considerada como um processo social no qual a técnica em si mesma é apenas um fator parcial" (MARCUSE, 1998, p. 41). Marcuse defende que a teoria crítica não se interessa em refletir sobre a influência ou os variados efeitos da tecnologia sobre os sujeitos, mas, por outro lado, defende que o próprio sujeito é parte integrante da tecnologia. Além de Marcuse, outro autor que pode ser considerado como criticista é Dominique Wolton, justamente por se encaixar em muitos aspectos como um crítico da cibercultura.

Neste sentido, Wolton exalta as potencialidades tecnológicas na contemporaneidade, mas também atenta para sua face perversa em determinados momentos. Em suma, Wolton é um visível exemplo de autor criticista que flerta com o conservadorismo midiático em alguns aspectos e com o otimismo em outros. O autor acredita que as novas "técnicas ilustram de maneira exemplar o lugar central ocupado pela informação e pela comunicação na sociedade ocidental" (WOLTON, 2004, p. 323) e que este fato possibilitou o avanço da sociedade de informação, legitimada pela "prospectiva, pelas indústrias da comunicação, pelos tecnocratas, por um certo discurso de engenheiros e pelas mídias" (idem). Wolton acredita que isto se deve a uma "ideologia técnica" empregada para impulsionar o desenvolvimento tecnológico e que,

> Na realidade, ocorre que a ideologia técnica tem um impacto social considerável, justamente porque é modesta e instrumental. Ela pretende como qualquer ideologia, transformar o mundo, mas a partir de realidades compreensíveis por todo o mundo. Dito de outra maneira, sua modéstia aparente é uma garantia de seu sucesso, ligado a sua dimensão instrumental. (WOLTON, 2004, p. 324).

Percebemos o tom criticista do autor quando, embasado pelo discurso dos "estragos da ideologia técnica", Wolton introduz algumas indagações sobre as mudanças que as tecnologias podem conceber na sociedade. O autor salienta que existem mudanças que ocorrem graças ao advento de tecnologias, mas "não é porque as técnicas de comunicação afetam o funcionamento de nossas economias que elas dão à luz uma nova sociedade" (WOLTON, 2004, p. 325), indo contra algumas noções de cibercultura muito propensas ao otimismo, como o próprio posicionamento de Negroponte (1995), que apresentamos acima. O sucesso das novas técnicas se dá justamente porque, atrás de toda técnica, defende Wolton, age a ideologia, e que "por meio das fantasias a respeito da sociedade da informação, ela veicula um projeto político; por causa de sua dimensão naturalmente antropológica, ela constitui um sistema de crença" e, finalmente, "pelos seus interesses econômicos" a ideologia técnica "é uma ideologia de ação" (WOLTON, 2004, p. 325).

Outro ponto a ser destacado sobre as abordagens de Wolton é que, em determinado momento, o autor sugere algumas críticas aos pensamentos tecnófilos, defendendo que,

> Enquanto o discurso ideológico baseia-se nas capacidades técnicas, para passar pela economia e acabar em um modelo de sociedade, o discurso do bom senso, por sua vez, lembrará a *autonomia* de cada um desses níveis e sublinhará o quanto cabe a ordem política, por meio da regulamentação, organizar as relações entre técnicas, economia e sociedade. Vê-se a força da ideologia técnica em sua incapacidade de escutar um argumento adverso, sua prontidão em desqualificar o argumento oposto e a facilidade que tem para chamar de saudosistas, conservadores, medrosos e hostis ao "progresso" todos aqueles que se opõe. Observa-se isso no descaso com trabalhos de pesquisadores, especialistas nessa área, que, em sua maioria, contestam esta utopia da sociedade da informação. A eles preferem-se de maneira quase ostensível, aos poucos autores que apoiam a ideologia da revolução da comunicação. Se a força de um discurso ideológico, como foi o caso ontem, com o Marxismo, mede-se por sua capacidade de desqualificar as objeções, então o que acompanha as técnicas de comunicação parece-se realmente com ideologia. (WOLTON, 2004, p. 326).

Neste sentido, Wolton parece bastante pessimista quanto às tecnologias de comunicação (discurso que se repete em outra obra mais recente do autor, intitulada "Internet, e depois?"). Autor consagrado por estudos sobre televisão no continente europeu, Wolton faz uma clara crítica aos tecnófilos que, amparados pela ideologia técnica, veem no advento das tecnologias a alternativa para o triunfo das economias baseadas em um modelo ocidental de negócios e, embora se coloque favorável ao desenvolvimento tecnológico, elenca alguns efeitos negativos desta ideologia técnica. Um destes efeitos é o que "consiste em acreditar que as técnicas de comunicação são sinônimas de liberdade", visto que a técnica está disponível tanto para regimes democráticos como para aqueles regimes autoritários. Novamente, o autor relembra a máxima sobre os usos das tecnologias (citamos acima o exemplo de Pierre Lévy,

que defende que as tecnologias não são boas nem más, isto depende exclusivamente do uso que lhes é feito) para dizer que, se não houver uma mudança também no pensamento da sociedade, de nada irão adiantar as ferramentas tecnológicas disponíveis, por mais que estas carreguem consigo um ideal libertador.

As tipologias de Rüdiger (2011) acima apresentadas cumprem um papel teórico neste trabalho, visto que não acreditamos poder encaixar autores em categorias engessadas de compreensão teórico-metodológica. Trouxemos tais tipologias justamente para prover debates e discussões sobre as diferentes abordagens da cibercultura, fato que se comprova depois, no capítulo metodológico, quando constatamos que, efetivamente, existem diversas abordagens (que, inclusive, extrapolam estas tipologias), diferentes temáticas, provenientes dos mais variados campos disciplinares nos estudos em cibercultura brasileiros. Em suma, ressalte-se que este capítulo sobre cibercultura, de caráter de levantamento bibliográfico, se propôs a apresentar uma dimensão geral dos estudos clássicos na área, para nortear o leitor e fazer compreender as vertentes de pensamento, bem como um resgate histórico que concentra o surgimento da ideologia técnica até os dias atuais, marcados pela cultura digital. A seguir, vamos introduzir algumas questões de ordem epistemológica para uni-las ao pensamento cibercultural, pois, como afirma Souza (2014), a revisão bibliográfica e o levantamento das teorias é o primeiro passo para se refletir epistemologicamente acerca de um campo. Como expõem Barros e Künsch (2007), o objeto das *teorias* são os fenômenos práticos da realidade e, após questionarem o leitor sobre o que é a epistemologia, explicam que "*ela fala sobre as teorias*. Assim, o objeto da epistemologia são as teorias, e o objeto das teorias são os fenômenos que estão no mundo" (BARROS; KÜNSCH, 2007, p. 10, grifo nosso).

4 EPISTEMOLOGIA: SABER PENSAR O PENSAMENTO

Quando Lopes (1999, p. 105) afirma que a epistemologia é a instância que "exerce uma função de vigilância crítica na pesquisa", a autora defende que a reflexão epistemológica, por excelência, diz respeito ao progresso do conhecimento científico e literário, por meio, justamente, da análise do próprio conhecimento já preexistente. Esta instância, que pode ser caracterizada como um exercício constante de autoavaliação, pretende não apenas realizar uma consequente autocrítica, mas busca, em especial, compreender fundamentalmente determinado ramo científico. Ao nos propormos, nesta pesquisa, a refletir epistemologicamente sobre a cibercultura, buscamos, em suma, compreender de maneira orgânica os fundamentos deste campo científico, investigar seu(s) objeto(s), delimitar seu horizonte teórico. Lopes expõe que "ao longo de toda a pesquisa essa instância se traduz em movimentos ou operações destinadas", que dizem respeito justamente "à explicitação dos obstáculos epistemológicos da pesquisa e sua autocorreção e à construção do objeto científico" (LOPES, 1999, p. 105). Ainda que a epistemologia seja, quase em sua totalidade, uma vigilância do conhecimento, ou, em outros termos, uma teoria sobre as teorias já existentes, procuramos expor, nos parágrafos seguintes, as origens deste termo e como ele é entendido dentro do campo comunicacional e das Ciências Sociais.

Para entender o termo epistemologia, iniciamos esta reflexão pela etimologia da própria palavra, para então encontrar na Filosofia sua conceituação lógica que, em grande medida, foi incorporada pelas Ciências Sociais, e, neste trabalho em especial, pelo campo das ciências da Comunicação[22], problematizando questões como o objeto e a constituição do campo científico, assunto já amplamente abordado em diversos trabalhos acadêmicos posteriores a este[23].

Dicionarizado, o vocábulo "epistemologia" designa a "teoria ou ciência da origem, natureza e limites do conhecimento" (MICHAELIS, online). Também se associa a palavra epistemologia ao "ramo da Filosofia que se ocupa dos problemas que se relacionam com o conhecimento humano, refletindo sobre a sua natureza e validade" (AURÉLIO, online). Consultamos ainda, como fonte complementar, o dicionário de sinônimos online e, segundo o site, as palavras sinônimas para a epistemologia são os conceitos de "Filosofia do conhecimento, gnoseologia, gnosiologia, teoria da ciência, teoria do conhecimento"

[22] Neste trabalho, adotamos o conceito de epistemologia da Comunicação, amplamente estudado no Brasil pelos autores aqui referenciados.
[23] Ver Ferrara (2003), Braga (2011, 2005) e Rüdiger (2011).

(SINÔNIMOS, online). Já o filósofo brasileiro Damião Bezerra Oliveira (2007, página única) explica que a epistemologia seria a ligação dos vocábulos *episteme+logia, (episteme:* conhecimento verdadeiro, de natureza científica e; *logia:* de *logos*, sufixo que designa o estudo, a teoria). Segundo Oliveira, o próprio termo "ciência" deriva de uma concepção grega de "episteme'. A "ciência", derivação mais utilizada hoje, possui tradução em importantes línguas modernas, como o inglês (science), francês (science), alemão (wissenschaft) e o italiano (scienza). Ainda segundo Oliveira (idem),

> Quando os antigos falavam de "episteme" e "scientia", eles tinham em mente uma espécie muito especial de conhecimento, que deveria ser marcado por critérios rigorosos, garantidores de validade. Tratava-se de um tipo de saber ao qual era contraposta a mera e frágil doxa do homem comum. (OLIVEIRA, 2007).

Outras fontes consultadas também apontaram a origem da palavra epistemologia para a Filosofia de Platão e, em outra perspectiva, para a Filosofia de Foucault. Na primeira abordagem, Platão privilegia o conhecimento à crença, defendendo que o conhecimento é o "conjunto de todas as informações que descrevem e explicam o mundo natural e social que nos rodeia" (SIGNIFICADOS, online). Já o entendimento de Foucault pensa a episteme como o paradigma geral, segundo o qual se estruturam os múltiplos saberes científicos (idem). Aqui, mostramos diversas concepções que oferecem à palavra epistemologia significados semelhantes, seja na Filosofia ou em seu significado linguístico e dicionarizado, a epistemologia aponta para uma característica comum: a ciência do conhecimento.

Oliveira (2007), ainda relata que

> Tudo isso pode ser resumido com a ideia de que a episteme é um tipo de conhecimento universal e necessário, isto é, uma forma de saber cuja validade não varia nem com as mudanças do espaço, nem do tempo ou com as variações que o mundo social, cultural e psicológico sofre. (OLIVEIRA, 2007).

Lucrécia Ferrara (2007), pesquisadora brasileira largamente utilizada em referenciais teóricos sobre a epistemologia, justamente por ser uma das primeiras pesquisadoras nacionais a refletir sobre o tema nas ciências da Comunicação, defende que a palavra epistemologia "designa essencialmente o estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das diversas ciências, destinados a determinar sua origem lógica (não psicológica), seu valor e sua dimensão objetiva" (FERRARA, p. 56). A autora relata que, no que tange ao conhecimento científico, em um nível mais elevado de complexidade, coexistem três paradigmas que, diferentes, convergem no sentido do progresso do conhecimento: a metodologia, a teoria e a

epistemologia. Sob esta perspectiva, Ferrara relata que a metodologia é, essencialmente, o "como fazer" da ciência, enquanto a teoria e a epistemologia, por mais que possam parecer sinônimos, têm funções primordiais, porém distintas, na produção do conhecimento:

> Se a fim de saber por onde começar, a epistemologia nos aponta a segurança do caminho sedimentado na definição de um domínio científico, a teoria apresenta-se como a decorrência de uma síntese epistemológica capaz de 'explicar um grande número de fatos e assumida como hipótese verossímil (ou verdadeira) pela maior parte dos especialistas de uma época', ou seja, entre epistemologia e teoria existe uma relação cognitiva que estabelece entre sujeito e objeto de conhecimento a construção de um patamar, ou melhor, de um paradigma de certeza e correção de rotas estabelecidas e trilhadas. *Epistemologia seria, portanto, a teoria acumulada na história de uma área de conhecimento.* (FERRARA, 2007, p. 56, grifo nosso).

Entendida conceitualmente como "a teoria acumulada na história de uma área de conhecimento", como sugere Ferrara, a epistemologia, então, assume papel de raciocínio crítico sobre determinada produção científica. Destarte, compreendemos que a epistemologia é uma instância do pensamento científico que busca ir além do conhecimento inteligível e possibilita ao pesquisador: a) imergir em determinada ciência a fim de desvelar o sentido desta; b) investir no saber profundo de determinada ciência e; c) como relatam Barros e Künsch (2007), a epistemologia é o "saber pensar o pensamento". Para compreender melhor o exercício de um epistemólogo, Oliveira conclui seu raciocínio enfatizando que "o saber precisa ser apenas um amor à sabedoria" (OLIVEIRA, 2007). Resumindo todas estas considerações sobre o "pensar o pensamento" ou o "amor ao saber", reproduzimos um trecho em que Ferrara (2003) cita Heidegger (1973) que simplifica e promove este entendimento:

> Mais de 2.000 anos precisou o pensamento para entender verdadeiramente uma relação tão simples como a mediação no seio da identidade [...], mas somente se nos voltarmos pensando para o já pensado, seremos convocados para o que ainda está para ser pensado. (HEIDEGGER apud FERRARA, 2003, p. 66).

O movimento epistemológico, por fim, é um exercício já realizado há muito em Ciências Sociais, mas apenas recentemente vem desfrutando de certo prestígio no campo da Comunicação em ambiente nacional. Isto porque, aparentemente, com a profusão de programas de pós-graduação em Comunicação (e suas vertentes já institucionalizadas, como programas de pós-graduação em Jornalismo, em Mídias, etc.) nos últimos anos[24], estudantes e professores da área são chamados à reflexão e análise crítica acerca das teorias que lhes são

[24] Link com os dados quantitativos dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Portal da Capes: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.jsf?areaAvaliacao=31>.

apresentadas. Embora outros fatores também sejam cruciais neste sentido, como a língua materna em que lemos e escrevemos (considerando o fato de que grande parte dos autores da área da epistemologia e teoria do conhecimento publicam suas pesquisas em línguas estrangeiras, como o francês e o inglês, por exemplo) este fenômeno, pelo menos no Brasil, pode estar atrelado à relativa prematuridade epistemológica do campo. Ainda assim, alguns pesquisadores brasileiros, engajados neste espírito, se aventuraram pelas vias da epistemologia para tentar compreender o campo da Comunicação.

4.1 A ESPISTEMOLOGIA NA COMUNICAÇÃO

A cibercultura, sob nossa perspectiva teórico-metodológica, parece estar naturalizada no interior da Comunicação como um campo de conhecimento que se entrelaça a ela constantemente, bem como se enfrenta em diversos momentos. A cibercultura, enquanto cultura do homem contemporâneo, afeta não apenas a Comunicação, mas as relações sociais como um todo no novo século, principalmente no que tange aos novos modos de sociabilidade, visto que a cibercultura ocasiona/propicia a (re)discussão sobre os papeis dos sujeitos na cultura e respinga instantaneamente nas concepções de Comunicação na modernidade. Por isso, antes de adentrarmos nas reflexões sobre a possibilidade de se propor a *epistemologia da cibercultura*, é essencial debater as questões já levantadas no ambiente da epistemologia da própria Comunicação.

Durante um seminário que ocorreu em agosto de 2007, na cidade de São Paulo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, os pesquisadores convidados, Luiz C. Martino, Lucrécia Ferrara e Cremilda Medina – todos pesquisadores da área de epistemologia da Comunicação – debateram sobre questões levantadas a partir da temática “Comunicação: saber, arte ou ciência?”. Os pontos principais deste encontro foram anotados, interpretados e, posteriormente, organizados em artigo/texto acadêmico publicado por Barros e Künsch (2007) como forma de relato científico. No artigo, os autores trazem trechos das conversas entre os três pesquisadores convidados para debater sobre o que eles chamam de “pensar o pensamento”.

Barros e Künsch (2007) relatam que o professor convidado Martino, já no início de sua fala, realiza uma diferenciação entre a teoria e a epistemologia:

> Quando temos como objetos processos ou fenômenos, estamos fazendo teoria: podemos descrevê-los, explicá-los, compreendê-los dentro do repertório científico.

> A teoria sempre toma como objeto um fenômeno da realidade. E o que faz a epistemologia? Ela fala sobre as teorias. Assim, o objeto da epistemologia são as teorias, e o objeto das teorias são os fenômenos que estão no mundo. (BARROS; KÜNSCH, 2007, p. 10).

No mesmo texto, entretanto, os autores destacam que, no campo das Ciências Sociais, em especial no campo da Comunicação, ainda eram raras as pesquisas de natureza epistemológica – em 2007, época em que o texto foi escrito – e cientificamente predominavam os trabalhos acadêmicos relativos à aplicação de conhecimentos para entender a realidade empírica dos fenômenos. Para eles,

> As energias se concentram no campo da prática, no desenvolvimento de novas técnicas, em um certo ativismo que prioriza o como fazer. Quando esse nível mais técnico é ultrapassado, na maioria das vezes a reflexão se apresenta apenas no âmbito da teoria, que se ocupa de pensar esse fazer, com vistas a torná-la mais eficiente e, provavelmente, mais rentável. (BARROS; KÜNSCH, 2007, p. 10).

Esta predominância dos trabalhos de cunho empírico, marcados pela observação dos fenômenos práticos ligados à realidade, também já vem sendo discutida há algum tempo, principalmente entre alguns autores brasileiros que estimulam a ruptura com o "empirismo ingênuo" (ROSSETI, 2010) e defendem a existência de uma teoria epistemológica da Comunicação como forma de autovigilância e autocrítica (FERRARA, 2003; BARROS; KÜNSCH, 2007; FERREIRA, 2007; FRANÇA, 2010; BRAGA, 2011). Embora estes autores reconheçam a necessidade do pensamento epistemológico do campo, ainda esbarram nas primitivas discussões sobre o objeto da Comunicação e a natureza da área (se é campo ou disciplina do conhecimento) – conceitos imprescindíveis para a configuração de um campo de estudos (RÜDIGER, 2014; FERRARA, 2003).

Em suma, podemos dizer que a diversidade de conceitos sobre o objeto comunicacional se dá em virtude das discrepâncias entre as próprias vertentes de estudo da área: ora são as mídias, ora são as interações sociais, ora nada é objeto, ora tudo é. Como exercício de memória, basta fazermos uma viagem no tempo para perceber que, desde sua origem, entre o início e meados do século XX, a Comunicação causa divergências entre seus pensadores. Perceba-se que existem, em predominância, duas vertentes de pensamento distintas no que se chama de "teorias da Comunicação" que compreendem o campo de formas divergentes. Estas podem ser demarcadas por fronteiras territoriais: a pesquisa norte-americana (com as teorias da sociedade de massa, teoria hipodérmica, escola de Chicago, interacionismo simbólico, teoria matemática, agenda *setting*) e a pesquisa europeia, em especial os estudos franceses e alemães (teoria crítica, escola de Frankfurt e indústria cultural,

estudos linguísticos, estruturalismo). Uma terceira vertente surge, mais tarde, na América Latina, com os estudos culturais, que rompem com o idealismo midiático norte-americano, buscando um olhar descentralizado, mais voltado às margens e estruturas sociais e culturais do que puramente às mídias.

Estas três instâncias dos estudos na área diferem-se em pontos de vista e objetos de análise, mas, principalmente, são divergentes no que diz respeito às realidades analisadas. Não se podem comparar ou equipararem-se, justamente, porque são teorias que nascem em épocas e locais diferentes. Como visto no Capítulo 2 desta pesquisa, a cultura e a Comunicação são entrelaçadas e respondem ao anseio antropológico do "estar em contato com o outro", e isto pode ser adaptado para as três instâncias apresentadas. Entretanto, generalizar esta afirmação seria um reducionismo, visto que não se pode dizer que as realidades comunicacionais francesa e latino-americana se identificam. Assim, as diferenças nas abordagens sobre Comunicação, como vimos acima, constituem-se como apenas uma das dificuldades em compreender o campo da Comunicação, ainda há tantas outras (como a discussão sobre seu objeto, por exemplo). Por esta razão, autores da área frequentemente enfatizam a natureza ainda "frágil" do campo, como Maldonado (2003), que relata que esta fragilidade se dá justamente pela heterogeneidade das teorias e, principalmente, pela característica empirista muito presente nestes estudos. Segundo ele,

> A fraqueza teórico-epistêmica na Comunicação tem condicionantes históricos: 1) campo recente de reflexão; 2) setor povoado de práticas instrumentais de saber-fazer técnico; 3) área gerada e estruturada mediante explicações geopolíticas: o campo midiático construiu-se intensamente vinculado ao poder político hegemônico em todas as partes do mundo. (MALDONADO, 2003, p. 208).

Em consonância com Maldonado, Vera França (2010) continua a discussão afirmando que "a teoria da Comunicação se caracteriza sobretudo pela heterogeneidade das correntes e concepções que abriga". Segundo ela, o esforço em construir a "apresentação de um quadro geral das teorias esbarra na dificuldade de sistematização: não há como apresentar de forma orgânica e estruturada um quadro que é fragmentado e descontínuo" (FRANÇA, 2010, p. 58) por natureza. Conforme a autora, vários esquemas de agrupamento destas teorias (americana, francesa, alemã e latino-americana) têm sido realizados:

> Há trinta anos atrás, quando o mundo ainda era dividido em dois grandes blocos, e os conceitos de 'direita' e de 'esquerda' encontravam referentes mais nítidos, adotou-se uma primeira classificação mais global e ainda bastante grosseira que dividia e agrupava os estudos e correntes teóricas de acordo com dois grandes paradigmas: o paradigma da ordem (nomeando a chamada 'pesquisa administrativa',

> desenvolvida pelos americanos), e o paradigma do conflito (perspectiva crítica, de viés marxista). (FRANÇA, 2010, p. 58).

Ainda sobre estas tentativas de agrupar as teorias da Comunicação, França relata que "em alguns momentos achou-se oportuno ordenar os estudos segundo um desenho disciplinar: Sociologia da Comunicação, Psicologia da Comunicação, Comunicação biológica, fundamentos filosóficos da Comunicação, e assim por diante" (FRANÇA, 2010, p. 58). Além disso, também existiram esforços para reunir estudos "segundo sua filiação às distintas correntes de pensamento: corrente funcionalista (ou positivista), marxista, estruturalista" (FRANÇA, 2010, p. 58) e, ainda, "uma outra tentativa é o agrupamento temático". Segundo a autora, o agrupamento temático consiste na organização dos estudos

> conforme a abordagem e a ênfase específica dada ao objeto (ou processo) da Comunicação. Tomando, por exemplo, os diferentes elementos ou instâncias que compõem o processo comunicativo, podemos identificar e agrupar estudos voltados mais especificamente para a instância da produção (ou para o lugar do emissor); para a instância da recepção; para a técnica, meio ou suporte; para a mensagem (ou produção discursiva) (FRANÇA, 2010, p. 59).

Em síntese, destaca a autora (2010, p. 59), "um roteiro de apresentação dos estudos é uma tarefa complexa, por trabalhar com um corpo tanto heterogêneo e fragmentado no que diz respeito a seus elementos, quanto desigual no seu desenvolvimento", isto "supõe escolhas, indica uma perspectiva; enfim, traduz um trabalho de interpretação (do pesquisador)" (FRANÇA, 2010, p. 59).

Além das questões sobre a natureza desterritorializada e interdisciplinar dos estudos em Comunicação, outro fator entra em discussão quando nos dispomos a investir nas reflexões epistemológicas inerentes ao campo comunicacional: o objeto comum/universal à área. Como já foi abordado anteriormente, ora este objeto constitui-se como as interações sociais – o *face to face*, o ato conversacional, a mensagem –, ora são as mídias – a imprensa, o jornalismo, o rádio, a TV, a internet –, ora são as duas coisas, e, de repente, ora não há objetos. O consenso quanto a isso também não existe e para estas questões, principalmente, ainda existem tórridas divergências no próprio interior do campo da Comunicação. Como enfatiza Braga (2011, p. 65), "o primeiro problema que assombra o pesquisador em Comunicação, preocupado em perceber a área em que trabalha [...] é o de caracterizar, afinal, qual é o objeto de conhecimento que a define".

Alguns teóricos afirmam que o objeto do nosso campo são as interações comunicacionais ou o que há de comunicacional nestas interações (técnicas e humanas), e isto

coloca a Comunicação em um campo interdisciplinar, pois as interações podem ser estudadas por diversas lentes nas Ciências Sociais e Humanas. Isto, entretanto, não nos concede uma identidade própria, e Braga atenta para esta abordagem holística do campo, destacando que "esta postura, talvez válida em um ângulo filosófico, não deixa, entretanto, margem para uma pesquisa que se pretenda identificável", o autor continua, afirmando que "a Comunicação, espalhando-se como objeto por todas as áreas, estando em todas as pautas, não está em nenhum lugar" (BRAGA, 2011, p. 65). Ou seja, no entendimento do autor, há, de fato, a necessidade de se delimitar um objeto, mesmo esbarrando em dificuldades conceituais, principalmente para não se perder na selva disciplinar onde habita.

Braga revela que, para ele, "o objeto da Comunicação não pode ser apreendido enquanto 'coisas' ou 'temas'", mas sim como "um certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional" (BRAGA, 2011, p. 66). O autor acredita que a "mídia" estaria no centro das discussões deste ramo, e defende que seu objeto seriam as "interações sociais" nestes meios. Perceba-se que o autor já realiza uma tentativa de delimitar/recortar o objeto para que este seja único, mesmo admitindo o arrojo desta proposição. Esta posição mais incisiva de Braga, inclusive, já foi refutada e/ou problematizada de modo a relativizar a escolha arbitrária de apenas um objeto inerente à Comunicação. Neste contexto, Ferrara apresenta uma posição contrária à Braga, afirmando que,

> Não raro, a ciência da Comunicação se envolve com as características dos meios e canais comunicativos e os temas estudados restringem-se às descrições das características de montagem daqueles canais e, sobretudo, das possibilidades que oferecem para atrair a atenção do público receptor. (FERRARA, 2003, p. 61).

Complementando a discussão, Maldonado (2003, p. 208) afirma que "o fato é que a riqueza de aspectos, processos e fenômenos que podem ser problematizados numa perspectiva comunicacional tem dificultado uma definição abrangente e reconhecida" do objeto comum à área, entretanto, dizer que apenas a mídia é o objeto comum de nossa área constitui uma visão reducionista do problema. Para o autor, uma solução para encontrar este objeto seria a proposição de uma pesquisa epistemológica, pois, enquanto método para a compreensão de uma teoria, a pesquisa epistemológica:

> Inclui problematizações epistêmicas que vão além do micro, formulando estratégias transdisciplinares de construção como condição para o desenvolvimento construtivo do campo. Não obstante, ao mesmo tempo, precisa-se trabalhar com problematizações que estabeleçam distinções, identidades, focos e traços em relação

> a outras áreas e campos de conhecimento. A identidade do campo define-se em relação com os outros, é a partir dessa inter-relação que os focos, 'limites', pertinências, distinções, características, ênfases e eixos são objetiváveis e possíveis de definir. (MALDONADO, 2003, p. 207-208).

Mesmo com tantos esforços para compreender o campo, avançando nesta discussão sobre *campo χ objeto* da Comunicação, Rüdiger (2014) relata que há algum tempo, no Brasil,

> discute-se intensamente nos meios acadêmicos brasileiros da área de Comunicação o problema da sua respectiva fundamentação epistemológica. Aos poucos, surgiu neles um coletivo que se agarrou a um rótulo e, motivado, o tornou estandarte de uma causa, em seus olhos, redentora. Aglutinado no GT portador do nome criado em meio à Compós, consolidou-se o mesmo com publicações, que agora não param mais. A matéria, avaliamos, aparentemente passou a ser óbvia, coisa dada, em que a afirmação de propostas silencia a discussão do eventual problema contido em sua proposição. Apesar de o fato gerar ansiedade epistemológica e suscitar desejo de superar a situação, porta-vozes das principais comunidades acadêmicas da área parecem, lá fora, de acordo que não existe um entendimento unificado de o que são estudos de Comunicação. (RÜDIGER, 2014, p. 396).

Assim, aparentemente, esta falta de identidade própria resulta em uma certa permissividade para que pesquisadores ditem o que é ou não a Comunicação e como o campo está estruturado. Obviamente, este esquema de ditames vai buscar em outras ciências certo grau de legitimidade, visto que a maioria dos pesquisadores da Comunicação procuram na Sociologia, Antropologia e Filosofia respostas para os questionamentos comunicacionais. De todo modo, esta profusão de hipóteses quanto ao campo constitui o que denominamos de epistemologia, já que este exercício de buscar respostas a partir de teorias já existentes, de investigação sobre a natureza de determinada ciência é justamente o que Barros e Künsch consideram como o "pensar o pensamento". Complementando este argumento, Maldonado (2003) defende que a construção epistemológica do campo das Ciências da Comunicação passa pelo reconhecimento das características (estruturações, estratégias e contextos) intrínsecas que configuram as diversas vertentes de pensamento (pesquisas, pesquisadores) predominantes na área. Para o autor,

> A pesquisa epistemológica, assim, investigando a investigação, pesquisando a produção teórica, desconstruindo as estratégias metodológicas e seus procedimentos de realização e formulando estratégias de produção de conhecimentos – condição crucial para garantir o fortalecimento do campo – torna possível problematizar os aspectos metateóricos e metametodológicos em termos sólidos. Propõe-se, portanto, como premissa investir em investigação teórico-metodológica histórica, como um subsídio-chave para uma estruturação forte das comunidades científicas em Comunicação. (MALDONADO, 2003, p. 207).

Ao levar em consideração estas proposições de Maldonado, *a priori*, nesta pesquisa de dissertação, valemo-nos dos exercícios que o autor nos indica, além das proposições de Ferrara (2003) e França (2010), para iniciar o pensamento epistemológico da cibercultura. Neste caso, propomos a realização de um mapeamento geral da cibercultura nos periódicos já assinalados e, posteriormente, a realização de uma espécie de inventário da cibercultura, buscando investigar objetos, teorias, autores e métodos recorrentes no campo, como propõe Felinto (2007) e Amaral e Montardo (2010, 2011). Neste sentido, nos ancoramos na argumentação de Souza (2014) para simplificar e ilustrar nossos objetivos nesta pesquisa:

> Acreditamos que mapear a produção acadêmica e literária, os pontos de vista e as abordagens sobre a cibercultura nos apresenta um retrato do que o campo de estudos da cibercultura "é". Refletir sobre a constituição de uma área de estudos sobre as tecnologias digitais de Comunicação e a possibilidade de elencar objetos preferenciais está no plano do que a cibercultura "deveria ser". (SOUZA, 2014, p. 139).

Esta atividade, de mapear determinada temática circunscrevendo suas características particulares, bem como delimitando seu próprio horizonte teórico, é o primeiro passo para se pensar o pensamento em torno do campo científico e, por conseguinte, torna-se como a premissa para a proposição de uma epistemologia da cibercultura (SOUZA, 2014). Por esta razão, a seguir, passamos para a exposição do que denominamos como "cartografia teórica", que se constitui essencialmente como a conceituação teórica do que entendemos por cartografia e o consequente mapa da cibercultura no Brasil, obtido por meio dos dados identificados no *corpus* desta pesquisa.

5 METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Após apresentar o arcabouço teórico que nos concede bases para esta pesquisa, realizado por meio de revisões e incursões bibliográficas, neste capítulo nos dedicamos a expor os procedimentos metodológicos e análises resultantes do processo de aplicação dos métodos, numa organização que obedece ao seguinte critério: em primeiro lugar, concedemos espaço na metodologia para a exposição do estudo exploratório (realizado no período inicial do mestrado), onde apresentamos um estado da arte visando uma aproximação com o campo da cibercultura. O estudo exploratório nos deu base para o que chamamos de "Cartografia Teórica", já que realizamos uma espécie de mapeamento prévio dos estudos em cibercultura e, foi neste momento, que encontramos o artigo de Erick Felinto (2007), no qual o autor utiliza o termo cartografia para designar o estudo de levantamento da produção científica com vistas ao pensamento epistemológico.

Em segundo lugar, apresentamos o método da pesquisa de dissertação (Análise de Conteúdo) e suas técnicas. Neste capítulo, apresentamos especialmente as técnicas utilizadas para a análise quantitativa (Análise Documental, Categorização, Análise Temática dos Discursos) e, no *capítulo 6,* a seguir, serão apresentadas as técnicas correspondentes às análises qualitativas, também referenciadas por Bardin (2011).

Optamos por apresentar o método e suas técnicas e, em seguida, já tensionar estes aspectos com as análises. Este modelo de exposição (evidenciando o método e a análise de modo conjunto) foi uma opção de construção da dissertação, visto que, usualmente, as pesquisas acadêmicas tendem a obedecer uma estrutura já predeterminada (com método e análises apresentados separadamente). Isto resulta da vivência pessoal da autora – e aqui peço licença para falar em primeira pessoa do singular – já que, durante as aulas do mestrado, em diversos momentos, houve discussões sobre o estilo de formatação das pesquisas acadêmicas, principalmente nas aulas de "Tópicos Especiais em Comunicação, Educação e Formações Socioculturais" e "Metodologia de Pesquisa", quando discutíamos sobre assuntos como o processo de pesquisa, os desafios e angústias do pesquisador, os procedimentos teórico-metodológicos e o caminho que se deve seguir na pesquisa acadêmica. Naquelas ocasiões, várias foram as dúvidas quanto à organização de uma dissertação, e não havia um consenso sobre como ela deve ser estruturada, visto que cada pesquisa é única em sua singularidade/particularidade, requerendo necessariamente processos e estruturas diferenciadas. Portanto, ao demonstrar o método e as técnicas utilizadas de modo conjunto com as análises, pretende-se realizar um movimento de vai e vem entre método e os

resultados, a fim de costurar ambos no tecido da epistemologia, pois as reflexões propostas nesta pesquisa podem ser melhor visualizadas desta maneira.

Ao voltar à primeira pessoa do plural, evidenciamos que a metáfora do tecido, neste caso, se faz compreensível, já que realizamos este exercício de costura entre teoria, método e análises, semelhante à atividade de uma costureira ao produzir uma peça de roupa: no vai e vem da agulha, amarrando todos os retalhos de tecido, ao final, tem-se uma peça completa e pronta para vestir. Assim, ao final de nossa "costura acadêmica" nesta pesquisa, pretendemos ter uma "peça" em formato de pesquisa (com todos os passos necessários para tal: teoria, método e análises) que servirá como discussão epistemológica sobre o campo da cibercultura.

Além disso, esta construção se faz de forma didática, já que no início de cada item apresentamos, com base em Bardin (2011), a técnica metodológica aplicada e, em seguida, já passamos para a exposição das análises e resultados. Uma vez conhecido e analisado, este *corpus* passa a ter um valor simbólico no que diz respeito à epistemologia da cibercultura, visto que, como destacam autores como Maldonado (2003), Ferrara (2003), Felinto (2007), Amaral e Montardo (2010, 2011) e Souza (2014), para se refletir sobre a epistemologia de qualquer campo antes é necessário conhecê-lo em profundidade. Assim, justificada a escolha da construção e estruturação da pesquisa, a seguir, iniciamos este percurso com a apresentação do estudo exploratório, primeiro trabalho de aproximação entre autora e campo de estudo. Podemos dizer que, neste momento, estamos colocando à mão agulha e linha, para iniciarmos a confecção de nossa peça.

5.1 SOBRE O ESTADO DA ARTE

Mapear o território, pensar o pensamento, cartografar o campo teórico da cibercultura. Todas estas expressões destacadas são propósitos para esta dissertação. Para tanto, nos ancoramos em alguns pesquisadores que já realizaram tentativas de mapear o campo em âmbito internacional e nacional, tomando-os como ponto de partida para avançarmos neste propósito, a fim de contribuir parcialmente para um cenário mais abrangente sobre o tema. Anteriormente, citamos que para a produção desta investigação realizamos uma pesquisa exploratória preliminar, com vistas a conhecer melhor o campo e compreendê-lo. Este estudo inicial tinha o objetivo de dimensionar o estado da arte sobre cibercultura, em linhas gerais, sem, portanto, maiores preocupações com linhas específicas, como os conteúdos, as abordagens teóricas e as metodologias utilizadas nos trabalhos, por exemplo.

Por se tratar de um estudo exploratório, procuramos tecer uma teia, de modo a observar, em um plano mais geral, como o campo da cibercultura está estruturado em âmbito nacional. Optamos por investigar quatro repositórios de produção acadêmica online, visando encontrar textos científicos (artigos, teses, dissertações) que combinassem os termos "epistemologia" e "cibercultura". Combinar estas duas palavras-chave foi a solução que encontramos para restringir a amostra da pesquisa, visto que os textos que tinham apenas a palavra-chave "cibercultura" constituíam-se como um universo muito amplo[25] e, por vezes, pouco específico em termos qualitativos, já que em alguns casos a "cibercultura" não constituía um eixo teórico do trabalho, fazendo parte apenas de uma contextualização mais ampla sobre a inserção do objeto de análise na pesquisa, etc.

Os sites de divulgação de produção científica escolhidos para a pesquisa do estado da arte foram o Banco de Teses e Dissertações da Capes, o site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, o site da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber) e o site da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (Bocc). Isto também demonstra que, além de não nos preocuparmos, neste primeiro momento, com questões mais qualitativas, também não nos preocupamos, neste estudo exploratório, com um universo extenso, visto que elegemos apenas quatro sites de busca, justamente por ser um exercício preliminar com vistas à primeira aproximação com o campo pesquisado.

A primeira busca nestes bancos de dados online, resultou num *corpus* composto por 342 dissertações de mestrado, 85 teses de doutorado, 97 artigos científicos, dois livros temáticos (um livro com 20 artigos e outro com 12 artigos), e dois dossiês temáticos (um dossiê com 8 artigos e outro com 12 artigos). Decidimos selecionar trabalhos datados de 1997 até 2015 por termos detectado que a palavra-chave "cibercultura" aparece pela primeira vez em 1997 nestes referidos bancos de dados. Após refinar as buscas, utilizando como palavra-chave também o termo "epistemologia", chegamos a quatro trabalhos que realizam tentativas de pensar o campo da cibercultura por meio da epistemologia.

Dos trabalhos encontrados, portanto, destacamos dois por exercerem este papel de organizar e sistematizar o tema e que relaciona epistemologia e cibercultura. Um deles é a tese de doutorado de Denise Mafra Gonçalves, intitulada "A Internet nos Estudos da Área de Comunicação Brasileira: Questões e Abordagens (2000-2010)". Gonçalves é doutora em

[25] A exemplo da primeira pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da Capes, quando o termo pesquisado foi somente "cibercultura" obtivemos 933 trabalhos provenientes, principalmente, das áreas de Educação e Comunicação.

Comunicação pela UnB (Universidade de Brasília) e, durante seu curso de doutorado, foi orientada por Luiz Claudio Martino, pesquisador já conhecido na área da Comunicação por dedicar-se às linhas de pesquisa sobre epistemologia da comunicação, teorias dos meios, tecnologias da comunicação e metodologia de pesquisa.

Em sua tese, defendida em junho de 2011, Gonçalves realiza um mapeamento da produção científica da área de comunicação brasileira publicada entre os anos 2000 e 2010 com temas relacionados à internet. Já no resumo da tese podemos detectar congruências com a nossa pesquisa, proposta nesta dissertação, quando Gonçalves (2011) destaca que

> A partir da problemática de formação do campo comunicacional, é discutida a pertinência do avanço conceitual na área da comunicação, uma vez que a internet é uma tecnologia de comunicação digital que traz a oportunidade de novas reflexões teórico-epistemológicas. Analisa as primeiras incursões teóricas internacionais (1990-2000) e as principais tendências das explicações. (GONÇALVES, 2011, p. 6).

Assim, observando as mudanças que ocorrem após a inserção da internet no cotidiano social, Gonçalves considera como mister a necessidade de refletir, no campo da Comunicação, sobre as transformações que esta incursão acarreta. Neste sentido, a autora relata que para avançar nas contribuições para o campo científico da Comunicação, a solução seria postular novos paradigmas, tendo como base conceitual as análises teórico-epistemológicas.

Ao avançar para as questões de ordem metodológica, nos chama a atenção os passos percorridos por Gonçalves (2011) durante a construção de sua tese. De acordo com a autora, o método balizador de sua pesquisa foi a análise de conteúdo, fundamentada principalmente pelos conceitos de Bardin (2011), criando categorias de análise a fim de "levantar as questões e as tendências atuais localizadas nos estudos da área de comunicação brasileira sobre internet" (GONÇALVES, 2011, p. 6). Novamente, encontramos similaridades entre a tese apresentada por Gonçalves e esta pesquisa, visto que em ambos os trabalhos reina o interesse pelo mapeamento da produção científica em cibercultura (no caso de Gonçalves, exclusivamente os estudos sobre internet) da área de Comunicação em âmbito nacional.

As palavras-chave da tese servem como eixos norteadores para a construção da obra de Gonçalves, são elas: epistemologia da comunicação, internet, cibercultura, ciberespaço, estudos brasileiros. Estas cinco palavras-chave são conceitos essenciais presentes em seu discurso, visto que a organização dos capítulos teóricos da obra é realizada por meio destas. Já na introdução a autora revisita autores da área da Comunicação que se dedicam a estudar a

epistemologia do campo, em especial tendo a internet como objeto de pesquisa, para compreender o campo da cibercultura, bem como suas particularidades.

No que diz respeito ao capítulo metodológico, a autora (2011, p. 30, grifo nosso) desnuda seu objeto de pesquisa, a internet, qualificando-a como "volátil e fugaz", de "difícil apreensão e sistematização por estar situado **(o objeto de pesquisa)** em uma área de conhecimento cujo conjunto teórico encontra-se em ebulição, em cujo caldo fervem ingredientes muito diferentes, e ainda com tensões sobre o objeto de interesse". Esta citação deixa clara a tendência já postulada por outros comunicólogos, teóricos e pesquisadores (FERRARA, 2003; FERREIRA, 2007; FRANÇA, 2010; BRAGA 2011) que compreendem, no âmbito da comunicação, os estudos em cibercultura como uma área em constante mutação, visto que, mesmo entre os próprios teóricos do campo, existem divergências conceituais, especialmente nos últimos anos (de 2000 até então), quando a internet começa a figurar como um objeto de estudos científicos privilegiado dentro da Comunicação (FELINTO, 2007).

Destacamos que os procedimentos desta autora nos auxiliaram a desenhar o horizonte metodológico desta pesquisa de dissertação. Gonçalves (2011) optou pela análise de conteúdo proposta por Bardin como método de pesquisa por oferecer fundamentação e instrumentos/técnicas para realizar a leitura direcionada dos dados coletados e subdividi-los em categorias de análise. Quanto ao recorte temporal de seu objeto de estudo (as publicações da área de Comunicação sobre internet), a autora destaca que

> Refletimos sobre a delimitação temporal e resolvemos, inicialmente, estudar as publicações nacionais desde o início oficial da instalação da tecnologia de comunicação no Brasil, o que ocorreu, exatamente, no dia primeiro de maio de 1996 (FRAGOSO, 1996). Esse seria o recorte mais interessante para uma pesquisa acadêmica, no grau do doutorado. Entretanto, verificamos que os programas de pós-graduação nacionais na área da comunicação (INTERCOM) e os encontros brasileiros de pós-graduação (COMPÓS) começaram a produzir material acadêmico-científico sobre a internet e disponibilizá-lo de forma organizada e digital cerca de quatro anos mais tarde, por volta de 2000. Não apenas o número de publicações passa a ter maior relevância após o ano 2000, mas também começaram a diferenciar-se as temáticas e proposições. (GONÇALVES, 2011, p. 32-33).

Quanto ao recorte do *corpus*, a autora assinala que foram pesquisadas as revistas eletrônicas de divulgação científica indexadas pela Intercom e pela Compós e depois as revistas do portal Univerciência. Segundo a autora, – que sempre fala na primeira pessoa do plural (nós), destacando a participação de seu orientador durante o processo de construção da tese – como procedimento metodológico, "optamos por buscar localizar as publicações sobre *internet* nas revistas brasileiras de alcance nacional, desde que o foco da revista fosse 'comunicação'" (GONÇALVES, 2011, p. 33). Em seguida, comenta a lista de publicações

pesquisadas e demonstra algumas categorias de análise, para então ingressar nos capítulos teóricos da obra.

No primeiro capítulo teórico a autora realiza uma revisão bibliográfica sobre pesquisadores internacionais que já se dedicaram a estudar cientificamente os impactos da internet na cultura da sociedade contemporânea, em especial na área de Comunicação. São mais de cinquenta páginas de revisão bibliográfica onde a autora destaca a história da internet, bem como a história de determinados conceitos cunhados por autores como Pierre Lévy, Manuel Castells e Nicholas Negroponte, que também estão citados em nosso referencial teórico, justamente por serem precursores no entendimento da cibercultura internacionalmente.

Em síntese, a tese de Gonçalves avança no que Felinto (2007) considera como o território obscuro da cibercultura, mas não aponta caminhos, em especial, para a epistemologia do campo. Obviamente, a autora desenvolve reflexões interessantes para pesquisas futuras e contribui, em grande medida, para o extenso mapeamento do campo da cibercultura no Brasil. Como veremos a seguir, outros pesquisadores brasileiros, desde os anos 2000, têm dedicado especial atenção a este mapeamento.

Outro trabalho que encontramos durante a pesquisa exploratória, foi a dissertação de mestrado de Alessandro dos Santos Souza, defendida em 2014. O trabalho foi localizado em meio aos 270 outros resultantes da pesquisa no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. A dissertação "Elementos para uma Epistemologia da Cibercultura", defendida também na UnB (Universidade de Brasília) e orientada por Christina Maria Pedrazza Sêga, diferente da tese de Gonçalves, indica alguns caminhos para se pensar a epistemologia da cibercultura de fato, levando em consideração toda a literatura acadêmica internacional sobre o tema. O pesquisador realiza uma imersão em autores e obras internacionais para propor um percurso ao leitor em busca de uma epistemologia da cibercultura. Um ponto essencial a ser destacado é que o autor já considera a cibercultura como um campo autônomo de conhecimento, mas intimamente ligado ao campo da Comunicação, e que, assim como esta segunda, tem suas inconsistências teóricas, principalmente com relação às questões ligadas ao objeto de estudo de ambas as áreas. Esta constatação quanto ao objeto indefinido do campo, inclusive, é uma constante entre os pesquisadores da cibercultura, já que a instabilidade acerca de seu objeto também é refletida por outros autores, como Rüdiger (2011) e Felinto (2007).

Na introdução de sua dissertação, Souza (2014) destaca que seus objetivos de pesquisa são, em primeiro lugar, "o resgate dos aspectos fundantes debatidos pelo que já se

convenciona chamar como ‘epistemologia da Comunicação’, o que consideramos fundamental para situar o presente trabalho a partir da perspectiva dessa área” (2014, p.11), e em seguida descreve os demais objetivos de sua pesquisa, que são os seguintes:

> o estudo sobre a formação e a evolução da cibercultura; e [...] a identificação das aberturas passíveis de serem propostas quanto à epistemologia da cibercultura, além de identificarmos quais as contribuições tal perspectiva poderia proporcionar adicionalmente aos estudos da comunicação mediada por computadores em nossa atualidade. (SOUZA, 2014, p. 11).

Além disso, o autor sugere que sua pesquisa, assim que finalizada, deverá suscitar novas questões sobre o tema “epistemologia da cibercultura”,

> uma vez que mudanças significativas têm acontecido tanto no desenvolvimento da tecnologia como no seu entendimento, na medida em que se observa a gradual integração da vida de um contingente cada vez maior de pessoas com aparatos facilitadores das tarefas cotidianas e da própria existência humana. Se o convívio com as máquinas não é uma novidade, considerando que as primeiras, movidas a vapor e destinadas a fabricar tecidos, surgiram em meados do século XVIII, o relacionamento com os computadores é bem mais recente, especialmente se observarmos que somente na década de 1970 eles passaram a ser “pessoais” e na década de 1980 começaram a fazer parte do cotidiano de um número significativo de pessoas. (SOUZA, 2014, p. 12).

Neste contexto é que se inserem os estudos sobre cibercultura: numa sociedade amplamente condicionada pelas tecnologias. Neste ponto, recordamos Felinto (2007) quando salienta que o exercício de mapear os estudos em cibercultura e definir um objeto constitui uma tarefa difícil porque “estamos *inteiramente em seu interior*, mergulhados cotidianamente num ambiente de próteses tecnológicas e num imaginário tecnocultural cada vez mais pregnante” (FELINTO, 2007, p. 11). Não por acaso, desde os anos 1990, diversos pesquisadores envoltos nas até então chamadas *novas tecnologias da informação e comunicação*, percebendo no advento da internet um fenômeno social e técnico com potencial academicamente explorável, se dedicaram a realizar pesquisas e estudos científicos em volta do tema. O que sucede, atualmente, é a necessidade da reflexão crítica a respeito de toda esta vasta produção bibliográfica sobre a temática. Assim, Souza (2014) salienta que

> o fenômeno tecnológico desperta o interesse de um vasto número de disciplinas e áreas do conhecimento, cada qual procurando identificar em seus próprios paradigmas e teorias, o melhor ângulo de entrada para a discussão. Para a Comunicação não é diferente. A partir da popularização do computador e, principalmente, do advento da internet, as novas formas de relacionamento mediadas por esses dispositivos ganharam espaço central na discussão sobre o papel da comunicação como elemento dinamizador da vida em sociedade e aspecto fundamental das mudanças em curso na atualidade. (SOUZA, 2014, p. 12).

Souza tem o mérito, neste caso, de recuperar extensamente os conceitos mais populares no ramo da cibercultura, refazendo o percurso dos estudos sobre a temática, passando por assuntos como as redes telemáticas, cibernética, maquinismos, informática e, finalmente, as questões inerentes à era da internet. Pode-se qualificar a obra de Souza como uma grande revisão de literatura, tendo como método justamente a análise teórica em cima da produção científica e literária sobre o tema, visto que em nenhum momento o autor se dedica a estudar um objeto empírico em especial. Sendo assim, Souza analisa de modo geral todo o arcabouço teórico de seu próprio trabalho, a fim de encontrar, entre os autores e obras apresentadas, alguns elementos fundantes para uma epistemologia da cibercultura.

Constatamos ainda que duas pesquisadoras gaúchas já se deram conta desta mesma necessidade de cartografar o campo da cibercultura e, nos anos de 2010 e 2011, respectivamente, realizaram tentativas de mapear a pesquisa em cibercultura no Brasil. Amaral e Montardo decidiram investigar as temáticas sobre a cibercultura e os estudos de internet nos dez anos que compreendem o período entre 2000 e 2010. Como método de pesquisa, utilizam a análise de conteúdo nos dois artigos que foram publicados: no primeiro, no Vol. 9, nº 18, em dezembro de 2010, na Revista Conexão (Universidade de Caxias do Sul), realizam um estudo exploratório-comparativo da produção acadêmica sobre cibercultura entre o Grupo de Trabalho TIC e Sociedade/Comunicação e Cibercultura, da Compós e os anais da AOIR (*Association of Internet Researchers)* publicados no anuário *Internet Research Annual* e na revista científica *Information,Communication and Society*. Já o segundo artigo, publicado um ano depois no v. 1, n. 34 da Revista Logos, propõe uma análise sobre a produção acadêmica sobre cibercultura a partir dos artigos publicados nos anais do congresso anual da Intercom.

Nestes dois estudos, o ponto principal das pesquisas realizadas está primordialmente no que as autoras designam como "categorias de eixos temáticos recorrentes nos estudos em Cibercultura no Brasil" (AMARAL; MONTARDO, 2011, p. 108). Estas categorias nada mais são do que os principais assuntos abordados nos artigos por elas pesquisados:

QUADRO 1 - CATEGORIAS DE EIXOS TEMÁTICOS RECORRENTES NOS ESTUDOS EM CIBERCULTURA NO BRASIL

(continua)

Categoria	**Temática que compreende**	**Base teórica/Campo Disciplinar**
1- Linguagem	Estudos empíricos, em sua maioria, sobre arquitetura de	Filosofia, Informática, Literatura, Artes, Educação e

	informação, hipertexto, links, buscadores, hipermídia e narrativas de jogos digitais.	Semiótica.
2- Crítica da Técnica/do Imaginário Tecnológico	Estudos teóricos quanto à problematização da questão da técnica e do imaginário tecnológico sob vários aspectos.	Filosofia e Sociologia
3- Subjetividade	Estudos teóricos sobre novas formas ou crítica a novas formas de subjetivação em função de TIC.	Psicologia e Filosofia
4- Apropriação tecnológica	Estudos teóricos ou empíricos sobre a reconfiguração de práticas sociais/culturais em função de TIC.	Antropologia e Sociologia
5- Economia Política da Comunicação Medida por Computador	Investigações ligadas a novas conformações políticas em função da Internet.	Economia, Filosofia e Comunicação
6- Ciberativismo	Reflexões sobre a potencialização da ação do indivíduo/coletividade em termos de ação política via Internet.	Filosofia, Sociologia e Comunicação
7- Epistemologia, Teorias e Métodos	Sistematização que consiste em estudos teóricos e metodológicos sobre a Técnica, Tecnologia e a Cultura Digital.	Filosofia, Literatura e Comunicação
8- Imaginário Tecnológico	Reflexões sobre o presente a partir de referências da Literatura, das Artes, do Cinema.	Sociologia, Literatura Comparada e Cinema
9- Inclusão Digital	Estudos sobre potencialização da inclusão social via TIC.	Sociologia e Educação
10- Práticas de Consumo Mercadológico	Estudo sobre práticas de consumo mercadológico em função das TIC.	Marketing e Comunicação
11- Sociabilidade Online	Estudos empíricos sobre práticas e processos de	Sociologia e Comunicação

	sociabilidade online.	
12- Jornalismo Digital	Estudos teóricos e empíricos sobre as novas práticas, linguagens e rotinas produtivas jornalísticas em função das Tecnologias de Informação e Comunicação	Comunicação
13- Entretenimento Digital	Estudos sobre estéticas, formatos, gêneros, características e produtos e práticas culturais do campo do entretenimento que estão presentes na cultura digital	Comunicação, Sociologia, Estética, Estudos Culturais

FONTE: AMARAL; MONTARDO (2011, p. 108-109).

Podemos notar que as autoras identificaram 13 categorias temáticas, que se relacionam com as áreas teóricas mais diversas, da Comunicação às bases teóricas como a Estética e os Estudos Culturais, como pode ser observado na categoria de número 13 (Entretenimento Digital). Neste caso, as autoras já nos adiantaram algumas informações importantes que constituem o campo, como, por exemplo, a predominância de estudos teóricos sobre as mais variadas temáticas, – o que também pudemos observar quando analisamos o nosso *corpus* (os artigos dos periódicos E-Compós, Famecos, Galáxia, Intercom e Matrizes) – de 2006 a 2010, aparentemente predominam ensaios e reflexões sobre as inovações tecnológicas que assolavam a academia, os campos profissionais e, de maneira ampla, a cultura contemporânea.

Outro ponto positivo destes dois estudos publicados por Amaral e Montardo (2010, 2011), é o fato de que ambos contribuem para o que as autoras chamam de um mapeamento geral da cibercultura no Brasil e ampliam a possibilidade de se refletir epistemologicamente sobre o campo. Quando as pesquisadoras concluem suas análises, no segundo artigo publicado, alertam para a necessidade de se realizar um mapeamento não apenas dos anais dos principais congressos de Comunicação do Brasil, mas também citam a possibilidade de análise dos anais dos congressos da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura), dos livros publicados sobre esta temática, teses e dissertações e, finalmente, dos artigos publicados nos periódicos científicos. Neste sentido, nos focamos nesta última

instância de divulgação acadêmica na tentativa de contribuir para o chamado mapeamento geral da cibercultura no Brasil, iniciado previamente por todos estes autores já citados.

5.2 OS CARTÓGRAFOS

Em resumo, é preciso ressaltar que o estado da arte acima apresentado, realizado no final de 2015, constitui uma base da qual avançamos para outras questões e pesquisas. Ainda assim, evidenciamos que o estado da arte é limitado, já que não abrange um universo tão significativo de trabalhos sobre o campo, tampouco fora realizada uma análise aprofundada do *corpus*. Livros como o de Francisco Rüdiger (2011) e de André Lemos (2002), que utilizamos de forma extensiva nesta dissertação, por exemplo, não estão nele incluídos. Por esta razão, esta "exploração" inicial figura apenas como um ponto de partida, não como algo fundante, mas como uma espécie de preâmbulo para o desenvolvimento desta dissertação.

Outro texto não incluído no estado da arte é o artigo científico apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação por Erick Felinto, em 2007. "Sem Mapas para esses Territórios: a Cibercultura como Campo de Conhecimento" fornece algumas sugestões para o que o autor chama de "possível mapeamento da cibercultura como campo de conhecimento legitimamente vinculado à comunicação" (FELINTO, 2007, p. 1). O artigo, disponível online nos anais do congresso, inicia uma reflexão fundamentada a partir de um consistente levantamento teórico sobre o campo da cibercultura, com vistas a uma cartografia dos estudos sobre o tema, baseada em autores internacionais, assim como fez Francisco Rüdiger em "As Teorias da Cibercultura" (2011).

Felinto (2007) inicia seu texto realizando uma reflexão sobre a natureza da desterritorialidade na pós-modernidade, inaugurada, até certo ponto, pelas mídias digitais e a internet, que confundem as noções de espaço, mobilidade e tempo, causando uma espécie de desorientação, termo que Andrew Keen (2012) diria se parecer com a sensação de vertigem. Para Felinto (2007), no entanto, "essa impressão de desorientação" a que estamos submetidos, é também "particularmente expressiva num domínio de conhecimento que tenta se constituir como um saber a respeito das tecnologias digitais e seus impactos sobre as sociedades contemporâneas, a cibercultura" (2007, p. 2). Isto é, assim como acontece com o homem moderno, que está desorientado imerso no ciberespaço, a cibercultura, enquanto campo disciplinar que tenta se firmar no horizonte científico, também encontra-se desorientada. Para utilizar as expressões que o autor emprega no texto, este campo (a cibercultura) está desorientado e "à espera de seus corajosos cartógrafos" (idem) para organizá-lo.

Ancorado em algumas definições de Jakub Macek (2005), defende que são necessárias tentativas de mapear os estudos teóricos sobre o tema, principalmente porque

> A palavra **– cibercultura –** já começa inclusive a fazer parte do linguajar cotidiano. Multiplicam-se exponencialmente as obras onde o termo aparece sem, contudo, qualquer preocupação de explicitar seu sentido. Mais perturbadora ainda é a impressão de que a cibercultura constituiria, efetivamente, um domínio bem recortado do conhecimento, e que estaria à nossa disposição uma teoria não explicitamente enunciada, mas implicitamente anunciada nos tratados sobre a tecnocultura contemporânea. (FELINTO, 2007, p. 2, grifo nosso).

Assim como apontou Felinto (2007), também verificamos este crescimento *exponencial* de obras que se utilizam do termo, ou então, que tentam entender o fenômeno da técnica na sociedade contemporânea. No texto fica claro que o que inquieta Felinto é justamente este terreno obscuro no qual estão se multiplicando teorias, conceitos e observações que, no todo, não constituem uma unidade de pensamento, mas sim "uma selva inóspita de ambiguidades e caminhos que não levam a parte alguma" (FELINTO, 2007, p. 2). Quando o autor fala que "não existem mapas para esses territórios[26]", ele se refere às dificuldades em tentar mapear um campo que parece não ter homogeneidade de pensamento. Por outro lado, o autor sugere "instrumentos para uma cartografia inicial" deste território definido por ele como "virginal", isto é, passível de ser explorado. Segundo Felinto, esta cartografia "terá de partir, necessariamente, de um diagnóstico do conjunto dos estudos e abordagens correntes sobre cibercultura" (FELINTO, 2007, p. 3). Sendo assim, reside neste sentido a proposição desta pesquisa de dissertação, assim como o fez em âmbito internacional André Lemos (2002), Francisco Rüdiger (2011), e o já apresentado estudo de Erick Felinto (2007), evidentemente que estes de forma muito mais ampla.

Além das constatações (categorias temáticas) apresentadas no item anterior, de Amaral e Montardo (2011), também nos atentamos para uma divisão elaborada por Erick Felinto (2007), quando o autor se propõe a iniciar um estudo cartográfico no campo da cibercultura, atrelado à Comunicação. Em seu estudo, o autor sugere uma definição interdisciplinar para o sentido da cibercultura que diz respeito às teorias que tentam compreender o fenômeno cibercultural na pós-modernidade. Segundo ele, "se usarmos o termo nesse [...] sentido *interdisciplinar*, teremos, antes de tudo, de admitir que a 'reflexão

[26] Felinto realiza uma referência ao documentário "*No Maps for These Territories"* de Mark Neale, onde William Gibson, autor da novela *Neuromancer,* é entrevistado. Segundo Lévy, "a palavra ciberespaço foi inventada em 1984, por William Gibson, em seu romance de ficção científica Neuromancer. No livro, esse termo designa o universo de redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural" (LÉVY, 1999, p. 92).

cibercultural' contempla problemas de ordem muito diversa" (FELINTO, 2007, p. 8, grifo nosso). Isto quer dizer que a cibercultura pode ser compreendida (ou, em movimento inverso, pode limitar seu entendimento) nas diferentes áreas do saber científico, já que constitui um fenômeno técnico, social, histórico, cultural, econômico, etc. Além disso, defende o autor que, mesmo provenientes de outras áreas do conhecimento, em muitos casos ainda podemos notar a relevância do assunto ou, ainda, a aderência das teorias ao campo da Comunicação. Felinto sintetiza isto afirmando que:

> Um livro como *Life on the Screen:Identity in the Age of the Internet* (1997, 1995), da psicóloga e socióloga Sherry Turkle, não parece criar embaraço quanto à sua classificação acadêmica. Dado que seu foco de estudo são as interações sociais através da internet e o problema das identidades *online*, sua relevância para a comunicação se faz evidente. Contudo, o interessante estudo do crítico literário Thomas Foster, *Souls of Cyberfolk: Posthumanism as Vernacular Theory* (2005), poderia nos trazer algum incômodo taxonômico. Ele leva a retomar a pergunta: o que os temas do ciborgue ou do pós-humanismo têm efetivamente a ver com a comunicação? Creio que essa questão admite várias respostas, de diferentes graus de complexidade. (FELINTO, 2007, p. 8).

Percebe-se, aqui, que o autor cita exemplos de obras de outros ramos da ciência, mas evidencia, em suma, o potencial relativo ao que pode ser considerado como comunicacional em ambos os casos, já que visualiza estes exemplares pela perspectiva da Comunicação. Segundo o autor,

> Para permanecer apenas no horizonte das justificativas menos complexas, diria, por um lado, que todos esses assuntos podem (e frequentemente devem) ser abordados a partir de uma *perspectiva comunicacional* [...]. Por outro lado, se admitimos que a cibercultura – apesar da diversidade de tópicos e problemas que engloba – apresenta uma espécie de núcleo cultural-discursivo mais ou menos constante, então não se deve menosprezar a contribuição desse tipo de estudo para uma compreensão mais integral de uma *subcultura* marcada, antes de tudo, pelo ideal da comunicação. (FELINTO, 2007, p. 8).

Evidentemente, aqui, também defendemos a face comunicacional por trás do fenômeno da cibercultura e tomamos as características temáticas apontadas por Amaral e Montardo (2011), que demonstraram que, em sua maioria, os estudos em cibercultura, mesmo provenientes de outras áreas científicas, costumam também ter relação com o campo da Comunicação; e as definições de Felinto (2007) como ponto de partida para investigar como se estrutura o campo da cibercultura nos periódicos acadêmicos A2 da área da Comunicação no Brasil, ou seja, todas estas classificações cumprem um papel eminentemente metodológico.

A partir destas constatações, partimos para reinterpretações e ressignificações, observadas de acordo com nosso objeto de pesquisa. Sendo assim, as referências trazidas acima fazem parte do horizonte metodológico com o qual estamos trabalhando, mas, não são tomados como irrevogáveis, visto que utilizamos estas definições como diretrizes para iniciar o processo de análise metodológica. Assim como nos ancoramos no estado da arte para iniciar o processo do conhecer o campo, utilizamos as categorias temáticas de Amaral e Montardo (2010, 2011) como forma de observar a estrutura do campo cibercultural e, por último, as definições de cartografia de Felinto (2007), que nos indicam o caminho para o que o autor chama de "inventário" da cibercultura. Para tanto, utilizamos como método balizador de nossa pesquisa a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), explicitada a seguir.

5.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Bardin (2011) sugere que este procedimento metodológico é uma "hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência" e que, "enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade" (2011, p. 15). Para que um trabalho adquira rigor científico, a autora elenca algumas técnicas que podem ser utilizadas no processo de investigação, controlando o ambiente pesquisado, a fim de dar credibilidade às análises. Para a autora, esta é uma metodologia que desperta no investigador-pesquisador a atração pelo escondido ou o não aparente, resultando em uma "desocultação" do que se quer descobrir. Bardin (2011) sugere que a análise de conteúdo seja realizada por fases, sempre adequada ao campo de conhecimento específico do pesquisador. A autora constrói sua narrativa apresentando a história do método (seus antecedentes e tendências), as práticas e técnicas que a envolvem e o procedimento em si, exemplificando determinados fenômenos atrelados a diferentes ramos das Ciências Sociais, o que facilita ao leitor a visualização das técnicas apresentadas de acordo com exemplos.

Para a nossa pesquisa, portanto, decidimos adaptar alguns passos apresentados por Bardin (2011) a começar pela análise documental, passando pela categorização aliada à análise das temática dos discursos, objetos, autores e metodologia e, por fim, realizando a descrição analítica do objeto e exercícios de inferência, por meio das técnicas elencadas pela autora.

Para realizar o mapeamento da produção científica sobre cibercultura – ou cultura digital – no Brasil, no recorte definido, dividimos a pesquisa em duas partes para ordenar os

processos de tratamento dos dados da pesquisa, isto é, para favorecer a análise e interpretação do *corpus*. Separamos as etapas da pesquisa em quantitativa e qualitativa justamente para colocar em evidência aspectos que, juntos, formarão um mapa teórico e conceitual estruturado da cibercultura nos periódicos destacados. A etapa quantitativa foi a primeira a ser realizada e diz respeito à coleta dos dados e posterior organização e quantificação do material coletado, bem como à categorização dos elementos observados.

5.3.1 Análise Documental

A análise documental, cita Bardin (2011), é uma técnica muito semelhante à própria análise de conteúdo, entretanto, para a autora, esta primeira consiste em uma das etapas que podem ser consideradas como próprias da segunda. Este tipo de técnica "permite passar de um documento primário (bruto) para um documento secundário (representação do primeiro)" (BARDIN, 2011, p. 51), isto é, na análise documental o pesquisador se dispõe a investigar algo sobre uma determinada amostra fazendo o exercício de resumi-la em uma segunda perspectiva, representativa, portanto, do universo pesquisado. Embora esta possa ser considerada como uma técnica isolada e única, para nós, a análise documental constitui uma etapa da análise de conteúdo, ou seja, uma técnica que inicia os procedimentos metodológicos desta dissertação. Neste caso, a análise documental consta como a primeira parte da análise de conteúdo.

Sendo assim, nossa análise documental se dá após a consulta aos sites dos periódicos pesquisados à procura dos artigos científicos publicados entre os anos de 2006 e 2015 com a temática cibercultura. Ao todo, foram analisadas 118 edições dos periódicos, sendo que a Revista E-Compós e a Revista Famecos publicam três edições anuais, enquanto as demais costumavam publicar duas edições por ano, uma a cada semestre. Abaixo demonstramos os passos da análise documental, que passou pelo site da Capes para compreender o campo em que estamos inseridos e suas lógicas, e pelos sites dos periódicos, onde buscamos conhecer melhor cada periódico, bem como realizamos as coletas.

5.3.2 Qualis Capes: o sistema de avaliação dos periódicos científicos

Neste ponto, sentimos a necessidade de explicar para o leitor o que é a Capes e a que se refere o sistema Qualis Capes, definições importantes por serem concernentes ao objeto

pesquisado. Segundo informações do site da organização[27], a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC), "desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação". A Capes estabelece determinados parâmetros para qualificar os programas de pós-graduação no país e foi criada com o objetivo de "assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país". Para tanto, a fundação realiza exames periódicos aos programas de pós-graduação de todo o extenso território brasileiro e estabelece algumas normas de qualificação para professores e estudantes, além de avaliar os periódicos científicos de todas as áreas do conhecimento. A Qualis Capes responde a esta última atividade de avaliação, já que seu objetivo é a classificação dos periódicos científicos nacionais.

A classificação dos periódicos Qualis Capes vai de A1 a C (em ordem de melhor classificação, em primeiro lugar estão os títulos de A1 e A2, depois, há cinco classificações para o nível B que vão do B1 ao B5 e, finalmente, C). A Capes também organiza os cursos (habilitações e programas de pós-graduação) em áreas específicas. Existem, no total, 49 áreas de conhecimento (QUADRO 2), segundo a Capes, e em cada uma destas, coabitam uma ou mais habilitações de cursos específicos, como, por exemplo, Comunicação, recorte teórico-metodológico a que nos referimos neste trabalho, que está incluída na área de "Comunicação e Informação". Nesta grande área de conhecimento, "Comunicação e Informação" também estão incluídos os cursos referentes aos campos de Museologia e Ciência da Informação.

QUADRO 2 - QUADRO DE ÁREA DE CONHECIMENTO (CAPES)

(continua)

1.	Administração, Ciências Contábeis e Turismo	2.	Antropologia / Arqueologia
3.	Arquitetura e Urbanismo	4.	Artes / Música
5.	Astronomia / Física	6.	Biodiversidade
7.	Biotecnologia	8.	Ciência da Computação
9.	Ciência de Alimentos	10.	Ciência Política e Relações Internacionais
11.	Ciências Agrárias I	12.	Ciências Ambientais
13.	Ciências Biológicas I	14.	Ciências Biológicas II
15.	Ciências Biológicas III	16.	Comunicação e Informação
17.	Direito	18.	Economia
19.	Educação	20.	Educação Física
21.	Enfermagem	22.	Engenharias I
23.	Engenharias II	24.	Engenharias III
25.	Engenharias IV	26.	Ensino

[27] Disponível em: <http://www.capes.gov.br/>.

27.	Farmácia	28.	Filosofia / Teologia: Subcomissão Filosofia
29.	Filosofia/Teologia: Subcomissão Teologia	30.	Geociências
31.	Geografia	32.	História
33.	Interdisciplinar	34.	Letras / Linguística
35.	Matemática / Probabilidade E Estatística	36.	Materiais
37.	Medicina I	38.	Medicina II
39.	Medicina III	40.	Medicina Veterinária
41.	Nutrição	42.	Odontologia
43.	Planejamento Urbano e Regional / Demografia	44.	Psicologia
45.	Química	46.	Saúde Coletiva
47.	Serviço Social	48.	Sociologia
49.	Zootecnia / Recursos Pesqueiros		

FONTE: A autora (2017).

Saliente-se que, até o final do ano de 2016, os cursos de Comunicação, Museologia e Ciência da Informação estavam enquadrados na grande área denominada como "Ciências Sociais Aplicadas I". A partir de 2017, no entanto, a nomenclatura foi reavaliada e preferiu-se, então, denominar a área como "Comunicação e Informação". Segundo o documento de área disponibilizado pela Capes, esta mudança foi realizada porque os cursos (graduações e pós-graduações) de Comunicação e Ciências da Informação têm se expandido de maneira acelerada em ambiente nacional e, assim, seria oportuna a mudança de nomenclatura.

Ao acessarmos o portal Qualis Capes para realizar a pesquisa em busca dos periódicos na área de Comunicação e Informação, pudemos notar que existem vários títulos considerados como A1 pelo sistema, porém, não há nenhuma revista brasileira de Comunicação nesta classificação. Podemos notar, em contrapartida, que existem alguns títulos internacionais neste nível que publicam artigos sobre o campo da Comunicação (APÊNDICE 1). É o caso das revistas científicas francesas *Revue Sociétés* (mais voltada para as Ciências Sociais como um todo) e *Revue Hermès*, editada por Dominique Wolton. Além destas, também há a Revista Comunicar, periódico científico espanhol destinado à publicação de pesquisas no âmbito latino-americano. Para fins metodológicos, entretanto, não utilizamos estes periódicos em nossas análises, justamente por serem títulos internacionais. Os demais periódicos considerados como A1 são das outras habilitações que formam a grande área de Comunicação e Informação, Museologia e Ciência da Informação.

Ao todo, são 40 periódicos considerados como A1 na área de Comunicação e Informação, enquanto na segunda qualificação, A2, 82 periódicos receberam esta classificação (APÊNDICE 2). Ressaltamos que, em ambas as classificações, alguns títulos

estão duplicados, já que, em alguns casos, existem versões online e impressa para um mesmo periódico. Desta vez, ao acessarmos a lista referente à classificação A2[28], encontramos títulos brasileiros da área da Comunicação. As revistas científicas E-Compós, Revista Famecos, Revista Galáxia, Revista Intercom e Revista MATRIZes, figuram, portanto, como o campo de nossa pesquisa empírica, sendo os artigos científicos publicados nestas revistas e relacionados com a cibercultura, os nossos objetos de análise. Ao todo, analisamos todas as edições publicadas nos últimos dez anos (2006-2015) das cinco revistas científicas previamente citadas.

5.3.3 Do Campo ao Objeto de Pesquisa

Quanto ao tratamento dado aos objetos de pesquisa, em primeiro lugar, como já citamos anteriormente, o projeto desta dissertação visava analisar os anais de congressos brasileiros da área da comunicação em busca dos trabalhos que utilizavam a cibercultura em termos teóricos e metodológicos ou como objeto de estudo. Percebemos, após as primeiras aproximações com o campo, que este era difuso e bastante heterogêneo. Os congressos elencados eram a edição anual do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela Sociedade Brasileira dos Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), o Congresso Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e o Simpósio da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber).

Ressaltamos, no entanto, a natureza totalmente heterogênea encontrada nos três eventos. O primeiro, o congresso nacional da Intercom, é o maior evento de Comunicação do Brasil, "chegando a reunir cerca de 3,5 mil participantes em suas edições Nacionais" (AMARAL; MONTARDO, 2011, p. 103). O evento, por sua amplitude característica, costuma abrir espaço para que estudantes de graduação apresentem trabalhos científicos e outras produções acadêmicas, como produtos da área da comunicação, geralmente desenvolvidos em disciplinas práticas dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas (como programas de rádio, TV, campanhas publicitárias, planejamentos estratégicos, etc.) em eventos adjacentes ao próprio congresso. Assim, há espaço para estudantes que ainda cursam a graduação, até locais específicos para que estudantes de

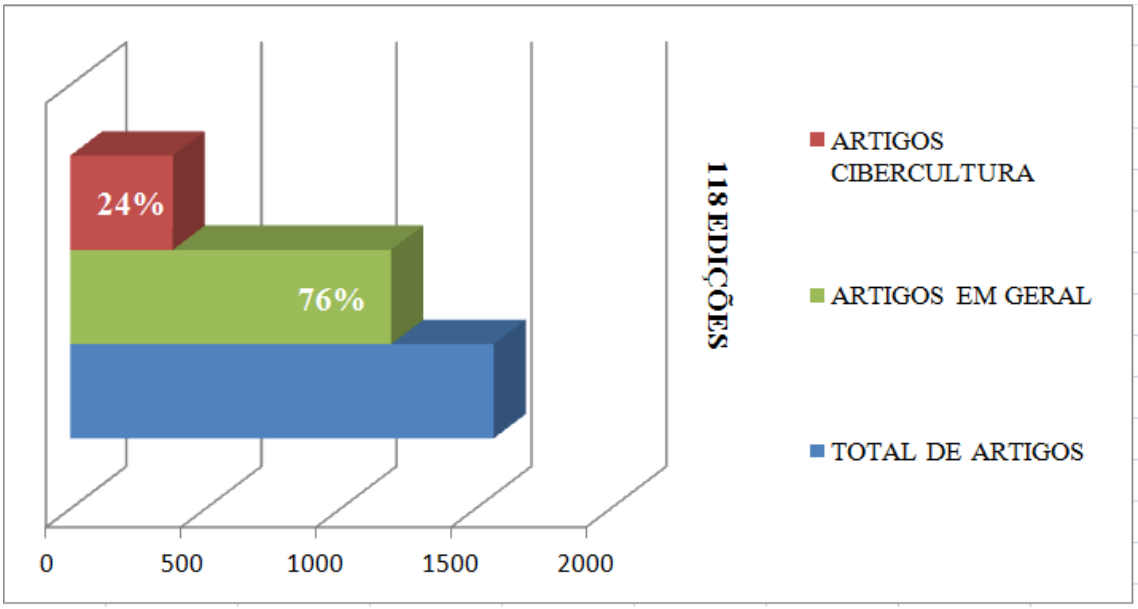
[28] Em 2017 estão classificados como A2 os seguintes periódicos da área da Comunicação: Brazilian Journalism Research (Sbpjor), Comunicação, Mídia e Consumo (ESPM/SP), E-Compós, Famecos (PUCRS), Galáxia (PUCSP), Intercom e Matrizes (USP). Entretanto, as duas primeiras revistas aqui citadas ascenderam a esta classificação após o início desta pesquisa e, por esta razão, ficaram de fora de nosso *corpus*.

mestrado e doutorado apresentem suas pesquisas. Já o congresso da Compós aceita trabalhos somente assinados por doutores (em sua maioria), o que torna mais rígida a avaliação dos trabalhos que são submetidos ao evento. O simpósio da ABCiber, assim como o congresso anual da Intercom, também aceita trabalhos com autores dos vários níveis de titulação (desde estudantes de graduação até doutores), entretanto, este simpósio ocorreu apenas entre os anos de 2007 a 2014, o que colocaria mais uma barreira quanto à homogeneização do *corpus*. Outro fator divergente que constatamos durante nossas primeiras pesquisas é que, anualmente, o congresso da Compós costuma aceitar apenas 10 artigos por Grupo de Trabalho (GT), e os demais congressos não limitam o número de apresentações por GT, isto causaria uma diferença discrepante no recorte do *corpus*. Além disso, Amaral e Montardo (2010; 2011) já realizaram pesquisas semelhantes tendo como objeto os artigos publicados nestes congressos, tornando redundante nossa contribuição. Estas questões todas, juntas, nos fizeram repensar o que diz respeito ao campo e ao objeto a ser pesquisado, pois já havíamos constatado que, no geral, o recorte para analisar os anais dos congressos teria de ser mais limitado e, com isso, talvez pudéssemos perder dados importantes de um ou de outro evento científico. Por esta razão, optamos por mudar o campo de análise e voltamos nossa atenção para as revistas científicas de origem brasileira da área da Comunicação, como haviam sugerido, ao final do segundo artigo publicado, as autoras Amaral e Montardo (2011).

Como detalhamos acima, nosso objetivo era analisar apenas as revistas consideradas como A1 pela Qualis Capes, entretanto, observamos que não existem títulos brasileiros, da área da Comunicação, com tal nota atribuída, no período proposto para esta pesquisa. Passamos, então, para os títulos classificados como A2 e fechamos nosso *corpus* nas cinco revistas já citadas. A partir deste ponto, começamos a coleta dos dados referentes à etapa quantitativa desta dissertação. Durante todo o mês de abril e maio de 2016 focamos na coleta e sistematização dos dados. Ao todo, foram 118 edições, 1.569 artigos observados e, no final, chegamos a um total de 380 artigos publicados (GRÁFICO 1) que mantém alguma relação com o operador teórico macro desta dissertação: a cibercultura. Assim, foram descartados 1.189 artigos científicos por não apresentarem aderência ao tema central da pesquisa, ou seja, percebemos que a cibercultura figura como tema nuclear ou secundário em cerca de 24% de toda a produção científica publicada nos últimos dez anos nos periódicos científicos analisados. Os demais 1.189 artigos científicos publicados foram descartados de nossas análises por serem considerados como de outras temáticas que não tem nenhuma ligação com a cibercultura. De qualquer forma, estes artigos fazem parte do montante geral de textos que foram analisados de maneira dinâmica na primeira etapa do processo de coleta do *corpus*,

figurando como os 76% de artigos que não foram arquivados para a etapa seguinte, de análise aprofundada.

GRÁFICO 1 - RELAÇÃO PERCENTUAL DO NÚMERO DE ARTIGOS PUBLICADOS NAS 118 EDIÇÕES ANALISADAS COM OS ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA



FONTE: A autora (2017).

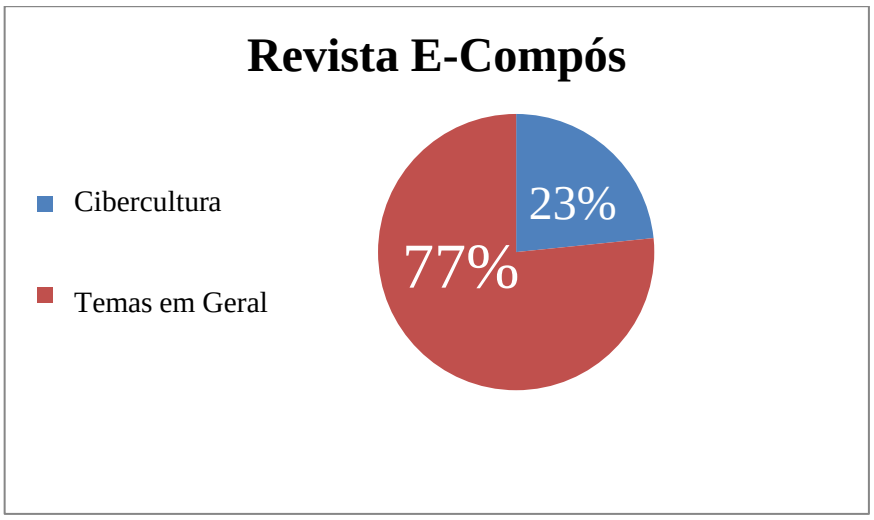
A coleta se deu da seguinte maneira: acessamos os sites de todas as revistas científicas A2, assim classificadas no período de coleta. Após um exame dinâmico pelo sumário de cada edição, abrimos cada artigo científico para analisar título, resumo e palavras-chave. A partir destes três recursos, procuramos encontrar algumas palavras/conceitos que são intrínsecos aos estudos em cibercultura, e foi neste processo que pudemos descartar os 1.189 artigos que não tinham ligação com o tema. A primeira palavra a ser investigada era a própria designação "cibercultura", seguida de "ciberespaço", "digital", "internet", "redes sociais", "sites", "*network*", "técnica" (esta palavra, no entanto, precisava ser observada com cuidado e interpretada de maneira que estivesse em consonância com a técnica segundo Lemos (2002), como explicamos no referencial teórico), e "tecnologia". Além desta busca pelas palavras-chave, procuramos compreender do que cada artigo se tratava, interpretando de maneira subjetiva os resumos dos textos. Desta forma, conseguimos diminuir o *corpus* de 1.569 artigos, para uma amostra de 380. A seguir, demonstramos detalhadamente a coleta realizada, dividida por periódico.

5.3.3.1 Revista E-Compós

A Revista E-Compós é uma publicação científica vinculada a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e tem periodicidade quadrimestral, ou seja, são publicadas três edições por ano, uma a cada quatro meses. Segundo dados disponíveis no site da revista[29], o periódico tem como principal finalidade "difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior". Além disso, a revista E-Compós também visa abordar as "questões conceituais e metodológicas, bem como os desenvolvimentos da pesquisa, aplicada ou teórica, além de difundir a produção científica de pesquisadores da área de comunicação e afins e propiciar um espaço para o debate teórico acerca de reflexões da área de comunicação e suas correlações com outras áreas do saber científico".

Analisamos 30 edições da revista E-Compós, com um total de 446 artigos, de diversos temas e abordagens teóricas e, ao final da coleta dos dez anos de publicações, constatamos que foram publicados 105 artigos com alguma relação com o tema cibercultura. Destacamos o Vol. 9 da revista, publicado no segundo quadrimestre de 2007, que trouxe um dossiê temático voltado somente para temas e reflexões sobre a cibercultura. Nesta edição, do total de 34 artigos, foram publicados 17 trabalhos sobre cibercultura, que compõem o dossiê temático.

GRÁFICO 2 - PORCENTAGEM DE ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA ENTRE 2006-2015 DA REVISTA E-COMPÓS



FONTE: A autora (2017).

[29] Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos>.

Durante os dez anos de análise, percebemos que entre os anos de 2006 e 2009 há uma concentração maior de publicações que abordam o tema cibercultura. Neste intervalo de quatro anos, foram publicados 61 artigos, totalizando aproximadamente 58% de todas as publicações sobre cibercultura no período temporal determinado. Além disso, durante todo o período analisado, comparando com os artigos publicados com temas variados (total de 341) contabilizamos que cerca de 23% (105 artigos) dos textos que foram publicados nesta revista científica tratam, em maior ou em menor medida, de assuntos relacionados à cibercultura.

Os artigos com o tema cibercultura, na amostra da revista E-Compós, provêm de 29 instituições de ensino brasileiras (destaque para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, pois detectamos que, ao todo, dez artigos foram escritos por docentes ou discentes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da universidade carioca). Destacamos outras três universidades brasileiras que mais publicaram artigos durante os últimos dez anos na E-Compós: Universidade Federal da Bahia, com nove artigos publicados por professores e/ou alunos da instituição, Universidade Tuiuti do Paraná e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ambas com sete artigos publicados por membros do corpo discente e/ou docente das instituições. Além de instituições brasileiras, constatamos que autores de outras cinco universidades estrangeiras publicaram artigos científicos na Revista E-Compós: *Universidad Complutense de Madrid*, Espanha; *Universidad Rey Juan Carlos*, Espanha; *Universidade Fordham*, cidade de Nova York, Estados Unidos; Instituto de Comunicação Social da Universidade de Ciências da Educação da Lituânia (*Lithuania University of Educational Sciences*); e *New Jersey City University*, dos Estados Unidos.

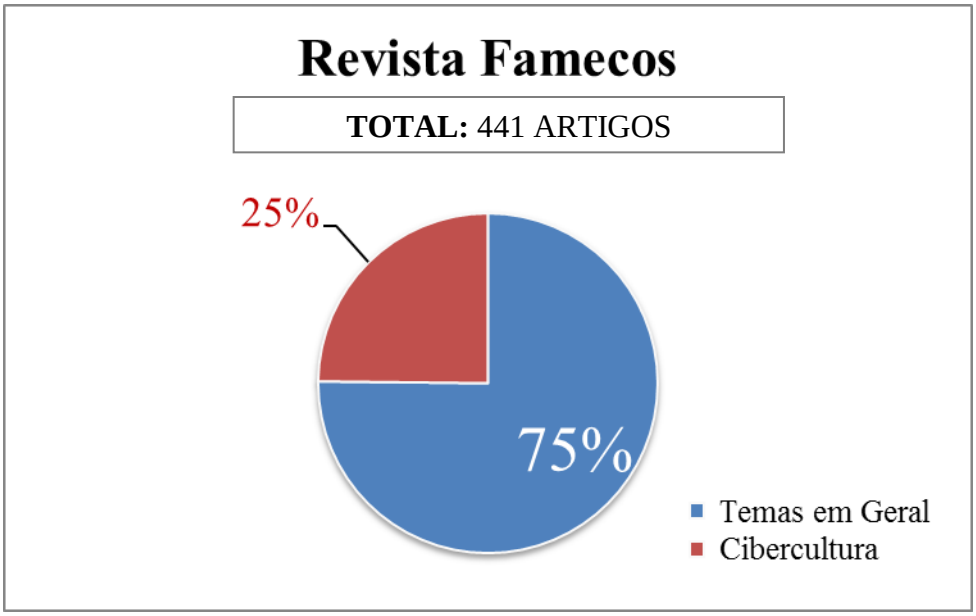
5.3.3.2 Revista Famecos

A Revista Famecos, publicação científica vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), tem como missão "avançar a fronteira do conhecimento científico na área de comunicação, selecionando artigos que apresentem novidades, ideias originais, pesquisas de alto impacto na área, uniformidade na qualidade dos artigos e diversidade temática, tendo como referencial qualitativo a integridade científica dos pesquisadores". Além disso, como estratégia para atingir sua meta, a revista costuma publicar "importantes autores internacionais da área, com nível de doutorado", mas também "acolhe os principais pesquisadores brasileiros e explora os

temas mais relevantes da Comunicação"[30]. Durante os dez anos de análise, observamos que sua periodicidade era trimestral (três edições publicadas por ano) até o início de 2015 (no ano de 2015 já foram publicadas quatro edições). Por esta razão, de 2006 a 2014 contabilizamos três edições por ano, e no último ano de nossa análise, coletamos material de quatro edições, o que resultou em um total de 31 edições analisadas, uma a mais do que a Revista E-Compós, que continua a manter a tradição de publicar três edições anuais.

Nestas 31 edições, foram publicados 441 artigos com temas diversos e, destes, coletamos 108 artigos científicos que estabelecem alguma relação com o tema cibercultura. Ressalte-se que no ano de 2008, a revista publicou um dossiê da ABCiber, contendo 19 textos sobre o tema.

GRÁFICO 3 - PORCENTAGEM DE ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA ENTRE 2006-2015 DA REVISTA FAMECOS



FONTE: A autora (2017).

Se compararmos com a revista anterior, a Revista Famecos dá uma ênfase ligeiramente maior para assuntos relacionados à cibercultura, já que 23% dos artigos científicos publicados na E-Compós são sobre o tema, 2% a menos comparada à Famecos. Levamos em consideração que esta primeira publicou 446 artigos, enquanto a segunda, 441. As instituições de onde provêm os autores dos artigos que mais apareceram no *corpus* referente à Revista Famecos são a PUCSP e a UFRJ, ambas com nove artigos, seguidas da UERJ, com oito exemplares publicados. Esta contabilização obedece à observação das

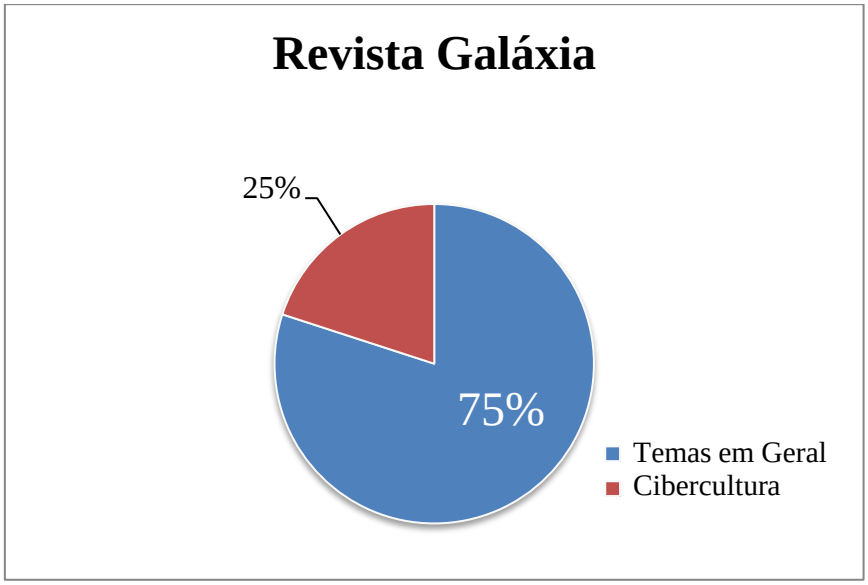
[30] Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/index>.

instituições de ensino as quais pertencem os autores dos artigos e, em muitos casos, alguns artigos são escritos por autores que são vinculados a diferentes instituições. Nestes casos, contabilizamos todas as instituições disponíveis nos miniperfis dos autores dos textos. Quanto às universidades estrangeiras, verificamos publicações provenientes do Canadá (*University of Ottawa*), EUA (*University of Texas*, Austin; *University of California*, Los Angeles) e França (*Université Paul Valéry*, Montpellier III).

5.3.3.3 Revista Galáxia

Com periodicidade semestral, publicando apenas duas edições da revista por ano, a Revista Galáxia, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), tem como objetivo, segundo informações retiradas do site da revista[31], "(1) compreender a produção, a circulação e a recepção dos sentidos/signos comunicacionais; (2) demonstrar a variedade das pesquisas na área da Comunicação, em termos de discursos, as práticas sociais e condições de interação, tecnológicas ou não; e, (3) a partir do diálogo e do confronto de diferentes pontos de vista, firmar soluções metodológicas num campo do saber cujas bases teóricas e epistemológicas encontram-se em densa discussão".

GRÁFICO 4 - PORCENTAGEM DE ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA ENTRE 2006-2015 DA REVISTA GALÁXIA



FONTE: A autora (2017).

[31] Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/galaxia>.

Ao todo, analisamos 20 edições da Revista Galáxia e um total de 260 artigos, relacionados com os mais variados temas. Destes 260, coletamos 65 artigos científicos que mantém alguma relação com o tema cibercultura, o que significa um total de 25% de textos científicos publicados sobre a temática no periódico. Quanto aos demais 75% da produção científica, classificamos como artigos com abordagens gerais, alheias, portanto, aos assuntos relacionados com a cibercultura. As universidades ligadas aos autores que mais publicaram artigos no periódico no período-temporal determinado são a UFBA, com oito trabalhos relacionados aos autores, seguida da PUCSP, que figurou como instituição de sete artigos científicos.

Quanto ao autores ligados a universidades estrangeiras, observamos uma menor incidência de textos com ligações externas ao Brasil, já que encontramos apenas um autor ligado à *Université Paris 8*, com o ensaio de Philippe Bootz, "Alire; um histórico" (Revista Galáxia, 2014, n. 27) e o texto de Gianfranco Marrone, da Universidade de Palermo, "Semiótica da cidade: corpos, espaços, tecnologias" (Revista Galáxia, 2015, n. 29).

5.3.3.4 Revista Intercom

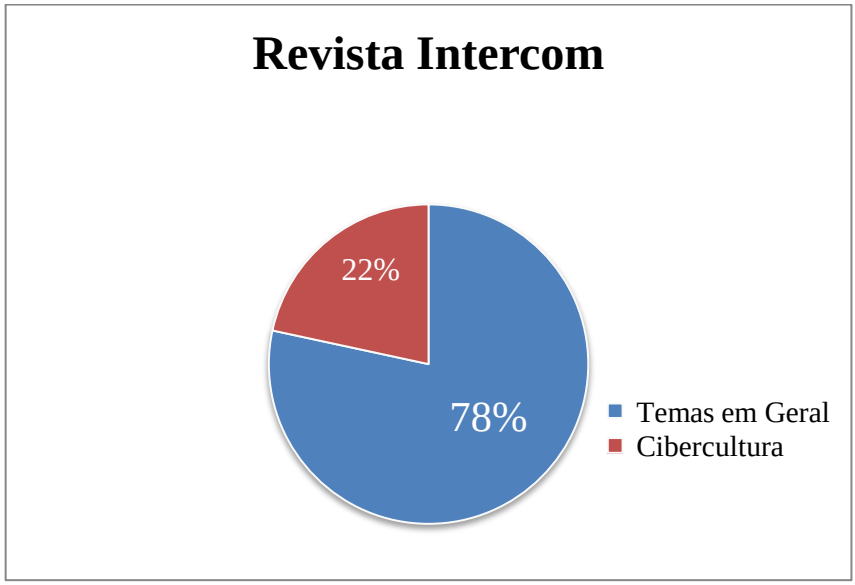
Com duas publicações anuais, a Revista Intercom, editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), tem como objetivo publicar semestralmente artigos científicos da área da comunicação, "respeitando a interdisciplinaridade e a abrangência temática características" desta área do conhecimento e, segundo informações retiradas do site do periódico[32], tem como missão "contribuir para a difusão do conhecimento científico e a reflexão pluralista sobre a Comunicação".

De 2006 a 2015 a Revista Intercom publicou 20 edições, sempre obedecendo sua periodicidade semestral. Durante este período, observamos que a revista publicou um total de 222 artigos científicos, mantendo um número regular de 10 a 12 artigos por edição. Deste montante, verificamos que há 174 artigos científicos com temas diversos e 48 artigos que se enquadram na temática cibercultura. Observamos que diferentemente dos outros periódicos apresentados acima, a Revista Intercom não mantém a tradição de publicar dossiês temáticos, como, por exemplo, a revista E-Compós, que, inclusive, como pontuamos acima, publicou dossiê temático voltado a assuntos exclusivamente correlacionados à cibercultura.

[32] Disponível em: <www.portalintercom.org.br/revista-intercom>.

Abaixo, podemos notar que 22% (48) dos artigos científicos, de todo o montante (222 publicações), são provenientes da área da cibercultura. Observamos que nos primeiros anos analisados eram poucos os artigos relacionados à temática, como exemplo podemos citar o ano de 2006, no qual encontramos apenas um artigo no Vol. 29, nº 2 (na edição de nº 1 nem ao menos há algum artigo científico sobre o tema), e no ano de 2008, foram publicados apenas dois artigos sobre a temática.

GRÁFICO 5 - PORCENTAGEM DE ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA ENTRE 2006-2015 DA REVISTA INTERCOM



FONTE: A autora (2017).

Destacamos três instituições brasileiras ligadas aos autores que publicaram artigos na revista: UFBA e Unisinos, que apareceram ligadas a autores em quatro artigos cada uma, e USP, com três artigos ligados a autores. Observamos que a Revista Intercom e a Revista MATRIZes, como veremos a seguir, são os dois periódicos que costumam publicar mais textos de autores ligados a instituições estrangeiras. Neste caso, a revista Intercom publicou, durante os últimos dez anos, artigos de autores provenientes de dez instituições internacionais: Universidade Nacional de Quilmes (Argentina), *Pontificia Universidad Catolica* (Chile), *Universidad del Pacífico* (Chile), Universidade de Roskilde (Dinamarca), *Universitat de València* (Espanha), *Universidad Autónoma de Puebla*, (México), *Universidad Nacional Autónoma de México* (México), Universidade da Beira Interior (Portugal), Universidade Nova de Lisboa (Portugal) e *Libera Università Maria SS. Assunta* (Roma).

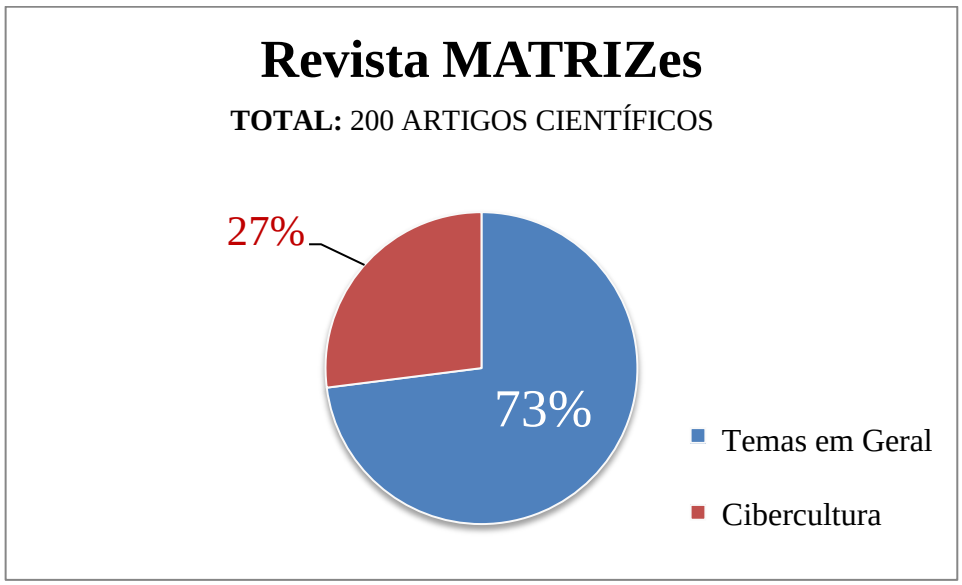
Esta tendência de publicar textos de pesquisadores internacionais, ao que parece, começou em 2013, ano em que o periódico publicou cinco artigos sobre cibercultura, sendo

quatro deles escritos por estrangeiros em uma única edição (v. 36, n. 2). Nos anos seguintes (2014 e 2015), a revista manteve a mesma postura, publicando de um a dois artigos de autores internacionais por edição. Notamos, ainda, que nos últimos anos de análise, (2012, 2013 e 2014), houve um aumento significativo na publicação de textos sobre cibercultura.

5.3.3.5 Revista MATRIZes

A Revista MATRIZes, editada pela Universidade de São Paulo (USP) é a que mais publica artigos em inglês, espanhol e francês, já que, desde sua primeira edição, em 2007, a revista costuma publicar artigos em outras línguas. A Revista MATRIZes segue uma estrutura diferente das demais e, desde 2007 até 2015, foram publicadas 17 edições, que contam com dossiês (publicando em toda edição cerca de quatro artigos de uma mesma temática), uma sessão chamada "Em Pauta/Agenda" (que costuma publicar textos com diversos temas), resenhas e entrevistas. Ao todo, analisamos 200 artigos com temas gerais e, destes, retiramos 54 artigos que estão relacionados à cibercultura. Além disso, visualizamos cinco entrevistas e seis resenhas sobre a temática.

GRÁFICO 6 - PORCENTAGEM DE ARTIGOS SOBRE CIBERCULTURA ENTRE 2006-2015 DA REVISTA MATRIZES



FONTE: A autora (2017).

Segundo dados do site, a Revista MATRIZes[33] é um periódico semestral, ou seja, lança duas edições por ano, destinadas à publicação de estudos que tenham por objeto a Comunicação e se coloca como um espaço de debates das diferentes perspectivas emergentes sobre o campo, que, por sua vez, é permeado por outras disciplinas/áreas do conhecimento. Este foi o periódico em que detectamos maior incidência de artigos, resenhas e entrevistas com temas pertinentes ao campo da cibercultura, visto que 54 artigos sobre cibercultura, de um universo total de 200 artigos científicos publicados pela revista, figuram como cerca de um terço da produção total da revista, o que demonstra que o interesse pela área é uma constante no período temporal analisado.

Outro detalhe que pudemos perceber é que a revista não costuma veicular um número exato de artigos, variando entre 10 e 15 textos científicos publicados por edição, além das entrevistas e resenhas. Dos 54 artigos sobre cibercultura, destacamos que 19 deles foram escritos por autores estrangeiros, provenientes de instituições de países como México, Inglaterra, Estados Unidos, Chile, Colômbia, Argentina, Itália, França e Dinamarca, o que demonstra o interesse pela internacionalização dos estudos em comunicação e cibercultura por parte da revista. Quanto às instituições nacionais ligadas aos autores que publicaram artigos no periódico, destacamos duas universidades localizadas no estado de São Paulo, USP, com seis artigos de autores provenientes da instituição, e PUCSP, com cinco artigos de autores provenientes da instituição.

5.4 CATEGORIZAÇÃO DO *CORPUS*

O exercício de categorização constitui uma "operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento" (BARDIN, 2011, p. 147), assim, pretendemos sistematizar os 380 artigos sobre cibercultura do total das publicações examinadas em categorias. Optamos por considerar como categorias principais os seguintes elementos: a) os temas abordados nos artigos; b) os métodos observados; c) os objetos; e, finalmente, d) os campos disciplinares de onde os textos provém. A categorização, explica Bardin (2011), é um "processo estruturalista" e, segundo sua percepção, deve ser realizada em duas etapas principais:

1. A etapa do *inventário*, que nada mais é do que o exercício de isolar os elementos que serão analisados no *corpus* pretendido e;

[33] Disponível em: <www.revistas.usp.br/matrizes>.

2. A etapa da *classificação*, que se refere ao momento de organização dos elementos pautados na fase de inventário. Esta segunda etapa denominamos em nossa pesquisa como a fase de sistematização dos elementos do inventário.

A decisão de categorizar os elementos presentes no *corpus* é uma forma de condensar elementos que nos serão válidos no processo de análise qualitativa (*capítulo 6)*, já que são destas categorias que partiremos para as análises em profundidade, além de que estas, por serem elementos de organização e sistematização, podem nos dar inicialmente uma prévia do mapa dos estudos em cibercultura no Brasil, como demonstraremos no item a seguir.

5.4.1 Categoria 1: Temáticas

Diferentemente das temáticas anteriormente definidas pelas pesquisadoras Adriana Amaral e Sandra Montardo, as categorias que emergem do nosso *corpus* são apresentadas em comparação/complemento às propostas pelas duas pesquisadoras. O quadro (QUADRO 1) que reproduzimos anteriormente elenca 13 categorias generalistas que se referem aos eixos temáticos recorrentes nos estudos em cibercultura no Brasil entre os anos 2001 e 2010 (eixos postulados por Amaral e Montardo, 2010, 2011). Obviamente, estas categorias emergiram de um estudo bastante específico, realizado nos anais dos eventos analisados pelas autoras, mas servem-nos como um quadro de reflexão de onde iniciamos nossas observações. Utilizamos a categorização das autoras, é imprescindível ressaltar, apenas como ponto de partida para ordenar nosso processo de produção de categorias, que será apresentado a seguir.

Após a leitura de cada um dos trabalhos presentes no *corpus* de 380 artigos, chegamos a um total de 123 temáticas recorrentes nos estudos em cibercultura nos últimos dez anos. O número elevado de temáticas que foram emergindo, no entanto, nos levou a elaborar um quadro onde as categorias se misturam por proximidade temática ou similaridade. Após uma triagem, elaboramos um quadro temático que compreende as 123 temáticas, organizadas em 29 itens categoriais que pretendem dar conta do universo temático mais abrangente. Algumas destas categorias englobam outras subcategorias, que estarão explícitas no quadro a seguir (QUADRO 3), onde podem ser visualizadas as temáticas gerais e suas respectivas definições. Procuramos agrupar temáticas semelhantes, bem como produzir um quadro da maneira mais completa possível, demonstrando a multiplicidade de temáticas que podem ser abordadas nos estudos em cibercultura. Abrimos também a discussão sobre como cada temática pode se aderir à outra ou incorporar elementos de outras temáticas. Para estudos

futuros, podemos pensar em um esquema mais enxuto, que dê conta de todas as temáticas agrupadas em categorias mais generalistas.

QUADRO 3 - QUADRO TEMÁTICO ELABORADO A PARTIR DA ANÁLISE DE DEZ ANOS DE PUBLICAÇÕES EM CIBERCULTURA EM PERIÓDICOS CIENTÍFICOS BRASILEIROS
(continua)

TEMÁTICA	DEFINIÇÃO
1. Arte	Trabalhos que observam as mudanças na arte a partir da cibercultura. Intervenções artísticas contemporâneas.
2. Ativismo • Ciberativismo • Netativismo • Feminismo • Opinião Pública • Movimentos Sociais	Trabalhos que correspondem à observação dos fenômenos de engajamento e compartilhamento de causas sociais. Ativismo nos sites de redes sociais.
3. Audiovisual • Web TV • Televisão na era digital • Cinema • Documentário/Webdocumentário • Vídeos online (YouTube)	Trabalhos que realizam reflexões sobre o futuro da indústria televisiva. Novas possibilidades de compartilhamento de vídeos na internet.
4. Cibercultura • Cibernética • Ciberarte • Ciberativismo • Cibercidadania • Cyberpunk	Trabalhos que utilizam o prefixo “ciber” para designar suas reflexões foram enquadrados nesta categoria.
5. Ciência • Ciências da Comunicação	Trabalhos que refletem sobre as mudanças científicas possibilitadas pelas tecnologias. Advento de uma nova teoria da comunicação, baseada nos avanços tecnológicos.
6. Comunicação • Comunicação Eleitoral • Comunicação Intercultural • Comunicação Mediada por Computador • Comunicação organizacional • Comunicação Pervasiva	Trabalhos da área da Comunicação que a discutem a partir de subáreas.
7. Cultura • Mediações • Contracultura • Cultura Hiper • Cultura Contemporânea	Trabalhos que realizam reflexões, principalmente com bases sociológicas, sobre a cultura e suas derivações.

• Cultura Digital	
8. Epistemologia	Trabalhos que discutem o conhecimento gerado sobre cibercultura e suas aberturas epistemológicas.
9. Espaço • Ciberespaço • Desterritorialidade • Mobilidade • Espaço urbano	Trabalhos que observam a ruptura com as noções de espaço e tempo desencadeada com o avanço das tecnologias digitais.
10. Fotografia • Estética • Imagem	Trabalhos sobre as possibilidades da fotografia digital e suas características.
11. Identidade • Superexposição • Formação e simulacros da identidade	Trabalhos que polemizam a superexposição das identidades na modernidade. Problematizam questões sobre a formação das identidades dos sujeitos nos sites de rede social.
12. Imaginário	Trabalhos, principalmente teóricos, sobre o imaginário tecnológico. Exercícios de futurismo e prospecções acerca do devir tecnológico.
13. Inclusão Digital • Inclusão social das Pessoas com Necessidades Especiais (PNE) por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)	Trabalhos que problematizam as questões sobre inclusão social na era das redes, principalmente acerca das Pessoas com Necessidades Especiais. Também há registro de trabalhos que discutem a inclusão por parte de classes sociais mais baixas.
14. Instituições • Relações Públicas • Públicos • Organizações • Comunicação Organizacional • Comunicação Empresarial	Trabalhos que têm como foco o planejamento estratégico, reordenação e reestruturação empresarial na era das redes digitais.
15. Internet • Redes • WWW	Trabalhos, geralmente de natureza empirista, que analisam a internet como objeto de pesquisa. Reflexões sobre as características das redes.
16. Jornalismo • Jornalismo impresso • Jornalismo para dispositivos móveis	Trabalhos, empíricos e teóricos, que expõe as reconfigurações do jornalismo na era das

• Webjornalismo • Design para webjornalismo • Webjornalismo de dados • Colaboração do receptor • Jornalismo Participativo	redes. Reflexões sobre um novo modo de produção e recepção jornalística, marcado pela convergência de mídias e pela presença do receptor, que torna-se ativo no processo de produção de informação.
17. Linguagem • Narrativa ficcional • Fanfictions • Atores verbais e Não-Verbais • Narrativas • Discurso	Trabalhos, geralmente provenientes da área de Linguística e Pragmática, que se dedicam a analisar os discursos e a circulação e produção de narrativas na contemporaneidade.
18. Memória Coletiva • TAGS • Hiperlinks	Trabalhos que expõem a característica que a rede tem de armazenar e indexar dados por meio de links e tags.
19. Metodologias	Trabalhos que discutem possíveis metodologias científicas para analisar objetos e fenômenos da cibercultura.
20. Mídia • Multimídia • Transmídia • Convergência • Meios de Comunicação de Massa (MCM)	Trabalhos que refletem sobre as novas mídias e as possibilidades de agregar uma ou mais mídias em plataformas digitais.
21. Música • Indústria Fonográfica • Compartilhamento e downloads de áudio • Direitos autorais • Pirataria	Trabalhos que discutem a reconfiguração da indústria fonográfica frente ao devir tecnológico. Discutem os direitos autorais na era em que os usuários têm a possibilidade de realizar downloads em softwares não autorizados.
22. Multidisciplinaridade	Trabalhos que discutem a heterogeneidade do campo da cibercultura. Trabalhos de outras áreas do conhecimento científico.
23. Política • Poder de deliberação das mídias digitais (sites de órgãos públicos) • Público e Privado	Trabalhos de natureza diversa que discutem ciberdemocracia, ativismo nas redes sociais, transparência política, poder deliberativo das redes.
24. Pós-Humanismo	Trabalhos que problematizam as questões do humano na era das redes e a ascensão de um pós-humanismo, que tornaria os sujeitos

	obsoletos. Trabalhos que divulgam o desejo de transcender a figura humana e se projetarem nas máquinas.
25. Processo de formação de conhecimento no ciberespaço • Inteligência Coletiva • Educação • EaD • Edutainment • Educomunicação	Trabalhos que discutem a educação e a circulação de saberes na internet e em softwares digitais.
26. Publicidade	Trabalhos sobre o advertainment na era das redes. Reconfiguração e adequação de campanhas aos meios digitais.
27. Sites • Portais de Jornalismo • Wikis • Sites de Rede Social (Facebook, Twitter, etc) • Blogs, Microblogs, Fotoblogs	Trabalhos de natureza empírica que analisam as características de sites específicos.
28. Sociabilidade • Interatividade • Comunicação Mediada por Computador (CMC) • Dinâmicas Conversacionais	Trabalhos que discutem as novas formas de comunicação e troca de mensagens na era das redes.
29. Vigilância • Personalização de Conteúdo • Vigilância Digital • Segurança • Dispositivo Panóptico	Trabalhos que problematizam as questões referentes à vigilância exercida pelas redes sobre os sujeitos. Consideram a internet como o dispositivo panóptico, que é um modo de vigilância panorâmica no qual os sujeitos não sabem que estão sendo observados.

FONTE: A autora (2017).

Ressalte-se que este quadro foi realizado com base no número significativo de vezes em que foi observada a incidência destas temáticas. Todas elas foram elencadas justamente porque foram temas recorrentes nos artigos analisados. Evidentemente, há algumas temáticas que poderiam estar presentes em mais de uma categoria, mas optamos por inseri-la naquela que nos pareceu apresentar maior ênfase. A seguir, nos dispomos a sistematizar de forma descritiva alguns pontos referentes a cada uma das 29 categorias, além de citar exemplos que

ilustrem a tônica de cada uma delas. Utilizamos o quadro de percentuais (APÊNDICE 3) para observar os níveis de incidência de cada uma das categorias abaixo.

- **Temática 1 – Arte:**

Cerca de 1,3% da produção científica analisada pode ser enquadrada nesta temática. Enquadram-se artigos com o intuito de desenvolver reflexões sobre manifestações culturais, principalmente de ordem estética, no âmbito da cibercultura, como exemplo, podemos citar a ciberarte, que nada mais é do que a arte produzida digitalmente, em gráficos computacionais, com a utilização de *softwares*, etc. Também entram nesta temática discussões sobre os reordenamentos da arte tradicional na era da cibercultura, o papel dos museus e da obra de arte enquanto composição artística do âmbito *offline* neste processo de digitalização da sociedade. Desta temática, como abordamos acima, surgem questões como o conceito de ciberarte, por exemplo, que é o eixo principal do artigo "Tensões entre a política e a estética na cibercultura", escrito por Silvana Macêdo (Udesc) e Diana Domingues (PUCSP). O texto, publicado em 2007, no nº 13 da Revista Galáxia, aborda os aspectos políticos e estéticos da arte na contemporaneidade, colocando as reflexões em torno da arte na cibercultura.

- **Temática 2 – Ativismo:**

Ativismo parece ser um tema historicamente relevante no âmbito da Comunicação e das Ciências Sociais de modo geral. Este é um dos temas que aparece em 1,3% do *corpus* analisado, além de ser interpretado e reinterpretado sob óticas diferentes, isto é, pudemos notar que a temática "Ativismo" engloba assuntos variados. O "Ativismo", por sua vez, engloba reflexões sobre manifestações que visam, em sua maioria, transformações na realidade social. Geralmente dotadas de doutrinas pré-estabelecidas, as reflexões sobre ativismo problematizam e desconstroem conceitos, e visam abordar assuntos com tom de militância. Como exemplo de sua diversidade citamos o artigo "Prefiguração de contrapúblicos em Brad – Uma noite mais nas barricadas" (Revista Galáxia, 2010, n. 20), escrito por Bráulio de Britto Neves (Unicamp), que faz uma análise fílmica de um ciberdocumentário e tensiona suas análises com o termo "Ciberativismo". Ainda podemos citar o artigo "Imagens da Primavera Árabe: estética, política e mídias digitais" (Revista Galáxia, 2012, n. 23), de Tarcisio Torres Silva (Unicamp) que, por mais que seja considerado parte da mesma categoria temática, tensiona o "ativismo" de maneira totalmente diferente do caso anterior. Neste artigo, o autor analisa o cunho estético-político do conteúdo audiovisual produzido (geralmente, de forma amadora) durante a Primavera Árabe.

- **Temática 3 – Audiovisual**

Esta categoria trata de aspectos emergentes sobre a cultura televisiva, filmes, documentários e, mais recentemente, os vídeos publicados na internet. Como audiovisual, consideramos todo assunto voltado para a produção e consumo de produtos de vídeo, bem como problematizações sobre a indústria cinematográfica e televisiva. A análise do *corpus* nos mostrou que a categoria de número "3" é uma das mais emblemáticas quando se fala em densidade (tanto teórica, quanto densidade em material coletado), já que cerca de 6,6% da produção científica analisada pode ser enquadrada nesta temática. Nesta categoria, um dos trabalhos publicados que nos chamou atenção foi o artigo "Imagens conectivas da cultura" (Revista Famecos, 2010, v. 17, n. 3), onde Suzana Kilpp (Unisinos) elabora uma reflexão sobre como o audiovisual consegue gerar impactos na economia, quando, segundo a autora, este recurso, muito conhecido pelo público já acostumado com a televisão como veículo de massa, passa a ser utilizado nas plataformas digitais.

Também em audiovisual, há trabalhos analisando como produções fílmicas utilizam recursos digitais para criar cenários, sons e o que mais a imaginação possibilitar (e o *software* tiver capacidade). Um destes casos é o artigo escrito por Denise Azevedo Duarte Guimarães (UTP). No texto, "Imaginário e virtualidade: as estratégias miméticas no épico 300" (Revista E-Compós, 2008, v. 11, n. 3), a autora analisa como os produtores da obra fílmica "300" utilizam os recursos digitais para criar um imaginário em torno das imagens ficcionais.

- **Temática 4 – Cibercultura**

Optamos por denominar "Cibercultura" a categoria temática que compreende assuntos que poderiam ser encaixados, parcialmente, em outras categorias. Entretanto, nesta categoria, englobam-se os artigos que discutem em predominância assuntos da área "ciber" (8,7% dos artigos podem ser enquadrados nesta temática, que perpassa grande parte da produção analisada), como a cibernética e tecnologia, ciberataques, cultura *hacker*, cultura ciber, narrativas tecnológicas, ficção, etc. Para exemplificar, demonstramos o caso do artigo "Visões Perigosas: Para uma genealogia do *cyberpunk*" (Revista E-Compós, 2006, v. 6), que é um recorte da tese de doutorado da autora, Adriana Amaral. O texto realiza um levantamento histórico e bibliográfico para a caracterização deste subgênero específico da ficção científica, o *cyberpunk*. Perceba-se que, neste caso, não conseguiríamos encaixar o tema do artigo da autora estritamente em nenhuma outra categoria por completo (havia a possibilidade de colocá-lo parcialmente na categoria "17 – Linguagem"), mas preferimos

encaixá-la na temática de número “4” já que predominava um assunto bastante particular ao território tecnológico/cibernético, o *cyberpunk*.

- **Temática 5 – Ciência**

Esta categoria foi definida para englobar artigos que discutiam as reconfigurações e avanços no ambiente acadêmico com o advento das tecnologias digitais e da cibercultura de modo geral, o que gera, por consequência, também novos paradigmas para o ambiente científico. Também consideramos como “Ciência” artigos que abordam questões sobre o desenvolvimento e prática da pesquisa, reinterpretam conceitos e teorias, e textos que pretendem discutir os usos de tecnologias para o avanço da própria ciência. Ao todo, enquadramos 1,1% dos artigos nesta temática, como é o caso do texto “Ciberespaço: conceito à procura de um nome” (Revista Famecos, 2008, v. 15, n. 37), escrito por Lucrécia Ferrara (PUCSP). A autora realiza uma pesquisa bibliográfica com vistas à reflexão acerca do próprio conceito de ciberespaço, elencando possíveis associações teóricas sobre o conceito à procura de uma designação própria. Com o texto, Ferrara incita evoluções na ciência justamente por realizar uma interpretação das teorias sobre o ciberespaço e procurar encaixá-lo numa denominação que seja particular ao próprio conceito.

- **Temática 6 – Comunicação**

Ainda que todos os artigos presentes no *corpus* sejam provenientes da área da Comunicação, esta categoria temática se refere especificamente da Comunicação enquanto área do saber científico, embora também haja trabalhos cuja temática é justamente alguma área da Comunicação (como a Comunicação Política, por exemplo); mas, nesta categoria, priorizamos, principalmente, trabalhos que utilizam a comunicação como prática do cotidiano humano, como forma de sociabilização ou que tomam a “Comunicação” como objeto de análise. Ao todo, observa-se que 2,2% dos artigos analisados tratam de assuntos pertinentes à esta categoria temática e, destes, diversos textos tratam a comunicação entre pessoas com o auxílio das tecnologias digitais, utilizando um termo que, aparentemente, já esteja em desuso, cuja sigla “CMC” designa o tipo de comunicação mediada por computador. Como exemplo, podemos citar o artigo “Ciber-Cultura Feminina: interação social em um weblog” (Revista E-Compós, 2007, v. 9), de Adriana Braga, que desenvolve uma reflexão sobre algumas práticas comunicacionais estabelecidas no interior do Livro de Visitas de um weblog. À época (2007), “livro de visitas” era um termo comum utilizado para indicar uma espécie de “sala” de bate-

papo no interior dos blogs, onde os leitores tinham a possibilidade de deixar recados aos autores.

- **Temática 7 – Cultura**

Nesta temática encontram-se os trabalhos que tiveram como tema discussões sobre a cultura na sociedade e suas derivações, tendo em vista todo tipo de manifestação social e política. Artigos que analisam culturas diversas (comportamentos, hábitos, descendências, costumes e demais especificidades) e trabalhos etnográficos também entram nesta temática. Ao todo, observa-se que 12 artigos podem ser encaixados nesta categoria temática, cerca de 3,2% da produção total analisada. O artigo "Vídeo digital: identidades e representações das culturas populares" (Revista Intercom, 2009, v. 32, n. 1) ilustra a manifestação desta temática quando se propõe a analisar como a apropriação de vídeos digitais por jovens pode aumentar e dar visibilidade à cultura popular. Escrito por Maria Salett Tauk Santos e Patrícia Munick de Albuquerque Fragoso (UFPE), além de abordar questões culturais, também realiza reflexões sobre o "Audiovisual".

- **Temática 8 – Epistemologia**

Nesta categoria estão os trabalhos que procuram abordar a epistemologia no contexto da cibercultura, ou, ainda, reúne trabalhos que realizam reflexões sobre a teoria crítica de temáticas provenientes da cibercultura e também textos que se propõem a revisar ou revisitar teorias já consagradas sobre a área. Em termos de quantidade, esta é uma das categorias temáticas que menos apareceu nos artigos abordados, já que cerca de 1,1% dos artigos podem ser enquadrados nesta temática. O artigo "A expansão da teoria do *agenda-setting* em sistemas informativos da Web" (Revista Galáxia, 2014, n. 28) é um exemplo de texto que traz muitas contribuições de ordem epistemológica, especialmente no que diz respeito à epistemologia do jornalismo, já que faz uma revisão de literatura e uma leitura crítica das teorias sobre o agendamento midiático. Assim, como objetivo, a autora Jan Alyne Barbosa e Silva (Ufop), busca apontar a superação de algumas críticas direcionadas à teoria do agendamento e abre a possibilidade de expansão das pesquisas sobre a teoria em ambientes da Web.

- **Temática 9 – Espaço**

A questão do espaço (e todos os subtemas que este engloba) foi tema central em cerca de 0,5% dos trabalhos publicados nas revistas analisadas. Embora tenha pouca

incidência como tema central, as abordagens que privilegiam questões sobre o espaço e a territorialidade na era das redes perpassam outros artigos que se enquadram nas demais temáticas apresentadas. Nesta categoria temática, entram artigos que tratam da desterritorialidade na cultura digital, da mobilidade dos aparatos tecnológicos, da ocupação do espaço urbano atrelado às tecnologias, como o artigo escrito por Janice Caiafa (UFRJ), a "Tecnologia e sociabilidade no metrô" (Revista E-Compós, 2008, v. 11, n. 1), onde a autora examina as características do espaço construído dos metrôs (tecnologia) e assinala que tais características têm ressonâncias na sociabilidade que se produz nesse ambiente. Outro exemplo de artigo que utiliza a temática "Espaço" em seu cerne é "Mobilidade e personalização como agentes centrais no acesso individual das mídias digitais" (Revista E-Compós, 2007, v. 9), escrito por Eduardo Campos Pellanda (PUCRS), que levanta problemas das relações entre o ambiente dos meios digitais (território) e a personalização do conteúdo para os usuários. Podemos citar outro artigo que também se encaixa nesta temática, mas que aborda questões diferentes dos dois textos citados anteriormente: "*Mobile communication and new sense of places: a critique of spatialization in cyberculture*" (Revista Galáxia, 2008, n. 16), escrito por André Lemos (UFBA), que faz uma reflexão sobre como as chamadas mídias locativas criaram novas formas de territorialização e significações do espaço urbano.

- **Temática 10 – Fotografia**

O processo de captura da realidade, criação de imagens, estética, visualidades e imagem analógica comparada com a imagem digital fotográfica são os assuntos mais comentados nesta temática, que tem como exemplo o trabalho "A impureza da imagem: estéticas intersticiais entre a fotografia analógica e digital" (Revista Galáxia, 2012, n. 28), de Cesar Baio (UFC), onde o autor reflete sobre a passagem da fotografia do analógico ao digital e analisa como a imagem digital foi assimilada na cibercultura. Além das abordagens acima, também verificamos uma série de artigos que fazem reflexões sobre a fotografia, analisando plataformas de compartilhamento de imagens digitais, como é o caso do texto "Interações em ambientes online de compartilhamento de fotografias: considerações baseadas nas perspectivas interacionista e dramatúrgica" (Revista Famecos, 2012, v. 19, n. 2), de José Carlos Ribeiro e Vitor Braga (UFBA). Os autores utilizam uma plataforma de hospedagem de imagens digitais (*Flickr*) para aplicar uma metodologia específica na investigação das interações sociais que acontecem nestes ambientes. Ao todo, observa-se que 3,2% dos artigos analisados podem ser enquadrados nesta temática.

- **Temática 11 – Identidade**

Tema bastante polêmico, o item de número "11", inclui artigos com reflexões sobre a formação das identidades no contexto da cibercultura, problematiza elementos da superexposição dos sujeitos na web e buscam entender as dinâmicas de construção e ressignificação das identidades (individuais e coletivas) principalmente nos sites de rede social, games e aplicativos de conversação. Contabilizamos que 1,1% dos artigos analisados podem ser enquadrados nesta temática, e como exemplo, podemos citar o artigo "Espectros virtuais: a construção de corpos-sígnicos em comunidades virtuais de relacionamento" (Revista E-Compós, 2007, v. 10), que caracteriza-se como uma ilustração desta temática à medida em que a autora Cíntia Dal Bello (PUCSP) se propõe a refletir sobre como acontece o processo de construção de perfis nos sites de redes sociais.

- **Temática 12 – Imaginário**

Nesta temática estão os artigos que, de uma forma ou de outra, incluíram questões acerca do imaginário e do devir tecnológico em suas abordagens. A ficção científica e as reflexões sobre a mística envolvendo a cibercultura também podem ser consideradas abordagens sobre o "Imaginário". Cerca de 1,3% dos textos podem ser incluídos nesta temática e, a seguir, demonstramos o como exemplo o artigo "Petite ou grande mort? A sexualidade e o imaginário tecnológico contemporâneo" (Revista E-Compós, 2007, v. 8), de Juliana Tonin e Barbara Nickel (PUCRS), que discute a inexistência do eu nas relações sexuais com os aparatos tecnológicos, enfatizando que, na era da cibercultura, o imaginário tecnológico torna-se capaz, inclusive, de tocar os sujeitos mesmo em momentos em que se considera necessária a interação *face to face*, como no caso do sexo.

- **Temática 13 – Inclusão Digital**

Os questionamentos acerca do poder inclusivo das tecnologias, consequências e desafios inerentes às tentativas de tornar as ferramentas e aparatos tecnológicos acessíveis aos mais diversos grupos e camadas sociais são temas centrais dos artigos enquadrados nesta categoria. Ao todo, cerca de 2,2% dos textos analisados podem ser incluídos nesta categoria temática. O texto das pesquisadoras Sandra Montardo (Feevale) e Liliana Passerino (UFRGS), "Inclusão social via acessibilidade digital: Proposta de inclusão digital para Pessoas com Necessidades Especiais" (Revista E-Compós, 2007, v. 8) é um exemplo de artigo que pode ser encaixado nesta categoria. Na publicação, as autoras apresentam uma abordagem que privilegia o papel de socialização das TICs para as Pessoas com Necessidades

Especiais (PNE) e contextualizam questões sobre acessibilidade e inclusão digital na modernidade.

- **Temática 14 – Instituições**

Introduzindo o papel das instituições (organizações públicas e privadas, ONGs) no cenário contemporâneo, como temática principal, nesta categoria incluímos trabalhos da área de Relações Públicas (RPs), que refletem sobre a reorganização do setor empresarial frente aos avanços tecnológicos, bem como o papel do profissional de Relações Públicas neste contexto de transformações contínuas. Cerca de 0,5% dos textos analisados podem ser enquadrados nesta temática. O texto "Comunicação Organizacional: contextos, paradigmas e abrangência conceitual" (Revista Matrizes, 2014, v. 8, n. 2) da conhecida pesquisadora da área das RPs, Margarida Krohling Kunsch (USP), aborda o impacto das comunicações em geral (e das novas formas de comunicação) no contexto das organizações, e é um exemplo da categoria.

- **Temática 15 – Internet**

Temática muito recorrente nos artigos analisados, a "Internet" figura também como um objeto de análise, como veremos no tópico de categorização dos objetos mais recorrentes no *corpus,* que será apresentado a seguir. Enquanto temática, esta categoria reúne trabalhos que realizam resgates históricos sobre a gênese, o desenvolvimento e consequente profusão da internet na sociedade, bem como suas características e possibilidades. Percebemos que, como temática mais secundária (ou seja, enquanto pano de fundo), a internet transita em uma quantidade significativa dos textos analisados, justamente porque é um dos fatores de maior relevância no que diz respeito à cultura contemporânea. Assim, podemos afirmar que a temática internet transita em grande maioria dos textos e é aprofundada em alguns, em específico, que estão incluídos exclusivamente nesta temática. Cerca de 7,2% dos textos analisados podem ser enquadrados nesta temática, como o exemplo do artigo "As comunidades de compartilhamento social no Centro de Mídia Independente" (Revista Intercom, 2008, v. 31, n. 2), de Adilson Cabral (UFF), que aborda a expressiva importância da internet para o fortalecimento das atividades do Centro de Mídia Independente. Em sua análise, o autor evidencia as potencialidades da internet no compartilhamento social de dados.

- **Temática 16 – Jornalismo**

O papel do jornalismo na cultura contemporânea e nos ordenamentos econômico e político da sociedade, a reconfiguração do fazer profissional e do próprio jornalista que, em nossos tempos, se vê condicionado a ser multifunção nas redações, assim como as possibilidades profissionais que surgem com os avanços tecnológicos, e uma infinidade de outras questões que cercam o Jornalismo na era das redes digitais, são assuntos que estão no interior das discussões desta temática. Especialmente na Revista Intercom observamos uma grande quantidade de artigos com a temática do jornalismo. Evidentemente, esta é uma das categorias temáticas que mais apareceram no *corpus* (ao todo, 11,6% dos artigos analisados enquadram-se nesta temática) e os autores dos textos publicados refletem sobre questões do radiojornalismo, webjornalismo, telejornalismo, jornalismo impresso, formação do profissional e mais uma vasta lista de abordagens. Como exemplo, escolhemos o artigo "O chão de fábrica da notícia: contribuições para uma economia política da práxis jornalística" (Revista Intercom, 2014, v. 37, n. 1), de Adriana Braga, Leonel Aguiar e Mara Bergamaschi (PUCRJ). Os autores realizam uma reflexão sobre as práticas jornalísticas, desde a formação do profissional até o papel social do mesmo, levando em consideração a cultura contemporânea e o avanço tecnológico.

- **Temática 17 – Linguagem**

Citando autores da área da linguagem das mídias digitais, como Lev Manovich (2001), os trabalhos incluídos nesta temática (cerca de 1,6%) têm em comum a tentativa de realizar reflexões sobre as diversas formas das narrativas propiciadas na era da cibercultura, suas estruturas e especificidades, bem como as mudanças que ocorrem na produção e interpretação dos discursos, ocasionadas pelas tecnologias. Textos que refletem sobre as linguagens inerentes aos sistemas técnicos (como o HTML, linguagem de programação, etc.) também estão incluídos nesta temática. Um exemplo é o artigo de Yvana Fechine (UFPE), "Roteiro em novas mídias: uma abordagem a partir da teoria da linguagem" (Revista Galáxia, 2010, n. 22), que aponta os modos de funcionamento da linguagem como instrumento heurístico para a roteirização de formatos de banco de dados.

- **Temática 18 – Memória Coletiva**

Temática de estreita relação com as teorias da cibercultura, a categoria de número "18" reúne os 0,7% dos artigos que discutem questões relativas às possibilidades de indexação de conteúdos digitais na rede, da utilização de *hiperlinks* como potencializadores da memória coletiva, que seria a capacidade de armazenamento de dados nas interfaces

digitais e a utilização de sinalizadores, como *tags* na recuperação de conteúdos na web. Ao chamar a atenção para conceitos como "*tag"* e "*hiperlink*", que são componentes de memória na internet, os trabalhos privilegiam a exposição do funcionamento destes recursos, bem como suas características. O artigo "Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva: Um estudo das tags na organização da web" (Revista E-Compós, 2007, v. 9), escrito por Maria Clara Aquino (UFRGS), além de apresentar estes conceitos, ainda introduz um terceiro, chamado de "folksonomia", que de modo semelhante aos demais, é uma forma de indexação de dados na internet, de acordo com categorias (o que remete à taxonomia) específicas. No texto, a autora analisa as novas práticas de representação e *hiperlink*, organização e recuperação de informações na web no intuito de elucidar uma nova fase do hipertexto.

- **Temática 19 – Metodologias**

Há também trabalhos que discutem métodos (procedimentos e técnicas) que podem ser aplicados aos fenômenos da cibercultura. Ao todo, contabilizamos que cerca de 0,5% dos textos analisados podem se enquadrar nesta temática, alguns, inclusive, propõem novos métodos para darem conta de analisar episódios que acontecem no mundo digital, como o artigo escrito por Rodrigo Travitzki em parceria com outros dois pesquisadores, Marco Toledo Bastos e Rafael Luís Galdini Raimundo (USP). O artigo "O perspectivismo como fundamento para metodologias de análise das redes sociais: alguns resultados com o Twitter" (Revista E-Compós, 2012, v. 15, n. 3) apresenta, justamente, uma metodologia específica, com base em um *software,* para a análise do *Twitter*.

- **Temática 20 – Mídia**

A convergência midiática, a adaptação de conteúdos durante a transposição de uma mídia para outra, as características de cada mídia em relação à internet, as diferenças entre as mídias tradicionais para as novas mídias e as possibilidades e potencialidades de cada uma, entre outros assuntos, são temáticas que correspondem à categoria de número "20". Nesta temática enquadram-se 4,2% dos textos analisados e, como exemplo, podemos citar textos que buscam entender como acontece a alteração/transposição de conteúdos de uma mídia para outra. O texto "A transição dos quadrinhos dos átomos para os bits" (Revista Intercom, 2010, v. 33), de Marcia Schmitt Veronezi Cappellari (PUCRS) pode ilustrar esta temática, já que a autora busca entender como se dá a transposição da linguagem dos quadrinhos para ambientes digitais, contextualizando as características de cada mídia e buscando compreender as

particularidades de cada uma, bem como as transformações ocorridas nas narrativas durante o processo de transição de uma mídia para outra.

- **Temática 21 – Música**

A grande tônica desta categoria, com certeza, gira em torno da preocupação com o futuro da indústria fonográfica e as reconfigurações no modelo mercadológico que envolve a música. Além disso, ainda podem entrar nesta temática textos que abordam questões sobre a música digital, sites de produção e compartilhamento de áudio, bandas que realizam produções e se popularizam especificamente em ambientes digitais em detrimento da tradicional agência e publicidade gerada pelas gravadoras. Também se enquadram nesta temática reflexões sobre direitos autorais na era da reprodutibilidade e compartilhamento desenfreado de bens culturais na internet, como é o caso dos *downloads* de músicas nos formatos de mp3 e mp4, principalmente. Cerca de 2,1% dos artigos analisados podem ser enquadrados nesta temática e, para ilustrar esta categoria, evidenciamos o artigo escrito por Ariane Diniz Holzbach (UFF), "O Gorillaz é uma banda "de mentira"? Uma discussão sobre o papel das bandas virtuais na música massiva" (Revista E-Compós, 2010, v. 13, n. 1), no qual a autora realiza uma discussão sobre o papel das bandas virtuais na música massiva da atualidade, a fim de entender como uma banda que não existe no "plano real" faz parte da indústria do entretenimento, usufruindo dos mesmos "resultados" de uma banda tradicional (como a movimentação de capital, formação de grupos de fãs, etc.).

- **Temática 22 – Multidisciplinaridade**

As possibilidades de diálogo entre questões de duas ou mais disciplinas do saber científico, além de problematizações sobre as aproximações possíveis entre conceitos de disciplinas diferentes e a sinergia que pode ocorrer entre diferentes conceitos científicos são abordagens incluídas nesta temática. Nesta categoria, portanto, pudemos reunir alguns artigos provenientes de disciplinas do saber científico que não a Comunicação, como o artigo "Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do Ciberbullying no contexto da escola" (Revista Intercom, 2012, v. 35, n. 1), escrito por Jefferson Cabral Azevedo, Fabiana Aguiar de Miranda e Carlos Henrique Medeiros de Souza (UENF). Os autores questionam se o *bullying* vivido na escola pode ser transportado para o ciberespaço, trazendo uma discussão da área disciplinar da Psicologia para o ambiente da cibercultura. Contabilizamos que cerca de 0,5% dos artigos analisados podem ser incluídos nesta temática.

- **Temática 23 – Política**

Política é uma temática que perpassa diversas discussões nos artigos analisados e poderíamos citar dezenas de artigos para exemplificar a proposição desta categoria, entretanto, como tema central, cerca de 1,9% de todo o material analisado pode ser enquadrado nesta categoria temática. Assuntos sobre o poder deliberativo em espaços digitais, o posicionamento de campanhas eleitorais na web, cidadania, administração pública e ciberdemocracia aparecem como questões que são abordadas nos textos presentes no *corpus*. Para citar apenas um exemplo, podemos expor o texto de Francisco Paulo Jamil Almeida Marques (UFMA), cujo título é o seguinte: "Participação, instituições políticas e Internet: um exame dos canais participativos nos portais da Câmara e da Presidência do Brasil" (Revista Intercom, 2010, v. 33, n. 1). No texto, o autor busca identificar quais os canais de comunicação disponíveis nos sites da Câmara dos Deputados e da Presidência da República e o nível de participação que ocorre nestes portais.

- **Temática 24 – Pós-Humanismo**

Discussão que está em evidência nos últimos anos no ramo da cibercultura, o "Pós-Humanismo" esteve presente em cerca de 1,9% dos artigos analisados. As discussões giram em torno da possibilidade de tornar o humano obsoleto em determinado momento no futuro, com a ascensão de um ser pós-humano, evoluído, por fim. Existe uma corrente de pensamento pós-humanista, cujas teorias tensionam as questões da técnica assimilada ao humano e articulações sobre a ascensão de uma nova sociedade, baseada em sistemas digitais, na qual há a possibilidade de o corpo humano ser superado pelos sistemas técnicos. O artigo de Francisco Rüdiger, "Breve história do pós-humanismo: Elementos de genealogia e criticismo" (Revista E-Compós, 2007, v. 8) contextualiza o tema de maneira significativa ao introduzir estas questões na Comunicação. Além disso, Rüdiger aponta suas linhas gerais e evidencia as grandes etapas da formação do movimento pós-humanista.

- **Temática 25 – Processo de formação de conhecimento no ciberespaço**

Um dos ideais elencados por Pierre Lévy (1997) quanto às mídias digitais era o da possibilidade de formação e compartilhamento do conhecimento na era das redes, segundo o termo de "inteligência coletiva". Nesta categoria temática reunimos os 0,5% dos trabalhos que, assim como Lévy, discutem sobre o poder de disseminação e, principalmente, da construção de saberes na web. Para exemplificar esta categoria temática evidenciamos o artigo "A construção de conhecimento nas comunidades virtuais do ciberespaço" (Revista E-

Compós, 2006, v. 7), escrito por Inácio Szabó e Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva (UFBA). No texto, os autores realizam uma reflexão acerca da construção do conhecimento e da aplicação das teorias sociais do conhecimento para o estudo das comunidades virtuais.

- **Temática 26 – Publicidade**

Os artigos "Dias estranhos: publicidade e espetáculo" (Revista E-Compós, 2009, v. 12, n. 3), escrito por Marta de Araújo Pinheiro (UFJF), e "Do convencer ao interagir: algumas reflexões sobre contextos e percursos da publicidade brasileira" (Revista E-Compós, 2014, v. 17, n. 3), escrito por Cláudia Pereira e Amanda Antunes (PUCRJ) têm em comum uma abordagem semelhante: ambos discutem as reconfigurações da publicidade na era da cibercultura, o que define, em grande medida, esta categoria temática. Assim como acontece na categoria temática de número "21", que trata de assuntos sobre "Música", nesta categoria que fala sobre "Publicidade" a principal abordagem detectada foi a que problematiza o futuro da indústria publicitária frente aos avanços tecnológicos, como exemplificamos acima e, além disso, também encontramos artigos abordando a formação do profissional de Publicidade e suas funções no setor mercadológico. Ao todo, pudemos incluir 0,7% dos artigos analisados nesta categoria temática.

- **Temática 27 – Sites**

Frequentemente de natureza empírica, os artigos que têm em comum esta temática procuram compreender o funcionamento, dinâmicas técnicas, estrutura dos sites, sejam eles portais, sites de relacionamento, rede social, sites de pesquisa, etc. Além disso, os textos que se enquadram nesta temática frequentemente realizam reflexões sobre as possibilidades técnicas que podem ser desenvolvidas nos sites, interfaces que evoluíram de maneira vertiginosa com o advento dos navegadores, como demonstramos no capítulo "A Cibercultura". Um exemplo que pode ilustrar aspectos sobre esta temática é o texto "As novas narrativas da ficção televisiva e a Internet" (Revista Matrizes, 2010, v. 3, n. 2) que traz como temática principal a interatividade e que analisa esta interatividade entre produtos televisivos e o público através de contas em redes sociais, criação de sites, etc. Ao todo, cerca de 0,7% dos artigos analisados podem ser incluídos nesta temática.

- **Temática 28 – Sociabilidade**

Aproximadamente 10% dos artigos analisados podem ser incluídos nesta categoria que figura como uma das temáticas que mais aparecem nos artigos das cinco revistas de

análise. Desta forma, "Sociabilidade" engloba assuntos dos mais variados: desde aspectos como a interatividade nos sites de rede social, como as novas formas de comunicação utilizando dispositivos digitais ou sites de relacionamento, estrutura de blogs, reflexões sobre as dinâmicas de conversação em tempo real e mais uma infinidade de abordagens possíveis. Para exemplificar estas questões, optamos por demonstrar em forma de lista (apenas) alguns dos (muitos) artigos encontrados na Revista E-Compós que têm como temática predominante a sociabilidade, mas que a abordam sob diversos pontos de vista:

- "A formação de comunidades virtuais no portal Comunique-se: um primeiro olhar", Juliana Lúcia Escobar (UERJ).
- "Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus", de Alex Primo e Ana Maria Reczek Smaniotto (UFRGS).
- "Ciber-Cultura Feminina: interação social em um weblog", de Adriana Braga.
- "De quem é a língua? Interações comunicacionais e conflitos lingüísticos na Wikipédia Lusófona", de Telma Sueli Pinto Johnson (UFMG).

- **Temática 29 – Vigilância**

Nesta categoria temática enquadram-se cerca de 2,8% dos textos analisados. Enquadram-se nesta categoria artigos que privilegiam abordagens e reflexões sobre como a internet tem o poder de vigiar os usuários e controlar os conteúdos que estes "consomem" na internet. Além disso, em "Vigilância" também destacamos artigos que refletem sobre a problemática do acesso às informações pessoais que encontram-se disponíveis na web e, aparentemente, preocupações que tomam conta de dezenas de pesquisadores da área da cibercultura. A segurança na web, superexposição dos sujeitos e a hipervisibilidade ocasionada na era da cibercultura também são fenômenos discutidos nesta categoria temática. Como exemplo, podemos citar o artigo dos autores Fernanda Bruno, Antônio Leitão, Arthur Lobo, Bruno Boghossian, Luciana Guilhon Albuquerque, Natália Guimarães e Priscila Biancovilli (UFRJ). O texto "O oráculo de Mountain View: o Google e sua cartografia do ciberespaço" (Revista E-Compós, 2006, v. 6) discorre sobre a incidência dos algoritmos que transformam o percurso dos usuários na rede em dados (que por sua vez, são armazenados numa espécie de memória virtual) e que, posteriormente, podem ser utilizados pelo Google como publicidade direcionada a estes usuários. Neste sentido, os autores entendem que a empresa realiza uma cartografia da ação de seus usuários e a armazena, disponibilizando essa informação para fins publicitários.

Ao analisar as 29 categorias temáticas elencadas pudemos perceber que alguma delas se sobressaem na produção científica em cibercultura, isto é, estão presentes de maneira mais enfática no *corpus* analisado. É o caso das temáticas "Audiovisual", "Cibercultura", "Mídias" e, em especial, "Sociabilidade". Entre os anos de 2006 e 2010, foi possível observar que os pesquisadores estavam mais preocupados com os temas relacionados à sociabilidade online, novas formas de conversação e dinâmicas de comunicabilidade. Somente em meados de 2009 a categoria "Sites" ganha maior força, visto que os sites de rede social (SRS), como *Orkut*, *Facebook* e *Twitter* revolucionavam as formas de comunicação entre os sujeitos. Percebe-se, no entanto, que as categorias foram divididas de modo a realizar uma organização da produção científica em cibercultura, mas que, em muitos casos, uma categoria pode flertar com outra ou outras. Nestes casos, cerca de 19% da produção analisada diz respeito a artigos que podem se enquadrar em mais de uma categoria ou que não apresentam claramente uma categoria predominante. Não se pode, assim, afirmar que estas categorias são estanques, pois, pelo contrário, elas têm a possibilidade de diálogo com as demais. Por exemplo, "Sociabilidade" e "Sites" são categorias muito próximas se observadas pelas lentes das possibilidades que os sites de rede social abrem para a comunicação entre seus usuários; outras categorias que se entrecruzam em diversos trabalhos são a de "Linguagem" com "Processo de formação de conhecimento no ciberespaço", pois estabelecem muitas ligações conceituais quando se fala em narrativas digitais e propagação do conhecimento na internet. Isto quer dizer que, mesmo tendo elaborado um quadro temático que se pretende completo, alertamos para a possibilidade de relativizar as categorias temáticas, justamente porque uma destas pode estar associada a mais uma, ou a mais outras categorias presentes no esquema acima desenvolvido.

Se comparado ao quadro temático de Amaral e Montardo, acreditamos ter avançado em algumas temáticas que não foram abordadas pelas autoras nos artigos anteriormente citados, justamente porque as autoras preferiram elencar categorias temáticas mais generalistas a fim de agrupar as mais diversas temáticas em categorias com abrangência maior. Entretanto, generalizar também quer dizer negligenciar a especificidade de algumas temáticas, como é o caso da temática "Vigilância". Nessa categoria, reunimos um total de nove artigos com o intuito de alertar os usuários, principalmente de sites de redes sociais, dos perigos da superexposição de suas identidades nestes espaços; trabalhos que problematizam a sensação de estarmos sempre sendo vigiados, justamente por estarmos sempre conectados ao ciberespaço por meio de dispositivos móveis como os *smartphones*; e, ainda, trabalhos que analisam como os algoritmos da rede conseguem personalizar os conteúdos que nos são

oferecidos, levando em consideração nosso histórico de navegação na internet. Percebe-se que esta é uma categoria de imperativa importância nos estudos em cibercultura e não foi abordada anteriormente por Amaral e Montardo.

Outra categoria que se sobressaiu em nossa análise foi “Audiovisual”, com 25 artigos incluídos nesta temática, onde há trabalhos tentando compreender o futuro da hegemonia televisiva frente ao avanço de tecnologias digitais, bem como as adaptações que a indústria cinematográfica precisou realizar para acompanhar a revolução digital em que estamos vivendo. “Jornalismo” e “Sociabilidade”, no entanto, foram as temáticas mais incidentes nos artigos analisados. Segundo nossas observações, pudemos enquadrar 44 artigos na temática “Jornalismo” e 38 em “Sociabilidade”. Depois delas, as temáticas com maior número de artigos enquadrados são “Cibercultura”, 33 artigos; “Mídia”, com 16 artigos; e “Fotografia” e “Cultura”, ambas enquadradas em 12 artigos.

A categoria “Internet” também é uma temática presente na maioria dos artigos analisados, sendo um tema que transita em praticamente todos os trabalhos presentes no *corpus*, visto que ela permeia a maioria das discussões que têm como objetivo refletir sobre o ciberespaço e as transformações que acabam impactando (ou, para utilizar as expressões de Lévy “dão condições para...”, como abordados no capítulo 3) importantes instâncias da sociedade, como a cultura, economia, política e educação. Justamente por ser recorrente, não podemos afirmar, com certeza, que sejam exatos 27 artigos enquadrados no tema. Isto porque nesta categoria enquadramos aqueles textos cuja temática “Internet” predominasse e, por esta razão, abrimos uma exceção para relativizar este número, já que este tema é abordado, mesmo que de maneira tênue, na maioria dos artigos sobre cibercultura.

Ressalta-se, novamente, que estas categorias emergiram especificamente dos 380 artigos sobre cibercultura publicados nos periódicos E-Compós, Matrizes, Galáxia, Intercom e Famecos entre os anos de 2006 e 2015 e que os dados numéricos aqui apresentados devem ser relativizados, já que, em muitos casos, um único artigo pode ser enquadrado em duas ou mais temáticas e a porcentagem apresentada nesta pesquisa leva em consideração a categoria que predomina em cada artigo analisado. Além disso, seria um determinismo desnecessário enquadrar os artigos em temáticas unitárias, já que cada texto abre discussões que podem viabilizar aberturas para diversas temáticas. Assim como o quadro de Amaral e Montardo (2011), que foi elaborado em um determinado contexto, de acordo com as análises de anais de congressos, nosso quadro se aplica especificamente ao *corpus* apresentado, podendo ser adaptado para futuros trabalhos de natureza semelhante. Isto é importante ressaltar por dois motivos: primeiro, porque cada *corpus* constitui uma amostra específica, sendo assim,

podemos abrir a possibilidade de comparação com outros quadros previamente realizados (como fizemos anteriormente, com o quadro de Amaral e Montardo). Além disso, nos aventuramos em ir além do quadro proposto pelas autoras para avançar no entendimento temático da cibercultura, visto que postulamos 29 temáticas, 16 temáticas a mais do que o quadro que as autoras apresentaram em 2011. O segundo motivo é o fato de que, por se tratar de uma análise ampla, este quadro temático também poderá servir como ponto de partida para outros trabalhos que tenham o objetivo comum de analisar os estudos em cibercultura.

A seguir, avançando nas análises quantitativas, apresentamos as categorias 2 e 3, que pretendem analisar o *corpus* pela ótica dos métodos utilizados e os objetos mais recorrentes nas análises dos autores.

5.4.2 Categorias 2 e 3: Métodos e Objetos da Cibercultura

No segundo tópico de categorização, precisamos adiantar uma imperfeição na análise, já que, ao elaborar o levantamento dos métodos observados no *corpus*, não levamos em consideração a natureza metodológica específica de cada artigo, isto é, existem, no âmbito acadêmico, diversas a) abordagens metodológicas, b) procedimentos de análise (que fazem parte das metodologias) e c) técnicas metodológicas (que também fazem parte das metodologias). Acontece que, neste estudo, ao fazer o levantamento, não nos demos conta desta separação e acabamos por juntar todos estes procedimentos numa única categoria, de maneira abrangente, designada como “Métodos da Cibercultura”. Nos 380 artigos analisamos a natureza de cada texto, buscando encontrar como cada autor utilizava de métodos (ou técnicas) para construir suas pesquisas. Procuramos em todos os textos analisados quais eram os procedimentos metodológicos utilizados para o tratamento dos objetos pesquisados e, em muitos casos, os artigos sequer tinham alguma metodologia demarcada e isso nos impossibilitava de enquadrá-los em alguma categoria metodológica específica. Nestes casos de *metodologia não identificada*, contabilizamos 248 artigos, o que figura como 65% de toda a produção analisada. Assim, a metodologia poderia estar diluída no corpo do texto, mas não era de fácil identificação, já que, como critério de coleta, privilegiamos as metodologias que estavam visíveis, isto é, estavam demarcadas – seja por um tópico específico voltado para a metodologia do artigo, ou um parágrafo explicitando o método e as técnicas utilizadas – no decorrer das páginas do artigo. Além disso, houve trabalhos de natureza teórica apenas, sendo, geralmente, revisões de bibliografia ou ensaios, que utilizam um método próprio de

construção da pesquisa: a construção bibliográfica, que denota caráter teórico e científico ao texto, mas não se utiliza de outras técnicas para verificar fenômenos de ordem empírica.

Vale ressaltar, ainda, que existem grandes abordagens metodológicas (estruturalista, marxista, fenomenologia, funcionalista, culturalista, etc.), que também não foram possíveis de serem observadas, justamente porque, como expomos acima, consideramos todos os tipos de métodos e técnicas num conjunto, sem fazermos demarcações ou separações rígidas. O objetivo, aqui, é justamente perceber se, neste montante de métodos, procedimentos e técnicas metodológicas, existe algum exemplar que pode ser considerado *da cibercultura*, ou seja, um método que possa ser aplicado exclusivamente aos fenômenos ciberculturais e típicos da modernidade. Assim sendo, observamos um total de 132 metodologias, técnicas e procedimentos diferentes utilizados nos 380 artigos científicos que compõe o *corpus* desta pesquisa.

Foi possível detectar métodos como a Análise de Conteúdo, que serve para mensurar e analisar elementos de pesquisas de áreas diferentes das Ciências Sociais, como afirma Bardin (2011), Análise de Discurso, Estudos de Caso, até métodos elaborados exclusivamente para pesquisa em cibercultura, que era o que nos interessava, como a Netnografia, a Análise de Interatividade para Ambientes Virtuais e a Análise de *Folksonomia*. Optamos, no entanto, por demonstrar apenas aqueles métodos que julgamos mais alinhados à cibercultura, justamente porque entendemos que esta é uma contribuição epistemológica para o campo, visto que estamos evidenciando métodos com potencial para a estruturação da cibercultura como campo de conhecimento científico o mais autônomo possível, mesmo que ligado à Comunicação. A seguir, portanto, explicitamos algumas características das três metodologias intrínsecas à cibercultura:

- Netnografia:

Herdeira da etnografia, metodologia bastante utilizada nas Ciências Sociais e Antropologia, a netnografia surge como uma alternativa de análise e descrição dos sujeitos e da cultura contemporânea, marcada, fortemente, pela liquidez e tecnologias digitais. Montardo e Cordeiro (2009) explicam de maneira didática como os estudos etnográficos funcionam e de que maneira podemos utilizar de suas técnicas e princípios para o surgimento de uma metodologia etnográfica na era da internet:

> Para Goetz e Lecompte (1988), etnografia é uma reconstrução analítica de cenários e grupos culturais que contempla as crenças, práticas, artefatos e conhecimentos compartilhados pela cultura que está sendo estudada, através de uma imersão

> profunda do pesquisador no grupo estudado. Segundo Hine (2005), etnografia é uma sistematização em dados da experiência de observações face-a-face, procurando captar uma "performance de comunidade" [...]. Quanto a isso, Geertz (1989) destaca que mais do que uma descrição detalhada, a etnografia trata-se de uma interpretação do pesquisador do que seja o ponto de vista do observado, fundando a compreensão dos fenômenos sociais na busca por esse olhar do outro. A compreensão da web como espaço de observação de comunidades que ali se estabelecem, segundo Hine (2005), pressupõe a constatação de que a internet é simultaneamente contexto cultural e artefato cultural. Na mesma direção, Schneider e Foot (2005) veem a internet como cenário técnico que suporta a ação on-line com implicações sociais, políticas e econômicas. (MONTARDO; CORDEIRO, 2009, p. 6).

Compreendendo a web como um espaço onde a cultura prevalece na sociedade contemporânea, as autoras propõem uma transposição de técnicas da etnografia, antes marcada pela imersão do pesquisador nas comunidades ou grupos pesquisados, para ambientes online, sugerindo uma imersão do pesquisador na web. Neste sentido, haveria a possibilidade de uma "adaptação da etnografia para a netnografia, indicando as ressalvas e as oportunidades que devem ser observadas em função de se estar analisando grupos na web, predominantemente à distância" (MONTARDO; CORDEIRO, 2009, p. 6). Já Pedroso e Martins (2013, p. 6) ressaltam que, "assim como é próprio da Antropologia, uma das maneiras de se pesquisar atores sociais inseridos no imaginário virtual é através da observação" e que, dessa premissa, a etnografia surge como uma possibilidade para a pesquisa dos sujeitos e da cultura dentro de ambientes virtuais. Ainda, os autores refletem sobre a utilização deste método indicando que, "as grandes questões que perpassam o desenvolvimento de reflexões nessas áreas são justamente em relação a como praticar a observação participante num espaço on-line" (PEDROSO; MARTINS, 2013, p. 6) e, como alternativa a estes questionamentos surge, então, a netnografia, já que esta é uma metodologia própria para ambiente virtuais e "tem sido desenvolvida recentemente como uma metodologia que busca responder a essas questões" (idem).

- Análise de Interatividade para Ambientes Virtuais:

A Análise de Interatividade, assim como acontece com a netnografia, também é uma herança da área das Ciências Sociais e da Antropologia. Entretanto, esta segunda metodologia observada no *corpus* visa analisar as ações interativas entre os sujeitos em ambientes virtuais. Johnson (2007, p. 6) afirma que a interação é um processo inerente aos sujeitos desde sua concepção, defendendo que "um dos processos fundamentais é que dentro de uma determinada sociedade opera uma condição *a priori* de interações que surgem entre os indivíduos". Segundo esta concepção, "os seres humanos [...] não vivem em torno de qualquer centro autônomo, mas, ao contrário, de interações com os outros" (idem). Entendendo que as

interações acontecem na sociedade mesmo antes da profusão do ciberespaço, e que estas ações já eram observadas por meio de técnicas metodológicas específicas, surge, após a eclosão da internet, e em especial dos sites de rede social (SRS), a Análise de Interatividade para Ambientes Virtuais, que se configura como a investigação dos processos interativos e das possibilidades de interação entre sujeitos na contemporaneidade, que não apenas interagem entre si, mas fazem surgir um novo modo de interação: entre sujeitos e tecnologia.

Johnson (2007) expõe que

> A natureza dinâmica, mutável e imprevisível das redes telemáticas tem se traduzido num desafio para os pesquisadores do campo da Comunicação Social em mapear padrões e identificar tendências sobre os próximos passos na história evolutiva dos processos de comunicação e sociabilidade humana. Até bem recentemente, as tentativas de compreensão e explicação dos novos cenários de interação social, abertos pelas novas tecnologias da comunicação, incorreram na ênfase da descrição e dos impactos do fenômeno tecnológico, seus prós e contras, nas utopias e disrupções. A visão das novas tecnologias da comunicação ocorrendo num contexto sociocultural sob a intervenção concreta dos homens, contudo, começa a ser priorizada na busca da real compreensão dos sujeitos em ação nas interfaces virtuais. (JOHNSON, 2007, p. 3).

Neste contexto é que surge a Análise de Interatividade para Ambientes Virtuais, para suprir esta necessidade de "flagrar situações, em contextos específicos, de consonâncias e dissonâncias que fazem emergir novas tensões existenciais e novas possibilidades de convivência como conseqüência do confronto entre identidades, estranhezas e diferenças" (JOHNSON, 2007, p. 3) nos ambientes virtuais.

- Análise de *Folksonomia*:

A *Folksonomia*, termo que deriva da taxonomia, método das Ciências Biológicas para a descrição de características, nomenclatura e classificação dos seres vivos, constitui também uma forma de organização atrelada às tecnologias digitais. Aquino (2007) reflete sobre a *Folksonomia* da seguinte maneira:

> Ao navegar na web é comum nos questionarmos como chegamos à determinada página. A navegação não-linear não surge com a Internet, nem com a web, já que o pensamento associativo é característico do ser humano, que num mero devaneio é capaz de se perder em meio à extensa rede de significações que percorre mentalmente. Ao ler um livro, assistir a um filme, escutar uma música, travar relações de comunicação, estamos constantemente formando um hipertexto mental, na medida em que pulamos de um assunto a outro estabelecendo relações entre os mesmos. (AQUINO, 2007, p. 2).

Esta característica de atrelar conteúdos ou de pular de uma página para a outra parece ter se tornado uma atividade orgânica nos dias de hoje, com o acesso a interfaces virtuais fortemente marcadas por *hiperlinks* e *tags.* A autora, observando estas características, expõe que

> Dentro desse novo contexto da web emerge uma nova forma de representação, organização e recuperação de informações que funciona com base no hipertexto, subverte antigas formas de taxonomia e converge com os ideais de cooperação derivados da noção de *web 2.0*: a folksonomia que traduz o neologismo entre os termos *folk* e taxonomia [...]. Trata-se de um sistema de indexação de informações que permite a adição de *tags* (etiquetas) que descrevem o conteúdo dos documentos armazenados. Baseada na livre organização, a folksonomia traz um novo tipo de *link*, a *tag*, criada pelos próprios usuários da *web*, que assim, de forma coletiva representam, organizam e recuperam os dados na Rede. (AQUINO, 2007, p. 3-4).

Com base nestas conceituações é que surge a Análise *Folksonômica,* que pretende entender como é realizada a indexação de conteúdos na web e compreender como funciona a memória virtual, assim como investigar a recuperação de dados por meio destas etiquetas de endereçamento. Seria, portanto, o método que busca entender os sistemas de representação, organização e recuperação de informações disponíveis na web, com base nas técnicas comumente utilizadas na taxonomia, como a classificação, que organiza os "seres vivos" em classes e subclasses de acordo com um vocabulário controlado de forma a organizar as informações obtidas. Segundo a autora, "a web também possui seus problemas de representação, organização e recuperação de informações, ainda que as agregue de forma associativa" (AQUINO, 2007, p. 8) e a Análise *Folksonômica* seria uma alternativa para a resolução destes problemas, pois, setores como a Inteligência Artificial já têm investido em esforços para organização e classificação de dados na internet. Entretanto, destaca a autora, "um computador ainda não é capaz de distinguir significados e, assim, no momento de uma busca, pode apresentar resultados inúteis" (idem), como no caso de palavras como nomes próprios e gírias, que podem possuir mais de um significado e podem variar de acordo com contextos diferentes. Assim, a *Folksonomia* seria a solução para a sistematização dos dados na internet, rompendo com as dificuldades de acesso a informações na web.

Estes foram os três métodos inerentes à cibercultura que foram percebidos durante a análise dos artigos científicos, após a leitura e decorrente interpretação dos textos. Das 132 metodologias ou procedimentos identificados (Análise do Discurso, Análise de Conteúdo, Estudo de Caso, Observação Participante, Pesquisa Ação, Etnografia, Mapeamento, Grupo Focal, etc.), pudemos notar que, em diversos casos, um artigo costuma relacionar uma metodologia específica, com alguns procedimentos ou técnicas diferentes no momento de

análise do objeto e deriva desta constatação o número elevado (132) de metodologias encontradas, pois, como adiantamos no início deste tópico categórico, reunimos todos os métodos, técnicas e procedimentos metodológicos em apenas uma designação "Metodologias da Cibercultura". Deste número, no entanto, observamos que apenas três metodologias (Netnografia, Análise *Folksonômica* e Análise de Interatividade em Ambientes Virtuais) podem ser consideradas como intrínsecas aos estudos em cibercultura. Outro fator que influenciou no elevado número de metodologias observadas é o fato de que, em muitos casos, em um só artigo pudemos considerar uma metodologia abrangente e técnicas metodológicas que foram utilizadas como suporte nos artigos. Isto aconteceu frequentemente, como expomos a seguir, a exemplo da Análise de Conteúdo, que fora combinada com outros procedimentos para responder aos mais diversos questionamentos dos autores:

- Análise de Conteúdo combinada com a Análise de Interatividade;
- Análise de Conteúdo combinada com Entrevista;
- Análise de Conteúdo combinada com as técnicas de Entrevista e Grupo focal;
- Análise de Conteúdo combinada com Levantamento Teórico;
- Análise de Conteúdo combinada com Mapeamento;
- Análise de Conteúdo combinada com Esquema Quantitativo/Qualitativo;
- Análise de Conteúdo utilizando a Técnica Comparativa;
- Análise de Conteúdo Referencial combinada com Análise estrutural de redes sociais;
- Análise de Conteúdo Web;
- Análise de Conteúdo combinada com Observação sistemática aberta;
- Análise de Conteúdo com Pesquisa de campo combinadas com a técnica de Entrevista em profundidade;
- Análise de Conteúdo combinada com Análise de conversação.

Isto também ocorreu com outras metodologias, como a Análise de Discurso, Estudos de Caso, Análises Fílmicas, Etnométodos, etc. Observa-se, portanto, uma tendência à associação de métodos (multimétodos) na pesquisa em cibercultura, já que, em muitos casos, uma só metodologia não supre todos os questionamentos elencados pelos autores /pesquisadores.

Outra informação que conseguimos extrair do *corpus* é a quantidade de trabalhos empíricos e teóricos. Observamos uma predominância, em todas as cinco revistas, de estudos teóricos (ao todo, contabilizamos 169 estudos teóricos), principalmente nos primeiros anos de análise (entre 2006 e 2010). Elencamos, no entanto, uma terceira opção, como alternativa ao

antagonismo entre teoria e empiria: os estudos que combinam estas duas instâncias. Neste caso, contabilizamos 93 artigos que tendem a um equilíbrio desejável, em nossa opinião, entre o teórico e o empírico, como pode ser visualizado a seguir.

QUADRO 4 - RELAÇÃO DE ESTUDOS TEÓRICOS E EMPÍRICOS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM CIBERCULTURA

Natureza	**Quantidade**
Estudo Empírico	118
Estudo Teórico	169
Estudo Empírico e Teórico	93

FONTE: A autora (2017).

Já quanto à terceira categoria, "Objetos" inerentes ao campo da cibercultura, novamente nos deparamos com a heterogeneidade característica do campo, como já havia alertado Felinto (2007) quando afirmava que este é um território repleto de ambiguidades e divergências. Ao organizar um esquema que desse conta de quantificar os objetos de pesquisa da cibercultura, atentamo-nos para a necessidade de se diferenciar o que é objeto e o que consideramos como temática nos textos analisados, já que, muitas vezes, pode haver uma confusão entre os termos, que não podem ser considerados como sinônimos. A seguir, buscamos diferenciá-los: tomamos como *objeto* todo aquele agente ou item, geralmente originado de um fenômeno empírico (de ordem prática) ou teórico (no caso de conceitos, por exemplo) específico, que visa ser investigado por meio de algum procedimento metodológico. Os objetos, assim, poderiam ser comparados a itens que são *observados* nos artigos científicos. Já as *temáticas*, são os contextos nos quais estes *objetos* se inserem. Como temáticas, podemos considerar a argumentação de todos os assuntos de onde os *objetos* emergem. Para exemplificar podemos citar o fenômeno da reconfiguração da atividade profissional do jornalista na contemporaneidade. Como temática, podemos considerar o "webjornalismo", que está dentro do esquema temático que propomos acima, na categoria de número "16 – Jornalismo", enquanto o *objeto* deste exemplo seria o profissional jornalista.

Observamos que existem dois pontos importantes a ressaltar: o primeiro, diz respeito à dualidade destes objetos, pois uns são objetos que consideramos como "objetivos", táteis, palpáveis, como é o caso de um e-book, que mesmo sendo um elemento digital, é possível visualizá-lo e manuseá-lo; outros, no entanto, são objetos "subjetivos", ou seja, estão

materializados apenas no plano das ideias, constituindo, portanto, objetos cognitivos ou simbólicos, frutos do imaginário. Esta segunda natureza dos objetos pode ser compreendida quando observamos o artigo "Monocultura informática, permacultura e a construção de uma sociabilidade contra-hegemônica" (Revista Matrizes, 2010, v. 3, n. 2), escrito por Edilson Cazeloto (Unip). No caso deste artigo, de natureza teórica e ensaística, o autor discute como o computador tornou-se uma ferramenta essencial da cultura humana, utilizando como objeto de análise o próprio conceito de monocultura informática. Perceba-se que no caso deste artigo, o objeto é apenas um conceito, portanto, não palpável, e por isso, subjetivo.

Outro exemplo de objeto subjetivo é o artigo "Apontamentos sobre a construção da visibilidade de instituições na Internet a partir de um cenário de midiatização da sociedade" (Revista E-Compós, 2007, v. 10) escrito por Eugenia Mariano da Rocha Barichello e Daiane Scheid (UFSM). O artigo discute a visibilidade das instituições diante do processo de midiatização da sociedade e das novas possibilidades de interação proporcionadas pela internet. Como objeto de pesquisa, no entanto, as autoras analisam o próprio conceito de "midiatização" para entender as dinâmicas tecnológicas presentes no cotidiano das instituições contemporâneas.

Contabilizamos, no total, 208 diferentes objetos que permeiam os 380 artigos científicos (QUADRO 5). Nestes 208 objetos encontramos desde filmes e seriados de TV, até elementos do pós-humanismo (como reflexões sobre a ciborguização[34] do corpo), análises de histórias em quadrinhos, desenhos animados, e-books, sites (desde sites de wiki até os sites de redes sociais, blogs, fotoblogs, sites de busca, etc.), análises de cidades, metrôs, dispositivos móveis, games, lugares físicos e virtuais, salas de aula, museus e obras de arte, análises dos sujeitos, das identidades e individualidades, etc. demonstrando uma diversidade de objetos passíveis de análise/pesquisa à luz das teorias da cibercultura. Destacamos que "sites", além de *temática*, como apresentamos no quadro temático acima, também podem ser considerados como *objetos*. Neste caso, sites são temas quando abordam o assunto teoricamente nos artigos e são objetos quando os autores destes artigos se dispõem a analisar sua estrutura e especificidades, por exemplo.

QUADRO 5 - RELAÇÃO DOS OBJETOS DETECTADOS NO CORPUS

(continua)

OBJETOS DE PESQUISA		
Acessibilidade Digital	Humano	Projeto social

[34] Conceito de "ciborguização" pode ser encontrado em Vargas e Meyer (2005).

Acesso à informação	Imagem	Projetos de network
Adolescentes/Jovens	Imagem (conceito)	Publicações científicas
Ambientes virtuais	Imagem digital	Rádio
Aparatos tecnológicos	Indexador de notícias / Site	Rádio (ensino)
Arpanet	Indivíduo	Rádio comercial
Aplicativos	Indústria cultural/Cibercultura	Radio social
Algoritmos	Indústria fonográfica brasileira	Rádios comunitárias
Audiovisual em novas tecnologias	Intelecto	Rádios educativas
Blog	Internet	Rastros digitais
Campanha política	Internet / Obra de arte	Redes
Campo político	Internet / Publicidade	Redes sociais
Cauda Longa na Internet	Jogos	Relações interpessoais
Centro de Mídia Independente	Jornais online	Reportagem multimídia
Chat	Jornal impresso	Rock brasileiro
Ciberativismo	Jornalismo	Ser pós-moderno
Cibercultura	Jornalismo de ciência e tecnologia	Seriado televisivo
Ciberespaço	Jornalismo Digital	Série de TV
Ciborgue	Jornalismo Guiado por Dados	Séries televisivas
Cidades/cibercidades	Jornalismo Multimídia	Sexo virtual
Civilização mediática	Jornalismo no regime militar	Site
Commons/Internet	Lan house	Site / canais de
Comunicação organizacional	Leitura	comunicação
Conceito de ação	Linguagem	Sites de encontro
Conceito de cena e cybersubcultura	Links	Sites de Jornalismo
Conceito de inteligência coletiva	Long zoom	Colaborativo
Conceito de mobilidade	Manifestações de junho/2013	Slideshow
Conceito de monocultura informática	Memória	Slogan
Conceito de transpolítica	Metrô	Sociedade
Conhecimento	Microblog	Sociedade da informação
Corpo	Microblog / Manifestações civis	Streaming de músicas
Desenho animado	Mídia	Subcultura Cyberpunk
Diário de Santa Maria	Mídias locativas	Tecnocultura
Discurso	Midiatização	Tecnologia móvel
Dispositivo de vigilância digital	Mobilidade e Personalização do	Tecno-socialidade
Dispositivo móvel	Conteúdo	Telejornal / Site
Dispositivos de comunicação	Mobilidade urbana	Televisão
Dispositivos de vigilância	Movimento/campanha social	Televisão digital
Dispositivos móveis	Movimentos sociais online	Televisão, internet e
Documentário	Museu	novas mídias
Documentos digitais	Música	Teoria Ator-Rede

EaD / Narrativa	Narrativa televisiva	Teoria do agendamento
E-book	Novas tecnologias	Teoria sociológica
Edição de telejornais	Novela	Teorias da mídia
Eleições presidenciais 2002	Novos hábitos online	Texto jornalístico
Ensino público municipal	Nudez feminina	Texto webjornalístico
Escola	Obra de arte	The Big Bang Theory
Estudos em Jornalismo Digital	Obra de arte urbana	TIC (Tecnologias de
Evolução humana x tecnológica	Obras da artista Laurie Anderson	Comunicação e
Existência	Opinião e rede social digital	Informação)
Fanfictions na internet	Opinião Pública na net	TV Digitais
Fenômenos midiáticos	Organizações	TV Digital
Filme	Orkut	TV pública
Filme que utiliza de recurso digital	Páginas da Internet	Vídeo-aulas
Flickr	Periódico impresso	Videoclipes
Fonte jornalística	Pirataria na Web	Videomashup
Fontes tipográficas digitais	Plataforma de hospedagem de	Vídeos
Fora do Eixo	imagens	Violência online
Fotografia	Plataforma de hospedagem de vídeo	Web semântica
Fotografia digital	Plataforma de lifecasting e vídeos	Web TV
Fotolog	Podcast	Webjornais
Geolocalização	Podcasting	Weblogs
Globalização	Pornografia na internet	Webnotícias
Google	Pós-humanismo	WebTV
Graffiti	Práticas jornalísticas	WikiLeaks e Facebook
Hipertexto	Pré-adolescentes	YouTube
História em quadrinhos	Produtos de entretenimento	
	Programa de TV	

FONTE: A autora (2017).

Ao quantificar os objetos presentes nos artigos que integram o *corpus*, tivemos acesso também aos dados sobre quais foram os objetos mais pesquisados durante os dez anos de análise. Sendo objeto de pesquisa em 27 artigos, o "blog" figura como o objeto mais pesquisado no *corpus* analisado, principalmente nos primeiros anos (entre 2006 e 2010). Depois de "blog", observamos que o segundo objeto mais pesquisado nos artigos analisados é "site de rede social" (SRS), que engloba a análise de sites de relacionamento como o *Orkut, Facebook, Flickr,* e *Twitter,* por exemplo. O objeto "site de rede social" aparece em 24 artigos científicos. Seguindo a mesma tendência de análise de páginas da internet, o objeto "site" aparece em terceiro lugar como objeto mais pesquisado, tendo sido privilegiado em 18 artigos científicos que tiveram como intuito pesquisar alguma página da internet em específico, como

é o caso do artigo “Mapas de crime: vigilância distribuída e participação na cibercultura” (Revista E-Compós, 2009, v. 12, n. 2), de Fernanda Bruno (UFRJ), que tem como objeto de análise o site *Criminal Minds*. A seguir, demonstramos em ordem decrescente quais foram os objetos mais pesquisados, em formato de lista:

- Blog – 27 artigos
- Rede social – 24 artigos
- Site – 18 artigos
- Televisão – 16 artigos
- Jornalismo – 13 artigos
- Jornal – 10 artigos
- Mídia – 7 artigos
- Plataforma de hospedagem de imagens ou vídeo – 7 artigos
- Conceitos – 7 artigos
- Rádio – 6 artigos
- Imagem – 6 artigos
- Dispositivo móvel – 5 artigos
- Vídeo – 5 artigos
- Filme – 5 artigos
- Fotografia – 5 artigos
- Game – 5 artigos

Os demais objetos observados (QUADRO 5) apareceram 4 vezes ou menos e, por esta razão, não estão incluídos na listagem acima. É importante ressaltar que esta etapa de categorização foi realizada de acordo com o que propõe Bardin (2011): em primeiro lugar isolamos os elementos da análise (os 380 artigos científicos) e, após a leitura de cada um deles, realizamos a sistematização dos aspectos que foram elencados para observação, numa espécie de reagrupamento. Esta sistematização resultou nos quadros e esquemas que apresentamos acima, e corresponde à técnica de *classificação* dos elementos de maneira isolada, respondendo à preocupação de Felinto (2007) quando o autor sugere que, para tornar o campo da cibercultura organizado criticamente, é necessário fazer uma espécie de inventário de seus objetos, temáticas e metodologias, com vistas a uma cartografia da produção científica do campo cibercultural. Além do quadro temático, acima apresentado, a observação dos

objetos mais utilizados e metodologias empregadas, figuram como um avanço neste propósito de cartografar a cibercultura, iniciando esta incursão justamente pelo inventário do campo.

A seguir, prosseguimos com a proposta de inventariar a produção científica apresentando a categoria 4 “campos disciplinares” e a categoria 5 “autores referenciados” nos artigos analisados. Estas etapas, ressaltamos, condizem com o que chamamos de *inventário* e *classificação dos elementos* da pesquisa e formam o procedimento técnico de descrição/dissecação analítica do objeto de pesquisa.

5.4.3 Categoria 4: Campos disciplinares

Neste tópico demonstramos, brevemente, os campos disciplinares que foram observados no *corpus* da pesquisa. É imprescindível abordarmos a heterogeneidade dos estudos em cibercultura, porque observamos a infinidade de escolas teóricas que foram apontadas nos artigos, além das filiações científicas dos autores da área, observadas a partir dos perfis que são disponibilizados nos artigos publicados. Além da Comunicação, recorte teórico-metodológico de maior importância para esta pesquisa, encontramos artigos que provém de áreas como Sociologia, Antropologia, Ciência da Informação, Educação, Filosofia, Ciência Política e uma infinidade de outros campos, bem como os respectivos subcampos, como é o exemplo do Jornalismo, Cinema, Audiovisual, Publicidade, que consideramos como subcampos da Comunicação. Abaixo, reproduzimos um organograma para melhor organizar o entendimento das bases disciplinares existentes nos estudos em cibercultura.

Os retângulos maiores referem-se aos campos que mais apareceram em nossas análises. Este esquema obedece uma ordem decrescente, ou seja, os retângulos maiores representam as bases disciplinares de onde mais provém os artigos científicos, e os menores, representam as disciplinas que apareceram na sequência, em menor medida. Organizamos desta forma para demonstrar as duas principais áreas científicas onde a cibercultura figura como campo pujante de pesquisa, seguidas das demais áreas ou subcampos que desenvolvem estudos sobre o tema de maneira mediana.

Podemos perceber, de acordo com o organograma, que, teoricamente, a cibercultura pode ser estudada pelas mais diversas lentes científicas. Desde a Comunicação e seus derivados (sob as perspectivas do Jornalismo, da Publicidade, do Rádio, da Televisão ou até mesmo pelas Teorias do Jornalismo), até bases teóricas da área das Ciências Exatas, como a Matemática, a Economia e a Informática, passando, inclusive, pelas Ciências Biológicas, considerando o fato de a cibercultura ser apontada também como uma possibilidade teórico-

metodológica da Neurociência. Talvez derive daí a quantidade de objetos e métodos que foram utilizados nos artigos analisados, já que cada área do conhecimento prima por determinadas formas de pesquisa científica. Assim, constata-se que esta multidisciplinaridade do campo da cibercultura respinga diretamente nos fenômenos (objetos) que são analisados, bem como na maneira como são realizadas estas análises.

ORGANOGRAMA 1 - CAMPOS DISCIPLINARES DA CIBERCULTURA

FONTE: A autora (2017).

Estas bases disciplinares e subcampos apresentados acima foram as que mais apareceram na observação, principalmente das titulações dos autores dos artigos. Além disto, também procuramos investigar, na leitura dos textos, o lugar de fala destes autores, que vai além da titulação que estes carregam, e esbarra nas vertentes teóricas apresentadas pelos pesquisadores na construção do referencial bibliográfico dos artigos, ou seja, nas teorias que embasam suas análises, nos autores que são referenciados nos textos e, principalmente, nos tensionados realizados em suas problematizações. Outro ponto a ser destacado é que, nem sempre, os autores são incentivados a publicar suas pesquisas em periódicos de outras áreas que não as suas de origem. Abro espaço para comentar, em primeira pessoa do singular, um

fato que me fez atentar para esta problemática. Em dezembro de 2015, após apresentar um trecho desta dissertação no IX Simpósio Nacional da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura)[35], discutindo sobre os trabalhos que haviam sido apresentados naquela manhã de sexta-feira, uma professora, da área de Educação, dirigiu a palavra para mim (e abaixo irei reproduzir o conteúdo de sua fala):

Professora – "Manoella, gostaria de saber se você prestou atenção ao fato de que, muitas vezes, a cibercultura pode ser estudada por professores e pesquisadores de outras áreas de conhecimento. Digo, eu sempre estou produzindo trabalho sobre cibercultura, estudo a utilização de ferramentas digitais na educação de jovens e adultos. Mas sabe de uma coisa? Apesar de já ter sido parecerista, eu nunca publiquei nenhuma pesquisa minha em revistas da área da Comunicação. Isso porque existe um sistema de pontuação junto a Capes e mesmo que eu publique alguma pesquisa na mais conceituada revista da área de Comunicação, eu não vou pontuar, porque sou da área de Educação", alertou-me.

Até então eu não havia pensando nisso. Obviamente, como já trouxemos esta discussão acima, nesta categoria, a multidisciplinariedade da cibercultura é facilmente percebida em nosso *corpus*, mas, após esta conversa com uma professora que participava do evento, fiquei convencida de que a cibercultura tem ainda maior potencial interdisciplinar. Este, no que consta em nossas análises, parece ser o tópico que mais se sobressalta durante o processo desta pesquisa. Aquela professora, daquele momento em diante, numa contribuição despretensiosa, auxiliou em todo o processo de análise da dissertação, já que, a partir daquele dia, passei a observar com mais atenção os miniperfis que geralmente são disponibilizados nos artigos científicos (onde há a informação da formação acadêmica dos autores e de onde tiramos boa parte dos dados disponíveis no organograma acima). Curiosamente, mesmo não pontuando tanto quanto poderiam, ainda existem muitos autores de outras áreas que publicaram suas pesquisas nas revistas que foram analisadas. Após esta constatação, iniciamos uma reflexão sobre a possibilidade de serem publicados ainda mais artigos sobre cibercultura, provenientes de outras áreas que não a Comunicação, nas revistas do campo, a fim de disseminar com maior afinco, a hibridez típica nos estudos em cibercultura.

[35] O IX Simpósio Nacional da ABCiber aconteceu entre os dias 8 e 10 de dezembro de 2016 e a apresentação do trabalho "A Cibercultura nos periódicos científicos: Uma proposta cartográfica" foi apresentado no dia 9 de dezembro no Painel Temático 55 – Educação e formação na cibercultura. Até março de 2017 os anais com os artigos apresentados ainda não estavam disponíveis no site do evento: <https://www.abciber.org.br/simposio2016>.

5.4.4 Categoria 5: Autores Referenciados

De fato, esta categoria, que analisa os autores referenciados nos artigos analisados, figura como a categoria mais difícil de definir, justamente porque, quantitativamente, nos rendeu uma lista de mais de cem páginas com os nomes dos mais de mil autores citados. Além da quantidade imensurável de autores, na lista figuram obras sobre os mais diversos assuntos, provenientes das mais diversas áreas do conhecimento científico. Assim, além de termos uma amostra incalculável de autores citados, estes nem sempre são provenientes do campo da cibercultura, cuja área é a que nos interessa nesta pesquisa. Embora os esforços para compilar os autores mais referenciados tenham nos dado algumas pistas, nos vimos diante de uma infindável lista de nomes e, imediatamente, sentimos a necessidade de recortar esta amostra. Assim, optamos por indicar, no quadro abaixo, alguns dos autores que são conhecidos teóricos na área da cibercultura e que mais apareceram nos artigos científicos, divididos por autores internacionais e autores nacionais:

QUADRO 6 - RELAÇÃO DOS AUTORES INTERNACIONAIS E NACIONAIS MAIS CITADOS

AUTORES INTERNACIONAIS		**AUTORES NACIONAIS**
1. Anderson	29. Kilp	1. Amaral
2. Barabási	30. Latour	2. Brambilla
3. Baudrilard	31. Levy	3. Chauí
4. Bauman	32. Livingstone	4. Contrera
5. Bernes-Lee	33. Macek	5. Felinto
6. Bogard	34. Maffesoli	6. Ferraretto
7. Bolaño	35. Manovich	7. Flusser
8. Boyd	36. Marcuse	8. Freire Filho
9. Burke	37. McCombs	9. Gomes
10. Canavilhas	38. McLuhan	10. Lemos
11. Castells	39. Morin	11. Marcondes Filho
12. De Certeau	40. Negroponte	12. Martino
13. Deleuze	41. O'Reilley	13. Mielniczuk
14. Derrida	42. Papacharissi	14. Montardo
15. Dreyfus	43. Peirce	15. Palácios
16. Eco	44. Rheingold	16. Peruzzo
17. Foucault	45. Salaverría	17. Primo
18. Gibson	46. Sartre	18. Quadros
19. Giddens	47. Sfez	19. Recuero
20. Gillmor	48. Silverstone	20. Ribeiro
21. Goffman	49. Simmel	21. Rodrigues
22. Fisher	50. Simondon	22. Rüdiger
23. Harvey	51. Thompson	23. Sá
24. Heidegger	52. Turkle	24. Santaella
25. Jameson	53. Verón	25. Sodré
26. Jenkins	54. Weitzel	26. Traquina
27. Johnson	55. Wiener	27. Trivinho
28. Kessler	56. Wolton	28. Virilio

FONTE: A autora (2017).

Optamos por reproduzir no quadro apenas 56 autores mais recorrentes de âmbito internacional e 28 provenientes do âmbito acadêmico brasileiro. Justifica-se a escolha por demonstrar mais autores internacionais porque observamos, no montante do *corpus*, que estas são as referências mais utilizadas pela maioria dos autores dos artigos. Nomes como Castells, Lévy, McLuhan, Jenkins, Rheingold, Manovich, Maffesoli e Thompson são largamente utilizados nos artigos, justamente por serem considerados como pioneiros nos estudos em cibercultura internacionalmente. No Brasil, autores como Trivinho, Lemos, Rüdiger, Recuero, Felinto e Amaral figuram como os mais citados, e, não por acaso, figuram também como os pesquisadores que mais publicaram artigos nos últimos dez anos nos periódicos analisados, como veremos a seguir.

5.4.4.1 Autores Brasileiros que mais publicaram artigos nas revistas analisadas

A cibercultura é analisada por diversos autores brasileiros que veem, no advento tecnológico, fenômenos passíveis de serem analisados. Em sua grande maioria, os autores brasileiros que publicaram artigos nos periódicos analisados provêm da área da Comunicação (jornalistas, publicitários ou relações públicas) e Ciências Sociais. A seguir, demonstramos um quadro produzido conforme a observação do número de vezes que os autores brasileiros publicaram artigos nos periódicos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Pudemos observar que Raquel Recuero (UcPel) e André Lemos (UFBA) foram os pesquisadores que mais publicaram artigos (sozinhos ou em parceria com outros pesquisadores) nas revistas analisadas. Este esquema de seleção foi realizado pela observação apenas do primeiro autor do artigo publicado, isto é, neste caso, há a possibilidade de todos estes autores terem contribuído em outros artigos, que não estão considerados neste quadro, já que, nesta etapa, levamos em consideração apenas o primeiro nome de cada artigo científico. Optamos por este esquema de organização porque alguns artigos tinham de dois até sete autores, o que poderia nos confundir no momento de tratamento e sistematização destes dados. Assim, optamos por destacar sempre o primeiro autor do artigo, seguido do símbolo "+" e o número de autores que contribuíram para a construção do texto. (Ex.: o texto "Redes sociais em jogos online: a dinâmica da interação social no World of Warcraft", publicado na Revista E-Compós, 2010, v. 13, n. 1, foi escrito por cinco autores diferentes. Neste caso, designamos os autores da seguinte maneira: Telma Johnson +4, sendo Telma o primeiro nome de autoria, e os demais designados pelo número "4").

Além de Recuero e Lemos, destacamos também os autores Eugênio Trivinho (USP), Erick Felinto (UERJ), Alex Primo (UFRGS), Suely Fragoso (UFRGS) e Sandra Portella Montardo (Feevale), que publicaram como primeiros autores cinco vezes durante o período analisado. Ainda observamos aqueles que publicaram quatro, três e duas vezes como primeiros autores, que estão representados no quadro a seguir:

QUADRO 7 - RELAÇÃO DA QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES DOS AUTORES BRASILEIROS

SEIS VEZES	**CINCO VEZES**
Raquel Recuero André Lemos	Eugênio Trivinho Erick Felinto Alex Primo Suely Fragoso Sandra Portella Montardo
QUATRO VEZES	**TRÊS VEZES**
Adriana Amaral Cicilia M. Krohling Peruzzo Fernanda Bruno	Edson Fernando Dalmonte Claudia Irene de Quadros Ana Silvia Lopes Davi Médola Francisco Paulo Jamil Almeida Marques Fernando do Nascimento Gonçalves Simone Maria Sá Suzana Kilpp Francisco Rüdiger Nina Velasco Walter Teixeira Lima Junior
DUAS VEZES	
Valerio Fuenzalida Tarcisio Torres Silva Raquel Ritter Longhi Paula Sibilia Massimo Di Felice Maria José Baldessar Marcos Palacios Marcelo Kischinhevsky Luiz Artur Ferraretto Lucrécia D'Aléssio Ferrara Lucia Santaella _ Tarcísio Cardoso Lucia Santaella Lia Seixas Lia Luz	Leonardo De Marchi Karla Schuch Brunet Jorge A. González Henrique Antoun Ieda Tucherman Geane Carvalho Alzamora Fátima Régis Fabio B. Josgrilberg Eugenia Mariano da Rocha Barichello Edilson Cazeloto Denise Cogo César Ricardo Siqueira Bolaño Beatriz Becker Adriana Braga

FONTE: A autora (2017).

Observamos que muitos dos autores que mais publicaram nos periódicos do *corpus* são os mesmos que apareceram no quadro anterior, que diz respeito aos autores que mais foram referenciados nos artigos. Isto demonstra que, além da produção destes autores ser significativa em termos quantitativos, também é relevante sob a ótica de outros pesquisadores

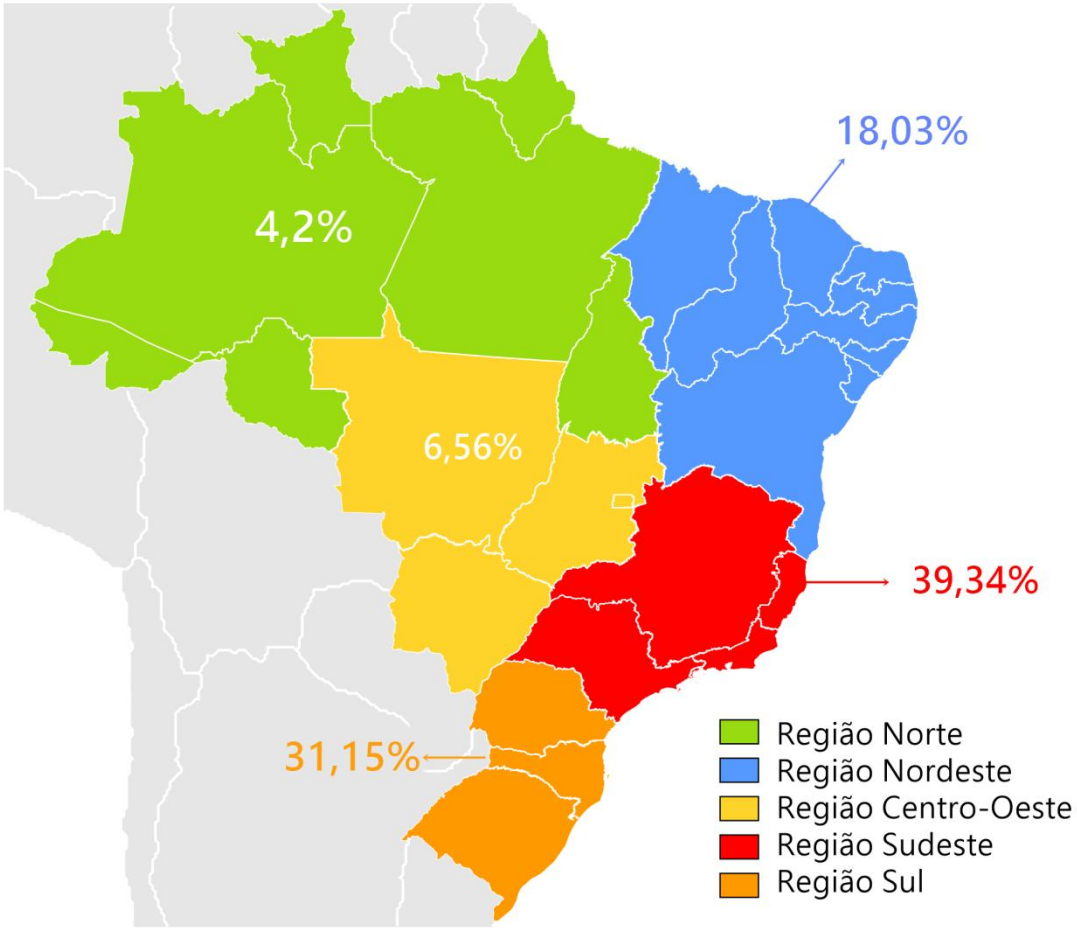
da área que, inclusive, utilizam-na como referência, revelando que estes autores publicam pesquisas significativas também qualitativamente. Fica claro que alguns destes autores, como André Lemos e Raquel Recuero, produzem/publicam material acadêmico com muita frequência, sejam estes artigos, livros, capítulos de livros, etc. Além disso, estes dois autores também costumam fazer diversas parcerias, publicando artigos com outros pesquisadores, o que aumenta ainda mais a gama de textos que levam seus nomes.

5.5 DA CARTOGRAFIA

A etapa de sistematização dos dados acima nos deu subsídios para continuar com outros aspectos da pesquisa quantitativa. O inventário que pretendemos elaborar aqui, iniciado pela coleta, sistematização e categorização dos elementos presentes no *corpus,* forneceu-nos algumas informações importantes para avançarmos no propósito de pensar a cibercultura em âmbito brasileiro. Uma destas outras informações é o nome dos autores presentes nos artigos coletados, como demonstramos acima, e as instituições das quais eles fazem parte. Isto é um dado importante para a cartografia dos estudos em cibercultura no Brasil, já que indicam as instituições que mais investem em estudos sobre o tema. Além disso, pudemos observar de que regiões brasileiras provêm os artigos científicos em questão, o que nos possibilitou mapear em todo o território nacional, onde há a maior concentração de pesquisadores/autores envolvidos com a temática.

Podemos observar que as regiões Sul e Sudeste possuem maior concentração de instituições/autores que publicaram textos científicos nas revistas E-Compós, Famecos, MATRIZes, Galáxia e Intercom nos últimos dez anos. Esta verificação comprova a tendência geral de produção em ciência e tecnologia no Brasil. Constatou-se, ainda, que nestas duas regiões que compreendem os estados do Espírito Santo (ES), Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Paraná (PR), Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS), dois estados podem ser destacados por serem os locais onde verificamos que há maior número de instituições ligadas aos autores dos textos: o estado de São Paulo, com um total de 11 instituições, e o Rio Grande do Sul, com 10. Outros estados, como o Rio de Janeiro, também obtém um número significativo neste montante, com seis universidades ligadas aos autores dos textos. Em seguida, podemos destacar os estados de Santa Catarina e Paraná, ambos com quatro instituições citadas.

MAPA 1 - CONCENTRAÇÃO DE AUTORES SOBRE O TEMA EM CADA REGIÃO BRASILEIRA



FONTE: A autora (2017).

Segundo o Censo da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) realizado em dezembro de 2015, o Brasil contava com 2.368 instituições de ensino superior, que oferecem ao total quase 33 mil cursos de graduação em todas as regiões. Neste documento, São Paulo aparece como o estado que tem mais universidades, centros universitários e institutos de pesquisa e ensino superior. Este fato se coaduna aos dados que coletamos em nosso *corpus*, pois conseguimos visualizar que não é por acaso que São Paulo figura como o estado que mais gera conhecimento na área, por ser aquele que, comprovadamente, tem o maior número de instituições de pesquisa. O mapa apresentado acima foi produzido, levando em consideração a instituição do autor de cada artigo, ou seja, dos 380 artigos que compõe o *corpus* da pesquisa.

Há que se ressaltar ainda que, em alguns casos, um só artigo pode ter sido escrito por dois ou mais autores, como enfatizamos no tópico anterior. Na maioria destes casos, os autores provêm de uma mesma instituição, mas, não raro, ocorreu de os autores estarem vinculados a diferentes instituições. Entretanto, nestes caso em especial, diferentemente do

tópico anterior, decidimos contabilizar as universidades de todos os autores dos textos e chagamos num total de 61 instituições. Neste cálculo não estão presentes as instituições de autores internacionais. As instituições que mais apareceram em nossa pesquisa são a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com 29 textos científicos de autores da instituição; a Universidade Federal da Bahia (UFBA), com 28 textos científicos de autores da instituição; e a Pontifícia Universidade de São Paulo (PUCSP), com 26 textos científicos de autores da instituição. Destacamos que alguns autores publicaram mais de um artigo científico nos periódicos examinados e que, frequentemente, estes autores costumam divulgar suas pesquisas em todas as cinco revistas (E-Compós, Famecos, MATRIZes, Intercom e Galáxia).

De qualquer forma, evidenciamos que o mapa deve ser relativizado, porque nele está contabilizado apenas o local indicado pelos autores dos artigos. Isto quer dizer que algumas informações importantes, como se o artigo é fruto de um grupo de pesquisa em rede nacional, por exemplo, não estão incluídas. Além disso, o mapa foi gerado de acordo com a quantidade de artigos por estado, e não por instituição. Se faz necessário ressaltar este detalhe porque existem universidades, como a Universidade Federal da Bahia, que tem uma significativa produção científica publicada nas revistas em análise, porém, por estar incluída na região nordeste, não está evidenciada neste tópico.

6 ANÁLISES E DISCUSSÕES

A sistematização apresentada no capítulo anterior concedeu-nos bases para realizar uma pesquisa que vai além do quantitativismo e avança para questões de ordem subjetiva, essenciais, sob nosso ponto de vista, para o ambiente científico e, principalmente, para a reflexão epistemológica. Nosso objetivo, ao decidir analisar os 380 artigos científicos sobre cibercultura encontrados nos últimos dez anos das revistas científicas em estudo, é o de estender a compreensão da temática de modo mais profundo, como postulamos no objetivo específico "C" desta pesquisa. Para tanto, decidimos por compreender as linhas gerais dos artigos científicos presentes no *corpus*, mas também avançar para uma análise das características que o envolvem, isto é, dos implícitos que este *corpus* pode carregar. Bardin nos dá embasamento para isto quando relata que "a análise de conteúdo pode ser uma análise dos 'significados' (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos 'significantes'" (BARDIN, 2011, p. 41). Avançando nos procedimentos da pesquisa, decidimos realizar nossa análise qualitativa por meio de duas técnicas que também são sugestões de Bardin: a descrição analítica do objeto e, posteriormente, as inferências e interpretações.

A descrição analítica do objeto é a fase que analisa as etapas apresentadas anteriormente, onde descrevemos as linhas gerais dos artigos científicos, os autores que mais publicaram artigos no período-temporal determinado, as principais temáticas que são abordadas nos artigos, os objetos de pesquisa que figuram como de interesse pelo meio acadêmico e as metodologias utilizadas. Após esta descrição de minúcias será a vez da interpretação dos dados realizada nos tópicos denominados como "inferências" e "interpretações e perspectivas", que visam responder ao objetivo "D" desta dissertação, que é justamente o de refletir, mesmo que de maneira breve e introdutória, epistemologicamente sobre o campo da cibercultura. Como apontou Felinto (2007), neste tópico iremos exercer o papel de "críticos da crítica", debruçando-nos em cima da cartografia realizada na tentativa de refletir sobre a epistemologia do campo, isto é, buscando encontrar uma visão analítica abrangente sobre as mais diversas características encontradas no *corpus* de nossa pesquisa.

6.1 DESCRIÇÃO ANALÍTICA DO OBJETO

Após a leitura de cada um dos 380 artigos selecionados, realizada no período de novembro e dezembro de 2016 e janeiro de 2017, observamos, definimos e quantificamos o

total de 29 temáticas que vieram à tona durante nossa pesquisa, como demonstramos anteriormente. Estas categorias, por sua vez, foram observadas após a produção de quadros de categorização e análise temática e surgiram após a observação dos seguintes itens: palavras-chave do artigo, objeto de análise, método utilizado, autores citados da área da cibercultura, o contexto no qual o artigo se insere, o campo disciplinar a que o artigo provém, a temática na qual o artigo se enquadra e, finalmente, se o artigo é teórico ou empírico (APÊNDICE 4). Foram elaborados cinco quadros (um para cada revista científica), nos quais os artigos científicos eram organizados de acordo com o ano e a edição em que foram publicados. Após dividir os artigos conforme estes dados primários, em uma coluna secundária foram descritos o título de cada texto, seguidos pelos nomes dos autores e suas respectivas instituições. Este quadro concedeu as bases para o mapeamento/cartografia apresentada anteriormente, além de informações úteis como a proveniência dos autores e quais os pesquisadores que mais publicaram nos periódicos analisados durante o período temporal estipulado.

Segundo Bardin, "a descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens" (2011, p. 41), e, por esta razão, nos dedicamos à leitura e interpretação de todos os textos, para então encaixá-los nas categorias temáticas e também compreender o campo da cibercultura de maneira mais abrangente. Pudemos observar que, principalmente após 2010, começaram a surgir metodologias próprias da área da cibercultura, como a netnografia. Além disso, no período inicial de nossa investigação, nos anos de 2006, 2007 e 2008, o que se via era uma grande preocupação com relação às novas formas de sociabilidade online, temática que apareceu em muitos momentos de nossas análises. Falava-se, à época, das novas formas de comunicação no ciberespaço, dando ênfase, principalmente, aos blogs, que eram considerados como "a moda do momento" naqueles anos. Os blogs foram, sem sombra de dúvidas, os objetos de maior interesse, principalmente durante os primeiros anos de nossas análises. Depois deles, as práticas jornalísticas, a formação do profissional jornalista e os desafios frente ao avanço tecnológico, as dinâmicas do jornalismo online e a circulação de saberes no ciberespaço também figuraram como objetos de pesquisa nos artigos observados.

Somente após 2009 é que os sites de rede social (SRS) começaram a aparecer de maneira exaustiva como objetos de análise nos artigos, antes disso, os SRSs apareciam timidamente em um ou outro artigo publicado. Isto se deve, inferimos, à vertiginosa *viralização*[36] do *Orkut* em ambiente nacional entre 2007 e 2008 e, pouco tempo mais tarde,

[36] Em tempos ciberculturais, o viral é aquele material midiático que se torna muito propagado em um espaço curto de tempo. Exemplo disso são os *memes*, vídeos ou imagens cômicas que alcançam um alto poder de

em 2011, à rápida adaptação dos brasileiros ao *Facebook*[37]. Estes dois fatos fizeram com que pesquisadores brasileiros se dedicassem a estudar os sites de rede social de maneira extenuante, principalmente entre 2013 e 2015. Além dos sites de rede social, percebe-se, após 2011, uma tendência crescente ao estudo de dispositivos móveis, vídeos (audiovisual) e, por volta de 2014, a realidade virtual começa a ganhar força como objeto pujante de análise nos artigos do *corpus*, além de assuntos referentes ao ativismo online (ciberativismo/netativismo). Ressaltamos que este último tópico temático recebeu maior atenção nos artigos analisados pelo fato de que o ativismo encontrou nas redes uma forma de expansão massiva. O movimento político-social conhecido como Primavera Árabe, que eclodiu em 2011 no Oriente Médio e que encontrou nos SRSs uma ferramenta para organização e compartilhamento de informações sobre os protestos, é um exemplo desta expansão nos artigos que têm como objetivo discutir ciberativismo. Em ambiente brasileiro, podemos citar as manifestações populares ocorridas em todo o território nacional notadamente em junho de 2013. Estes dois acontecimentos, com atores sociais que utilizaram dispositivos móveis e SRSs para fomentar a comunicação e a proliferação de comunicados entre os manifestantes e a sociedade, figuraram como protagonistas neste espaço-temporal e, não por acaso, tornaram-se rapidamente objetos de pesquisa e de reflexão nos últimos anos de análise.

Além disso, também entre os anos de 2008 e 2013, visualizamos uma maior preocupação com o jornalismo na era digital. Para comprovar este fato, podemos citar duas edições seguidas da Revista Galáxia: as edições de número 17 e 18, ambas do ano de 2009, que trouxeram um total de oito artigos científicos sobre cibercultura, sendo sete deles com temáticas sobre o jornalismo digital/webjornalismo, reconfigurações do jornalismo impresso na era das redes e convergência midiática nos portais de jornalismo online. Neste sentido, damos destaque para o texto "Narrativas Digitais: desvios do jornalismo no ciberespaço" (Revista Galáxia, 2009, n. 17), escrito por Rosana de Lima Soares (USP), cujos objetivos são o de compreender as narrativas do jornalismo no ambiente digital, enfatizando o processo de reconfiguração das redações jornalísticas. Assim, a autora afirma que:

---

compartilhamento e visualizações nos SRSs em um curto período de tempo. Os virais também tornam-se obsoletos rapidamente.

[37] *Facebook* é um site de rede social lançado em 4 de fevereiro de 2004. É considerado o maior site de rede social atual, com mais de 1,59 bilhões de usuários em todo o mundo. É um dos sites mais utilizados pelos internautas, já que, segundo a própria rede social, o *Facebook* é acessado mais de 1 bilhão de vezes por dia. O *Orkut* foi um site de rede social do Google, criado em 24 de janeiro de 2004 e desativado em 30 de setembro de 2014. Em 2008, já eram 40 milhões de cadastros brasileiros no SRS. Em 2012, o *Facebook* ultrapassou o *Orkut* em número de usuários brasileiros, tornando-se o principal SRS em âmbito nacional (POLIVANOV, 2014).

> Para além da produção jornalística textual (impressa) ou audiovisual (televisiva), ao possibilitar que novos atores sociais *produzam notícias*, o jornalismo digital oferece pontos de vista múltiplos e ferramentas colaborativas para a leitura e a escrita. Dessa forma, os atuais processos de informatização acelerada e o surgimento de tecnologias diversas das usualmente conhecidas, que possibilitaram a formação de redes midiáticas acessíveis a um número muito maior de pessoas, instauram um momento singular para se pensar o jornalismo. (SOARES, 2009, p. 96).

Este "momento singular" ao qual a autora se refere é justamente aquele em que o receptor, antes tratado pelos veículos midiáticos como inerte (como no caso da teoria hipodérmica da comunicação, muito propagada no início do século XX), passa a não apenas receber o conteúdo das mensagens, mas também torna-se atuante no processo de produção dos discursos jornalísticos. Este momento singular, portanto, é demarcado pelo conceito de webjornalismo participativo, quando receptor e emissor coexistem e trabalham juntos no processo de sinergia na produção jornalística. A autora sintetiza estas questões defendendo que

> Os atuais processos vividos na contemporaneidade permitem pensar de fato em uma outra articulação do jornalismo, transformado pelas redes midiáticas, a partir do delineamento de suas especificidades de maneira complementar e integrada, afastando-se de uma concepção clássica baseada na ideia de *informação* e na separação entre produtores e receptores. Dessa forma, mais do que levar à realidade impessoal dos infográficos e das pesquisas de opinião em oposição à realidade dinâmica das relações pessoais e dos discursos, os recursos visuais e tecnológicos hoje disponíveis podem constituir novos espaços de participação. (SOARES, 2009, p. 98).

Em consonância com a autora, o texto "O *design* no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital" (Revista Galáxia, 2009, n. 18), de Eduardo Nunes Freire, também discute o processo de reinvenção jornalística na era das redes digitais. O autor busca compreender como as mudanças tecnológicas requerem mudanças na linguagem e, consequentemente, na construção de sentidos do discurso jornalístico, numa era que, segundo ele, é marcada pelo declínio do jornalismo impresso. O autor registra que

> O século XXI inicia-se para o jornalismo impresso diário sob o signo das mudanças decorrentes das transformações tecnológicas ocorridas nos últimos anos. A crescente participação da *Internet* como fonte de informação e a consequente diminuição da importância dos jornais junto ao público leitor os tem levado a repensarem a forma como são feitos e a forma como se relacionam com seus públicos, o que redunda também numa busca por uma nova enunciação para o discurso jornalístico. (FREIRE, 2009, p. 292).

No artigo, Freire (2009) realiza uma reflexão sobre as necessidades impostas ao jornalismo com o advento das tecnologias digitais, principalmente no que tange aos discursos

e narrativas da profissão. A reconfiguração do fazer jornalístico, no entanto, não é o que preocupa o autor, que conclui seu texto indagando sobre as possibilidades que serão abertas na transição entre o tempo que vivemos hoje e a próxima fase, cujas características ainda são desconhecidas: "Não se trata de futurologia. Isso tudo já está acontecendo. Só resta nos prepararmos para esta transição, com vistas à próxima fase, pós-digital, pós-design, pós-Internet" (FREIRE, 2009, p. 309).

Além das preocupações com o jornalismo, obviamente, os textos tratam de outras reconfigurações profissionais no campo da Comunicação. Visualizamos artigos sobre Relações Públicas e a adequação das instituições aos SRSs, bem como o relacionamento com os públicos na era digital e o planejamento estratégico com vistas à gestão de mídias digitais, *social media*, campanhas online, etc. Quanto aos trabalhos que discutem os rumos da Publicidade, vemos artigos discutindo consumo, o papel da publicidade na era digital, bem como reflexões sobre o local e a forma mais adequada de se produzir campanhas nestes ambientes. Outros assuntos que chamam a atenção são a conhecida abordagem da Teoria Ator-Rede, postulada por Bruno Latour, e inúmeros trabalhos que complexificam o entendimento sobre as Teorias Pós-Humanistas.

Quanto aos campos disciplinares (ver organograma no item denominado como "Multidisciplinaridade da Cibercultura"), ou seja, o lugar de fala de onde provém os artigos, pudemos observar que, além da Comunicação, os artigos sobre cibercultura se adaptam às mais variadas vertentes teóricas. Áreas do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Ciência da Informação, Jornalismo, Publicidade, Artes, Informática, Economia, Política, Linguística, Marketing, Educação, Relações Internacionais, e ainda outros tantos campos disciplinares puderam ser observados nos artigos científicos. Isto demonstra, além da natureza heterogênea dos estudos em cibercultura, uma clara multidisciplinaridade, marcada pelo diálogo entre as mais diversas áreas do conhecimento. Embora pareçam desconexas entre si, todas estas áreas têm assuntos em comum com a cibercultura, como demonstra o artigo "Uma forma cultural para a sociedade tecnológica" (Revista MATRIZes, 2013, v. 7, n. 1), de Marco Toledo Bastos (USP). No artigo, o autor consegue dialogar de maneira equivalente com a Sociologia, a Comunicação e a Ciência da Informação, visto que o objetivo, neste caso, era o de discutir a nova forma da cultura na sociedade que o autor considera como "sociedade tecnológica". No artigo, que foi considerado como um ensaio, é feita uma revisão de literatura e se discutem os rumos da sociedade contemporânea. Tendo como base as teorias de Kittler, Baecker e Luhmann, por meio das quais o autor traz um debate pertinente sobre os avanços tecnológicos de um ponto de vista da Ciência da Informação, Bastos (2013) concentra suas

afirmações numa discussão sinérgica entre os aspectos sociais na contemporaneidade e a tecnologia, deixando claro o diálogo entre Sociologia e Ciência da Informação no percorrer de seu discurso.

Perceba-se, com este exemplo, que os estudos em cibercultura compreendem diversos fenômenos científicos e acionam as mais variadas áreas do conhecimento. Isto é quase que imperativo no *corpus* analisado, pois foi possível observar que, na maioria dos casos, os artigos não provinham apenas de uma área do conhecimento científico. Mesmo com a heterogeneidade característica do campo, pode-se observar que existem acordos que parecem não ter sido assinados pelos autores, mas transparecem na análise: como exemplo, pode-se citar o caso dos objetos mais estudados nos últimos dez anos. Observamos que os autores parecem seguir tendências de pesquisa quando publicam seus estudos e, de maneira não acordada entre estes, vários autores (de diferentes áreas e instituições) publicam artigos analisando o mesmo objeto ou discorrendo sobre uma mesma temática, porém com abordagens diferentes. É o caso dos artigos "O pós-humano incipiente: uma ficção comunicacional da cibercultura" (Revista Intercom, 2006, v. 29) escrito por Erick Felinto (UERJ) e o artigo "Breve história do pós-humanismo: Elementos de genealogia e criticismo" (Revista E-Compós, 2007, v. 8), escrito por Francisco Rüdiger. Percebam que ambos os artigos, mesmo sendo de naturezas diferentes (um faz uma análise empírica e outro um ensaio) utilizam-se de questionamentos sobre o pós-humanismo em anos subsequentes. Isto, obviamente, não fora acordado previamente, tampouco combinado entre os autores. Percebemos que este era um assunto recorrente, pujante e de importância naquela época (mesmo que as teorias pós-humanistas continuem ecoando e causando indagações até os dias de hoje). Este é um exemplo que demonstra como os assuntos causam certos questionamentos em diferentes autores praticamente ao mesmo tempo, e são publicados quase que simultaneamente, mesmo sem uma prévia "combinação" entre os pesquisadores. Podemos considerar, então, que existem "tendências de pesquisa" e, por consequência, "tendências de pesquisa em cibercultura", que variam de acordo com as épocas analisadas.

6.2 INFERÊNCIAS

Bardin expõe que "a intenção da análise de conteúdo *é a inferência* de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente de recepção), inferência essa que recorre a indicadores (quantitativos ou não)" (BARDIN, 2011, p. 44, grifo nosso). Assim, nesta etapa iniciamos a produção de inferências, que ganha sentido

principalmente porque, antes dela, realizamos o exercício quantitativo de cartografia da produção científica, categorização e análise dos elementos do *corpus*. Neste sentido, esta etapa de inferências e interpretação dos resultados é o passo que consideramos mais próximo de uma epistemologia da cibercultura, justamente porque é aqui que nos dedicamos à análise crítica dos dados obtidos com a aplicação da Análise de Conteúdo. Para Bardin,

> Tal como a etnografia necessita da etnologia para interpretar as suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para *inferir* (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo. Tal como um detetive, o analista trabalha com *índices* cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos. Se a *descrição* (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a *interpretação* (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra. (BARDIN, 2011, p. 45).

Assim, passamos, a seguir, à apresentação dos pontos de inferência que postulamos após observar o *corpus* e sua anterior sistematização.

6.2.1 A diversidade de lentes

Ao visualizar todo o percurso desta pesquisa, pode-se perceber que, desde o início, enfatizamos a multidisciplinaridade da cibercultura, bem como as discrepantes visões provenientes de variados campos disciplinares, geralmente com abordagens diferentes sobre o mesmo tema ou objeto. É o caso dos artigos "A opinião pública distribuída: blogs e jornalismo nas Eleições Brasileiras de 2006" (Revista E-Compós, 2007, v. 9), escrito por Fábio Malini (UFES), "Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus" (Revista E-Compós, 2006, v. 5), escrito por Alex Primo e Ana Maria Reczek Smaniotto (UFRGS), e do artigo "A moda dos blogs e sua influência na cibercultura: do diário virtual aos posts comerciais" (Revista E-Compós, 2007, v. 10), de Aletéia Ferreira e Josiany Vieira (UTP). O que queremos demonstrar, com este exemplo, é a diversidade de lentes analisando a cibercultura. Percebam que nos três textos o objeto de análise são os "blogs". Todos os autores provêm da área disciplinar da Comunicação, entretanto, as abordagens são totalmente diversificadas. Enquanto o primeiro texto trata do impacto da atividade discursiva dos blogs na campanha política de 2006, embebido de vertentes da Ciência Política e analisando o conteúdo narrativo que habita nos blogs e a formação da opinião pública nestes espaços, o segundo artigo analisa a própria estrutura dos

blogs, utilizando o conceito de comunidade virtual para observar as dinâmicas conversacionais e a sociabilidade nas interfaces consideradas pelos autores como “diários íntimos” que “celebram o ego no ciberespaço”. Além disso, os autores do segundo texto tentam analisar os blogs para investigar como as dinâmicas conversacionais nestes sites podem ir além do conceito de “diário de vida dos internautas”, numa posição disciplinar notadamente proveniente da área da Comunicação, tendo como temática principal a categoria de número 28 do Quadro Temático que apresentamos acima: “Sociabilidade”, que discute assuntos como “interatividade” e “dinâmicas conversacionais” na era das redes. Já o terceiro texto, “A moda dos blogs e sua influência na cibercultura: do diário virtual aos posts comerciais”, utiliza como método a Análise de Conteúdo para realizar um levantamento crítico sobre os principais blogs brasileiros da época. O artigo, mesmo que tenha sido escrito por duas pesquisadoras do campo da Comunicação, parece flertar, em diversos momentos, com o campo da Tecnologia e Ciência da Informação, já que traz referências sobre a estrutura dos blogs e como eles são organizados no ciberespaço.

Isto, obviamente, é resultado das variadas disciplinas do saber científico (como apresentamos no organograma anteriormente), e categorias temáticas (vide quadro temático) que constituem o campo da cibercultura. Estas *diversas lentes* que observam a cibercultura são o primeiro ponto de inferência que trazemos neste tópico, justamente porque é um fator imperativo para o entendimento do campo em questão, que é transpassado a todo momento por diversas influências teóricas. Isto faz da cibercultura não apenas um campo intimamente relacionado com a Comunicação, mas embebido de outros campos disciplinares tão importantes para sua constituição. A Sociologia e a Antropologia explicam muitos aspectos inerentes à face social das tecnologias, como apontaram Lévy (1999) e Wolton (2004). Recordando as considerações de Wolton, o autor relata que as tecnologias digitais encontram sucesso na sociedade porque respondem aos nossos desejos antropológicos de comunicação, sendo a Antropologia a responsável por explicar estes fenômenos. Assim como é graças à Ciência da Informação, Sistemas para Internet, Engenharia e Tecnologia que proporcionam aos sujeitos uma gama extensiva de novos aparatos tecnológicos, dispositivos e ferramentas digitais que revolucionam, por sua vez, nossa cultura, nossos hábitos e nossas formas de comunicabilidade e sociabilidade na era da sociedade líquida, como considera Bauman (2013).

6.2.2 Acordo não acordado ou Tendências da Moda?

O segundo ponto de inferência verificado a partir do *corpus* de pesquisa diz respeito às *tendências* de pesquisa. Como apontamos anteriormente, parece existir um acordo entre os pesquisadores brasileiros no momento de publicar suas pesquisas, porque, aparentemente, existem tendências muito demarcadas nos artigos publicados. Isto é, percebemos que alguns assuntos são considerados como "da moda" ou muito recorrentes em determinados períodos de tempo, o que provavelmente deve derivar de outras tendências mais amplas em âmbito internacional, mas que, por vezes, chegam anos depois no Brasil, até por uma questão de contexto material e cultural. É o caso dos *blogs* nos primeiros anos de análise, do *futuro do jornalismo* entre 2008 e 2013, e dos *sites de rede social* entre 2013 e 2015. É possível verificar que muitos pesquisadores concentram suas pesquisas nestes objetos/temáticas nos espaços-temporais acima citados. Obviamente, isto não configura um "acordo" de fato, mas evidencia tendências de pesquisa que parecem ter sido "acordadas". Coincidência ou não, estas tendências são facilmente visíveis quando consultamos os quadros de análise realizados nesta pesquisa.

Podemos notar este modismo no ano de 2009, quando a "Internet" foi um objeto de análise de quatro artigos publicados (três deles na Revista Famecos e um na Revista MATRIZes):

QUADRO 8 - QUADRO DEMONSTRATIVO DAS TENDÊNCIAS DE PESQUISA EM "INTERNET" NO ANO DE 2009

(continua)

ARTIGO / AUTOR	OBJETO	CONTEXTO	DISCIPLINA
McLuhan e neuromancer: aldeia global e outros conceitos no imaginário cyberpunk Márcia Gomes Rodolfo Rorato Londero Michelle Araújo do Nascimento (UFSM)	Internet	Intersecção entre obras de Marshall McLuhan e o cyberpunk.	Comunicação Arte
Os meios de comunicação e o suicídio: uma breve genealogia da narrativa da própria morte Ieda Tucherman Ericson Saint Clair (UFRJ)	Internet	Suicídio como questão biopolítica quando a mídia recebe papel de "medicina salvacionista".	Filosofia Psicologia

Vínculos no ciberespaço: websites pró-anorexia e bulimia Potiguara Mendes da Silveira Jr. Vanessa Alkmin Reis (UFJF)	Internet	Anorexia e bulimia como fenômenos vinculares difundidos pelas redes.	Comunicação Psicanálise
Música e cibercultura Clóvis Ricardo Montenegro de Lima (UFSC) Rose Marie Santini (UFRJ)	Internet	Problematiza a indústria musical na era da cibercultura, ligando-a as novas tecnologias.	Comunicação Música

FONTE: A autora (2017).

Todos os artigos evidenciados acima foram publicados no mesmo ano. Parece óbvia a tendência ao "modismo" neste caso, já que não podemos afirmar que os autores destes textos "combinaram" de analisar o mesmo objeto, por diversas lentes de observação. Isto demonstra, essencialmente, esta "tendência de pesquisa", que pode ser marcada por dado contexto sociocultural, mas também por influências teóricas amplas, sobre a qual nos referimos neste tópico de inferência. O mesmo ocorre em outros anos, como expomos acima, com objetos ou temáticas similares, sendo abordados em mais de um artigo por edição, no mesmo ano ou em anos subsequentes.

6.2.3 A Cibercultura é mais teoria?

Uma terceira inferência diz respeito à quantidade de trabalhos de cunho teórico verificada durante os dez anos de análise (vide quadro "Relação de estudos teóricos e empíricos na produção científica em cibercultura"). No montante final, foram contabilizados 191 artigos de natureza teórica, o que demonstra um aspecto imprescindível para a compreensão do campo, visto que grande parte dos artigos pretendem discutir questões de ordem teórica no intuito de problematizar, tensionar e complexificar os fenômenos da cibercultura. Isto pode ser considerado como um estado da arte com vistas a uma crítica da bibliografia da área. Inclusive, alguns artigos, como o texto "Implicações epistemológicas da pesquisa sobre novas práticas jornalísticas: por onde começar?" (Revista Famecos, 2015, v.

22, n. 3), escrito pelas pesquisadoras Myrian Regina Del Vecchio de Lima (UFPR) e Kati Eliana Caetano (UTP), introduzem estas questões de ordem teórico-epistemológica no campo da Comunicação, e, neste caso em especial, as autoras privilegiam uma abordagem reflexiva sobre as novas práticas jornalísticas na contemporaneidade. Este, por sua vez, é um debate corrente nos dez anos de análise e outros artigos refletem sobre questões de ordem teórica, buscando compreender, em cima da literatura já preexistente, as características do campo e, ainda, apontar para os próximos caminhos da pesquisa científica sobre temas pertinentes à cibercultura. A preocupação com questões teóricas, como postulamos, parece ser uma constante no período-temporal analisado, o que demonstra a influência da própria teoria no âmbito do imaginário tecnológico. Isto quer dizer que mesmo as teorias já existentes não são estanques, mas sim passíveis de reinterpretações.

Esta inferência também abre a possibilidade de nos questionarmos da razão pela qual não há tantos trabalhos de cunho empírico. Há falta de objetos a serem pesquisados? Já se demonstrou que os objetos são muitos, no âmbito do *corpus* examinado nesta pesquisa. Mas, outras perguntas podem emergir: Não existem fenômenos de ordem prática/cotidiana para serem investigados? A cibercultura é um conceito, apenas, ou pode ser considerada como uma prática cultural, de fato? E, sendo uma prática, ela não merece ser observada enquanto tal?

Estas questões surgem quando refletimos sobre a diferença entre artigos publicados de natureza empírica e teórica. São questões que emergem principalmente porque, como demonstramos na etapa quantitativa desta pesquisa, detectamos 208 objetos passíveis de análise (e ainda há a possibilidade de outros objetos serem pesquisados sob a luz da cibercultura que não estão incluídos no quadro por nós apresentado). Para além destas questões, evidenciamos que, em alguns casos, houve, de fato, um equilíbrio entre o levantamento teórico e a análise empírica, em artigos, em sua maioria, buscando exemplificar aspectos teóricos com a observação de fenômenos de ordem prática. Detectamos 52 artigos que se encaixam nesta terceira categoria, nos quais o teórico e o empírico dialogam e se tensionam.

6.2.4 O lugar de fala da Cibercultura

De onde fala a cibercultura? Segundo Felinto (2007), na maior parte dos casos, a Comunicação se encaixaria como o campo disciplinar onde a cibercultura poderia se ancorar, já que diversos assuntos “podem (e frequentemente devem) ser abordados a partir de uma perspectiva comunicacional” (FELINTO, 2007, p. 8). Ainda assim, mesmo que passíveis de

análise sobre uma perspectiva da Comunicação, a cibercultura perpassa – como já enfatizado de forma extensiva durante toda a trajetória desta pesquisa – outros tantos campos disciplinares, o que tornaria extremamente problemático afirmar que a cibercultura está mais ligada à Comunicação do que à outras áreas do conhecimento. Isto porque, como demonstramos no organograma de bases disciplinares, campos do conhecimento como a Sociologia, a Antropologia e, em especial, a Ciência da Informação, são campos privilegiados de onde podem surgir teorias sob a ótica da cibercultura.

Outro ponto a ser destacado é que, como citam Lemos (2002) e Rüdiger (2011), a cibercultura, no período anterior à evolução da internet, era marcada principalmente pelo ideal maquinista e pela cibernética. Recordamos este aspecto porque, antes mesmo de a Comunicação ser pano de fundo da cibercultura, eram a Engenharia, a Ciência da Informação e a Informática as bases para sua consolidação enquanto campo disciplinar. Vemos, neste caso, que a cibercultura tem suas origens muito mais ligadas à aspectos da área de Ciências Exatas (no momento de criação e produção de tecnologias), sendo adotada por disciplinas das áreas de Ciências Sociais muito mais tarde, quando, na contemporaneidade, há um rompimento com o pensamento maquinista e surgem teorias que analisam a fase humana e social que age por trás das técnicas. Este movimento evolutivo, por sua vez, concede espaço para pesquisas muito mais voltadas ao sufixo “cultura” e às relações sociais entre os sujeitos e a tecnologia, bem como às dinâmicas sociais que se apresentam na cultura contemporânea.

6.2.5 Ciência boa é ciência internacional?

O quinto tópico de inferência que destacamos nesta pesquisa diz respeito à quantidade de material internacional citado nas pesquisas em cibercultura, pois, mesmo observando a produção científica nacional, não pudemos deixar de destacar a aparente preferência dos autores brasileiros a referenciarem autores internacionais. Não é novidade para nenhum pesquisador da área que autores como Martin Heidegger, Michel Maffesoli, Howard Rheingold, Gilles Deleuze, Nicholas Negroponte, Henry Jenkins, Lev Manovich, Tim O’Reilley, Manuel Castells e Pierre Lévy são citados de forma extensiva por abordarem os fenômenos da cibercultura sob vários aspectos. Entretanto, preferimos voltar nossa análise para os autores brasileiros que mais publicaram durante os dez anos de análise e, ainda, quais são os autores brasileiros mais referenciados nos artigos analisados.

Quanto aos autores brasileiros mais citados nos artigos científicos, temos de destacar que há uma colaboração (ou um certo *compatriotismo acadêmico*) entre os pesquisadores em

âmbito nacional, que procuram, geralmente, referenciar ao menos um autor brasileiro nos artigos analisados. Obviamente, não podemos generalizar nesta afirmativa, já que há muitos trabalhos que citam somente autores internacionais, mas, ainda assim, pudemos observar certa solidariedade acadêmica neste sentido, observando que os autores citam-se entre si, prestigiando, assim, o trabalho de outrem, além de auxiliar na disseminação da produção científica local. Os nomes mais citados, curiosamente, são os mesmos nomes que aparecem no quadro dos autores que mais publicaram artigos nos periódicos analisados, já que, segundo nossas análises, são estes os principais autores que publicam suas pesquisas em cibercultura em âmbito nacional.

Ainda assim, constatamos esta tendência em citar principalmente autores internacionais nos estudos em cibercultura. Esta questão, no entanto, não pode ser respondida apenas com base na observação do *corpus* com o auxílio de uma Análise de Conteúdo. Cremos que para entender se a ciência considerada "boa" é a ciência internacional seria oportuna a realização de questionário ou entrevista com autores da área para averiguar o porquê de alimentarem-se, essencialmente, de literatura estrangeira em suas produções acadêmicas.

6.2.6 Focos ciberculturais

O que nos parece ser mais recorrente nos dez anos de análise, sem sombra de dúvidas, são seis, das 29 categorias temáticas: "Audiovisual", "Cibercultura", "Internet", "Jornalismo", "Mídia" e "Sociabilidade". No montante geral de nossa análise, pudemos observar que a atenção a estas temáticas é bastante recorrente nos artigos do *corpus* e isto se deve, inferimos, às problematizações que envolvem estas temáticas. A primeira, "Audiovisual", que apareceu de forma mais evidente em 6,6% dos artigos analisados, foi uma das surpresas do *corpus*, já que não imaginávamos que aspectos como o futuro do telejornalismo ou a produção e circulação de material audiovisual (filmes, documentários e vídeos) na internet, fossem questões significativas para o campo da cibercultura. A grande incidência desta categoria temática nos provou ao contrário, que, de fato, aspectos ligados ao audiovisual são extremamente importantes e passíveis de análise na era da cibercultura.

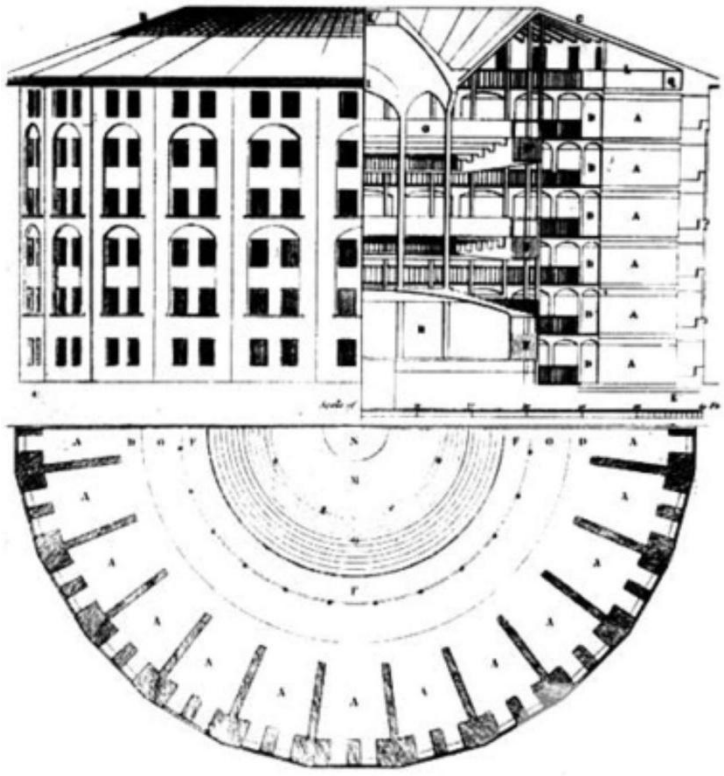
Quanto à categoria "Cibercultura" destacamos que é uma temática que transita, em maior ou menor medida, por diversos artigos, assim como acontece com a categoria "Internet". Ambas as categorias têm como particularidade a quase onipresença nos artigos do *corpus*, já que são temáticas que respingam em diversos assuntos e podem ser abordadas,

mesmo que de forma genérica, em grande maioria dos artigos que discutem o ciberespaço e a cultura que se desenvolve com os avanços tecnológicos nos últimos anos. As categorias "Mídias" e "Jornalismo" são outro exemplo de temática que, por vezes, podem aparecer ligadas num mesmo artigo. Ambas são muito recorrentes nos artigos analisados, a primeira aparece em 4,2% e a segunda em 11,6%. Isto demonstra que assuntos relativos às diversas mídias (convergência) e o jornalismo (e suas diferentes abordagens) são discussões imprescindíveis no âmbito da cibercultura. Respectivamente, a última categoria que apresentamos acima, "Sociabilidade", também figura como uma das temáticas mais presentes nos discursos dos artigos analisados. Cerca de 10% dos artigos do *corpus* podem ser enquadrados nesta temática, que direciona seu foco para questão emergentes da comunicação e engloba temas como a interatividade das mídias sociais digitais e suas ferramentas de indexação (como a produção de *tags*, que recuperam conteúdos quando utilizadas, *hiperlinks*, que de maneira semelhante, são formas de resgatar dados que estão dispersos no ciberespaço), além de problematizarem as mais diversas questões referentes às dinâmicas conversacionais na cibercultura. Ressaltamos que "Sociabilidade", aparentemente, ao lado de "Internet" e "Cibercultura", é uma das categorias temáticas que podem ser consideradas uma constante nos dez anos de análise, já estas temáticas parecem permanecer como foco em todos os anos de análise, figurando como temáticas de artigos em praticamente todas as edições das revistas analisadas.

As seis temáticas que evidenciamos neste tópico de inferência demonstram alguns dos focos ciberculturais mais recorrentes no *corpus* e dão indícios para pensarmos de que maneira se apresentam as discussões sobre cibercultura, já que as temáticas são indicadores do que têm chamado mais a atenção dos pesquisadores da área. Entretanto, outras temáticas ainda merecem atenção. A categoria "Identidade" é uma delas, já que se entrelaça com estudos que procuram investigar questões referentes à superexposição dos sujeitos nos SRS, à formação das identidades na cibercultura, levando em consideração todo um histórico antropológico e sociológico e também reflexões sobre a constituição das identidades na modernidade, que são extremamente marcadas pelos hibridismos, pela multiculturalidade, migrações e globalização (CANCLINI, 1997; ELHAJJI; ZANFORLIN, 2009; HALL, 2014). Além disso, esta categoria temática constitui ligações profundas com a categoria de "Vigilância", uma vez que nesta segunda, os estudos são voltados, entre outros pontos, para a personalização do conteúdo direcionado para perfis específicos. Isto quer dizer que, na cultura digital, empresas já estão atentas para o perfil identitário de seus públicos, gerando conteúdo especializado e direcionado para determinados sujeitos, com o auxílio de algoritmos capazes

de detectar tendências e preferências dos usuários/consumidores. Além disso, em "Vigilância", também entram trabalhos que problematizam de maneira bastante enfática o poder de controle que os dispositivos digitais podem exercer na sociedade, em especial a internet, sendo comparada com o papel de dispositivo panóptico (FIGURA 1), que é caracterizado por um sistema de vigilância centralizada na figura do "vigilante" (internet, SRS, etc.), que possui o poder de visualizar os "vigiados" (usuários, internautas, consumidores) de maneira panorâmica (FOUCAULT, 1987).

FIGURA 1 - MODELO DE DISPOSITIVO PANÓPTICO APLICADO À CONSTRUÇÃO DE PENITENCIÁRIAS



FONTE: BENTHAM (1995).

Segundo o autor,

> O panóptico é um zoológico real; o animal é substituído pelo homem, à distribuição individual pelo agrupamento específico e o rei pela maquinaria de um poder furtivo [...] pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos. Experimentar remédios e verificar seus efeitos [...] *é um local privilegiado para tornar possível a experiência com homens, e para analisar com toda a certeza as transformações que se pode obter neles* [...] *funciona como uma espécie de laboratório do poder.* (FOUCAULT, 1987, p. 168-169, grifo nosso).

Este dispositivo panóptico, explica Foucault, era uma ferramenta válida para o que ele chama de "sociedade disciplinar" e era aplicado na vigilância do sistema carcerário e sistema penal ocidental durante a fase da modernidade. Ao transferir o conceito de panóptico para a fase considerada como pós-moderna, a internet seria a nova protagonista no que se refere à vigilância, tornando-se o dispositivo panóptico (que tudo vê, que está presente em todos os lugares, ubíquo) da contemporaneidade. Além disso, em "Vigilância" também notamos que existem artigos que discutem assuntos referentes à segurança na internet, principalmente no que diz respeito às informações sobre os sujeitos (desde senhas de banco, números de registro civil, documentos oficiais, até fotografias, vídeos e textos pessoais) que podem ser expostos na rede. Os trabalhos que têm "segurança" como subtema geralmente procuram maneiras de tornar mais segura a navegação na internet. Assim, neste último tópico de inferência, destacamos que é possível perceber focos de pesquisa em cibercultura e que estes podem surgir dos mais diversos temas e discussões.

6.3 INTERPRETAÇÕES E PERSPECTIVAS

Para concluir a etapa de análise qualitativa desta pesquisa, iniciamos este tópico com algumas interpretações que foram possíveis após o processo de quantificação da pesquisa, leitura dos textos do *corpus*, categorização, descrição analítica e postulação de inferências. Epistemologicamente, a produção científica em cibercultura, nos referidos bancos de dados (E-Compós, Famecos, MATRIZes, Intercom e Galáxia), surge como um campo virginal (como bem colocou Felinto, 2007), mas também um campo pujante no que diz respeito aos aspectos que vão além da ordem dos ensaios e revisões de literatura, por mais que estes tenham sido os artigos que mais apareceram no *corpus*. Entretanto, pensar a cibercultura de maneira epistemológica não se restringe a fazer vastos levantamentos bibliográficos, com se pôde observar em muitos artigos no *corpus*, e, assim como fizemos no *capítulo 3* – "O modelo contemporâneo da cultura: a cibercultura", no qual realizamos uma revisão teórica. Ressaltamos que isto não significa que esta é uma etapa dispensável no processo de reflexão epistemológica. Pelo contrário, admitimos que o levantamento bibliográfico é o primeiro e imprescindível passo rumo à epistemologia de um campo. Mas epistemologia não se restringe à esta atividade. Ela vai além.

O tópico de inferência de número "3", por exemplo, onde nos perguntamos se a cibercultura é mais teórica, constitui não apenas uma constatação, mas também uma crítica ao

modelo de publicação sobre cibercultura, já que vários autores parecem se considerar como "epistemólogos" do campo realizando apenas levantamento bibliográfico. Ensaios também não podem ser considerados, *a priori*, como exemplares epistemológicos, justamente porque se baseiam em argumentos com forte influência subjetiva, quase opinativa. Ainda, quando um pesquisador se dispõe a explorar um campo teórico, ele acaba, impreterivelmente, por assumir um papel que vai muito além da realização de um ensaio ou pesquisa bibliográfica. Estes pontos são primordiais, obviamente, mas ele deve se concentrar, também e essencialmente, na análise das minúcias, das particularidades, dos elementos fundantes daquele campo disciplinar.

Por esta razão é que este "inventário" dos objetos, métodos, autores e temáticas da cibercultura se faz tão imprescindível nesta pesquisa, pois torna-se imperativo ao epistemólogo analisar estes aspectos, a fim de discuti-los e inferi-los, já que, quando juntamos todos eles num mesmo tecido – e voltamos, novamente, à metáfora da costura – temos uma peça que demonstra onde pode residir uma teoria geral sobre a teoria em análise. Assim, não podemos considerar como reflexão epistemológica o levantamento bibliográfico apenas, já que consideramos que este exercício é uma forma elementar na busca pela epistemologia. Souza (2014) o fez de maneira louvável em sua já apresentada dissertação de mestrado, quando se propõe a fazer um levantamento bibliográfico em busca de um primeiro passo para a proposição de uma epistemologia da cibercultura. Evidencie-se, neste momento, que não refutamos a imprescindível colaboração do levantamento bibliográfico e dos ensaios para o avanço epistemológico, mas consideramos que a epistemologia não se restringe a isso, pelo contrário, ela engloba ainda mais atividades em seu cerne.

Assim, do ponto de vista mais imediato, podemos considerar que esta pesquisa é uma contribuição tanto para o campo da epistemologia, como da cibercultura. Em primeiro, para a epistemologia, porque demonstra um caminho metodológico que pode ser percorrido, utilizando-se da Análise de Conteúdo, para descobrir as particularidades do campo em questão e, em segundo lugar, para a cibercultura, porque constitui-se como uma espécie de catálogo, onde encontram-se os objetos, temas, autores, locais onde há a produção sobre o campo, métodos utilizados, enfim, os pormenores que são tão imprescindíveis para o entendimento epistemológico da cibercultura.

Outro ponto que gostaríamos de enfatizar é o poder cognitivo que parece ter feito morada nas teorias da cibercultura. Em resumo, a cibercultura parece ter sido substancializada na sociedade contemporânea, num movimento de absorção quase orgânica e, não por acaso, hoje, estuda-se como os cérebros das crianças têm assimilado a cultura digital de maneira tão

naturalizada. Segundo especialistas em neurociência, as crianças que nasceram na era pós invenção da internet possuem um sistema cognitivo já familiarizado com as tecnologias digitais. Em outros termos, isso se deve à possibilidade de que o uso da internet e dispositivos de tecnologia digital tenha alterando (ou esteja alterando) a maneira como nossos cérebros operam, tornando a experienciação digital e tecnológica um processo naturalizado, habitual[38]. Isto se repete no que diz respeito aos artigos publicados, já que, em sua grande maioria, os autores parecem muito familiarizados com o tema (justamente por vivenciarem a cultura digital de maneira intensa e estarem situados no núcleo de onde ebulem as práticas ciberculturais). Neste ponto, notamos, então, que os autores da área, em geral, já falam sobre cibercultura de maneira naturalizada na sociedade, demonstrando que a cibercultura é, de fato, a fase mais atual do que se convém chamar de *cultura*[39], algo que Lévy (1999) já havia apontado no século passado.

Um último ponto a ser levantado é a disputa no terreno da cibercultura. Pudemos observar uma certa tensão em alguns artigos e, por esta razão, trouxemos estas discussões neste último tópico, justamente porque visualizamos no debate a possibilidade de avançar epistemologicamente no campo da cibercultura. Optamos por reproduzir abaixo algumas considerações que permearam um embate que foi publicado recentemente e teve como "arena de disputas" a revista MATRIZes. Trata-se do enfrentamento intelectual protagonizado pelos pesquisadores André Lemos e Francisco Rüdiger. Em junho de 2015, André Lemos publicou o artigo "A crítica da crítica essencialista da cibercultura" (Revista Matrizes, 2015, v. 9, n. 1), onde o autor postula como objetivo "analisar a perspectiva crítica da cibercultura a partir da discussão sobre a essência da tecnologia" (LEMOS, 2015, p. 29). Para isso, Lemos realiza a tentativa de atualizar discussões sobre a essência da tecnologia (utilizando como base a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour) para desbancar a perspectiva crítica tradicional, ainda muito marcada pelo fundamentalismo, determinismo e pessimismo tecnológico. No mesmo ano, Francisco Rüdiger publica um texto em tom de réplica a André Lemos, onde contesta suas proposições de maneira bastante veemente. O artigo "Contra o conexionismo abstrato: réplica a André Lemos" (Revista Matrizes, 2015, v. 9, n. 2), elenca três pontos de contestação:

> O primeiro é a carência de erudição e a falta de um entendimento mais profundo e esclarecido acerca do que é próprio da razão crítica. O segundo é a contradição

[38] Link para a matéria publicada no jornal Estadão "Web está mudando o cérebro das crianças". Na reportagem há a informação de que cientistas estão notando mudanças cognitivas no cérebro das crianças no processo de assimilação tecnológica. Disponível em: <goo.gl/1OXikV>.

[39] Levando em consideração toda a conceituação e significações que este termo carrega, como expomos no capítulo 2 – "Comunicação, Cultura e Tecnologia".

> performativa que o artigo incide ao jogar contra a crítica a linha de raciocínio à qual se opõe em vez da que preconiza. O terceiro é o endosso acrítico de uma corrente de ideias que, separando-se da prática de pesquisa que pode desenvolver, promove abstratamente um hiperempirismo de pouco alcance epistêmico. (RÜDIGER, 2015, p. 127).

De modo visivelmente incomodado à provocação de Rüdiger, André Lemos publica, na edição seguinte do mesmo periódico, a tréplica ao pesquisador gaúcho, reafirmando suas posições expostas no primeiro artigo e discutindo (posicionando-se veementemente contra) os três pontos levantados por Rüdiger em sua réplica. Em outras palavras, Lemos (2016) considera os apontamentos de Rüdiger (2015) incabíveis do ponto de vista crítico, acusando este segundo de "não conseguir analisar seriamente a proposta teórica de Latour (2012), apresentada com um contraponto à visão essencialista da tecnologia" (LEMOS, 2016, p. 67).

Perceba-se que este último texto, intitulado como "Contra a crítica abstrata. Tréplica a Francisco Rüdiger" (Revista Matrizes, 2016, v. 10, n. 1), foi publicado em 2016 e este ano não está incluído no período temporal de análise desta pesquisa. Ainda assim, o apresentamos justamente para demonstrar esta sequência de discussões que contribuem de forma efetiva para os avanços no campo epistemológico da cibercultura. De maneira bastante cuidadosa, ao acompanhar as discussões entre os autores, percebemos o alto grau de erudição de ambos os pesquisadores, embora Rüdiger acuse Lemos de "carência de erudição" e "falta de um entendimento mais profundo e esclarecido acerca do que é próprio da razão crítica" (p. 127) e, em resposta, Lemos, em certo ponto, afirme que Rüdiger não teve capacidade de analisar corretamente sua proposta. Ainda assim, não se pode negar o nível elevado do debate, quando os autores, como dois gladiadores na arena acadêmica, lutam para defender seus pontos de vista. Enfatizamos que casos como este são de imperial importância para a evolução da crítica em cibercultura e também para as reflexões epistemológicas sobre a cultura contemporânea. Destacamos estes três artigos porque visualizamos neles o caso mais significativo de expansão no entendimento da cibercultura em âmbito teórico. Embates como este podem e devem ser estimulados no ambiente acadêmico, justamente porque nascem de discussões como esta os avanços teóricos que podem ser evidenciados pela epistemologia. Posicionar duas opiniões contrárias constitui como um avanço no que diz respeito ao entendimento de determinado campo, já que, como demonstramos anteriormente, a cibercultura, em especial, tem sido observada por diversas lentes, por autores com as mais variadas formações acadêmicas e filiações teóricas.

7 CONCLUSÃO

Pensar a cibercultura. Foi a partir desta frase que iniciamos todo o processo de construção desta pesquisa. Também foi desta maneira que Pierre Lévy iniciou seu livro "Cibercultura" (1999) e é desta maneira que encaminhamos as conclusões desta pesquisa. Algumas de nossas questões se encerram neste momento, entretanto, a partir desta dissertação, surgem outras questões e abordagens, principalmente no que diz respeito aos hiatos que ficaram em aberto nesta pesquisa, já que em sua totalidade, esta dissertação cumpre seu papel (com início, meio e fim), mas também deixa lacunas para pesquisas futuras. Por esta razão é que, no título desta pesquisa, enfatizamos que nosso objetivo é o de evidenciar algumas "aberturas epistemológicas", já que não seria suficiente o tempo do mestrado para maturar uma teoria epistemológica de fato. Assim, com o exercício de inferências e interpretações sobre o *corpus*, pudemos levantar algumas destas aberturas com vistas a expandir a reflexão teórica sobre o campo já existente, já que consideramos que desenhar este caminho, ou desenhar uma cartografia do campo, é uma das aberturas mais imprescindíveis para pensar uma epistemologia da cibercultura. Como dizia Felinto (2007), "não há mapas para estes territórios" da cibercultura, mas o primeiro traço começa com a cartografia que apresentamos nesta pesquisa, em suma, traçar algumas características do campo (neste caso, os objetos, temáticas, autores) é como desenhar um caminho em direção a uma reflexão mais abrangente, mais aprofundada e, por conseguinte, também mais epistemológica, crítica e ponderada.

No que diz respeito à nossa questão de pesquisa, procuramos observar, com o auxílio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), como se apresenta o campo da cibercultura no Brasil, tendo como objeto de análise os artigos científicos publicados nos periódicos científicos da área da Comunicação. Como optamos por responder a duas questões nesta pesquisa, a primeira, mais genérica do ponto de vista mais imediato, está relacionada à como se apresenta a produção em cibercultura, e a segunda, de natureza mais específica, indaga se é possível realizar uma reflexão epistemológica embasada na progressão do conhecimento científico publicado nas revistas selecionadas. Entretanto, antes de atender a estas questões, devemos nos voltar para os objetivos geral e específicos que foram elencados, os quais justamente nos auxiliam a respondê-las. Assim, elencamos como objetivo geral realizar uma reflexão com vistas à compreensão sobre a cibercultura no *corpus* definido, buscando vias para pensá-la de modo epistemológico. Após eleger os artigos publicados nas revistas de Comunicação consideradas como A2 pela Qualis Capes como objetos de pesquisa, foram

muitos os desafios para dissecá-los, já que o *corpus* acabou por se demonstrar extenso e igualmente rico, tanto do ponto de vista da variação de temáticas e objetos, quanto do ponto de vista analítico, já que no montante final, observamos uma extensa lista de artigos prontos para serem relidos, reavaliados, ressignificados e, principalmente, reinterpretados.

Assim, não apenas fomos surpreendidas com a quantidade de novas abordagens que surgiram após o contato com o *corpus* e suas peculiaridades, como pudemos atingir o objetivo geral desta dissertação no momento em que nos dispusemos a analisar o terreno da cibercultura numa amostra de natureza tão heterogênea. As reflexões que foram surgindo após cada etapa da análise quantitativa e, posteriormente, os pontos levantados nas análises qualitativas, servem como uma resposta ao objetivo geral desta pesquisa, que era justamente o de compreender de forma abrangente a produção brasileira sobre cibercultura. O inventário que trouxemos no capítulo metodológico, com toda a sistematização dos elementos dos artigos, nos concedeu uma matriz de onde pudemos realizar algumas reflexões epistemológicas, que foram trazidas no capítulo destinado às inferências e interpretações. Destacamos que deve ser observada a maneira como todos os objetivos específicos elencados acabam por se complementar, ou seja, cada objetivo mantém alguma relação com o objetivo anterior e todos eles correspondem a etapas diferentes no processo teórico-metodológico – e neste momento reforçamos a metáfora da costura, já que vemos esta pesquisa de dissertação como uma "peça" teórica, onde os objetivos se entrelaçam com os capítulos teóricos, que, por sua vez, se relacionam com todos os procedimentos metodológicos, assim como o movimento da uma costureira ao realizar o vai e vem da agulha e da linha na confecção de uma nova peça de vestuário. Desta forma, quanto aos objetivos específicos, o primeiro deles era o de estabelecer a relação entre comunicação, cultura e tecnologia, a fim de compreender como esta tríade se comporta na cibercultura. Revisitando autores como Elhajji e Zanforlin (2009), Bauman (2013), Wolton (2004), Gonçalves (2009) e Laraia (2001), procuramos evidenciar, no capítulo 2 desta dissertação, que comunicação, cultura e tecnologia têm se imbricado durante todo o processo de evolução da sociedade.

Além disso, também como objetivo específico, nos dispomos a refletir sobre a origem e a conceituação de epistemologia, buscando compreendê-la de forma teórica para depois investir na reflexão epistemológica nas análises. Imprescindível, neste caso, foi o esforço de levantamento bibliográfico sobre estes temas, ancorados principalmente por autores como Ferrara (2003), Maldonado (2003), Barros e Künsch (2007) e França (2010), pois estes pesquisadores embasaram todo o processo de pesquisa, coleta e análise dos dados, servindo, principalmente, como ponto de partida para a construção desta dissertação. Como

indicam Barros e Künsch (2007), pensar o pensamento torna-se imperativo em campos como a Comunicação (que por natureza é heterogênea e logra de pouco consenso entre seus estudiosos) e, da mesma forma, a Cibercultura que, como vimos, mostrou-se como um campo rico do ponto de vista disciplinar e passível de interpretações epistemológicas. Os autores sugerem que "conjugar o conhecimento prático do fazer, *a teoria do pensar o fazer* e a *epistemologia do pensar o nosso pensamento* é uma tarefa que se impõe como urgente no domínio fragmentado da comunicação" (BARROS; KÜNSCH, 2007, p. 10, grifo nosso). Ainda, ressaltam que "pensar o pensamento [...], como todo e qualquer pensamento, envolve-nos simultaneamente na ousadia de termos de 'pensar-nos ao pensar, conhecer-nos ao conhecer'" (idem). E quando os autores falam da "epistemologia de pensar o nosso pensamento", precisamos ir além do que está implícito nesta afirmativa e nos permitir ler os implícitos que estão inseridos nesta oração. Faz muito sentido observar a cibercultura sob este ângulo: pensando o pensamento acerca do tema. Seria ideal, para maior compreensão do pensamento cibercultural (e, por consequência, para uma contribuição maior à epistemologia do campo), realizar entrevistas com os principais autores brasileiros da área. Assim, poderíamos investigar como estes pesquisadores "pensam o pensamento" em torno da cibercultura, como enxergam a formação do campo, e, ainda, se estes pesquisadores têm provisões para o futuro, tanto da tecnologia, quanto das teorias sobre a cultura contemporânea. Este é um exercício em potencial que poderá ser eixo de outros artigos e pesquisas que se dediquem a complementar o mapeamento da cibercultura com vistas à epistemologia.

Ainda acerca dos objetivos específicos, destacamos aqueles que visavam "estudar, analisar e refletir qualitativamente sobre as abordagens teórico-metodológicas, objetos pesquisados, e temáticas mais recorrentes contidas nos artigos selecionados sobre cibercultura no período determinado" e "realizar um levantamento dos artigos publicados nos periódicos Qualis Capes A2 da área da Comunicação, no período de 2006-2015, tendo em vista a elaboração de um mapeamento quantitativo da pesquisa brasileira em cibercultura". Estes dois objetivos perpassam todo o capítulo metodológico e o capítulo de análises e discussões, já que foi pensando em cumpri-los que realizamos as etapas quantitativa e qualitativa da pesquisa, com o auxílio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), utilizando de algumas das técnicas que ela nos proporciona (Análise Documental, Categorização, Análise Temática dos Discursos, Descrição Analítica do Objeto e Inferências). Estas técnicas, aplicadas ao *corpus*, nos proporcionaram bases para, enfim, apresentar a cartografia do campo da cibercultura no Brasil, bem como o inventário das particularidades do campo. Estes objetivos específicos,

destacamos, em especial, foram os que nos deram maior trabalho, e nos quais despendemos a maior parte do tempo nesta pesquisa, já que estes dizem respeito a todo o processo metodológico e analítico da pesquisa. Neles pudemos observar virem à tona todos os objetos visualizados no *corpus*, bem como as temáticas que resultaram no quadro com 29 categorias diferentes, a categorização dos métodos utilizados pelos autores dos artigos, os autores brasileiros que mais publicam textos sobre cibercultura, os autores que são referenciados nestes textos e, por fim, o mapeamento, que demonstrou os locais onde há maior produção em cibercultura no Brasil. Assim, podemos nos certificar de que atendemos a todos os pontos elencados no início desta pesquisa, levando em consideração o tempo de duração do mestrado, e, além disso, avançamos nos estudos epistemológicos sobre a cibercultura, contribuindo de forma efetiva após a apresentação deste "inventário da cibercultura", proposto por Felinto (2007) e Amaral e Montardo (2011).

Quanto ao fato de que, como premissa, pensávamos que havia pouca ou nenhuma produção científica sobre epistemologia em cibercultura, continuamos com este pensamento após a análise do *corpus*, pois verificamos que apenas 1,1% dos textos se dedicam às reflexões de ordem epistemológica neste campo teórico. Isto demonstra que a epistemologia continua sendo um campo pouco privilegiado nos estudos em cibercultura e fomenta a ideia de que esta dissertação pode significar uma contribuição para os avanços críticos sobre o campo. Isto, talvez, se deva ao fato de que há uma ideia de que a epistemologia é um terreno teórico de difícil acesso. Neste momento, novamente peço licença para falar em primeira pessoa do singular, pois gostaria de explicitar algumas considerações pessoais que podem contribuir para esta reflexão. Desde o início do mestrado, quando os colegas (e até professores) ouviam que eu me dispunha a estudar epistemologia na dissertação, a reação – quase que geral – era a de espanto. Isto porque é quase que um consenso na área acadêmica que a epistemologia urge de certo empenho e cautela que são caros até aos pesquisadores mais maduros academicamente.

Por se caracterizar como um trabalho de fôlego e que demanda certa percepção crítica acerca de determinada disciplina do conhecimento, a reflexão epistemológica requer, sobretudo, uma dose de maturidade, outra de dedicação no aprofundamento teórico, e mais uma pitada de coragem para enfrentar uma "selva selvagem", como aponta Felinto (2007), que, assim como a cibercultura, também é repleta de obscuridade, já que a epistemologia constitui-se como um terreno geralmente encoberto, passível, portanto, de exploração. Embora desencorajada por muitos, prossegui com a ideia de incluir a epistemologia nesta pesquisa. Em diversos momentos retirei esta palavra da dissertação, fugindo para lados que

me pareciam menos penosos do ponto de vista teórico-metodológico. No fim, acabei voltando à epistemologia com a certeza de que, de alguma forma, esta dissertação poderia avançar no que posso caracterizar como uma atividade de "despir" este território que até então parecia "inóspito" e "soturno". Sabia, entretanto, que esta decisão acarretaria o dobro de trabalho e algumas noites de insônia. Trouxe estas reflexões justamente para demonstrar, com uma experiência pessoal, esta tendência a se pensar que a epistemologia é um ramo obscuro e que realizar incursões neste território pode tornar dificultosa a atividade reflexiva. Entretanto, ancorada em todo o percurso metodológico, na quantificação e sistematização realizada e nos exercícios de inferência e interpretação dos dados, pode-se dizer que é possível, de fato, iniciar uma peregrinação pelos caminhos da epistemologia, mesmo no período curto de mestrado, já que consideramo que esta dissertação cumpre um papel de incentivo para futuras pesquisas na área, sendo, assim, um ponto de partida ou, para utilizar o termo que trouxemos no título desta pesquisa, uma "abertura" possível para se pensar a cibercultura epistemologicamente.

Avançando, ainda, na jurisdição das considerações acerca das interpretações possíveis a respeito das sistematizações realizadas nesta pesquisa, gostaríamos de ressaltar que este trabalho de mapeamento e organização do território da cibercultura no Brasil não se esgota nesta pesquisa, já que, sob nosso ponto de vista, ainda existem outros tantos pontos a serem destacados neste mesmo *corpus*. Isto quer dizer que, mesmo limitado aos periódicos A2 da área da Comunicação, o *corpus* constitui-se como uma amostra de infinitas possibilidades. Ainda podemos analisar dados como a formação dos autores, as vertentes teóricas sobre as quais os autores se sustentam, as teorias mais discutidas, os questionamentos que ficam em aberto nos próprios artigos analisados, as pontes de intersecção com outras disciplinas do conhecimento científico, e mais uma vasta lista de possibilidades que podem surgir a partir do que pode ser encontrado nos 380 artigos analisados. De maneira geral, o *corpus* em questão é de uma riqueza extraordinária do ponto de vista epistemológico e não se finda por completo nesta dissertação, já que, como ressaltamos anteriormente, abre ainda diversas indagações que podem figurar como problemáticas para futuras pesquisas.

Como sugeriram Amaral e Montardo (2011), o artigo das autoras, esta dissertação e outros trabalhos como o de Gonçalves (2011) e Souza (2014), figuram como novas contribuições para a compreensão dos fenômenos da cibercultura em âmbito nacional. Além disso, ainda há a possibilidade de ampliar as análises para os livros, teses e dissertações publicadas sobre o assunto para completar os esforços no sentido de mapear os estudos em cibercultura e, finalmente, termos a possibilidade de enxergar de forma analítica toda a

produção científica sobre o tema. Assim, mapeando e sistematizando todos os principais meios de disseminação científica, teremos, enfim, uma unidade de análise que tornará possível a máxima elencada nesta dissertação: o pensar o pensamento.

Por fim, voltamos à cartografia do campo para enfatizar que, de fato, não há mapas para estes territórios, porém, ao nos aventurarmos nesta superfície obscura, estamos realizando uma *abertura possível* para se pensar o campo de maneira crítica, e epistemológica, portanto. Assim, corroborando com a máxima de Felinto (2007), acreditamos que não há mapas nem fórmulas acabadas dentro do campo da cibercultura, mas há aberturas para o avanço no progresso científico sobre o tema, e esta dissertação contribui efetivamente para a delimitação do campo, assim como desenha um novo caminho nas páginas do pensamento cibercultural. Pensar a cibercultura, portanto, é desenhar um caminho em busca da reflexão epistemológica.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. Visões Perigosas: Para uma genealogia do *cyberpunk*. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 6, p. 1-20, ago. 2006.

AMARAL, A.; MONTARDO, S. P. Pesquisa em Cibercultura: análise da produção brasileira da Intercom. **LOGOS**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 34, p. 102-116, 2011.

AMARAL, A.; MONTARDO, S. P. Pesquisa em cibercultura e internet: estudo exploratório-comparativo da produção científica da área no Brasil e nos Estados Unidos. **Revista Conexão - Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 9, n. 18, p. 57-73, jul./dez. 2010.

AQUINO, M. C. Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva: Um estudo das tags na organização da web. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-18, ago. 2007.

AZEVEDO, J. C.; MIRANDA, F. A.; DE SOUZA, C. H. M. Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do Ciberbullying no contexto da escola. **Revista Intercom**, São Paulo, v. 35, n. 1, 2012.

BAIO, C. A impureza da imagem: estéticas intersticiais entre a fotografia analógica e digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 28, p. 134-145, dez. 2012.

BARBOSA E SILVA, J. A. A expansão da teoria do *agenda-setting* em sistemas informativos da Web. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 28, 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARICHELLO, E. M. R.; SCHEID, D. Apontamentos sobre a construção da visibilidade de instituições na Internet a partir de um cenário de midiatização da sociedade. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 10, 2007.

BARROS, L. M.; KÜNSCH, D. A. "Saber pensar seu pensamento": reflexões em conjunto sobre epistemologia da comunicação. **Líbero**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 9-20, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewArticle/4641>. Acesso em: 15 jun. 2015.

BAUMAN, Z. **A Cultura no Mundo Líquido Moderno**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BENTHAM, J. **The Panopticon Writings**. Editado por Miran Bozovic. London: Yew Books, 1995.

BRAGA, A. Ciber-Cultura Feminina: interação social em um weblog. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 9, 2007.

BRAGA, A.; AGUIAR, L.; BERGAMASCHI, M. O chão de fábrica da notícia: contribuições para uma economia política da práxis jornalística. **Revista Intercom**, São Paulo, v. 37, n. 1, 2014.

BRAGA, J. L. Constituição do campo da Comunicação Social. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, ano 25, n. 58, p. 62-77, jan./abr. 2011.

BRAGA, J. L. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano 10, série 3, p. 288-296, set./dez. 2005.

BRUNO, F. Mapas de crime: vigilância distribuída e participação na cibercultura. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 12, n. 2, 2009.

BRUNO, F.; LEITÃO, A.; LOBO, A.; BOGHOSSIAN, B.; ALBUQUERQUE, L. G.; GUIMARÃES, N.; BIANCOVILLI, P. O oráculo de Mountain View: o Google e sua cartografia do ciberespaço. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 6, p. 1-21, ago. 2006.

CABRAL, A. As comunidades de compartilhamento social no Centro de Mídia Independente. **Revista Intercom**, São Paulo, v. 31, n. 2, 2008.

CAIAFA, J. Tecnologia e sociabilidade no metrô. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 11, n. 1, 2008.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CAPPELLARI, M. S. V. A transição dos quadrinhos dos átomos para os bits. **Revista Intercom**, São Paulo, v. 33, 2010.

CASTELLS, M. **Sociedade em Rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAUNE, J. As relações entre cultura e comunicação: núcleo epistêmico e forma simbólica. **Líbero**, São Paulo, ano 11, n. 22, p. 33-42, dez. 2008. Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/As-rela%C3%A7%C3%B5es-entre-cultura-e-comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2015.

CAZELOTO, E. Monocultura informática, permacultura e a construção de uma sociabilidade contra-hegemônica. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 3, n. 2, 2010.

DAL BELLO, C. Espectros virtuais: a construção de corpos-sígnicos em comunidades virtuais de relacionamento. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 10, 2007.

DEL VECCHIO DE LIMA, M. R.; CAETANO, K. E. Implicações epistemológicas da pesquisa sobre novas práticas jornalísticas: por onde começar? **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 2015.

ELHAJJI, M.; ZANFORLIN, S. A centralidade do cultural na cena contemporânea: evolução conceitual e mudanças sociais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 16, n. 39, p. 5-19, ago. 2009.

ESCOBAR, J. L. A formação de comunidades virtuais no portal Comunique-se: um primeiro olhar. **E-Compós**, Brasília, v. 5, p. 5, 2006.

FECHINE, Y. Roteiro em novas mídias: uma abordagem a partir da teoria da linguagem. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, 2010.

FELINTO, E. Cibercultura: ascensão e declínio de uma palavra quase mágica. **E-Compós**, Brasília, v. 14, n. 1, jan./abr. 2011.

_____. O pós-humano incipiente: uma ficção comunicacional da cibercultura. **Revista Intercom**, São Paulo, v. 29, 2006.

_____. "Sem mapas para esses territórios": a cibercultura como campo de conhecimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXX, 2007, Santos. **Anais...** Santos: Intercom, 2007.

FERRARA, L. Ciberespaço: conceito à procura de um nome. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 15, n. 37, 2008.

FERRARA, L. Epistemologia da Comunicação: além do sujeito e aquém do objeto. In: LOPES, M. I. V. de (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 55-67.

FERREIRA, A.; VIEIRA, J. A moda dos blogs e sua influência na cibercultura: do diário virtual aos posts comerciais. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 10, 2007.

FERREIRA, J. (Org.). **Cenário, teorias e epistemologias da comunicação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANÇA, V. V. O objeto da comunicação/a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Org.) **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 39- 60.

FREIRE, E. N. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 291-310, dez. 2009.

GONÇALVES, D. M. **A Internet nos Estudos da Área de Comunicação Brasileira**: questões e abordagens (2000-2010). 336f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

GONÇALVES, F. N. Resistência nômade: arte, colaboração e novas formas de ativismo na Rede. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-20, 2007.

GONÇALVES, M. S. A escrita e seus efeitos culturais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 39, ago. 2009.

GUIMARÃES, D. A. D. Imaginário e virtualidade: as estratégias miméticas no épico 300. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 11, n. 3, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HAVELOCK, E. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOLZBACH, A. D. O Gorillaz é uma banda "de mentira"? Uma discussão sobre o papel das bandas virtuais na música massiva. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 13, n. 1, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior 2015**. Brasília: INEP, 2015.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

JOHNSON, T. S. P. De quem é a língua? Interações comunicacionais e conflitos lingüísticos na Wikipédia Lusófona. **Revista E-compós**, Brasília, v. 9, p. 1-21, ago. 2007.

JOHNSON, T.; BRAIGHI, A. A.; ALMEIDA, R.; HAMDAN, A. A.; MIRANDA, D. Redes sociais em jogos online: a dinâmica da interação social no World of Warcraft. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 13, n. 1, p. 1-18, 2010.

JOSGRILBERG, F. B. Tecnologia e sociedade: entre os paradoxos e os sentidos possíveis. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 278-287, 2005.

KEEN, A. **Vertigem Digital**: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientado. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KILPP, S. Imagens conectivas da cultura. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, 2010.

KUNSCH, M. K. Comunicação Organizacional: contextos, paradigmas e abrangência conceitual. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 2, 2014.

LACALLE, C. As novas narrativas da ficção televisiva e a Internet. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 79-102, jan./jul. 2010.

LEMOS, A. A crítica da crítica essencialista da cibercultura. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 9, n. 1, 2015.

_____. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. Contra a crítica abstrata. Tréplica a Francisco Rüdiger. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 10, n. 1, 2016.

_____. Mobile communication and new sense of places: a critique of spatialization in cyberculture. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 16, p. 91-108, dez. 2008.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O Que é Virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MACÊDO, S.; DOMINGUES, D. Tensões entre a política e a estética na cibercultura. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 13, p. 63-74, jun. 2007.

MACEK, J. **Defining Cyberculture**. Online, 2005. Disponível em: <http://macek.czechian.net/defining_cyberculture.htm>. Acesso em: 17 set. 2015.

MALDONADO, A. E. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das Ciências da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. (Org.). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 205-225.

MALINI, F. A opinião pública distribuída: blogs e jornalismo nas Eleições Brasileiras de 2006. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 9, 2007.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.

MARCUSE, H. **Tecnologia, guerra e fascismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MARQUES, F. P. J. A. Participação, instituições políticas e Internet: um exame dos canais participativos nos portais da Câmara e da Presidência do Brasil. **Revista Intercom**, São Paulo, v. 33, n. 1, 2010.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MONTARDO, S.; CORDEIRO, B. C. Estigma em blogs de pessoas com deficiência auditiva. **Revista E-compós**, Brasília, v. 12, n. 1, jan./abr. 2009.

MONTARDO, S.; PASSERINO, L. Inclusão social via acessibilidade digital: Proposta de inclusão digital para Pessoas com Necessidades Especiais. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 8, 2007.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NEVES, B. de B. Prefiguração de contrapúblicos em Brad – Uma noite mais nas barricadas. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 20, p. 134-145, dez. 2010.

OLIVEIRA, D. B. A crise do conceito episteme. **Revista Margens Interdisciplinar**, Abaetetuba, ano 1, n. 1, nov. 2007.

O'RIORDAN, Sheila; FELLER, Joseph; and NAGLE, Tadhg. Exploring the affordances of social network sites: an analysis of three networks (2012). ECIS 2012 Proceedings. Paper 177. http://aisel.aisnet.org/ecis2012/177

PAPACHARISSI, Zizi. The virtual geographies of social networks: a comparative analysis of Facebook, LinkedIn and AsmallWorld. New Media Society, 2009 11: 199.

PEDROSO, J. C.; MARTINS, C. J. Pontos de Cultura enquanto movimento social: uma pesquisa netnográfica. **Revista E-compós**, Brasília, v.16, n. 2, maio/ago. 2013.

PELLANDA, E. C. Mobilidade e personalização como agentes centrais no acesso individual das mídias digitais. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-14, ago. 2007.

PEREIRA, C.; ANTUNES, A. Do convencer ao interagir: algumas reflexões sobre contextos e percursos da publicidade brasileira. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 17, n. 3, 2014.

PINHEIRO, M. A. Dias estranhos: publicidade e espetáculo. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 12, n. 3, 2009.

POLIVANOV, B. **Dinâmicas Identitárias em Sites de Redes Sociais**: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

PRIMO, A.; SMANIOTTO, A. M. R. Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 5, 2006.

RIBEIRO, J. C.; BRAGA, V. Interações em ambientes online de compartilhamento de fotografias: considerações baseadas nas perspectivas interacionista e dramatúrgica. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, 2012.

ROSSETTI, R. A ruptura epistemológica com o empirismo ingênuo e inovação na pesquisa empírica em Comunicação. In: BRAGA, L.; LOPES, M. I.; MARTINO, L. (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 71-86.

RÜDIGER, F. **As Teorias da Cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. Breve história do pós-humanismo: elementos de genealogia e criticismo. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 8, 2007.

_____. **Cibercultura e Pós-Humanismo**: exercícios de arqueologia e criticismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. Contra o conexionismo abstrato: réplica a André Lemos. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 127-142, 2015.

SANTAELLA, L. O projeto de pesquisa e seus passos. In: SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, E. Comunicação e cultura: uma abordagem. **Biblioteca Digital da Universidade do Porto**, Portugal, v. 3, 2004. Disponível em: < http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5028.pdf>. Acesso em: 13 out. 2015.

SANTOS, M. S. T.; FRAGOSO, P. M. A. Vídeo digital: identidades e representações das culturas populares. **Revista Intercom**, São Paulo, v. 32, n. 1, 2009.

SILVA, T. T. Imagens da Primavera Árabe: estética, política e mídias digitais. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 23, p. 35-47, jun. 2012.
SOARES, R. de L. Narrativas digitais: desvios do jornalismo no ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, p. 95-106, jun. 2009.

SOUZA, A. dos S. **Elementos para uma epistemologia da cibercultura**. 154f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SOUZA, H. da C. A. **Por uma Perspectiva Culturalista nos Estudos de Comunicação**. Ação Midiática, Curitiba, n. 7, 2014.

SZABÓ, I.; DA SILVA, R. R. G. A construção de conhecimento nas comunidades virtuais do ciberespaço. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 7, 2006.

VARGAS, M. A. de O.; MEYER, D. E. Re-significações do humano no contexto da 'ciborguização': um olhar sobre as relações humano-máquina na terapia intensiva. **Rev. esc. enferm.**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 211-219, 2005.

TONIN, J.; NICKEL, B. Petite ou grande mort? A sexualidade e o imaginário tecnológico contemporâneo. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 8, 2007.

TRAVITZI, R.; BASTOS, M. T.; RAIMUNDO, R. L. G. O perspectivismo como fundamento para metodologias de análise das redes sociais: alguns resultados com o Twitter. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 15, n. 3, 2012.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.

WOLTON, D. **Internet, e depois?**. Tradução de Isabel Crosseti. Porto Alegre: Sulina, 2012.

WOLTON, D. **Pensar a Comunicação**. Tradução de Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

APÊNDICE 1 – LISTA COM OS PERIÓDICOS CONSIDERADOS COMO A1 PELA QUALIS CAPES (2015)

Periódicos

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
0795-4778	AFRICAN JOURNAL OF LIBRARY, ARCHIVES AND INFORMATION SCIENCE	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
2374-3670	AFRICAN JOURNALISM STUDIES	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1562-4730	BIBLIOS (LIMA)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1134-3478	COMUNICAR (HUELVA)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1988-3293	COMUNICAR (HUELVA. INTERNET)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1529-5036	CRITICAL STUDIES IN MEDIA COMMUNICATION	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1386-6710	EL PROFESIONAL DE LA INFORMACIÓN	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0767-9513	HERMÈS (PARIS. 1988)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0018-2176	HISPANIC REVIEW	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1988-3056	HISTORIA Y COMUNICACIÓN SOCIAL	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1368-1613	INFORMATION RESEARCH	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0020-0255	INFORMATION SCIENCES	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1369-118X	INFORMATION, COMMUNICATION & SOCIETY	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0104-0146	INFORMAÇÃO & SOCIEDADE (UFPB. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1809-4783	INFORMAÇÃO & SOCIEDADE (UFPB. ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1932-8036	INTERNATIONAL JOURNAL OF COMMUNICATION (ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0187-358X	INVESTIGACIÓN BIBLIOTECOLÓGICA	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1296-2074	JOURNAL OF CULTURAL HERITAGE	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0022-0418	JOURNAL OF DOCUMENTATION	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1198-9742	JOURNAL OF SCHOLARLY PUBLISHING	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1532-2890	JOURNAL OF THE AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY (ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1469-9699	JOURNALISM STUDIES	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1532-2882	Journal of the American Society for Information Science and Technology	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0943-7444	KNOWLEDGE ORGANIZATION	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0163-4437	MEDIA, CULTURE & SOCIETY	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1750-6980	MEMORY STUDIES	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1350-0775	MUSEUM INTERNATIONAL (ENGLISH ED. PRINT)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1468-4527	ONLINE INFORMATION REVIEW (PRINT)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1981-5344	PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1413-9936	PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1981-5344	Perspectivas em Ciência da Informação	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1981-5344	Perspectivas em Ciência da Informação (on line)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0210-0614	REVISTA ESPAÑOLA DE DOCUMENTACIÓN CIENTÍFICA	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0302-3427	SCIENCE & PUBLIC POLICY (PRINT)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0138-9130	SCIENTOMETRICS (PRINT)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1035-0330	SOCIAL SEMIOTICS	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0765-3697	SOCIÉTÉS (PARIS)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0039-3681	STUDIES IN HISTORY AND PHILOSOPHY OF SCIENCE	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
1527-4764	TELEVISION & NEW MEDIA	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1
0103-3786	TRANSINFORMAÇÃO	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A1

APÊNDICE 2 – LISTA COM OS PERIÓDICOS CONSIDERADOS COMO A2 PELA QUALIS CAPES (2015)

Periódicos

ISSN	Título	Área de Avaliação	Classificação
0185-3082	ACTA POÉTICA	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0101-4714	ANAIS DO MUSEU PAULISTA: HISTÓRIA, CULTURA E MATERIAL (IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
2176-4573	BAKHTINIANA: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1981-8122	BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. CIÊNCIAS HUMANAS	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1981-9854	BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1808-4079	BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH (IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1981-9854	BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH (ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0102-311X	CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA (ENSP. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1678-4464	CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA (ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0102-311X	CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA - FIOCRUZ	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0104-8333	CADERNOS PAGU (UNICAMP. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0163-9374	CATALOGING & CLASSIFICATION QUARTERLY (PRINT)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0145-8973	CHASQUI	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0254-2129	CHASQUI. REVISTA LATINOAMERICANA DA COMUNICACIÓN	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1267-4397	CINÉMAS D'AMÉRIQUE LATINE	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1753-5379	COMMUNICATIO	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1983-7070	COMUNICACAO, MIDIA E CONSUMO (ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0188-252X	COMUNICACIÓN Y SOCIEDAD (GUADALAJARA)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1806-4981	COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CONSUMO (SÃO PAULO. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1794-6670	CUADERNOS DE MUSICA, ARTES VISUALES Y ARTES ESCENICAS	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1808-2599	E-COMPÓS (BRASÍLIA)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0101-7330	EDUCAÇÃO & SOCIEDADE (IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1808-5245	EM QUESTÃO	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1807-8893	EM QUESTÃO (UFRGS. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1518-2924	ENCONTROS BIBLI	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1462-9011	ENVIRONMENTAL SCIENCE & POLICY	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0103-4014	ESTUDOS AVANÇADOS (USP. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1134-1629	ESTUDOS DEL MENSAJE PERIODISTICO	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1518-2924	Encontros Bibli (Online)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1518-2924	Encontros Bibli (UFSC)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1518-2924	Encontros Bibli (UFSC)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0103-4014	Estudos Avançados	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1468-0777	FEMINIST MEDIA STUDIES	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1980-3729	Famecos: mídia, cultura e Tecnologia	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1519-311X	GALÁXIA (PUCSP)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1982-2553	GALÁXIA (SÃO PAULO. ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1550-7521	GLOBAL MEDIA JOURNAL	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1678-4758	HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE (ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0104-5970	HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE-MANGUINHOS (IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1806-9983	HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS (ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1070-986X	IEEE MULTIMEDIA	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1981-8920	INFORMAÇÃO & INFORMAÇÃO (UEL. ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1809-5844	INTERCOM (SÃO PAULO. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1980-3508	INTERCOM (SÃO PAULO. ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0102-6453	INTERCOM: REVISTA BRASILEIRA DE CIENCIAS DA COMUNICACAO	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1414-3283	INTERFACE (BOTUCATU. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1744-2621	INTERNATIONAL JOURNAL OF METADATA, SEMANTICS AND ONTOLOGIES (PRINT)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1432-5012	INTERNATIONAL JOURNAL ON DIGITAL LIBRARIES (PRINT)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1809-5844	Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1807-5762	Interface (Botucatu. Online)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1414-3283	Interface. Comunicação, Saúde e Educação	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1464-8849	JOURNALISM (LONDON)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0953-1513	LEARNED PUBLISHING	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1982-8160	MATRIZES (ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1982-2073	MATRIZES (USP. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1982-8160	MATRIZes	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1873-9857	MIDDLE EAST JOURNAL OF CULTURE AND COMMUNICATION	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0292-0107	MULTITUDES (PARIS)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0101-3300	NOVOS ESTUDOS CEBRAP (IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1980-5403	NOVOS ESTUDOS CEBRAP (ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0104-6276	OPINIÃO PÚBLICA (UNICAMP. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0104-6276	Opinião Pública (UNICAMP)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0122-8285	PALABRA CLAVE	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0032-3217	POLITICAL STUDIES (PRINT)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1540-5710	POPULAR COMMUNICATION. THE INTERNATIONAL JOURNAL OF MEDIA AND CULTURE	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0034-7590	RAE (IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1678-9857	REVISTA DE ANTROPOLOGIA - USP	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1415-0549	REVISTA FAMECOS (IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1980-3729	REVISTA FAMECOS (ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1132-1873	REVISTA GENERAL DE INFORMACIÓN Y DOCUMENTACIÓN	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0120-0976	REVISTA INTERAMERICANA DE BIBLIOTECOLOGIA	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1138-5820	REVISTA LATINA DE COMUNICACIÓN SOCIAL	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1390-1079	REVISTA LATINOAMERICANA COMUNICACIÓN CHASQUI	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1415-0549	Revista FAMECOS	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1980-3729	Revista FAMECOS (online)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1980-3508	Revista INTERCOM	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1534-6714	SMALL AXE (ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1350-4630	SOCIAL IDENTITIES (PRINT)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0102-6992	SOCIEDADE E ESTADO (UNB. IMPRESSO)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0038-0261	SOCIOLOGICAL REVIEW (KEELE. PRINT)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
1980-542X	TEMPO (NITERÓI. ONLINE)	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2
0038-2876	THE SOUTH ATLANTIC QUARTERLY	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	A2

APÊNDICE 3 – INCIDÊNCIA DE ARTIGOS EM CADA CATEGORIA TEMÁTICA

CATEGORIA	QUANTIDADE	PERCENTUAL
Arte	5	1,3%
Ativismo	5	1,3%
Audiovisual	25	6,6%
Cibercultura	33	8,7%
Ciência	4	1,1%
Comunicação	8	2,2%
Cultura	12	3,2%
Epistemologia	4	1,1%
Espaço	2	0,5%
Fotografia	12	3,2%
Identidade	4	1,1%
Imaginário	5	1,3%
Inclusão Digital	8	2,2 %
Instituições	2	0,5%
Internet	27	7,2 %
Jornalismo	44	11,6%
Linguagem	6	1,6%
Memória Coletiva	3	0,7%
Metodologias	2	0,5%
Mídia	16	4,2%
Música	8	2,1%
Multidisciplinaridade	2	0,5%
Política	7	1,9 %
Pós-Humanismo	7	1,9%
Processo de Formação de conhecimento no ciberespaço	2	0,5%
Publicidade	3	0,7%
Sites	3	0,7%
Sociabilidade	38	10%
Vigilância	9	2,8%
Artigos que podem ser enquadrados em mais de uma categoria temática	74	19%

APÊNDICE 4 – SISTEMATIZAÇÕES

1. Bases Teóricas

BASES TEÓRICAS	
1. Antropologia (7) 2. Arte (17) 3. Audiovisual (11) 4. Cibercultura (10) 5. Cibernética (2) 6. Ciência 7. Ciência da Informação (7) 8. Ciência Política (3) 9. Cinema (2) 10. Comunicação (196) 11. Comunicação Organizacional (1) 12. Convergência (3) 13. Cultura 14. Cultura latino-americana 15. Direito 16. Economia 17. Economia política da comunicação (2) 18. Educação (10) 19. Filosofia (13) 20. Fotografia 21. Games 22. Genealogia 23. História (3) 24. História Cultural 25. História da Música 26. História do jornalismo 27. Imagem	28. Informática (6) 29. Internet 30. Jornalismo (37) 31. Linguística (7) 32. Literatura (3) 33. Marketing (2) 34. Matemática 35. Museologia 36. Música (9) 37. Neurociência 38. Política (6) 39. Políticas do Jornalismo 40. Pós-humanismo (2) 41. Psicologia (5) 42. Publicidade 43. Rádio 44. Relações Internacionais 45. Relações Públicas 46. Semiologia 47. Semiose 48. Semiótica (9) 49. Sociologia (59) 50. Sociologia da Comunicação 51. Sociologia econômica 52. Sociossemiótica 53. Tecnologia (4) 54. Tecnologia da Informação 55. Televisão 56. Teorias do jornalismo

2. Temáticas

TEMÁTICAS CORRESPONDENTES AOS ESTUDOS EM CIBERCULTURA		
Aplicação da tecnologia na educação	Epistemologia do Jornalismo	Música / TICs
Arpanet	Espaço/ciberespaço urbano	Narrativa ficcional Network
Arte	Estudos da imagem	Pirataria e direitos autorais
Ativismo online	Estudos da Narrativa Estudos de mídia	Poder de deliberação das mídias digitais (sites de órgãos públicos)
Audiovisual	Estudos de Música	Política
Audiovisual / Estudos de mídia	Estudos do discurso	Política / Estudos de mídia Pós-humanismo
Audiovisual / Indústria fonográfica	Estudos do jornalismo	Pragmática
Audiovisual / WebTV	Evolução humana	Práticas curatoriais
Blogs	Fanfictions	Primavera árabe
Ciberarte	Fotografia	Processo de formação de conhecimento no ciberespaço
Ciberativismo	Fotografia / Audiovisual	Publicidade
Cibercidadania	Fotografia / Estética	Rádio
Cibercultura	Hipermídia	Radiofusão na web
Cibercultura / Audiovisual	Identidade nos srs	Radiojornalismo
Cidadania	Imagens	Recepção
Ciência	Imaginário	Semiótica
Ciências da comunicação	Inclusão digital	Ser moderno e a interatividade
Cinema	Inclusão social das PNE por meio das TIC	Simbologia do consumo / Identidade virtual
Comunicação Eleitoral	Inclusão Social/Sociabilidade Online	Sociabilidade
Comunicação Intercultural	Indústria Fonográfica	Sociabilidade Online
Comunicação Mediada por Computador	Influência das TICs nas relações de poder	Sociabilidade online / Interatividade
Comunicação organizacional	Instituições	Sustentabilidade / Consumo
Comunicação pervasiva / Audiovisual / Convergência	Internet e audiovisual	Tecnologias do Imaginário
Conceito de autoria de Foucault	JDBD	Televisão
Conhecimento / Pós-humanismo / Hibridismo	Jornalismo	Teorias da Comunicação
Consumo	Jornalismo impresso	TICs
Conteúdo Gerado pelo Consumidor	Jornalismo para dispositivos móveis / Webjornalismo	Tipificação de blogs
Contextualização do fenômeno da existência na modernidade	Linguagem	Tipografia
Convergência	Literatura / Convergência	Transmídia
Cultura	Marcas verbais/não-verbais	Vigilância da Rede
Cultura e mediação		Vigilância Digital

Cultura Hiper	MCM	Vigilância Digital / Personalização do
Cyberpunk	Memória coletiva	Conteúdo
Design para webjornalismo	Memória Coletiva / TAGS	Violência virtual
Dinâmica Conversacional Online /	Metodologias	Webcomics
Sociabilidade Online	Metodologias	Webjornalismo
Educação	Mídia	Webjornalismo / Audiovisual
Educomunicação	Mobilidade	Webjornalismo / Hipermídia
Edutainment	Monocultura informática	Webjornalismo / Jornalismo
Enfoque noticioso	Multidisciplinariedades	Participativo
Engenharia social	Multimídia	
Epistemologia		

3. Artigos Teóricos, Empíricos e Teóricos/Empíricos

Natureza	**Quantidade**
Estudo Empírico	137
Estudo Teórico	191
Estudo Empírico e Teórico	52